

Arte
3^o
ano

Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Ápis

Eliana Pougy
André Vilela

Manual do
Professor



ea
editora ática



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)

Especialista em Linguagens da Arte pelo
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)

Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)

Doutora em Teoria Política com foco em Educação na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)

Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (Unesp-SP)

Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo

Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte

Professor de História da Arte

Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.



editora ática

Direção geral: Guilherme Luz

Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas

Gestão de projeto editorial: Tatianny Renó

Gestão e coordenação de área: Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes

Edição: Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)

Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga

Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo

Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda T. M. Morais, Célia Carvalho, Celina I. Fugyama, Claudia Virgilio, Daniela Lima, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. Andrade, Heloisa Schiavo e Maura Loria

Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívía Vitta Ribeiro (edit. arte)

Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)

Licenciamento de conteúdos de terceiros:

Cristina Akisino (coord.), Liliâne Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)

Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin

Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)

Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Tel.: 4003-3061

www.atica.com.br / editora@atica.com.br

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Pougy, Eliana
Ápis arte, 3º ano : ensino fundamental, anos
iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. --
São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.

Bibliografia.

ISBN 978-85-08-18813-0 (aluno)

ISBN 978-85-08-18814-7 (professor)

1. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.
II. Título.

17-11325

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

2017

Código da obra CL 713535

CAE 728792 (AL) / 728750 (PR)

2ª edição

1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.



Impressão e acabamento

Apresentação

Olá, professor!

Esta coleção busca auxiliá-lo no processo de ensino e aprendizagem em Arte. Para tanto, tem como base o ensino da Arte por meio de projetos de trabalho que respeitam a faixa etária dos estudantes e as culturas infantis, repletos de experimentações artísticas e de leituras e reflexões acerca de obras de arte das diferentes linguagens artísticas, e que resultam em produtos e manifestações artísticas híbridas.

A abordagem contextualizada da coleção privilegia o estudo das artes contemporâneas e das manifestações artísticas tradicionais, uma vez que elas são as formas de arte com as quais mais mantemos contato e, portanto, ajudam a incentivar a pesquisa e a liberdade de expressão ao valorizar a singularidade de cada artista, além de destacar a identidade cultural brasileira e os artistas do país.

Acreditamos que esse diálogo entre as culturas infantis, as artes contemporâneas e as artes tradicionais brasileiras permite um processo de ensino e aprendizagem contextualizado e significativo, além de promover aulas dinâmicas e interessantes, que estimulam a exploração de materiais e de técnicas e convidam à participação dos estudantes.

Aprender arte é um direito de todos os alunos. As aulas de Arte, por esse viés, promovem a inclusão e permitem que cada estudante possa desenvolver a própria forma de expressão, além do respeito pelo próprio trabalho, pelo trabalho dos colegas e também pelo trabalho dos artistas. Dessa forma, ao aprender arte, os estudantes também desenvolvem as chamadas habilidades socioemocionais.

Desejamos a você um bom trabalho e muita, mas muita arte ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental!

Os autores.

SUMÁRIO

Orientações gerais

I. Princípios gerais	VI
1. Ensino de Arte e livro didático	VII
2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho	VIII
Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho	IX
Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares . . .	XI
3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular	XI
II. Fundamentos teóricos	XVI
1. A Arte-educação baseada na cultura visual	XVI
2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual	XVIII
3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental	XIX
Linguagem visual e audiovisual	XIX
O trabalho com a produção midiática	XXI
Linguagem da dança	XXII
Linguagem musical	XXIII
Linguagem teatral	XXIV
Linguagens integradas	XXV
III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural . . .	XXV
1. O ambiente de aprendizagem	XXV
2. Visitas culturais	XXVI
Preparando a visita	XXVI
Durante a visita	XXVII
Depois da visita	XXVII
Comunicando o que foi aprendido	XXVII
IV. Avaliação	XXVII
1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes	XXVIII
Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas	XXVIII
Pesquisa pessoal	XXVIII
Construção de sua postura de aluno na escola	XXIX

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha	XXIX
Produção artística e aprimoramento técnico	XXX
Ampliação de repertório	XXX
Participação e envolvimento	XXX
2. Avaliação das sequências didáticas	XXXI
Avaliação inicial	XXXI
Avaliação processual.	XXXI
Avaliação final para o professor	XXXII
3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho	XXXII
V. Estrutura geral da coleção	XXXIII
1. Seções e boxes da coleção	XXXV
2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção	XXXVII
3. Material Digital do Professor	XLV
VI. Referências para aprofundamento do professor	XLVI

Orientações específicas

Unidade 1 – A arte pode ser feita com tudo?	8
Capítulo 1: Arte com sucata!	14
Capítulo 2: Arte e materiais sonoros!	32
Unidade 2 – A arte pode fazer a gente se sentir bem?	60
Capítulo 3: Um espetáculo de alegria!	66
Capítulo 4: Dançando no ar!	84
Bibliografia	110



Orientações gerais

I. Princípios gerais

A despeito das diversas formas de entender o que é arte e de como se ensina e se aprende arte na escola – todas coerentes com os diferentes momentos históricos em que foram concebidas –, hoje se entende que a disciplina Arte¹ é um *componente curricular obrigatório e que seu objeto de estudo é a arte produzida socialmente, em suas diferentes linguagens* (artes visuais, música, dança, teatro e artes integradas).

Assim, e de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)² e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)³, esta coleção entende que a arte é um saber passível de ser ensinado e aprendido, e, também, patrimônio histórico e cultural da humanidade.

Como área do conhecimento, a arte abarca o fazer e o pensamento artísticos, que se caracterizam como um modo particular de dar sentido à vida, pois esse pensamento e esse fazer relacionam-se à *experiência estética* ou à experiência que vivemos ao apreciar e produzir *beleza*.

Beleza é um dos valores que atribuímos às coisas do mundo e tem uma relação direta com aquilo que agrada aos nossos sentidos. Mas isso não quer dizer que o belo é apenas o que é “bonito” ou “correto”. Muitas vezes, algo que não é considerado bonito nem convencionalmente correto pode despertar fortes emoções, como o medo, o asco, a raiva, a revolta ou a tristeza e, conseqüentemente, causar intensas experiências estéticas.

É sempre bom lembrar que o significado que cada pessoa em cada cultura dá à beleza varia; por isso dizemos que é relativo às experiências vividas pelo sujeito e aos valores culturais de dado grupo social. Assim, a arte também pode ser definida como uma forma de conhecimento que se manifesta por meio da experiência cultural.

Durante essas experiências, nos emocionamos e usamos a razão ao mesmo tempo. A arte nos faz usar a razão porque as obras de arte e os produtos culturais trazem consigo um conteúdo, um tema ou um assunto que, por meio das linguagens livres da arte, nos fazem refletir, questionar, colocar em discussão e, muitas vezes, rever valores, atitudes, certezas e conceitos. Por isso, além de mobilizar sensações e afetos, a experiência estética nos leva a conhecer mais sobre nós mesmos, sobre a vida, sobre as diversas áreas do conhecimento e sobre a própria arte.

Os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental, assim como qualquer um de nós, desde o nascimento fazem parte de determinado universo cultural (familiar, da comunidade, regional, de sua época) e, assim, estão expostos às mais variadas manifestações artísticas. Muitas vezes, convivem com artistas amadores ou profissionais, que fazem parte das artes tradicionais feitas pelo povo, do *design*, do mundo acadêmico, que podem ser membros de suas famílias ou da comunidade em que estão inseridos. Como experimentadoras ousadas, as crianças se expressam artisticamente por meio de linguagens verbais e não verbais, utilizando diferentes materiais, instrumentos e técnicas.

Todo esse contato com a arte, no entanto, não significa que as crianças não precisem aprender mais sobre esse campo na escola. Pelo contrário: o prazer e o conhecimento artísticos e a experiência estética e cultural podem e devem ser cultivados e ampliados pela mediação educativa realizada pela instituição escolar, com o objetivo de desenvolver competências e habilidades relativas a essa área do saber. Por isso, compreendemos que é na escola, e com sua mediação, professor⁴, que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental podem conhecer melhor a cultura em que estão inseridos e aprender mais sobre o

¹ Quando se trata do componente curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

² BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997a; BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais*: Arte. Brasília: MEC/SEF, 1997b.

³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

⁴ Segundo orientações da Federação de Arte/Educadores do Brasil (Faeb), quem ministra as aulas de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental são os licenciados em Artes Visuais, Música, Dança e Teatro, para evitar a polivalência. Caso não existam professores especialistas na escola, para cumprir a LDB vigente, quem ministra essas aulas é o professor de sala que, preferencialmente, tenha formação em Arte.

campo expandido da arte, abrindo-se, desse modo, para a produção artística e cultural de outras culturas, de hoje e de outros tempos.

É na escola que os estudantes têm a oportunidade de conhecer, apreciar, criticar, dialogar, refletir e valorizar as diversas culturas e manifestações da arte, abrindo-se para o “diferente”, ao respeitar e valorizar a diversidade.

Como afirma a BNCC:

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intercultural, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A Arte propicia a troca entre culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas.

Nesse sentido, as manifestações artísticas não podem ser reduzidas às produções legitimadas pelas instituições culturais e veiculadas pela mídia, tampouco a prática artística pode ser vista como mera aquisição de códigos e técnicas. A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. ⁵

Além disso, é nas aulas de Arte que os estudantes aprendem procedimentos e técnicas construídas socialmente e que permitem a eles se expressarem artisticamente. Isso quer dizer que as manifestações e produções artísticas são fruto de aprendizado sistematizado, que é direito dos estudantes brasileiros.

O grande objetivo das aulas de Arte é, portanto, *promover experiências estéticas e culturais, a fim de desenvolver as competências e habilidades artísticas dos estudantes, ampliar seu repertório acadêmico e cultural e promover uma cidadania participativa, crítica e criativa.* Esse é nosso desafio.

1. Ensino de Arte e livro didático

O livro didático de Arte vem sendo construído desde a década de 2000, inicialmente para escolas particulares. Em 2011, passou a integrar as políticas públicas participando do Programa Nacional do Livro Didático para a Educação de Jovens e Adultos (PNLD – EJA), buscando a formação integral dos estudantes das escolas públicas brasileiras e fazendo cumprir a Lei de

Diretrizes Básicas (LDB) 9394/96, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos.

§ 2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório da educação básica.

§ 6º As artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

Depois, a Arte também esteve presente no PNLD 2014 – EJA; PNLD 2015 – Ensino Médio; PNLD 2016 – 4º e 5º ano; PNLD 2017 – 6º a 9º ano; PNLD 2018 – Ensino Médio; e, agora, no PNLD 2019 – 1º a 5º ano, pela primeira vez contemplando também o 1º, 2º e 3º ano, o que reforça a valorização do componente curricular e a importância do livro didático como suporte para as aulas de Arte.

O livro didático é um suporte porque traz uma proposta didático-pedagógica clara, textos de apoio e sugestões de atividade que buscam cumprir o que dispõem as orientações governamentais presentes nos PCN e na BNCC. Além disso, tem o papel de inspirar a prática dos professores, já que traz estruturadas propostas que abarcam o trabalho didático-pedagógico de um segmento completo da educação básica.

Entretanto, ele só é útil e verdadeiramente um suporte à medida que os professores possam dialogar com ele e usar sua autonomia e criatividade na condução das atividades propostas no livro.

Nesse sentido, a coleção traz propostas de trabalho que podem e devem ser ampliadas por você em diálogo com sua realidade local. Por isso, escolhemos projetos temáticos, conteúdos (conceituais, atitudinais e procedimentais) e atividades que buscam desenvolver as competências e as habilidades descritas na BNCC, mas que, ao mesmo tempo, se abrem para a possibilidade de trabalho com outros temas, conteúdos e atividades que podem ser elencados a partir da realidade e do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola e da rede de ensino de que ela faz parte.

⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 193.

2. Ensino de Arte e Projeto de Trabalho

A partir dos princípios explanados anteriormente e das orientações dos PCN e da BNCC, esta coleção organiza o ensino e o estudo dos diferentes campos da arte por meio da investigação e da participação ativa dos estudantes, ou por meio de Projetos de Trabalho:

A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. Os conhecimentos, processos e técnicas produzidos e acumulados ao longo do tempo em Artes visuais, Dança, Música e Teatro contribuem para a contextualização dos saberes e das práticas artísticas. Eles possibilitam compreender as relações entre tempos e contextos sociais dos sujeitos na sua interação com a arte e a cultura.⁶

Um Projeto de Trabalho se vincula à exploração de *problemas significativos* para os estudantes, mas que, ao mesmo tempo, os aproxima dos saberes escolares. Em outras palavras, um projeto parte de questões consideradas relevantes para os estudantes e também para o desenvolvimento das competências e habilidades específicas da Arte.

Consequentemente, essa questão ou problema tanto pode partir do interesse dos estudantes quanto ser proposto pelo professor⁷ que, por sua vez, deve ter em vista o desenvolvimento dessas competências e habilidades a partir de objetivos, conteúdos e propostas de atividades preestabelecidos.

A perspectiva de globalização que se adota na escola, e que se reflete nos Projetos de trabalho, trata de ensinar o aluno a aprender, a encontrar o nexo, a estrutura, o problema que vincula a informação e que permite aprender. Finalidade esta que se pode fazer coincidir com os objetivos finais de cada nível educativo.⁸

Por isso, em primeiro lugar, é necessário que coordenação, professor e estudantes concordem com a escolha de um problema que sirva de *disparador* de

um projeto que, no caso das aulas de Arte, pode estar relacionado a uma inquietação sobre algum assunto ou tópico do campo das artes ou sobre uma questão técnica, artística, estética ou ética a respeito do trabalho de um artista ou grupo de artistas, e também relacionado a temáticas contemporâneas que mobilizam a reflexão e a crítica sobre quem somos hoje.

Em um projeto, diferentemente de outras modalidades organizativas, o professor medeia a escolha do tema, pois ele é quem deve dirigir o “fio condutor” do trabalho, em diálogo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e com o universo cultural dos estudantes:

O ponto de partida para a definição de um Projeto de trabalho é a escolha do tema. Em cada nível e etapa da escolaridade, essa escolha adota características diferentes. Os alunos partem de suas experiências anteriores, da informação que têm sobre os Projetos já realizados ou em processo de elaboração por outras classes. Essa informação se torna pública num painel situado na entrada da escola (com isso, as famílias também estão cientes). Dessa forma, o tema pode pertencer ao currículo oficial, proceder de uma experiência comum (como os acampamentos), originar-se de um fato da atualidade, surgir de um problema proposto pela professora ou emergir de uma questão que ficou pendente em outro Projeto.

[...]

O critério de escolha de um tema pela turma não se baseia num “porque gostamos”, e sim em sua relação com os trabalhos e temas precedentes, porque permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. Na Etapa Inicial, uma função primordial do docente é mostrar ao grupo ou fazê-lo descobrir as possibilidades do Projeto proposto (o que se pode conhecer), para superar o sentido de querer conhecer o que já sabem.⁹

A obra em questão propõe temas geradores que foram pensados na especificidade da infância, tais como a integração das linguagens artísticas e a brincadeira. O professor, como ser autônomo e conhecedor da turma, poderá propor, e abrir espaço para que os

⁶ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p.193.

⁷ Paulo Freire, importante educador brasileiro, também propõe essa abordagem metodológica em *Educação como prática da liberdade* (1986).

⁸ HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017. p. 66.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 67.

alunos também proponham, vetores de interesse que estejam na mesma direção dos temas geradores propostos ao longo da obra ou paralelos a eles.

Definidos o tema e a questão disparadora, tornam-se necessários o estudo sistematizado e a pesquisa, a fim de buscar respostas e soluções para o problema e, também, que as crianças organizem as informações, descobrindo a relação entre elas. Para tanto, é preciso que elas vivam situações de simulação de decisões, estabeleçam relações ou infiram novos problemas.

Por isso, em um projeto não interessa só a localização de respostas, mas, principalmente, entender o significado e a pertinência delas, aplicando-as em vivências diversas presentes em diferentes modos de ensinar e aprender, como aulas expositivas, debates, apresentações, oficinas, trabalhos em grupo e individuais, visitas culturais, etc.

Quando trabalhamos com projetos, é muito importante que os estudantes apresentem sua pesquisa em forma de seminário. Mesmo no trabalho com os estudantes dos três primeiros anos do Ensino Fundamental, é possível e recomendável que eles tenham a oportunidade de apresentar para a turma o que descobriram. O importante é que, aos poucos, eles se acostumem com a divulgação do que pesquisaram, e que essa atividade não fique restrita a um texto que apenas vai ser corrigido pelo professor e devolvido a eles.

Além disso, o aprendizado e a compreensão por parte dos estudantes precisam se dar por meio de atividades diversas que englobam as dimensões do conhecimento artístico, como fruição, leitura de textos e obras de arte, pesquisa, reflexão, crítica, estesia, expressão e criação, mas sempre de modo dialógico e participativo.

Conseqüentemente, ao longo de um Projeto de Trabalho, os estudantes acabam por produzir diversos e valiosos produtos e instrumentos de avaliação do seu aprendizado, que auxiliam o professor a desvendar o que eles descobriram, que dúvidas surgiram, as dificuldades e os sucessos de cada um, entre outros aspectos. Isso permite que o professor participe ativamente do processo, indicando fontes de pesquisa, avaliando cada etapa do trabalho e mantendo uma postura de participação e envolvimento.

Ao final do projeto, deve acontecer uma produção que sintetize o conhecimento aprendido e exponha para a comunidade escolar esse aprendizado. Esse produto, no caso das aulas de Arte, pode ser a criação e produção de obras de arte e sua exposição/divulgação,

de modo que elas sintetizem o aprendizado e expressem o que os estudantes vivenciaram.

A partir desse primeiro projeto, outros problemas, questões e temas surgirão. Nesse sentido, o professor consegue construir um currículo vivo e interessante, além de integrado às orientações curriculares da escola, da rede de ensino e do Estado.

O Projeto de Trabalho é uma situação de aprendizagem em que os estudantes participam ativamente, pois buscam respostas às suas dúvidas em parceria com o professor, ou de forma coletiva. Em outras palavras, ao participar das diferentes fases e atividades de um projeto, os alunos desenvolvem a consciência de seu próprio processo de aprendizado, ou seja, aprendem a aprender.

Interdisciplinaridade e Projeto de Trabalho

Segundo as Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica (Parecer CNE/CEB nº 7/2010 e Resolução CNE/CEB nº 4/2010), a interdisciplinaridade é recomendada no trabalho escolar, pois facilita o exercício da *transversalidade*, ou o modo de organizar o currículo por meio de temas transversais. A articulação dos conhecimentos é um dos objetivos deste modo de organizar o currículo, pois permite romper com a forma rígida de trabalhar com os conteúdos escolares.

Nesse sentido, ao realizar um Projeto de Trabalho, o professor tem a oportunidade de fazer os estudantes entenderem que determinado conhecimento não é exclusividade de determinada disciplina, isto é, que esse conhecimento transita entre diferentes modos de entender e explicar a vida, e pode, inclusive, fazer parte de outras disciplinas, o que abre espaço para trabalhos interdisciplinares.

Segundo Fernando Hernández¹⁰, para realizar projetos interdisciplinares, é importante que o professor integre conteúdos e desenvolva habilidades de vários componentes curriculares em um mesmo projeto, reconhecendo a curiosidade das crianças, estimulando suas questões e as possíveis relações que elas mesmas são capazes de fazer sobre as conexões entre os saberes. Portanto, a organização do currículo por Projetos de Trabalho permite que a interdisciplinaridade entre as linguagens artísticas e entre a Arte e os outros componentes curriculares aconteça, pois eles não se esgotam em seus conteúdos iniciais: os conteúdos dos diferentes componentes curriculares podem e devem ser trabalhados ao mesmo tempo.

Além disso, a BNCC afirma que:

¹⁰ HERNÁNDEZ, Fernando; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

[...] cabe aos sistemas e redes de ensino, assim como às escolas, em suas respectivas esferas de autonomia e competência, incorporar aos currículos e às propostas pedagógicas a abordagem de temas contemporâneos que afetam a vida humana em escala local, regional e global, preferencialmente de forma transversal e integradora. Entre esses temas, destacam-se: direitos da criança e do adolescente (Lei nº 8.069/1990), educação para o trânsito (Lei nº 9.503/1997), educação ambiental (Lei nº 9.795/1999, Parecer CNE/CP nº 14/2012 e Resolução CNE/CP nº 2/2012), educação alimentar e nutricional (Lei nº 11.947/2009), processo de envelhecimento, respeito e valorização do idoso (Lei nº 10.741/2003), educação em direitos humanos (Decreto nº 7.037/2009, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2012), educação das relações étnico-raciais e ensino de história e cultura afro-brasileira, africana e indígena (Leis nº 10.639/2003 e 11.645/2008, Parecer CNE/CP nº 3/2004 e Resolução CNE/CP nº 1/2004), bem como saúde, vida

familiar e social, educação para o consumo, educação financeira e fiscal, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural (Parecer CNE/CEB nº 11/2010 e Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Na BNCC, essas temáticas são contempladas em habilidades dos componentes curriculares, cabendo aos sistemas de ensino e escolas, de acordo com suas especificidades, tratá-las de forma contextualizada¹¹.

Assim, os conteúdos e procedimentos específicos de cada uma das linguagens artísticas e alguns dos conteúdos das outras disciplinas dos anos iniciais do Ensino Fundamental estão contemplados em cada uma das unidades da coleção, conforme o tema contemporâneo presente em cada projeto. Acreditamos que essa abertura para a interdisciplinaridade poderá despertar em você, professor, a vontade de experimentar e trazer mais conteúdo de outras disciplinas para cada projeto.

A seguir, apresentamos a organização dos temas, linguagens e disciplinas participantes de cada unidade/projeto da coleção:

Volume	Unidade	Tema	Linguagens	Disciplinas
1ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Trabalho, ciência e tecnologia 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Desenho Música – Paisagem sonora Artes integradas – Desenho animado 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Matemática Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Direitos da criança e do adolescente 	<ul style="list-style-type: none"> Dança – Dança contemporânea Teatro – Pantomima literária Artes integradas – Filme documentário 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Matemática Geografia
2ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Educação ambiental 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Teatro de objetos Dança – Dança contemporânea Artes integradas – Intervenção 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Ciências Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Vida familiar e social Educação para o consumo 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Escultura Música – Música de concerto Artes integradas – Exposição 	<ul style="list-style-type: none"> Arte História Ciências
3ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Educação ambiental Educação para o consumo 	<ul style="list-style-type: none"> Artes visuais – Assemblagem e fotografia Música – Música experimental Artes integradas – Plástica sonora 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Geografia Ciências
	2	<ul style="list-style-type: none"> Saúde 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Teatro de rua Dança – Dança aérea Artes integradas – Palhaçaria 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Língua Portuguesa Educação Física
4ª	1	<ul style="list-style-type: none"> Diversidade cultural Respeito e valorização do idoso 	<ul style="list-style-type: none"> Música – Música tradicional brasileira Dança – Danças afro-brasileiras Artes integradas – Festejo brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Língua Portuguesa Geografia
	2	<ul style="list-style-type: none"> Diversidade cultural Vida familiar e social 	<ul style="list-style-type: none"> Teatro – Contação de histórias Artes visuais – Gravura e relevo Artes integradas – Instalação interativa 	<ul style="list-style-type: none"> Arte Geografia História

¹¹ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 19-20.

5 ^o	1	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural • Educação em direitos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> • Música – Música indígena • Artes visuais – Pintura • Artes integradas – Festejo brasileiro 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte • Geografia • Matemática
	2	<ul style="list-style-type: none"> • Diversidade cultural • Educação em direitos humanos 	<ul style="list-style-type: none"> • Dança – Danças africanas • Teatro – Mamulengo • Artes integradas – Filme em <i>stop-motion</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • Arte • Língua Portuguesa • História

Como trabalhar os procedimentos das diversas disciplinas em projetos interdisciplinares

Quando falamos em projetos interdisciplinares, é preciso organizar o trabalho escolar de modo que os estudantes aprendam os diversos procedimentos das diferentes disciplinas, e não apenas os seus conteúdos abstratos. Nesse sentido, os Projetos de Trabalho concordam com a Pedagogia Ativa e dela obtêm seu saber pedagógico e sua prática didática.

Foi com John Dewey e outros representantes dessa pedagogia, como Maria Montessori, Célestin Freinet, Jean-Ovide Decroly, Anísio Teixeira, entre outros, que se valorizou a aprendizagem do aluno não só por meio de aulas expositivas, mas principalmente pela prática e pelo estudo do meio em que ele participa.

Nessa forma de entender o processo de ensino-aprendizagem, o professor organiza e coordena situações de aprendizagem em espaços variados, e não apenas expõe conteúdos aos alunos em sala de aula.

A grande justificativa para esse tipo de didática é que cada disciplina possui um lugar e uma ação no espaço social: a Educação Física é praticada em quadras e espaços abertos e naturais; a Língua Portuguesa, as Línguas Estrangeiras, a História e a Geografia são pesquisadas e pensadas em salas de aula, bibliotecas com computadores ligados à internet, filmotecas e bancos de imagens; as Ciências da Natureza operam em laboratórios de ciências e em meio à natureza; a Arte ocupa ateliês, teatros, estúdios, discotecas e espaços de divulgação cultural; a Matemática é formulada em salas de aula e em laboratórios, e assim por diante.

Esses locais são específicos, pois permitem colocar em prática os conceitos e as teorias de cada área do saber, ou seja, mantêm e renovam procedimentos específicos e singulares que se ensinam e que se aprendem de geração em geração.

Na escola, sobretudo nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as práticas específicas são muito relevantes, pois é a partir do concreto que as crianças até 10 anos aprendem. Em outras palavras, sem experimentar procedimentos, elas não conseguem assimilar¹² os con-

teúdos completamente. Por exemplo: quando se ensina e se aprende sobre os seres vivos, é importante entrar em contato com os animais em seu *habitat*; quando se ensina e se aprende sobre as artes visuais, é importante o acesso ao ateliê de artistas e também a museus de arte.

Assim, ao planejar projetos interdisciplinares, além de elencar os conteúdos que se relacionam, o professor precisa planejar atividades práticas próprias de cada área do saber. Dessa forma, o estudante pode experimentar as diferentes formas de pensar e agir sobre um mesmo objeto de estudo.

Cada capítulo da presente coleção, de acordo com a BNCC, apresenta objetos do conhecimento e as respectivas habilidades de alguns componentes curriculares que podem ser unidas em projetos interdisciplinares. Cabe a você, professor, buscar os procedimentos dessas disciplinas, em livros didáticos ou em outras fontes, de modo a promover experiências de aprendizagem integradas aos estudantes.

3. Ensino de Arte e a Base Nacional Comum Curricular

A Base Nacional Comum Curricular é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O documento baseia-se nos princípios éticos, políticos e estéticos ditados pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (DCN) e visa a uma educação para a formação humana integral e para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Assim, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências gerais:

1. Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

¹² PIAGET, Jean. *O juízo moral da criança*. 4. ed. São Paulo: Summus, 1994.

2. Exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade, para investigar causas, elaborar e testar hipóteses, formular e resolver problemas e criar soluções (inclusive tecnológicas) com base nos conhecimentos das diferentes áreas.
3. Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
4. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
5. Compreender, utilizar e criar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares) para se comunicar, acessar e disseminar informações, produzir conhecimentos, resolver problemas e exercer protagonismo e autoria na vida pessoal e coletiva.
6. Valorizar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências que lhe possibilitem entender as relações próprias do mundo do trabalho e fazer escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.
7. Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.
8. Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
9. Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
10. Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.¹³

Segundo a BNCC, é por meio das linguagens que os indivíduos interagem consigo mesmos e com os outros, configurando-se como sujeitos sociais. As diferentes linguagens são responsáveis por mediar as práticas sociais que, por sua vez, constituem o espaço de realização das atividades humanas. Esse entendimento leva à conclusão de que os conhecimentos humanos são sempre construídos por formas de linguagem, uma vez que são fruto das interações sociais.

Nesse sentido, o processo de ensino e aprendizagem das linguagens na escola deve:

[...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil.¹⁴

Na BNCC, a área de conhecimento Linguagens é composta dos seguintes componentes curriculares: Língua Portuguesa, Arte, Educação Física e, no Ensino Fundamental – Anos Finais, Língua Inglesa.

Ao longo dos anos iniciais do Ensino Fundamental, as disciplinas da área de Linguagens organizam suas aprendizagens com o objetivo de levar o estudante à compreensão de que cada linguagem tem suas especificidades, sem deixar de observar que fazem parte de um todo, e de que as linguagens são construções sociais em constante transformação.

Nesse sentido, os estudantes do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Linguagens:

¹³ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 9-10.

¹⁴ Ibidem, p. 63.

1. Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
2. Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
3. Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
4. Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
5. Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
6. Compreender e utilizar tecnologias digitais de informação e comunicação de forma crítica, significativa, reflexiva e ética nas diversas práticas sociais (incluindo as escolares), para se comunicar por meio das diferentes linguagens e mídias, produzir conhecimentos, resolver problemas e desenvolver projetos autorais e coletivos.¹⁵

A BNCC entende a Arte como área do conhecimento e propõe o estudo centrado em quatro linguagens: *Artes visuais, Dança, Música, Teatro*, além da exploração das relações e articulações entre elas por meio das *Artes Integradas*.

[...] o componente Arte no Ensino Fundamental articula manifestações culturais de tempos e espaços diversos, incluindo o entorno artístico dos alunos e as produções artísticas e culturais que lhes são contemporâneas. Do ponto de vista histórico,

social e político, propicia a eles o entendimento dos costumes e dos valores constituintes das culturas, manifestados em seus processos e produtos artísticos, o que contribui para sua formação integral.¹⁶

Além disso, as cinco dimensões da área (criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão) devem ser trabalhadas em todas as linguagens artísticas.

Assim, os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental brasileiro devem desenvolver as seguintes competências específicas de Arte:

1. Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
2. Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.
3. Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.
4. Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, resignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
5. Mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística.
6. Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.
7. Problematizar questões políticas, sociais, econômicas, científicas, tecnológicas e culturais, por meio de exercícios, produções, intervenções e apresentações artísticas.
8. Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
9. Analisar e valorizar o patrimônio artístico nacional e internacional, material e imaterial, com suas histórias e diferentes visões de mundo.¹⁷

¹⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 65.

¹⁶ Ibidem, p.196-197.

¹⁷ Ibidem, p.198.

Para garantir o desenvolvimento dessas competências específicas, o componente curricular Arte apresenta este conjunto de habilidades para o 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental:

Artes visuais

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
Elementos da linguagem	(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento etc.).
Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.
Materialidades	(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.
Processos de criação	(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade. (EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.
Sistemas da linguagem	(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

Dança

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.
Elementos da linguagem	(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado. (EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
Processos de criação	(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança. (EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

Música

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

Elementos da linguagem	(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
Materialidades	(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
Notação e registro musical	(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
Processos de criação	(EF15AR17) Experimentar improvisações, composições e sonorização de histórias, entre outros, utilizando vozes, sons corporais e/ou instrumentos musicais convencionais ou não convencionais, de modo individual, coletivo e colaborativo.

Teatro

Objetos de conhecimento	Habilidades
Contextos e práticas	(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
Elementos da linguagem	(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
Processos de criação	<p>(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.</p> <p>(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.</p> <p>(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.</p>

Artes integradas

Objetos de conhecimento	Habilidades
Processos de criação	(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Matrizes estéticas e culturais	(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
Patrimônio cultural	(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
Arte e tecnologia	(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

II. Fundamentos teóricos

1. A Arte-educação baseada na cultura visual

Esta coleção busca seu referencial teórico na *Arte-educação baseada na cultura visual*. Essa abordagem, que foi sendo construída ao longo do século XX e que possui forte influência do pensamento antropológico e pedagógico brasileiros, entende que a arte e a educação podem auxiliar na compreensão das diferentes culturas visuais, ou das diversas culturas que organizam e regulam a percepção visual, as funções da visão e os seus usos.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem respaldo nos *Estudos Culturais*, um campo de estudos interdisciplinares que envolve diversas áreas do saber, como a Antropologia, a Comunicação Social, a Arte, a Literatura, as Ciências Sociais, entre outras. Em seu artigo “A cultura visual antes da cultura visual”¹⁸, Ana Mae Barbosa, importante arte-educadora brasileira, enfoca a importância do pensamento brasileiro para a construção dessa abordagem crítica, em especial a contribuição do antropólogo brasileiro Gilberto Freyre.

Freyre sempre se interessou pelas artes visuais e pela iconografia como documentos históricos e importantes fontes de contextualização para pensar os jogos de poder presentes em nossa sociedade. Um exemplo disso são as pinturas que ele utilizou como fonte de análise das relações de poder entre as diferentes classes sociais brasileiras em seus livros.

Para os Estudos Culturais, cultura é a produção e a troca de significados entre membros de determinados grupos sociais, significados esses que podem estar presentes nas conversas do dia a dia, nas teorias mais elaboradas dos intelectuais, na arte acadêmica, na TV ou nos festejos populares. Mas a cultura não é somente essa multiplicidade de manifestações e produções culturais, entre elas, as artísticas. Ela é, também, um campo de conflitos e de negociação para a validação de significados dados a essas manifestações e produções.

Esses conflitos, negociações e validações acontecem tanto no âmbito das linguagens quanto no das práticas sociais, ou seja, os seres humanos agem, pensam e se expressam de forma a validar, ou até mesmo impor, significados preconcebidos para modos de pensar, agir, desejar. A isso chamamos de controle das subjetividades. Esse controle acontece porque a fonte

geradora de sentidos parte tanto de instâncias individuais quanto coletivas, engendradas em jogos de poder e de linguagem.

Outro referencial importante para os Estudos Culturais é o educador brasileiro Paulo Freire. Em sua obra *Pedagogia do oprimido*¹⁹, Paulo Freire afirma que é possível que professores e estudantes de diferentes grupos culturais estabeleçam uma relação dialógico-dialética em que todos aprendam juntos. Em seu texto, ele propõe um método de ensino em que a palavra escrita deve ser vista como fruto da experiência vivida e da leitura de mundo dos estudantes. Nesse sentido, ela deve ser vista como geradora de problemas, ou como uma palavra-geradora. Segundo Paulo Freire, as palavras-geradoras precisam ser objetivadas ou vistas a distância, para, então, serem codificadas e “descodificadas” pelos estudantes com a mediação do professor. É nesse processo de objetivação, codificação e descodificação da palavra-geradora que a experiência vivida ganha sentido e uma nova leitura de mundo se estabelece. Por isso, alfabetização, para Paulo Freire, é significação produzida pela práxis.

Para tanto, é imprescindível que professores e estudantes encontrem-se naquilo que Freire chamou de *Círculo de Cultura*, pois é nesse círculo que acontece o diálogo autêntico e a síntese cultural – ou o reconhecimento do outro e o reconhecimento de si, no outro. Segundo Freire, é somente em um círculo de cultura que é possível a educação como prática da liberdade e é somente em um círculo de cultura que o mundo pode ser relido em profundidade crítica. Esse círculo, entretanto, não é um local tranquilo, controlado, pois as consciências são comunicantes e comunicam-se na oposição.

Em seu trabalho, Paulo Freire também destacou a importância de se praticar, na escola, o respeito pelo repertório cultural dos estudantes sem negar, entretanto, a importância do processo de ensino e aprendizagem do conhecimento historicamente constituído. Segundo o educador, a alfabetização deve ser a porta de entrada para os saberes antes apenas relegados à elite. E, para aprendê-los, faz-se necessário superar a curiosidade ingênua e instaurar a curiosidade epistemológica, pois é ela que garante uma consciência transformadora. É preciso, portanto, que a escola alfabetize, e que, também, leve os estudantes a pesquisar, buscar fontes, refletir, comunicar suas descobertas, estudar, enfim, estar sempre em diálogo com o professor.

¹⁸ BARBOSA, Ana Mae. A cultura visual antes da cultura visual. *Educação*, Porto Alegre, v. 34, n. 3, p. 293-301, set./dez. 2011.

¹⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. São Paulo: Paz e Terra, 1987.

A influência de Paulo Freire nos Estudos Culturais permitiu que uma nova forma de educar e de ensinar arte ganhasse espaço.

Um dos mais influentes educadores da Cultura Visual é o espanhol Fernando Hernández, que tem como referências Paulo Freire e John Dewey²⁰. Em seu livro *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*²¹, Hernández afirma que:

[...] a compreensão da cultura visual implica em aproximar-se de todas as imagens, de todas as culturas com um olhar investigativo, capaz de interpretar(-se) e dar respostas ao que acontece ao mundo em que vivemos. Vincular a educação à cultura visual pode ser a conexão para nos religar no caminho para se ensinar tudo aquilo que se pode aprender nesse cruzamento de saberes que é a arte e conectar o que se ensina e o que se aprende na escola com o que acontece além dos seus muros.

No Brasil, ao longo do século XX, a preocupação por um ensino de Arte crítico e dialógico manifestou-se desde a década de 1950. Nas Escolinhas de Arte do Brasil (EAB), criadas por Augusto Rodrigues, as aulas saíam dos muros da escola e alcançavam a cidade, estimulando a pesquisa e a participação de todos.

Tendo em vista a construção de pesquisas artísticas e educacionais, que buscavam verificar de que forma a Arte colabora não só para o desenvolvimento da capacidade criadora e expressiva dos estudantes, mas também para a sua autonomia e participação na sociedade, ou seja, para a sua cidadania consciente e crítica, Ana Mae Barbosa buscou inspiração em sua experiência de trabalho e formação com Paulo Freire, além da abordagem do ensino de arte concebida nos Estados Unidos, a *Discipline Based Art-Education* (Arte-educação baseada na Disciplina), as *Escuelas al Aire Libre* (Escolas ao ar livre) mexicanas e o *Critical Studies* (Estudos críticos) inglês²².

A Arte-educação baseada na disciplina tratava de forma integrada a história da arte, a crítica, a estética e a produção. Essa concepção previa a superação da autoexpressão criativa e do tecnicismo, resgatando um conteúdo específico em artes, com foco no desenvolvimento do pensamento artístico e estético.

No Brasil, essa proposta sofreu uma adaptação desenvolvida por Ana Mae Barbosa a partir de sua convivência e experiência profissional com Paulo Freire e de sua formação pedagógica crítica: uniram-se as vertentes da crítica e da estética na dimensão “leitura da imagem”. Essa forma de entender o processo de ensino e aprendizagem foi denominada *Abordagem Triangular*, pois orienta que o processo de ensino e aprendizagem da arte se dê em três eixos: leitura, produção e contextualização.

Além das EAB e Ana Mae Barbosa, pode-se destacar o trabalho de Noêmia Varela, Mariazinha Fusari, Analice Dutra Pillar, Ivone Richter, Maria Helena Rossi, entre outras arte-educadoras que, com suas pesquisas, vêm destacando a importância do estudo e do ensino da arte para além da História da Arte.

A Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular dialogam e se complementam, como afirma Raimundo Martins²³:

São muitas as maneiras de aprender e ensinar, muitas as infâncias, adolescências e identidades. Nenhuma abordagem pedagógica por si é capaz de dar conta dessa multiplicidade e riqueza.

[...]

Abordagens pedagógicas não devem ser exclusivas. Elas se justificam ao atender necessidades de aprendizagem ajudando estudantes a desenvolver uma visão crítica de significados culturais e artísticos, de valores e práticas sociais. A cultura visual é inclusiva e, ao contrário de concepções modernistas com ênfase excessiva nas belas artes, trabalha com imagens do cotidiano – filmicas, de publicidade, ficção, informação etc. As tecnologias fazem proliferar depoimentos, versões e formas abertas de interação, impactando a produção de subjetividades de alunos e professores.

Por isso, a Arte-educação baseada na cultura visual visa desenvolver um olhar sensível, um pensamento reflexivo e contextualizado e, também, um fazer artístico e a construção de uma autoria significativos, frutos de uma ação discente participativa e crítica. Sendo assim, orientamos a produção da presente coleção por esses fundamentos.

²⁰ Para Dewey, filósofo estadunidense, o conhecimento é construído por consensos que resultam de discussões coletivas, da cooperação e do autogoverno dos estudantes.

²¹ HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projetos de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 51.

²² BARBOSA, Ana Mae. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998. p. 33-34.

²³ MARTINS, Raimundo. Abordagem Triangular e Cultura Visual: possibilidades no ensino da arte complementares ou excludentes? *Boletim Arte na Escola*, São Paulo, edição 76, maio/jun. 2015. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/boletim/materia.php?id=75450>>. Acesso em: 2 set. 2017.

2. Objetivos e didática da Arte-educação baseada na cultura visual

A Arte-educação baseada na cultura visual afirma que vivemos em um mundo em que a imagem, estática ou em movimento, acompanhada ou não de sons e música, ou as *visualidades*, estão por toda parte, criando desejos, verdades e sonhos. Para Mitchell²⁴, um dos teóricos da cultura visual, essa forma de cultura baseada na imagem inclui a relação com todos os outros sentidos e linguagens. Nesse sentido, as outras formas de arte, como a música, o teatro e a dança, vêm ganhando uma expressão audiovisual muito forte e, por conta do intenso desenvolvimento das tecnologias de comunicação e informação, irreversível.

Segundo Mirzoeff, estudar a cultura visual nos leva a compreender a vida contemporânea. Para ele, compreendê-la é uma:

[...] tática para estudar a genealogia, a definição e as funções da vida cotidiana pós-moderna a partir da perspectiva do consumidor, mais que do produtor. [A cultura visual] é um lugar sempre desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial.²⁵

As imagens, para a cultura visual, são entendidas como mediadoras de valores culturais e caracterizam-se por trazerem metáforas que, por sua vez, surgem da necessidade de construção de significados tipicamente humana e social. Por isso, uma das finalidades da educação baseada na cultura visual é reconhecer as diferentes metáforas, valorizá-las e, assim, estimular a produção de novas metáforas.

Nesse sentido, a Arte-educação baseada na cultura visual busca dirigir o olhar dos estudantes para uma sensibilidade e crítica apuradas ao permitir que se sintam capazes de produzir, conhecer e apreciar arte, de conhecer as histórias das artes e a história da vida dos diferentes artistas.

Por isso, o uso do livro didático pode ser um excelente apoio para a educação para a cultura visual: nele estão relacionadas imagens, sugestão de sites da internet, textos de apoio e atividades que podem ser usadas como fontes de informação e pesquisa e que,

também, podem servir como disparadores de outras questões e buscas por parte dos estudantes e dos professores.

A Arte-educação baseada na cultura visual tem, como principal objetivo, estimular a consciência cultural do indivíduo, começando pelo reconhecimento de sua própria cultura e, gradativamente, ampliando seu repertório. Desse modo, o ensino de arte pode auxiliar na reorganização da escola como um grande palco do diálogo entre diferentes culturas, ou da interculturalidade²⁶.

O conteúdo das aulas de Arte precisa, então, abranger as mais diversas manifestações artísticas e culturais, mas principalmente as manifestações artísticas e culturais contemporâneas²⁷. O processo de ensino e aprendizagem de arte se torna, assim, significativo tanto para os professores como para os estudantes. Além disso, as estratégias de ensino precisam ser pautadas pelo diálogo e pelo respeito à faixa etária dos alunos.

Para Fernando Hernández, a Arte-educação baseada na cultura visual pode e deve ser trabalhada desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Ao promover o diálogo, a descoberta coletiva de problemas instigantes, a experimentação e a pesquisa engajada como procedimentos de ensino e aprendizado, as crianças se sentem valorizadas e participam ativamente do processo educativo.

Nesse sentido, o trabalho do professor ganha outra prática, voltada para os Projetos de Trabalho, e para um processo de ensino e aprendizado significativo, que pode abraçar qualquer tema e que é direcionado aos estudantes por argumentação, e não por apresentação. Professores, crianças e jovens são encarados como estudantes, intérpretes e copartícipes, por isso o professor é procurado pelos estudantes para que seja um orientador de pesquisas.

É importante ter em mente, entretanto, que os temas usados em Projetos de Trabalho devem ter relação com os projetos e temas anteriores e os possíveis posteriores, porque isso permite estabelecer novas formas de conexão com a informação e a elaboração de hipóteses de trabalho, que guiem a organização da ação. É preciso ter um fio condutor que, por sua vez, relaciona-se com o Projeto Político-Pedagógico da escola,

²⁴ MITCHELL, William J. T. *Que és la cultura visual*. Princeton: Irving Lavin Institute for Advanced Study, 1995.

²⁵ MIRZOEFF, Nicholas. *Una introducción a la cultura visual*. Barcelona: Paidós, 2003. p. 20.

²⁶ Para saber mais sobre interculturalidade, leia *Por que debater sobre interculturalidade é importante para a Educação?*, de Simone Romani e Raimundo Rajobac. Disponível em: <<http://educem.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/viewFile/12715/8342>>. Acesso em: 5 dez. 2017.

²⁷ Por arte contemporânea, entendemos as produções e manifestações de arte feitas hoje, em sua diversidade.

com o currículo do município, do estado e do país em que a escola está situada.

Assim, o trabalho do professor em sala de aula enfoca a criação de índices ou listas, que organizam o trabalho, e a elaboração de sínteses para a conferência das descobertas feitas pelos estudantes.

Essas listas permitem uma previsão dos conteúdos (conceituais e procedimentais) e das atividades, da escolha de algumas fontes de informação que permitam iniciar e desenvolver o Projeto. Essa seleta de informação deve ser contrastada com fontes que os estudantes já possuam ou possam apresentar, e também com as possibilidades de saídas culturais e outros eventos de ampliação do repertório.

As sínteses, por sua vez, reforçam a consciência do aprender e auxiliam estudantes e professor a verificar o que foi aprendido.

A atuação dos estudantes (no caso dos anos iniciais do Ensino Fundamental, em conjunto com o professor) deve estar voltada para o planejamento das atividades, de modo que todos tenham consciência do que irá acontecer nos próximos encontros e quais tarefas terão de cumprir. A produção de uma lista com as tarefas, estudos, atividades, pesquisas, saídas culturais, auxilia no trabalho e envolve os estudantes.

Além disso, em um projeto, a produção de novas questões e problemas a partir do que foi vivenciado e aprendido é um dos resultados esperados. Afinal, um assunto nunca se esgota, se ele for interessante e fruto de questões significativas.

3. As linguagens artísticas e as crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental

As linguagens artísticas visual, musical, corporal e teatral se caracterizam pela *liberdade* em relação à expressão: um artista pode criar seu próprio sistema de signos, inclusive misturando linguagens verbais e não verbais. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Arte, o fazer artístico é uma *experiência poética*, em que se articulam os significados e a experimentação de técnicas materiais visuais e plásticas, de movimentos, de materiais sonoros, entre outros. Assim, os alunos dos anos iniciais devem ser convidados a experimentar os mais diversos procedimentos artísticos.

Para que essa **experimentação** aconteça é preciso, antes de tudo, que a escola e os professores reconheçam os trabalhos artísticos infantis como uma forma de investigação e de atribuição de sentido das crianças a suas vivências, inclusive às escolares, e que nem sempre são reveladas por meio de uma produção “bonita” ou

“bem-acabada”. É preciso, portanto, valorizar a expressão artística infantil e refrear a tendência de fazer o trabalho pelos alunos, “maquiando” o que poderia parecer uma “imperfeição”.

As linguagens artísticas também devem ser **apreciadas**. As crianças precisam ter momentos de fruição estética, de poder “mergulhar” em obras de arte e ler textos não verbais. Durante a apreciação, todos somos afetados de forma intensa, já que os signos presentes nas obras de arte podem provocar muitas emoções e despertar pensamentos e ideias que também levam a leituras diversas da realidade. A fruição estética possibilita a todos uma livre interpretação da obra apreciada, gerando o que chamamos de *polissemia* de sentidos.

A **fruição estética** é um processo que envolve emoção e razão e pode ser exteriorizada tanto por meio de expressões faciais e/ou corporais como por meio da linguagem verbal. Cada criança responde de um modo muito próprio aos estímulos da fruição estética. Algumas ficam animadas e alegres, outras, tímidas. Dessa forma, é importante que você esteja atento às respostas de seus alunos. Aos poucos, saberá avaliar quanto cada um se envolveu ou não com as atividades e poderá, também, perceber o gosto estético de cada criança. Afinal, em Arte é possível preferir determinada linguagem a outra, o que não significa que a criança poderá escolher se quer participar das atividades propostas ou não. Os alunos têm o *direito* de vivenciar todas as atividades escolares, já que para poder manifestar preferência é preciso conhecer. Em outras palavras, a expressão artística e a fruição dependem do repertório cultural de cada um.

Isso quer dizer que é papel da escola e da disciplina Arte planejar mediações educativas que levem os estudantes a vivenciar momentos de produção artística e fruição estética para que, assim, possam ampliar seu conhecimento artístico e estético e seu repertório cultural.

Linguagem visual e audiovisual

Ao se expressar por meio da linguagem visual – com desenhos, pinturas, colagens, esculturas, fotografias, etc. –, as crianças revelam o que *sabem* e *sentem* em relação aos objetos. Esse fato está intimamente ligado a sua capacidade de *abstração*: o que elas apresentam resulta na escolha daquilo que lhes parece mais importante representar. Por exemplo: ao desenhar um carro, podem excluir as portas se a característica que mais lhes emociona é o movimento, representado pelas rodas.

Jean Piaget, em seu livro *A formação do símbolo na criança*²⁸, afirma que o exercício da abstração é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, especialmente no que se refere à habilidade de formar conceitos. Nesse sentido, muito mais do que avaliar a verossimilhança de um desenho infantil ou as habilidades técnicas demonstradas pelas crianças, ao educador importa compreender aquilo que elas querem mostrar com seus traços. A expressão visual infantil também pode ser entendida como um meio de confrontação entre o mundo interior (subjetivo) e o mundo exterior, na medida em que articula a percepção do mundo “real” à imaginação e à capacidade criativa. Como afirmam Viktor Lowenfeld e W. Lambert Brittain em seu livro *Desenvolvimento da capacidade criadora*²⁹, a expressão visual é, também, um meio de expressão do sujeito, cuja observação cuidadosa pode criar um vínculo mais profundo entre o professor e cada estudante.

Por isso, na presente coleção, a proposição de fazer com as artes visuais busca a sensibilidade e a expressão infantil, e não apenas um aprendizado técnico ou com resultados “corretos”. Aqui busca-se desenvolver a expressividade cultivada por meio das técnicas, e não a técnica por ela mesma.

Ao desenhar, pintar, colar ou esculpir, as crianças se expressam e se comunicam. Elas já apresentam um repertório visual oriundo do contato que têm com a produção artística de adultos, dos desenhos vistos na televisão ou no cinema, das obras expostas em revistas, livros, museus ou outros espaços de divulgação e, também, a partir do contato com a produção de outras crianças. Dessa forma, constroem conhecimento sobre artes visuais participando da cultura. O mesmo ocorre quando leem e interpretam obras de arte visual: as crianças expressam sua experiência, conhecimento prévio e repertório cultural. O que significa que a apreciação pode ser mais ou menos complexa, dependendo do contato do apreciador com as obras de arte. Daí a importância da mediação ativa por parte da escola e dos educadores, a fim de criar indivíduos críticos e futuros produtores de arte com responsabilidade social e ações cidadãs.

Michael Parsons, em seu livro *Compreender a arte*³⁰, afirma que a leitura de uma obra de arte visual sempre busca significações e sentidos. Por isso, as crianças podem e devem ser estimuladas durante essa leitura,

desde que ela seja dirigida com uma finalidade específica, como o tema, a expressão, os aspectos formais e o juízo. Segundo ele, a maioria das crianças em idade escolar dá ênfase ao tema da pintura e tem maior atração pelas imagens realistas, que valorizam a beleza e a harmonia. Os adolescentes, por sua vez, fazem uma análise mais subjetiva da obra, observando também a emoção que o objeto de arte transmite, e não apenas o que ele representa. Para o autor, existem ainda dois estágios de apreciação de arte, que estão ligados a uma maior formação: um olhar com foco na organização e no estilo da obra e em sua função social e um olhar que faz a reconstrução do sentido, interpretando-a com base em conceitos e valores vigentes.

Edmund Feldman, em seu livro *Becoming Human Through Art*³¹, identifica os diferentes tipos de olhar que podem suscitar do leitor que desenvolveu a crítica de arte. Ele os classificou em quatro estágios:

- A primeira abordagem da leitura de imagem seria a descritiva, na qual listamos o que vemos no objeto, seus elementos formais, como linhas, cores, formas, etc., fazendo uma leitura formal, sem julgamento ou opiniões.
- Depois, existe o estágio da análise, no qual relacionamos os elementos formais de uma composição e percebemos como eles se influenciam.
- Em seguida, temos o estágio da interpretação, em que damos sentido à composição, desvendando seu significado. Como uma obra possui vários níveis de significado e como a bagagem cultural e de informações do leitor pode variar, as interpretações também podem ser diversificadas.
- Por fim, há o estágio do julgamento, que depende de nosso conhecimento sobre os fundamentos da filosofia da arte. Como esta é temporal, pulsa conforme a época, o lugar e a cultura. Então, podemos dizer que o julgamento depende de fatores sociais e culturais e do momento histórico do leitor.

Também existem pesquisas brasileiras relevantes sobre leitura de imagens realizadas por Ana Mae Barbosa, Rosa Iavelberg, Terezinha Franz, Anamélia Bueno Buoro, entre outros estudiosos, que entendem que as imagens são objetos do conhecimento e destacam a necessidade em desvelar aos alunos as imbricações entre arte e cultura.

²⁸ PIAGET, Jean. *A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação*. 4. ed. São Paulo: LCT, 2010.

²⁹ LOWENFELD, Viktor; BRITAIN, W. Lambert. *Desenvolvimento da capacidade criadora*. São Paulo: Mestre Jou, 1977.

³⁰ PARSONS, Michael. *Compreender a arte*. Portugal: Presença, 1992.

³¹ FELDMAN, Edmund B. *Becoming Human Through Art*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1970.

Por tudo isso, durante a leitura de imagens, as crianças devem ser livres para se expressar. É por meio da sua escuta respeitosa e do diálogo estabelecido com você e os colegas que elas desenvolverão a capacidade de questionamento, tão importante para a formação de um leitor que interpreta os textos que estão a sua volta.

Mas, a fim de mediar conhecimentos, é preciso conduzir o olhar dos estudantes e ressaltar aspectos formais das obras, como linhas, cores, formas, volume, proporção, movimento, etc., e, também, aspectos relativos aos conteúdos (conceituais, factuais, procedimentais) considerados relevantes para o aprendizado dos estudantes.

Para Anamélia Bueno Buoro³², existem sete momentos importantes para a mediação de leitura de imagem:

- Descrição da imagem.
- Descoberta de percursos visuais sobre a imagem a fim de perceber toda a estruturação da composição e possibilitar o afloramento de questões e significações pertinentes e inerentes ao texto visual.
- Percepção das relações entre a obra focalizada e a produção anterior realizada pelo artista produtor.
- Pesquisa a fim de se aproximar mais do significado visual, saindo em busca das respostas que surgiram no processo de leitura.
- Comparação ou diálogo entre obras contemporâneas.
- Construção de texto verbal com registro do percurso empreendido, o qual abarque a significação do texto visual lido.
- Abordagem do conceito de produção artística como construção de linguagem e trabalho humano.

Além dos aspectos formais e do conteúdo de uma obra de arte visual, com base em uma perspectiva crítica³³, é preciso olhar para o que há de mim na obra, ou como eu me reconheço nela, o que eu vejo de minha vida em sociedade nessa imagem, por que determinadas representações são sempre recorrentes, que interesses são satisfeitos com essas representações. Assim, é possível também discutir com as crianças aspectos presentes nas obras de arte relativos aos jogos de poder, à diversidade, aos temas contemporâneos e instigantes que fazem parte da vida delas e que as interessa.

A fim de trabalhar a leitura das obras de arte visuais apresentadas neste material, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Questões que buscam desenvolver nos estudantes um olhar crítico e contextualizado;
- Momentos de conhecer outros trabalhos do artista para que seja possível estabelecer relações entre suas obras;
- Ampliação de repertório para um diálogo com outras produções artísticas, inclusive de outras linguagens;
- Inserção progressiva de um registro escrito sobre as impressões a respeito da obra;
- Incentivo para a investigação da poética do artista e da linguagem construída por ele;
- Questionamentos sobre como os alunos se sentiram e o que pensaram ao ver as obras, revelando o que veem de si mesmos e da vida em sociedade na obra que analisam.

Com esse trabalho sistemático de experimentação em artes visuais e leitura de imagens, com foco na análise artística e estética, buscamos desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes visuais. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

O trabalho com a produção midiática

Segundo dados divulgados pelo Instituto Alana³⁴, as crianças brasileiras passam mais de cinco horas por dia vendo programas de televisão, filmes e desenhos animados e assistem a aproximadamente quarenta mil propagandas em um ano. Como sabemos, muitos desses objetos culturais incentivam o consumismo exagerado. Por isso, tão importante quanto saber ler, interpretar e escrever, assistir a um filme ou a um vídeo com olhos críticos é fundamental para que se alcance uma formação cidadã.

Segundo a Arte-educação baseada na cultura visual, a cultura midiática pode e deve ser problematizada nas aulas de Arte, pois, em nossos dias, quase tudo o que nos sensibiliza e informa advém das imagens e “visuallidades” veiculadas pelos meios de comunicação e pe-

³² BUORO, Anamélia B. *Olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola*. São Paulo: Cortez, 1996.; Idem. *Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte*. São Paulo: Educ/Fapesp/Cortez, 2002.

³³ SARDELICH, Maria E. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. *Cadernos de Pesquisa*, v. 36, n. 128, p. 451-472, maio/ago. 2006.

³⁴ Disponível em: <<http://criancaeconsumo.org.br/consumismo-infantil/>>. Acesso em: 6 out. 2017.

la publicidade. Visualidade, para os arte-educadores, significa mais do que visão, ou seja, mais do que um dos sentidos humanos. Ela se relaciona ao modo como um grupo social cria o seu modo de “ver”, ou de descrever e representar o mundo visualmente. Um dos representantes dessa forma de entender o ensino de Arte é o já mencionado professor estadunidense Nicholas Mirzoeff³⁵. Segundo ele, a visualização é a característica do mundo contemporâneo, entretanto, poucos de nós conhecemos aquilo que observamos, pois existe uma grande distância entre a constante experiência visual da cultura contemporânea e a habilidade para analisá-la. É preciso que a escola ajude os alunos a desenvolvê-la.

Utilizar a linguagem audiovisual em sala de aula apenas como passatempo é, portanto, desconsiderar seu potencial educativo. Há uma notória preferência por essa linguagem. Os estudantes podem ampliar diversas habilidades se forem instigados a pensar sobre as produções midiáticas e a produzir audiovisuais. Enfim, são telespectadores e aprendem muitas coisas com a televisão: conhecem culturas, absorvem diferentes modos de falar e agir, recebem informações, etc. Tudo isso se dá por meio da representação imagética e da percepção sonora. Cabe, então, ao educador, saber usá-las de forma produtiva para criar significados.

O trabalho com a linguagem audiovisual na escola abrange três eixos primordiais: *apreciação*, *produção* e *divulgação*. A apreciação enfoca a leitura crítica de alguma obra mediada pelo educador. A produção, a participação em experimentações audiovisuais com e sem tecnologias, utilizando brinquedos, atividades com luz e sombra, registros do movimento, brincadeiras, etc. Já a divulgação dos trabalhos realizados pelas crianças implica uma ação política de democratização de acesso aos meios de comunicação. Nesse sentido, a internet se configura em excelente meio, além dos eventos escolares.

Em relação aos gêneros cinematográficos, os desenhos animados são especialmente indicados para o trabalho com crianças. O mundo infantil é repleto de personagens fictícios que participam de histórias próprias. Essas fantasias nascem de uma realidade interna, criada pela vida afetiva e por representações que se constroem internamente.

Com a presença crescente das tecnologias na vida cotidiana, muitas crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental tiram fotografias e fazem pequenos vídeos com telefone celular. Assim, é muito indicado o

uso desse aparelho em trabalhos com a linguagem audiovisual. É papel da escola fornecer parâmetros, tanto técnicos como éticos, para que as tecnologias sejam utilizadas com cuidado e consciência, evitando maus usos.

No material, o trabalho com a linguagem audiovisual é feito com o objetivo de ampliar o repertório cultural dos alunos, além de mostrar possibilidades de criação com o uso de tecnologias da informação. Ao pedir aos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental que usem a tecnologia para criar, visamos construir com eles novos sentidos para esses materiais, indo além do entretenimento e incentivando a crítica e o uso consciente. Sendo nativos digitais, a produção usando um celular, câmera fotográfica ou de vídeo, ou um gravador de áudio, pode ser uma tarefa que os engaje e seja próxima do que têm acesso fora da escola. Os desenhos animados e filmes de animação que compõem a coleção foram cuidadosamente selecionados e são abordados com um viés crítico e voltado para a formação cidadã.

Linguagem da dança

A visão dualista que coloca corpo e alma como domínios opostos faz com que, muitas vezes, os educadores vejam o trabalho físico apartado do trabalho intelectual. Com isso, relega-se a dança ao âmbito da “ginástica” ou ao universo da “pura diversão”, como se nada disso pudesse contribuir para o aprendizado e a formação do cidadão. No entanto, alguns estudiosos da dança e do movimento humano, como Rudolf Laban, Klauss Vianna, Gerda Alexander, Angel Vianna, entre outros, entendem a dança como o “pensamento do corpo”, sugerindo que essa visão dualista seja abandonada e que o processo educativo seja tornado mais holístico e produtivo. Como afirma Isabel Marques³⁶, é possível “pensar dançando e dançar pensando”.

Por isso, a presença da dança na escola não deve ter como objetivo apenas um aprimoramento técnico que forme bailarinos como “fazedores de dança”. Podemos entender o ato de dançar como um dos modos de a pessoa conhecer seu corpo e a si mesma. Nesse sentido, não existem os que “sabem” e os que “não sabem” dançar: a dança é um dos aspectos que compõem a existência de qualquer pessoa, uma vez que o movimento é a base de todas as ações humanas. Nosso corpo, mesmo quando parece estar parado, precisa estar em movimento para estar vivo (esta é, a propósi-

³⁵ MIRZOEFF, Nicholas. *Visual Culture Reader*. London: Routledge, 1998; Idem. *An Introduction to Visual Culture*. London: Routledge, 1999.

³⁶ MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

to, uma das questões centrais para muitos artistas da dança contemporânea, que incluem em seus trabalhos a importância do movimento interno dos órgãos e dos fluidos do corpo).

A dança é uma forma de o ser humano se expressar por meio do movimento corporal. É também uma maneira de conhecer o mundo e de interagir com ele e com as outras pessoas. Daí o trabalho com dança na escola ser uma maneira de criar elos mais estreitos entre professores e estudantes. Para isso, é fundamental reservar momentos para discutir sobre as práticas propostas. Conhecendo e compreendendo a expressão corporal dos alunos, o professor pode se aproximar deles, além de impulsionar uma maior integração do grupo.

Incorporando a dança às aulas de Arte, é possível explorar nossas possibilidades de movimento e as relações entre tais possibilidades e a expressão individual. Trabalham-se a relação entre os diferentes corpos, e a relação entre o corpo e o espaço. É claro que esse tipo de trabalho estimula a coordenação motora, o equilíbrio e o tônus muscular, além de abrir espaço para o exercício da imaginação, a capacidade lúdica e a socialização.

Descobrir maneiras de se movimentar para além daquelas com as quais estamos habituados no cotidiano constitui a criação estética que permeia a dança. E é justamente a busca por novas possibilidades, para além do usual, que permitirá que as crianças e os jovens que formamos possam imaginar e dar forma a um mundo diferente, não restrito àquilo que já está estabelecido.

Na coleção, para sistematizar o ensino de dança, propomos tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Exercícios de consciência corporal;
- Apreciação de diferentes manifestações de dança;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem corporal;
- Atividades de criação e de improvisação de movimentos dançados;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a dança em suas diferentes formas.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades listadas na BNCC relacionadas à dança. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

Linguagem musical

Para a tradição, a técnica e a erudição são aspectos considerados essenciais para uma boa formação musical. Desde meados do século XX, entretanto, outro modo de ensinar e aprender música vem sendo aceito e valorizado. A fim de ampliar a percepção e a consciência do indivíduo e contribuir para a superação de preconceitos, posturas individualistas e visões de mundo dualistas, três eixos de trabalho fazem parte dessa nova prática: a apreciação, a *performance* e a criação musicais. Para tanto, é preciso criar contextos educacionais que respeitem e estimulem o sentir, o questionar e o criar, além de promover situações para o debate relacionado à música e ao humano.

O ato de ouvir e apreciar músicas e canções consiste em receber estímulos sonoros, transformá-los em percepções e, então, inseri-las em nosso contexto mental (psíquico, afetivo, cultural, entre outros). Essa inserção se dá mediante a estruturação de novas configurações mentais. Nossa reação à música é, portanto, um ato de (re)criação. Segundo Moraes³⁷, a música atua por meio de três dimensões: a corpórea-sensorial, a afetivo-subjetiva e a estético-social. Essas dimensões são indissociáveis e integram aspectos fisiológicos, psicológicos e socioculturais.

A dimensão *corpóreo-sensorial* é epidérmica, está relacionada ao *ritmo* e é acompanhada pelo ato de dançar. Já a *afetivo-subjetiva* relaciona-se às *sensações, lembranças, emoções e sentimentos* e é difícil de definir verbalmente. A *estético-social*, por sua vez, envolve a apreciação musical baseada em determinadas *estruturas e formas estéticas compartilhadas* e é estabelecida histórica e socialmente por meio do contato com diferentes músicas e canções. Assim, a mediação escolar pode e deve diversificar e ampliar a escuta musical.

O jogo e a brincadeira permitem que os estudantes dos anos iniciais do Ensino Fundamental realizem experimentações com materiais sonoros, instrumentos musicais, o corpo e a voz. Ao participar desse tipo de sensibilização, os alunos desenvolvem habilidades relacionadas tanto à escuta musical como à *performance* e à criação. A escuta sonora e musical desenvolve aquilo que Murray Schafer³⁸ chamou de “ouvido pensante”: mais do que simplesmente ouvir, a escuta atenta e sensível leva os estudantes a perceber, analisar e refletir sobre o mundo a sua volta e sobre as produções musicais. A *performance*, por sua vez, não é tratada como

³⁷ MORAES, José J. de. *O que é música*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

³⁸ SCHAFFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.; Idem. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Editora da Unesp, 2013.

atividade delegada apenas a instrumentistas talentosos ou “gênios” musicais, mas como uma atividade criativa e ativa, o que inclui a participação envolvida e comprometida dos estudantes.

Nessa perspectiva, a improvisação e a composição mais complexa são equivalentes na criação musical. Isso quer dizer que a criação musical se relaciona a uma organização de ideias que podem ou não seguir princípios de estilo. Mais uma vez, o engajamento dos estudantes é essencial: é preciso ter consciência de que se está criando uma sequência de sons e ter essa intenção, além do fato de essa sequência conseguir expressar seus pensamentos e emoções. Para Hans-Joachim Koellreuter³⁹, a improvisação está sempre relacionada com a autodisciplina, a concentração, o trabalho em equipe, a memória e o senso crítico.

Em outras palavras, o processo de ensino e aprendizagem de música deve valorizar uma visão global e integradora do mundo e os processos de escuta, experimentação e criação. Nesse sentido, também deve dialogar com músicas e canções da estética contemporânea e das culturas não ocidentais.

Na coleção, a fim de sistematizar o ensino de música, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de escuta sensível de sons e de música;
- Atividades de fazer musical, enfocando as brincadeiras e os jogos musicais;
- Desenvolvimento gradativo do saber formal da música, como a notação musical e os instrumentos tradicionais;
- Ampliação do repertório cultural dos estudantes, abordando diversos gêneros musicais.

Buscamos, dessa forma, desenvolver as habilidades da BNCC referentes à música. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

Linguagem teatral

Para Viola Spolin⁴⁰, o objetivo do trabalho com a linguagem teatral na escola não é o de fazer do estudante um ator, mas abrir caminho para que cada um descubra a si próprio e reconheça a importância da arte em sua vida. O teatro ajuda o aluno a desenvolver maior domínio do tempo, do corpo e da verbalização e a se tornar mais expressivo. Porém, longe de ser ape-

nas instrutivo, o teatro é, sobretudo, uma forma de arte que deve ser explorada por seu caráter estético. Como arte, o teatro em sala de aula põe o aluno em contato com uma das mais antigas manifestações culturais, que sempre discute as questões essenciais dos seres no mundo. Nessa perspectiva, o teatro tem função estética, catártica, questionadora, social e política. Existem, então, algumas facetas do teatro que podemos explorar, como a criação do personagem, o espaço cênico e a ação teatral, que estão presentes nos jogos teatrais, desenvolvidos por Viola Spolin e trazidos ao Brasil pela professora Ingrid Koudela. Baseados na improvisação, os jogos teatrais constituem um recurso interessante para desenvolver capacidades como atenção, concentração e observação.

Nas produções teatrais em sala de aula, é essencial que se compreenda a diferença entre improvisação e dramatização. A improvisação caracteriza-se pela espontaneidade e jogo de regras. Já a dramatização se caracteriza pela construção intencional de uma peça de teatro, com todos os elementos que lhe são próprios: espaço cênico (cenário, figurino, maquiagem, iluminação), personagens e ação teatral.

Assim, o trabalho com teatro na escola articula o discurso falado e o escrito, a expressão corporal, as expressões plástica, visual e sonora na elaboração de dramatizações; contribui para o desenvolvimento da comunicação e expressão; ajuda os estudantes a desenvolver suas próprias potencialidades; coloca-os em contato com um novo gênero literário; e favorece a produção coletiva de conhecimento da cultura.

Na coleção, para sistematizar o ensino de teatro, propomos, tanto no material do aluno quanto nas orientações didáticas:

- Atividades de apreciação de teatro;
- Experimentação de jogos teatrais;
- Atividades de improvisação, atuação e encenação;
- Atividades de reconhecimento de elementos da linguagem teatral;
- Ampliação gradativa do repertório cultural dos estudantes, abordando a variedade de formas de teatro presentes em nossa sociedade.

Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas ao teatro. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

³⁹ KATER, Carlos. *Música Viva e H. J. Koellreutter: movimentos em direção à modernidade*. São Paulo: Musa/Atravez, 2001.

⁴⁰ SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.; Idem. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.; Idem. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

Linguagens integradas

As linguagens integradas são a forma de expressão infantil mais característica. Ao desenhar, o corpo da criança se movimenta. Ao dançar, ela canta. Ao contar um fato, a encenação se faz. Ao brincar de faz de conta, imagina e cria. Por isso, ao abordar essas formas de arte que mesclam as linguagens durante a educação em arte dos estudantes, ganhamos a oportunidade de aproximá-los mais ainda dos saberes da arte.

Além disso, as artes contemporâneas, ou as artes que são criadas, produzidas e expostas por artistas vivos, caracterizam-se quase sempre por essa integração. A arte contemporânea nasceu da ruptura com os valores da arte tradicional ocidental, por isso atualmente temos obras de arte que podem nos causar sensações diversas. Existem muitas vertentes e tendências da arte contemporânea, por isso é muito difícil defini-la de maneira a dar conta de toda essa variedade. Mas uma coisa que podemos afirmar acerca das transformações que ocorreram na arte durante o século XX e continuam a se desenrolar no século XXI é que noções como as de beleza, imitação do real, obra-prima, talento e, principalmente, o papel e o valor da arte passaram a ser amplamente discutidos e revistos. Por isso, a arte tem estado em permanente mudança e muitas das produções artísticas atuais nos causam sensações de estranhamento, curiosidade e, por vezes, rejeição.

Muitas vezes o senso comum e os mecanismos de legitimação da arte, como os museus, as galerias, os livros e os críticos de arte, apresentam ideias que o público considera contraditórias. Um exemplo disso é o fato de muitos museus possuírem em seu acervo algumas obras de arte clássicas e outras contemporâneas que, embora discordem do ideal clássico, estão expostas na mesma instituição.

Nesse sentido a arte contemporânea caracteriza-se por:

- questionar o sistema de circulação das artes;
- incorporar as artes das periferias urbanas;
- ocupar as ruas e os espaços públicos;
- mesclar as culturas populares brasileiras e as artes que são fruto do ensino formal;
- valorizar, ver e ouvir quem somos nós.

Além disso, segundo Ana Mae Barbosa⁴¹, os seguintes elementos estruturam a arte contemporânea:

- diálogo entre as linguagens artísticas;
- uso inusitado de materiais e meios;
- estranhamento que causa no público;
- ludicidade e integração entre obra e espectador;
- uso de tecnologias de comunicação e informação.

Por isso, na coleção, de acordo com a BNCC, o ensino das artes integradas é sistematizado com atividades de apreciação e de produção. Gradativamente, apresentamos os elementos presentes nessa forma de arte, ampliando, assim, o repertório cultural dos estudantes. Buscamos, dessa forma, cumprir todas as habilidades listadas na BNCC relacionadas às artes integradas, em especial a habilidade **EF15AR23**, que prevê o reconhecimento e a experimentação das relações processuais entre as linguagens artísticas em projetos temáticos. As orientações didáticas ao longo do livro demarcam os momentos específicos em que essas habilidades são trabalhadas.

III. Ambiente de aprendizagem e acesso aos espaços de divulgação cultural

1. O ambiente de aprendizagem

O ambiente de aprendizagem em Arte é muito importante, pois auxilia o professor a conduzir os estudantes à experiência estética, estimulando sensações e pensamentos. Para tanto, é importante que o espaço destinado às atividades do fazer artístico seja minimamente adequado. Independentemente da situação física da sala, o cuidado com a preparação do espaço e com a recepção das crianças é fundamental.

Para a realização de atividades de arte visual, é importante haver acesso fácil a pias e a itens de higiene, como papel toalha, além da disponibilidade de mesas grandes (ou a possibilidade de juntar pequenas mesas ou carteiras). Observe a disposição dos materiais que serão utilizados e que devem ser previamente separados.

Os alunos devem utilizar aventais (ou camisetas velhas) e aprender a se comportar adequadamente diante de materiais e instrumentos – algo que precisa de sua mediação paciente, afinal, as crianças quase sempre ficam eufóricas ao mexer com tintas, argila, sucata, etc.

Se a escola dispuser dos recursos e do profissional, as atividades de arte audiovisual devem ser realizadas com equipamentos eletrônicos, como computadores

⁴¹ Disponível em: <<http://old-portalic.icnetworks.org/materiacontinuum/marco-abril-2009-afinal-o-que-e-arte-contemporanea/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

e câmeras de vídeo, por exemplo, em parceria com o professor de Informática Educativa, no laboratório de informática.

Uma sala com algum tipo de isolamento acústico ou outro ambiente mais afastado deve ser reservada para as experimentações musicais. É importante separar com antecedência recursos como CDs e DVDs, instrumentos musicais e aparelhos de som e de gravação, quando necessário.

Se houver auditório na escola, ele deve ser utilizado para as atividades de teatro. Do contrário, pode-se utilizar a própria sala de aula, desde que as carteiras e as cadeiras sejam afastadas para abrir um espaço adequado para as atividades, que deve ser limpo e sem obstáculos.

As atividades de dança podem ser realizadas na quadra esportiva, no pátio da escola ou em uma sala de aula livre de carteiras e cadeiras. Como as crianças farão exercícios de apoio e de contato corporal no chão, se possível, utilize tatames ou tapetes emborrachados.

É importante lembrar que os alunos com deficiência podem e devem participar das atividades a seu modo, com ou sem a sua ajuda ou dos colegas, sempre tendo suas limitações respeitadas e suas conquistas valorizadas. Sempre faça as adaptações necessárias para que eles possam participar efetivamente das atividades propostas.

2. Visitas culturais

Além do ambiente escolar, outro importante recurso que favorece a ampliação do repertório cultural dos alunos são as visitas culturais. O estudo do meio, entre outras vantagens, possibilita a reintegração da escola ao meio físico, social e cultural em que está inserida e leva à compreensão e ao reconhecimento da importância dos processos e fatos históricos, conscientizando alunos e professores da responsabilidade ética de sua participação cidadã.

As visitas culturais têm como objetivos aprofundar um tema ou conteúdo trabalhado em sala de aula e, também, estimular o olhar investigativo e o desejo de pesquisar. Elas têm um papel importante no processo de construção de conceitos e do pensamento crítico dos alunos sobre arte, pois auxiliam no desenvolvimento da capacidade de observar, descobrir, documentar, analisar, criticar e utilizar diferentes meios de expressão. As visitas propiciam, também, o desenvolvimento das

habilidades **EF15AR07** e **EF15AR25**, presentes na BNCC, que preveem, respectivamente, o reconhecimento pelos alunos de algumas categorias do sistema das artes visuais (como museus, galerias, instituições, etc.) e o conhecimento e valorização do patrimônio cultural, material e imaterial.

Portanto, fique atento às opções que sua cidade oferece. Você pode planejar visitas culturais a praças, parques, fábricas, centros culturais, teatros, cinemas e, até, passeios por bairros inteiros, por exemplo. Além disso, podem ser consideradas estudo do meio cultural as visitas a ateliês de artistas e artesãos, espaços de arte urbana (como a produzida pela cultura *hip hop*), feiras populares, coleções particulares, espaços culturais comunitários, aldeias indígenas, quilombos, entre outros.

Lembre-se de que para realizar uma visita cultural significativa, ou que tenha sentido para estudantes e professores, é preciso relacionar o lugar a ser visitado à temática e ao conteúdo que estão sendo trabalhados em sala de aula. Também é importante ressaltar que, nessas visitas, deve-se ter o cuidado de não podar a curiosidade das crianças, já que elas poderão agir de forma a interagir com a obra ou o artista. Quando isso couber, não é preciso pedir silêncio ou cercear a espontaneidade dos alunos⁴².

Preparando a visita

É seu papel estimular os estudantes a participar ativamente da visita cultural, conversando sobre o local a ser visitado e tendo em mente a relação que você quer que eles estabeleçam entre o conteúdo que está sendo estudado em sala e as informações e conhecimentos que a visita ajudará a construir.

É importante, também, que haja uma atividade prévia de busca de imagens, reportagens, folhetos ou vídeos com informações sobre o objeto da visita. Se alguém da turma já visitou o lugar, aproveite para explorar suas impressões e observações, sem censura.

Providencie as autorizações dos pais ou responsáveis para sair com os alunos da escola. Caso necessário, explique a eles os objetivos dessa saída cultural.

Peça a ajuda da direção da escola em relação ao transporte que os levará até o local. Lembre-se de visitá-lo antes de levar os alunos e se informar sobre possíveis regras e restrições, como a proibição de fotografar ou filmar. Caso seja uma visita longa, pense também na alimentação e no vestuário das crianças.

⁴² Indicamos a leitura de um texto produzido por Ingrid Koudela sobre a ida das crianças ao teatro junto com o professor: KOUDELA, Ingrid. *A ida ao teatro*. Programa Cultura e Currículo. São Paulo, 2010. (Disponível em: <<http://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/420090630140316A%20ida%20ao%20teatro.pdf>>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

Verifique se o local possui monitores ou arte-educadores que possam auxiliá-lo durante a visitação. Converse com eles para planejar a apreciação conforme seus objetivos pedagógicos. Se a visita for a uma casa de espetáculos, averigue se os artistas podem conversar com os alunos ao final da apresentação.

É também seu papel indicar aos alunos que material deve ser utilizado durante a visita, como caderno de anotações, papel e prancheta, caneta, lápis de cor, máquina fotográfica, câmera de vídeo, etc. Para que tudo corra bem, promova um bate-papo antes de sair e combine com os alunos algumas regras de convivência e comportamento. Registre o combinado na lousa como uma forma de contrato didático, regulando o conteúdo escrito à progressão da alfabetização dos alunos.

Durante a visita

Estimule os alunos a questionar aquilo que veem, ouvem, percebem e sentem, conversando e fazendo perguntas tanto a você como aos artistas e/ou monitores do local.

Se a visita for a alguma manifestação cultural popular, como um festejo, deixe que as crianças dançam e cantem livremente. Essas manifestações são muito envolventes e será uma experiência inesquecível para os alunos!

Em todas as situações, sua participação como mediador das informações advindas da visita cultural e do conteúdo trabalhado em sala de aula é muito importante. Registre a visita em vídeo e, se tiver permissão, também o diálogo das crianças com os artistas e/ou monitores. Esse registro é essencial para que você possa avaliar a experiência e verificar se os objetivos foram alcançados. Ele também pode compor o portfólio de cada aluno, sendo uma fonte diversificada de aprendizagem para a turma, inclusive, fora da escola.

Depois da visita

Em uma roda de conversa, discuta com os alunos as impressões e descobertas realizadas durante o passeio. Faça uma síntese do que foi aprendido, registrando por escrito ou gravando em vídeo.

Comunicando o que foi aprendido

As visitas culturais sempre suscitam muita expectativa e animação nas crianças, que se envolvem completamente nessa atividade. Por isso, aproveite para fechá-la com chave de ouro!

Sugerimos, por exemplo, que você ajude os alunos a produzir um jornal-mural sobre a visita, com imagens e, a partir do segundo ano do Ensino Fundamental, pequenas notas acompanhando-as, o que também será de grande valor para o processo de alfabetização. Dessa forma, eles reconhecerão a importância de comunicar aos outros suas descobertas e aprendizados.

Essas visitas são importantes para desenvolver nos alunos o gosto pela cultura e despertar neles o desejo de realizá-las autonomamente. Incentive-os sempre a levar os familiares ao local visitado por vocês!

IV. Avaliação

A avaliação é um recurso importante, não só para definir aprovação ou retenção do estudante, mas para acompanhar sua aprendizagem durante um Projeto de Trabalho. Além disso, a avaliação constante serve, também, para que o professor avalie suas estratégias de ensino. Por isso, os processos e instrumentos avaliativos não devem aparecer somente no final do percurso, como se a aprendizagem fosse um produto pronto que se pode medir e avaliar com um gabarito. Lembramos que essa avaliação deve ser formativa e constante.

Para tanto, é preciso que o professor crie uma rotina de registro, em um **diário de bordo**, das falas, comportamentos e atitudes das crianças, sua relação com os diversos conhecimentos e seu envolvimento nas atividades propostas. Esse diário pode ser um caderno ou um registro digital em que você relate o que aconteceu durante as aulas e onde possa arquivar fotografias e vídeos que fizer de suas aulas.

Além disso, é preciso recorrer sempre ao **portfólio**⁴³ de cada estudante, para verificar o desenvolvimento deles. O portfólio se constitui em uma pasta ou caixa em que são colocados, em ordem cronológica, os registros dos trabalhos realizados ao longo do ano letivo, como desenhos, fotografias, CDs, DVDs, textos escritos, etc. Vale ressaltar que mobilizar recursos tecnológicos como forma de registro é uma das competências específicas de Arte na BNCC.

O portfólio é tanto um instrumento de avaliação como de autoavaliação e registro. Ao selecionar os trabalhos que farão parte desse instrumento, professores e alunos devem fazer uma avaliação crítica e cuidadosa dos objetivos estabelecidos e dos propósitos de cada atividade.

⁴³ Sobre o portfólio como recurso avaliativo do processo de desenvolvimento da criança, sugerimos a leitura da dissertação de Mestrado de Cassiana Raizer, *Portfólio na Educação Infantil: desvelando possibilidades para a avaliação formativa*. (Disponível em: <www.uel.br/pos/mestrededu/images/stories/downloads/dissertacoes/2007/2007%20-%20RAIZER,%20Cassiana%20Magalhaes.pdf>. Acesso em: 16 nov. 2017.)

1. Sugestão de fichas de acompanhamento do portfólio dos estudantes

As fichas a seguir foram pensadas com o intuito de auxiliar o professor no acompanhamento do portfólio, sugerindo diferentes aspectos que podem ser avaliados e o que pode guiar essa análise e avaliação. É muito importante que cada docente possa refletir sobre sua prática e a realidade de sua sala de aula, para então escolher quais fichas usar, como usá-las e verificar a necessidade de criar novas fichas que contemplem aspectos diferentes das apresentadas nesta seção.

É importante ressaltar que o exame do portfólio a partir das fichas trará um recorte do desenvolvimento do aluno naquele momento, ou seja, é fundamental retomar fichas que já foram vistas para que haja a construção de um histórico do desenvolvimento de cada aluno, destacando as evoluções e mesmo as maiores dificuldades de cada um, o que pode guiar o conteúdo a ser trabalhado ou reforçado para cada estudante.

As fichas sugeridas se relacionam diretamente com algumas competências que constam na BNCC, por exemplo, agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários; Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

Consciência da construção de seu percurso em relação aos processos vivenciados nas aulas

Indicador

Capacidade do aluno de se perceber, se colocar, produzir e estabelecer uma relação de autonomia com seu processo de aprendizagem.

Perguntas orientadoras

Quanto o aluno se apropria da produção dele? Que significado a produção do aluno tem para ele mesmo? Que significado seu trabalho tem para ele mesmo? Ele se sente representado pelo seu trabalho? Ele tem escolhas conscientes e marcas de autoria? O aluno manifesta interesse ou vontade de construir sua marca pessoal? Ele busca isso? Ou ele está querendo só repetir? O aluno tem consciência do que é autoria na

linguagem que ele está trabalhando? O aluno identifica/reconhece marcas pessoais no trabalho do outro? Identifica/reconhece marcas pessoais de artistas daquela linguagem?

1	O aluno precisa ser estimulado para se envolver nas atividades e não aponta para a construção de seu percurso pessoal. Ele tem dificuldade de estabelecer pontes entre sua individualidade e o coletivo, não compartilhando descobertas e dificuldades provenientes do processo.
2	O aluno se engaja em algumas empreitadas (produção, pesquisa, troca de ideias e experiências) em seu processo na sala. Ele apresenta algumas características próprias em seu trabalho resultantes de suas descobertas, mesmo que sem consciência disso.
3	O aluno tem consciência do que constitui o fator autoral na linguagem artística que ele está trabalhando, a partir disso, reconhece seu processo criativo e se sente representado pelo seu trabalho.
4	O aluno tem consciência da importância de ser o autor/protagonista de seu processo de aprendizagem e, a partir disso, interage com o grupo, cria e compartilha suas experiências de maneira crítica, colaborativa e dialógica. Ele reconhece sua pesquisa artística como fator necessário (indispensável e integrado) em sua interação com seu contexto sociocultural.

Pesquisa pessoal

Indicador

Interesse do aluno pela busca de referências para produção e desenvolvimento de estratégias de pesquisa e reflexão acerca da produção artística.

Perguntas orientadoras

O aluno se sente estimulado a procurar referências artísticas além das que ele trouxe consigo? Na linguagem que está estudando, o aluno está revendo conceitos preestabelecidos? O aluno está relativizando o conceito que ele tem de gosto? Ele entende que o gosto pode ser alterado?

1	O aluno não reconhece como novas referências artístico-culturais podem contribuir para suas concepções sociais e visão de mundo. Chega a apresentar preconceitos e pré-concepções a respeito de diferentes manifestações artísticas e culturais, ou seja, está orientado por referências externas e aceita sem elaborar, sem critérios.
---	---

2	O aluno manifesta interesse pelos temas e conteúdos, pela diversidade cultural que é apresentada nas atividades, mas ainda não se engaja na construção de sua própria pesquisa de ampliação de repertório. Ele não legitima a escola como um espaço de troca e criação de repertório.
3	O aluno reconhece, identifica e estabelece que seu repertório cultural pode ser ampliado de diversas maneiras e alimentado pelos conhecimentos que ele constrói das linguagens artísticas. O aluno compreende a diversidade de seu repertório e subsidia sua produção artística.
4	Ao se relacionar com o gosto e as referências do outro, o aluno aceita indicações, dicas, etc. e contribui para a ampliação de repertório dos colegas, realiza pesquisas pessoais fora da escola, aponta e compartilha suas fontes de pesquisa.

Construção de sua postura de aluno na escola

Indicador

Compreensão, reconhecimento e envolvimento nas dinâmicas da atividade e grau de iniciativa e participação na rotina estabelecida para o grupo.

Perguntas orientadoras

Que papel o aluno exerce no grupo que participa? Como ele manifesta o significado da aula de arte na vida dele? Ele fala sobre isso? De que forma ele participa das atividades propostas? De que forma ele se relaciona com os colegas? Qual a assiduidade e participação dele?

1	O aluno recorrentemente não está implicado na atividade proposta (ele não sabe quais são os objetivos da atividade). O aluno não reconhece vários dos elementos da rotina estabelecida para o grupo e ele não participa, ou participa pouco, dessas atividades.
2	Quando chamado a participar, o aluno geralmente se envolve com as propostas da aula de Arte. Sua colaboração se dá porque ele reconhece que está inserido em um contexto de aprendizagem e assume o papel de responder aos estímulos que recebe para se integrar.
3	O aluno participa ativamente das rotinas de trabalho de seu grupo. Identifica e expressa a sua relação com a aula de Arte, e, nesse contexto, sabe do seu papel no grupo e tem consciência de sua responsabilidade sobre sua própria formação.

4	O aluno se compromete com a rotina de suas atividades por reconhecer o papel que elas desempenham na sua formação integral. Por identificar a aula de Arte como um espaço coletivo, ele trabalha tentando envolver pessoas com laços familiares e de amizade.
---	---

Troca de experiências e participação em uma situação de partilha

Indicador

Iniciativa/disposição em compartilhar, isto é, saber falar e saber ouvir (escuta ativa), os conhecimentos construídos acerca das linguagens artísticas, ciente da importância da contribuição individual nos processos coletivos de pesquisa e criação.

Perguntas orientadoras

De que forma o aluno participa das situações coletivas, discussões e conversas acerca dos temas trazidos pelos educadores? O aluno considera a participação dos colegas na sua fala? O aluno muda de ideia a partir da escuta e consideração da fala do outro? Como o aluno lida com a mudança de ideia do colega? O aluno respeita opiniões diferentes das suas? O aluno participa ativamente dos diálogos no grupo ou só assiste à discussão? Ele respeita os períodos de silêncio e concentração? O aluno respeita o tempo do outro? Participa de situações de troca? Ele respeita a produção do outro? O aluno manifesta sua opinião de forma respeitosa e colaborativa?

1	O aluno não participa das situações coletivas de troca e discussão, ou, quando participa, é apenas para apontar seus próprios processos. Ele não reconhece ou não identifica relações entre seu processo e o processo dos colegas. Não manifesta interesse em falar sobre seu processo e compartilhá-lo, tampouco demonstra curiosidade no trabalho dos colegas.
2	O aluno se envolve e participa das situações coletivas de troca e discussão. Estabelece relações de coleguismo e de companheirismo com os outros aprendizes e, em parte de seu processo, é possível identificar poucas conexões com os processos e pesquisas dos colegas e os interesses coletivos do grupo.
3	O aluno participa ativamente das situações coletivas de troca e discussão. Sabe falar sobre seu processo e apresenta uma escuta cuidadosa em relação aos colegas. É um indivíduo ativo no desenvolvimento dos interesses coletivos do grupo.

4 O aluno tem consciência da importância da construção coletiva de conhecimentos e saberes e busca criar situações de integração de processos com os colegas, inclusive aprendizes de outras atividades e projetos. Em muitas situações exerce papel de liderança e é propositor de situações de troca de experiência e de coletividade.

Produção artística e aprimoramento técnico

Indicador

Grau de domínio dos procedimentos técnicos, materiais, suportes, meio de produção e expressão na linguagem artística.

Perguntas orientadoras

Em que grau o aluno se apropria e sabe usar (domina) os procedimentos que são ensinados e como os incorpora em suas produções individuais? Como o aluno relaciona seu aprendizado técnico com o que ele quer fazer? As escolhas são diversificadas? Considera alternativas técnicas e poéticas? O aluno se disponibiliza a aprender novas técnicas e procedimentos?

1	O aluno precisa de ajuda técnica, só produz com orientação e/ou acompanhamento do educador, com ajuda total.
2	O aluno apresenta facilidade em trabalhar com meios e suportes, mas ainda precisa de alguma orientação.
3	O aluno consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos, meios e materiais propostos sem necessidade de supervisão ou de acompanhamento direto.
4	O aluno explora e pesquisa os materiais e suportes a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Ampliação de repertório

Indicador

Curiosidade pela produção artístico-cultural na sua relação com o contexto social, identificação do próprio repertório e como incorpora essas referências na sua pesquisa pessoal.

Perguntas orientadoras

De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno? O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção? Ele aceita o que é apresentado nas atividades? Ele faz produções em grupo que consideram a diver-

sidade de competências? Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele? Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?

1	O repertório apreendido se restringe a nenhum ou poucos aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. O aluno não reflete acerca de suas referências artístico-culturais e não legitima o papel desse processo no seu aprendizado.
2	O aluno se apropriou de aspectos formais, técnicos e procedimentais apresentados nas atividades. Demonstra interesse por referências fora do seu campo de interesse original, mas ainda sem organizar ou sistematizar essas novas referências na relação com sua pesquisa e produção pessoal.
3	O aluno incorpora as referências apresentadas nas vivências da aula de arte em sua produção e se dedica a pesquisas pessoais para ampliar seu repertório.
4	O aluno identifica que seu repertório artístico-cultural foi ampliado, reconhece a importância desse processo e colabora para a ampliação do repertório do grupo.

Participação e envolvimento

Indicador

Envolvimento e resposta do aluno às atividades propostas, atenção às dinâmicas individuais e do grupo e dedicação à própria produção.

Perguntas orientadoras

O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final? Ele estabelece seus próprios objetivos? Ele se dispersa? Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?

1	O aluno costuma desviar a atenção e precisa recorrentemente ser chamado de volta a participar da atividade. Não parece ter consciência de suas vontades e desejos em relação às aulas de Arte.
2	O aluno mantém atenção nas propostas e participação nas atividades e se compromete com os objetivos e conteúdos que são compartilhados – o que está explícito pelo educador.
3	O aluno tem suas próprias metas e desejos em relação a seu aprendizado artístico-cultural, tem atenção e dedicação ao seu processo de aprendizagem e participa ativamente das propostas de trabalho, contribuindo para a configuração de um trabalho de grupo baseado na troca de experiências.

4

Ao longo do processo o aluno amplia e constrói novas metas e objetivos para sua formação artístico-cultural e estabelece planos de como alcançá-los. O aluno amplia suas perspectivas e campos de pesquisa e contribui na elaboração de novas propostas de trabalho para o grupo.

2. Avaliação das sequências didáticas

Diferentemente do Projeto de Trabalho, que é uma forma de organização do currículo, a sequência didática pode ser definida como uma série de aulas concatenadas, com um ou mais objetivos e que não necessariamente tem uma produção final. Uma sequência didática é um trabalho organizado de forma sequencial durante um tempo determinado e estruturado pelo professor a fim de focar conteúdos relacionados ao projeto. Podemos afirmar, portanto, que dentro de um Projeto de Trabalho podem ocorrer diversas sequências didáticas.

Procure analisar o processo de construção do conhecimento em Arte dos estudantes antes, durante e depois de cada sequência didática, visando um processo de ensino e aprendizagem significativo.

A avaliação constante pode desvendar o processo de trabalho do professor de Arte durante todo o ano letivo, promovendo transformação das práticas pedagógicas com base na reflexão sobre a experiência vivida. Os momentos avaliativos ao longo do processo podem ser distintos e, em cada um deles, você deve procurar elaborar instrumentos como debates, questionários escritos e trabalhos práticos que possam fornecer dados para responder algumas questões importantes sobre a aprendizagem dos alunos. Há várias formas de elaborar instrumentos de avaliação em Arte. Podem ser trabalhos, provas, testes, relatórios, interpretações, questionários e outros que sejam mais sensíveis ao estágio de desenvolvimento específico dos estudantes.

O processo de avaliação pode ser individual ou em grupo e não deve se restringir a atitudes e valores. Por meio dele, todos os alunos devem refletir sobre os avanços em relação às suas aprendizagens específicas.

A estrutura geral desta coleção foi pensada como sequências didáticas. Cada unidade tem uma abertura, dois capítulos e um fechamento, que serão detalhados na próxima seção deste Manual. Cada uma dessas partes da unidade se constitui em uma sequência didática, ou seja, a abertura é uma sequência, o Capítulo 1 é outra, o Capítulo 2 até o fechamento,

também. Para a avaliação desses e de outros conteúdos, sugerimos os seguintes momentos de avaliação.

Avaliação inicial

- O que os alunos conhecem sobre arte (artes visuais, música, dança, teatro, cinema, etc.)?
- Com quais tipos de arte convivem no cotidiano?
- Frequentam algum tipo de aula de Arte fora da escola? Quais e em quais espaços essas aulas são realizadas?
- Conhecem as práticas culturais e artísticas que ocorrem na comunidade? Como adquiriram esse conhecimento?
- Costumam frequentar os espaços culturais da cidade (museus, galerias de arte, centros culturais, teatros, cinemas, etc.)? Quais? Com que frequência?

Avaliação processual

Antes da sequência didática

- O que os alunos conhecem sobre o objeto cultural que será estudado?
- O tema da sequência didática faz parte ou tem alguma relação com o cotidiano dos alunos?
- Que experiências os estudantes têm com a linguagem artística que será estudada?
- Conhecem algum artista que trabalhe com o mesmo tipo de produção cultural que será estudado na sequência?

Durante a sequência didática

- Os alunos demonstram interesse pela produção apresentada no capítulo? Que pontos despertam mais curiosidade?
- O tema abordado no capítulo é significativo para sua turma? Que relações existem entre esse tema e o cotidiano das crianças?
- Como os alunos compreendem o contexto sócio-histórico-cultural que envolve o objeto cultural que está sendo estudado?
- O objeto cultural que está sendo estudado é acessível a todos ou é dirigido apenas a determinado grupo social?
- Como os alunos compreendem os elementos das linguagens artísticas implicados na produção do que está sendo estudado e como se apropriam deles?

Depois da sequência didática

- Depois dos estudos, o conhecimento dos alunos sobre o objeto cultural estudado mudou? Procure

identificar como eles se apropriaram dos conteúdos estudados.

- Os alunos identificam em seu cotidiano a presença do tipo de objeto cultural e da(s) linguagem(ns) artística(s) estudados(a)? Procure exemplos.
- Como os estudantes se relacionaram com sua própria produção artística durante as atividades? Ficaram satisfeitos? Apropriaram-se dos procedimentos trabalhados? Envolveram-se em pesquisas e experimentações com os materiais? Consideram que sua produção artística expressa suas opiniões/sentimentos/emoções?
- Consideram importante expor/divulgar seu trabalho artístico e se envolver em eventuais montagens e apresentações de seus trabalhos?
- Quais foram as maiores dificuldades ao longo do projeto?

Avaliação final para o professor

- Você realizou o mapeamento cultural? De que forma o mapeamento cultural auxiliou em seu plano de ensino?
- Foi possível abordar mais de uma linguagem artística na mesma atividade?
- Qual linguagem foi mais bem-aceita pelos alunos?
- Os recursos materiais existentes na escola foram disponibilizados para o seu trabalho com os estudantes? Quais recursos foram utilizados com êxito? Dê exemplos.
- Os espaços físicos da escola foram disponibilizados e estavam preparados para ser utilizados nas aulas de Arte?
- Você realizou a avaliação processual? Como utilizou a avaliação processual nas atividades de ensino?
- Até que ponto sua prática educativa foi alterada a partir da avaliação processual? Reflita se, ao longo do processo, você mudou de estratégia, elaborou novas atividades ou alterou alguma que já estava em andamento ao observar que os alunos estavam com dificuldades ou, então, se mudou o planejamento porque as crianças se entusiasmaram e aderiram à proposta, envolvendo-se mais do que o esperado.
- Elenque as alterações que realizou em seus procedimentos de ensino a partir da avaliação processual.
- Essas alterações resultaram na melhoria da aprendizagem dos alunos? Justifique.
- Você permitiu que os estudantes realizassem uma autoavaliação sobre as produções?

- Você promoveu visitas culturais? Os objetivos planejados foram alcançados?
- Conseguiu realizar mostras/exposições/festivais de arte? Comente.

3. Avaliação do produto final do Projeto de Trabalho

A avaliação do trabalho final dos alunos, seja ele uma produção individual, seja em grupo, envolve a verificação do aprendizado de técnicas e também da ampliação do repertório cultural dos estudantes. Essa produção, portanto, deve refletir o aprendizado dos conteúdos estudados ao longo do Projeto de Trabalho e deve, principalmente, refletir o processo de elaboração e de planejamento dessa produção final.

Nesse sentido, é importante que os estudantes registrem o processo de elaboração e de construção da obra por meio de fotografias, desenhos, vídeos, gravação de voz, textos.

No mundo da arte, esse registro se chama **memorial descritivo**. O memorial descritivo artístico é uma pequena redação sobre o processo de trabalho, da prática artística e de outras preocupações mais amplas. Ele serve de explanação, em linhas gerais, dos conceitos, motivações e processos de um trabalho de arte.

Essa forma de registro auxilia na avaliação do produto final de um Projeto de Trabalho, pois ajuda na racionalização de um processo tipicamente subjetivo. Para auxiliá-lo na avaliação de produtos finais, elencamos algumas questões que podem dirigir tanto a sua crítica quanto a dos próprios alunos:

- Quais temas, ideias e preocupações vocês consideraram em seu trabalho?
- Existem quaisquer influências externas ou ideias, talvez fora do universo das artes, que têm influência sobre seu trabalho?
- Há uma “intenção” por trás do trabalho, o que você quer que o trabalho alcance?
- Existem teorias, culturas ou artistas ou escolas de pensamento que são relevantes para seu trabalho?
- Com que materiais e recursos vocês trabalharam? O que interessa a vocês sobre esses tipos de material?
- Por que você trabalha com esses materiais? Existe uma relação entre eles e as suas ideias?
- Que processos estão envolvidos no seu trabalho e como eles se relacionam com as suas ideias?

No caso do trabalho com crianças em fase de alfabetização, é possível dialogar com elas em uma roda de conversa. Assim, você poderá verificar quanto as crianças conseguiram absorver em relação aos conteúdos abordados e qual a relação deles com o produto final.

V. Estrutura geral da coleção

Para cumprir a proposta de trabalhar com Projetos de Trabalho, tendo como fundamento teórico a Arte-educação baseada na cultura visual e a Abordagem Triangular, cada livro desta coleção possui duas unidades temáticas que se configuram como Projetos de Trabalho e que duram um semestre letivo.

Essas duas unidades/projetos buscam trabalhar as quatro linguagens artísticas do componente curricular e, também, as diferentes linguagens integradas apontadas na BNCC e que contextualizam o estudo das linguagens.

Assim, cada projeto parte de uma questão disparadora que busca provocar o interesse dos estudantes. O trabalho desenvolvido a partir da pergunta busca levá-los a refletir sobre um *tema contemporâneo* (como direitos da criança e do adolescente, educação ambiental, vida familiar e social, educação para o consumo, trabalho, ciência e tecnologia e diversidade cultural), aliado ao estudo de uma *manifestação das artes integradas*, ou das artes que exploram as relações e as articulações entre as diferentes linguagens e suas práticas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, indicadas na BNCC:

Ainda que, na BNCC, as linguagens artísticas das Artes visuais, da Dança, da Música e do Teatro sejam consideradas em suas especificidades, as experiências e vivências dos sujeitos em sua relação com a Arte não acontecem de forma compartimentada ou estanque. Assim, é importante que o componente curricular Arte leve em conta o diálogo entre essas linguagens, o diálogo com a literatura, além de possibilitar o contato e reflexão acerca das formas estéticas híbridas, tais como as artes circenses, o cinema e a *performance*.

Atividades que facilitem um trânsito criativo, fluido e desfragmentado entre as linguagens artísticas podem construir uma rede de interlocução,

inclusive, com a literatura e com outros componentes curriculares. Temas, assuntos ou habilidades afins de diferentes componentes podem compor projetos nos quais saberes se integrem, gerando experiências de aprendizagem amplas e complexas.⁴⁴

Assim, cada unidade de cada volume da coleção possui:

1. *Abertura do Projeto*, que apresenta a questão disparadora e envolve os estudantes com imagens e textos instigantes e experimentações artísticas;
2. Dois *Capítulos*, que abordam de forma mais aprofundada linguagens artísticas que fazem parte do componente curricular e que ajudam na coleta de informações e em vivências que vão servir de fonte de pesquisa para resolver a questão disparadora do projeto;
3. *Fechamento do Projeto*, que apresenta de forma aprofundada a linguagem integrada ou híbrida estudada para que o produto final do projeto seja realizado.

A *Abertura do Projeto* traz textos e imagens que provocam a discussão e o debate acerca da questão disparadora, de forma reflexiva e contextualizada. Como os estudantes do 1º ao 5º ano são crianças, essa sensibilização busca ser lúdica, respeitando a faixa etária e as culturas infantis, e dialógica, por meio de uma roda de conversa inicial.

Nessa roda, professor e estudantes dialogam, o que permite que você desvele o que as crianças sabem sobre o problema, que outras questões ele abarca e que caminhos ele abre. Além disso, nesse momento, os estudantes vivenciam experimentações que desenvolvem competências e habilidades artísticas ao mesmo tempo que despertam seu interesse.

Cada um dos dois *Capítulos* que compõem uma unidade traz uma sequência didática relacionada ao aprendizado de uma linguagem artística por meio de atividades inspiradas na Abordagem Triangular desenvolvida por Ana Mae Barbosa e que também abarcam as seis dimensões do conhecimento presentes na BNCC, a saber: criação, crítica, estesia, expressão, fruição e reflexão.

Ressaltamos que o Projeto de Trabalho dialoga com a Abordagem Triangular. Ainda que a Abordagem Triangular proposta por Ana Mae Barbosa seja

⁴⁴ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 196.

voltada para o ensino das artes visuais e não oriente uma ordem ou sequência didática específica de organização dos vértices do triângulo, na coleção, nos apropriamos dessa proposta para o ensino de todas as linguagens.

Por isso, as atividades estão organizadas de modo que os estudantes aprendam arte de forma contextualizada e permeada de sentido. Além disso, o estudo dos capítulos garante o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, mas permite que você amplie o trabalho, trazendo outros procedimentos e pesquisas, além de outros saberes/linguagens que quiser e considerar relevantes, de acordo com o Projeto Político-Pedagógico da escola e rede de ensino de que participa.

Cada capítulo começa com a apresentação de uma obra de arte especialmente escolhida para que os estudantes continuem a refletir e construir respostas para o problema do projeto e, também, para apresentar alguns dos conteúdos obrigatórios da área de Arte.

A partir da apreciação e da contextualização da obra, o capítulo traz uma seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem ou saberes artísticos, mesclada a experimentações artísticas, que promovem a vivência necessária para a construção de seu percurso criador e autoral e, também, a construção de um olhar sensível e crítico, que busca desvelar o que há “por trás” da obra apresentada no livro, de acordo com o referencial teórico que embasa a coleção.

Além disso, o capítulo também apresenta outros trabalhos do artista que conheceram no início e traz uma seção de ampliação do repertório cultural dos estudantes, apresentando o trabalho de outros artistas, outras linguagens e outras culturas, estimulando a pesquisa e o trabalho coletivo, também de acordo com o referencial teórico.

O final de cada um dos dois capítulos propõe uma atividade de criação e produção artística com foco na linguagem estudada e que se relaciona à preparação do produto final do projeto.

Optamos por organizar as seções dos capítulos nessa ordem por acreditarmos que, quanto mais os estu-

dantes conhecerem e relacionarem o trabalho de artistas e grupos apresentados com seu contexto e a própria produção artística, mais serão capazes de criar e produzir arte.

O *Fechamento do Projeto* traz, também, a apresentação de uma obra e uma sequência de atividades que promove o aprendizado da linguagem artística integrada ou híbrida que se relaciona à pergunta apresentada na abertura, além de uma proposta de criação e produção que resultará no principal produto do projeto.

Desse modo, ao longo de um ano letivo, os estudantes entrarão em contato com artistas e obras de arte de diferentes linguagens, tempos e culturas, além de vivenciarem experimentações e criações que garantem um percurso criador e autoral com um repertório ampliado e uma visão crítica que permite a criação artística autônoma.

Por fim, vale destacar que em um Projeto de Trabalho é preciso mobilizar a curiosidade e o interesse dos estudantes para que o aprendizado aconteça. Assim, os cinco volumes da coleção trazem uma proposta de progressão das aprendizagens que visa tornar o estudo das linguagens artísticas sempre instigante.

A cada ano letivo, propomos temas de projetos, obras de arte, atividades, pesquisas, reflexões e produção de produtos cada vez mais complexos e desafiadores, estimulando as descobertas dos alunos e a construção de novos conhecimentos. Ainda assim, de acordo com aquilo que está previsto na BNCC, essas aprendizagens não estão propostas de maneira rígida⁴⁵, mas se relacionam com as anteriores e as posteriores na aprendizagem em Arte. Assim, sempre que julgar necessário, você pode adaptar a abordagem às necessidades e aos interesses da turma e também ao desenvolvimento do projeto, fazendo movimentos de retomada ou de antecipação de conteúdos, adaptando a complexidade do material e dos processos para o momento em que os alunos se encontram.

Com esse trabalho, a coleção busca desenvolver as competências específicas da área de Arte para os anos iniciais do Ensino Fundamental presentes na BNCC.

⁴⁵ BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018. p. 197.

1. Seções e boxes da coleção

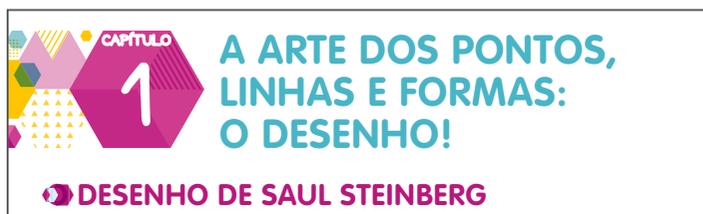
A seguir, apresentamos um esquema visual das seções e dos boxes que compõem cada volume da coleção. Os boxes fixos são apresentados dentro da seção em que aparecem. Os demais boxes são apresentados logo após as seções.

1. Introdução da unidade



É a abertura do Projeto de Trabalho. Nas duas primeiras páginas, apresenta uma imagem e a pergunta disparadora. Em seguida, há imagens e textos de sensibilização e, por fim, uma experimentação artística para que os alunos comecem a explorar o tema.

2. Abertura do capítulo



Cada capítulo aborda de forma mais aprofundada uma das quatro linguagens da arte, a partir da obra de um artista ou de um grupo em especial.

Para iniciar



O box “Para iniciar” traz perguntas para despertar o interesse do estudante e direcionar ao tema do capítulo.

3. Que obra é essa?



Seção que apresenta e promove a apreciação da obra do artista eleito para a construção do conteúdo do capítulo.

4. Como a obra foi feita?



Seção que desvela o produto artístico, mostrando que há um processo de construção da obra.

5. Conteúdos artísticos



Seção com conceitos estéticos, elementos da linguagem e saberes artísticos apresentados a partir da apreciação e da contextualização da obra principal do capítulo.

6. Atividade prática



Momento privilegiado para a criança “colocar a mão na massa”, ou seja, experimentar, a partir de um dos vetores do trabalho conhecido, uma criação. É importante ressaltar que, nas primeiras atividades práticas, as crianças podem ter pouca familiaridade com o modo de fazer arte proposto, mas a continuidade, o incentivo e as suas proposições possibilitarão ao aluno desenvolver autonomia e desfrutar cada vez mais do processo de criação em arte.

7. Outros trabalhos de



Apresenta outros trabalhos do artista para que os alunos possam conhecer mais de sua produção e de sua poética.

Sobre o artista



Breve biografia do artista ou grupo que aproxima o artista do ser humano comum, desmistificando para a criança o imaginário do artista inacessível.

Assim também aprendo



Seção que auxilia o estudante a verbalizar suas aproximações e repulsas ao trabalho do artista/grupo e é uma forma de auxiliá-lo a construir seu senso estético.

8. Ampliando o repertório cultural

AMPLIANDO O REPERTÓRIO CULTURAL

Oportunidade de trazer obras de outros artistas e linguagens que dialogam com o conceito estético desenvolvido no capítulo.

9. Experimentação

EXPERIMENTAÇÃO

Vivência de experimentações artísticas que desenvolvem competências e habilidades de arte ao mesmo tempo que despertam o interesse dos alunos.

10. O que estudamos

O QUE ESTUDAMOS

Momento em que o aluno revê o conteúdo desenvolvido ao longo do capítulo ou da unidade, tira dúvidas e reforça conceitos. Você pode aproveitar a seção para revisar algumas atividades que despertaram mais interesse nas crianças.

Dica de visitação

DICA DE VISITAÇÃO

Sugestões de visitas culturais que podem aproximar um artista/grupo local da escola e da construção do saber em Arte das crianças.

É hora de retomar o portfólio

É HORA DE RETOMAR O PORTFÓLIO

Construção passo a passo do produto final que os estudantes terão no fim do ano letivo: o portfólio.

11. Encerramento da unidade

PODEMOS FAZER
UM DESENHO QUE
SE MEXE E FAZ SONS!

É o fechamento do Projeto de Trabalho. Apresenta uma obra relacionada à pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos, auxiliando os alunos a respondê-la.

12. Fazendo arte

FAZENDO ARTE

Proposta de criação e de produção que resultará no principal produto do Projeto de Trabalho.

I. Saiba mais

SAIBA MAIS >>

Boxe que traz uma curiosidade ou mais informações sobre algum aspecto interligado à obra em questão ou ao tema abordado.

II. Arte e...

ARTE & MATEMÁTICA

Boxe que busca promover a interdisciplinaridade do conteúdo artístico com outro componente curricular.

III. Glossário

INSTALAÇÃO:
TIPO DE ARTE VISUAL QUE CRIA
OU MODIFICA UM AMBIENTE.

Apresenta conceitos para os alunos. Se julgar conveniente, você pode adotar o procedimento de escrever as palavras glossariadas na lousa e, quando pertinente, explorá-las no processo de alfabetização.

IV. Sugestão de...

SUGESTÃO DE...

Indicações de sites, vídeos, livros e filmes selecionados para os alunos.

2. Principais competências, objetos de conhecimento e habilidades da coleção

A seguir, apresentamos as principais competências, objetos do conhecimento e habilidades trabalhados na coleção.

1º ano
Unidade 1 - Podemos fazer um desenho que se mexe e faz sons?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Trabalho, ciência e tecnologia
Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
Competência de Arte
Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.
Unidade temática
Artes integradas – Desenho animado
Objeto do conhecimento
Arte e tecnologia
Habilidade
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> , etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 1
Unidade temática
Artes visuais – Desenho
Objeto do conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR02) Explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, movimento, etc.).
Capítulo 2
Unidade temática
Música – Paisagem sonora
Objeto do conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.
Unidade 2 - Brincar é importante?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Direitos da criança e do adolescente
Competências gerais
Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Compreender as relações entre as linguagens da Arte e suas práticas integradas, inclusive aquelas possibilitadas pelo uso das novas tecnologias de informação e comunicação, pelo cinema e pelo audiovisual, nas condições particulares de produção, na prática de cada linguagem e nas suas articulações.

Unidade temática

Artes integradas – Filme documentário

Objetos do conhecimento

Matrizes estéticas culturais

Arte e tecnologia

Habilidades

(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, softwares etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3

Unidade temática

Dança – Dança contemporânea

Objetos do conhecimento

Contextos e práticas

Processos de criação

Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.

Capítulo 4

Unidade temática

Teatro – Pantomima literária

Objeto do conhecimento

Processos de criação

Habilidades

(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.

(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.

(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.

2º ano

Unidade 1 - A arte faz pensar?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Educação ambiental

Competências gerais

Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, bem como conhecimentos das linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competência de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Competência de Arte

Desenvolver a autonomia, a crítica, a autoria e o trabalho coletivo e colaborativo nas artes.

Unidade temática
Artes integradas – Intervenção artística
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidade
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Capítulo 1
Unidade temática
Teatro – Teatro de manipulação
Objeto de conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidade
(EF15AR19) Descobrir teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais (variadas entonações de voz, diferentes fisicalidades, diversidade de personagens e narrativas etc.).
Capítulo 2
Unidade temática
Dança – Dança contemporânea
Objeto de conhecimento
Elementos da linguagem
Habilidades
(EF15AR09) Estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal na construção do movimento dançado.
(EF15AR10) Experimentar diferentes formas de orientação no espaço (deslocamentos, planos, direções, caminhos etc.) e ritmos de movimento (lento, moderado e rápido) na construção do movimento dançado.
Unidade 2 - Brinquedo pode ser arte?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Vida familiar e social
Educação para o consumo

Competências gerais
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Criação de exposição interativa
Objetos de conhecimento
Processos de criação
Matrizes estéticas e culturais
Habilidades
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
(EF15AR24) Caracterizar e experimentar brinquedos, brincadeiras, jogos, danças, canções e histórias de diferentes matrizes estéticas e culturais.
Capítulo 3
Unidade temática
Artes visuais – escultura
Objetos de conhecimento
Processos de criação
Sistemas de linguagem

Habilidades

(EF15AR05) Experimentar a criação em artes visuais de modo individual, coletivo e colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

(EF15AR06) Dialogar sobre a sua criação e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

(EF15AR07) Reconhecer algumas categorias do sistema das artes visuais (museus, galerias, instituições, artistas, artesãos, curadores etc.).

Capítulo 4

Unidade temática

Música – Música de concerto

Objetos de conhecimento

Elementos da linguagem

Notação e registro musical

Habilidades

(EF15AR14) Perceber e explorar os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo etc.), por meio de jogos, brincadeiras, canções e práticas diversas de composição/criação, execução e apreciação musical.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

3º ano

Unidade 1 - A arte pode ser feita com tudo?

Abertura e Fechamento do Projeto

Temas contemporâneos

Educação ambiental

Educação para o consumo

Competências gerais

Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competência de Linguagens

Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.

Competência de Arte

Experienciar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.

Unidade temática

Artes integradas – Criar uma instalação sonora com materiais inusitados.

Objeto de conhecimento

Processos de criação

Habilidade

(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Artes visuais – Assemblagem e fotografia

Objeto de conhecimento

Materialidades

Habilidade

(EF15AR04) Experimentar diferentes formas de expressão artística (desenho, pintura, colagem, quadrinhos, dobradura, escultura, modelagem, instalação, vídeo, fotografia etc.), fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais.

Capítulo 2

Unidade temática

Música – Música experimental

Objetos de conhecimento

Materialidades

Notação e registro musical

Habilidades
(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.
(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.
Unidade 2 - A arte pode fazer a gente se sentir bem?
Abertura e Fechamento do Projeto
Tema contemporâneo
Saúde
Competências gerais
Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competência de Linguagens
Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Festival de <i>clowns</i>

Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidade
(EF15AR23) Reconhecer e experimentar, em projetos temáticos, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.
Capítulo 3
Unidade temática
Teatro – Palhaçaria
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidades
(EF15AR20) Experimentar o trabalho colaborativo, coletivo e autoral em improvisações teatrais e processos narrativos criativos em teatro, explorando desde a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano até elementos de diferentes matrizes estéticas e culturais.
(EF15AR21) Exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, por meio de músicas, imagens, textos ou outros pontos de partida, de forma intencional e reflexiva.
(EF15AR22) Experimentar possibilidades criativas de movimento e de voz na criação de um personagem teatral, discutindo estereótipos.
Capítulo 4
Unidade temática
Dança – Dança e o Novo Circo
Objeto de conhecimento
Processos de criação
Habilidades
(EF15AR11) Criar e improvisar movimentos dançados de modo individual, coletivo e colaborativo, considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento, com base nos códigos de dança.
(EF15AR12) Discutir, com respeito e sem preconceito, as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola, como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios.

4º ano

Unidade 1 - A arte pode unir as pessoas?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Respeito e valorização do idoso

Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Organizar uma apresentação na escola

Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Música – Música brasileira

Objetos de conhecimento

Contexto e práticas

Notação e registro musical

Habilidades

(EF15AR13) Identificar e apreciar criticamente diversas formas e gêneros de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação, em especial, aqueles da vida cotidiana.

(EF15AR16) Explorar diferentes formas de registro musical não convencional (representação gráfica de sons, partituras criativas etc.), bem como procedimentos e técnicas de registro em áudio e audiovisual, e reconhecer a notação musical convencional.

Capítulo 2

Unidade temática

Dança – Danças afro-brasileiras

Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

Habilidade

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Unidade 2 - A arte pode construir lugares?

Abertura e Fechamento do Projeto

Tema contemporâneo

Diversidade cultural

Vida familiar e social

Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
Competências de Linguagens
Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.
Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.
Competência de Arte
Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.
Unidade temática
Artes integradas – Instalação interativa
Objetos de conhecimento
Patrimônio cultural
Arte e tecnologia
Habilidades
(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.
(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, <i>softwares</i> etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3
Unidade temática
Teatro – Musical
Objeto de conhecimento
Contextos e práticas
Habilidade
(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.
Capítulo 4
Unidade temática
Artes visuais – Gravura e relevo
Objetos de conhecimento
Contextos e práticas
Matrizes estéticas e culturais
Habilidades
(EF15AR01) Identificar e apreciar formas distintas das artes visuais tradicionais e contemporâneas, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético.
(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

5º ano
Unidade 1 - A arte tem raiz?
Abertura e Fechamento do Projeto
Temas contemporâneos
Diversidade cultural
Educação em direitos humanos
Competências gerais
Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Criar um festejo na escola

Objeto de conhecimento

Patrimônio cultural

Habilidade

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 1

Unidade temática

Música e artes integradas – Música indígena

Objetos de conhecimento

Materialidades

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR15) Explorar fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos, reconhecendo os elementos constitutivos da música e as características de instrumentos musicais variados.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 2

Unidade temática

Artes visuais e artes integradas – Azulejaria

Objetos de conhecimento

Matrizes estéticas e culturais

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR03) Reconhecer e analisar a influência de distintas matrizes estéticas e culturais das artes visuais nas manifestações artísticas das culturas locais, regionais e nacionais.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Unidade 2 - Arte é patrimônio?

Abertura e Fechamento do Projeto

Temas contemporâneos

Diversidade cultural

Educação em direitos humanos

Competências gerais

Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.

Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Competências de Linguagens

Conhecer e explorar diversas práticas de linguagem (artísticas, corporais e linguísticas) em diferentes campos da atividade humana para continuar aprendendo, ampliar suas possibilidades de participação na vida social e colaborar para a construção de uma sociedade mais justa, democrática e inclusiva.

Utilizar diferentes linguagens para defender pontos de vista que respeitem o outro e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, atuando criticamente frente a questões do mundo contemporâneo.

Competência de Arte

Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

Unidade temática

Artes integradas – Criação de filme usando a técnica *stop-motion*

Objetos do conhecimento

Patrimônio cultural

Arte e tecnologia

Habilidades

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

(EF15AR26) Explorar diferentes tecnologias e recursos digitais (multimeios, animações, jogos eletrônicos, gravações em áudio e vídeo, fotografia, *softwares*, etc.) nos processos de criação artística.

Capítulo 3

Unidade temática

Dança e artes integradas – Danças africanas

Objetos de conhecimento

Contextos e práticas

Patrimônio cultural

Habilidades

(EF15AR08) Experimentar e apreciar formas distintas de manifestações da dança presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

(EF15AR25) Conhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, em especial a brasileira, incluindo-se suas matrizes indígenas, africanas e europeias, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Capítulo 4

Unidade temática

Teatro - Mamulengo

Objeto de conhecimento

Contextos e práticas

Habilidade

(EF15AR18) Reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, aprendendo a ver e a ouvir histórias dramatizadas e cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

3. Material Digital do Professor

Complementa o trabalho desenvolvido no material impresso, com o objetivo de organizar e enriquecer o trabalho docente, contribuindo para sua contínua atualização e oferecendo subsídios para o planejamento e o desenvolvimento de suas aulas. Neste material, você encontrará:

- Orientações gerais para o ano letivo.
- Quadros bimestrais com os objetos de conhecimento e as habilidades que devem ser trabalhados em cada bimestre.
- Sugestões de atividades que favoreçam o trabalho com as habilidades propostas para cada ano.
- Orientações para a gestão da sala de aula.
- Proposta de projetos integradores para o trabalho com os diferentes componentes curriculares.
- Sequências didáticas para ampliação do trabalho em sala de aula.

VI. Referências para aprofundamento do professor

Arte-educação

BARBOSA, Ana Mae. *A imagem no ensino da Arte*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

_____. *Arte-educação: conflitos e acertos*. São Paulo: Max Limonad, 1984.

_____. *Arte-educação no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

_____. *John Dewey e o ensino da Arte no Brasil*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

_____. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

_____. *Teoria e prática da educação artística*. São Paulo: Cultrix, 1975.

_____. *Tópicos utópicos*. Belo Horizonte: C/Arte, 1998.

_____.; COUTINHO, Rejane. *Arte-educação como mediação cultural e social*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2009.

_____.; CUNHA, F. (Org.). *Abordagem Triangular no Ensino das Artes e Culturas Visuais*. São Paulo: Cortez, 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2018.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica*. Brasília, 2013.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais – Arte*. Brasília, 2000.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2010.

EFLAND, Arthur D.; FREEDMAN, Kerry; STUHR, Patricia. *La educación en el arte posmoderno*. Barcelona: Paidós, 2003.

FERREIRA, Sueli (Org.). *O ensino das artes: construindo caminhos*. 10. ed. Campinas: Papirus, 2015.

FUSARI, Maria R.; FERRAZ, Maria H. *Arte na educação escolar*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____. *Metodologia do ensino de Arte*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GEERTZ, Clifford. A Arte como um sistema cultural. In: _____. *O saber local: novos ensaios em Antropologia interpretativa*. 14. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Penso, 1997.

_____. *Pedagogia radical: subsídios*. São Paulo: Autores Associados/Cortez, 1983.

GRANT, N. *Multicultural Education in Scotland*. Edinburgh: Dunedin Academic Press, 2000.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 16. ed. Campinas: Papirus, 2005.

_____.; ROLNIK, Sueli. *Micropolítica: cartografias do desejo*. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____.; VENTURA, Montserrat. *A organização do currículo por projetos de trabalho*. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LAYTON, Robert. *A Antropologia da Arte*. Lisboa: Edições 70, 2001.

MARQUES, Isabel; BRAZIL, Fábio. *Arte em questões*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo revolucionário: pedagogia do dissenso para o novo milênio*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

RICHTER, Ivone M. *Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2003.

RIZZI, Maria Cristina de S. Caminhos metodológicos. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). *Inquietações e mudanças no ensino da Arte*. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SACRISTÁN, José G. A educação que temos, a educação que queremos. In: IMBERNÓN, F. (Org.). *A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. Currículo e diversidade cultural. In: SILVA, Tomaz T.; MOREIRA, Antônio F. (Org.). *Territórios contestados: o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Tomaz T. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Interdisciplinaridade

BOCHNIAK, Regina. *Questionar o conhecimento: interdisciplinaridade na escola*. São Paulo: Loyola, 1998.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. 2. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2011.

FAZENDA, Ivani C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 2002.

_____. *Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa*. 18. ed. Campinas: Papirus, 2016.

_____. (Org.). *Práticas interdisciplinares na escola*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JAMESON, Fredric. *A virada cultural: reflexões sobre o pós-moderno*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

JANTSCH, Ari P.; BIANCHETTI, Lucídio. *Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MATURANA, Humberto R.; VARELA, Francisco J. *A Árvore do conhecimento: as bases biológicas para a compreensão humana*. São Paulo: Palas Athena, 2004.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Portugal: Europa-América, 1996.

NICOLESCU, Basarab. *O manifesto da transdisciplinaridade*. 3. ed. São Paulo: Triom, 2017.

PAVIANI, Jayme. *Interdisciplinaridade: conceitos e distinções*. 3. ed. Caxias do Sul: Educs, 2014.

SANTOS, Boaventura S. (Org.). *Conhecimento prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisitado*. São Paulo: Cortez, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SANTOS, Vivaldo P. *Interdisciplinaridade na sala de aula*. São Paulo: Loyola, 2007.

SENGE, Peter M. *A quinta disciplina: arte e prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: BestSeller, 2009.

SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.

Artes visuais

AGUILAR, Nelson (Org.). *Bienal Brasil século XX*. São Paulo: Fundação Bienal, 1994.

ARGAN, G. C. *Arte moderna: do iluminismo aos movimentos contemporâneos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BERGER, John. *Modos de ver*. São Paulo: Rocco, 1999.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

CHIPP, Herschel. *Teorias da Arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DANTO, Arthur. *Após o fim da Arte: a Arte contemporânea e os limites da História*. São Paulo: Edusp, 2006.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HARRISON, Hazel. *Técnicas de desenho e pintura*. Rio Grande do Sul: Edelbra, 1994.

HAYES, Colin. *Guia completo de pintura y dibujo, técnicas y materiales*. Barcelona: Herman Blume, 1992.

KANDINSKY, Wassily. *Ponto e linha sobre plano*. Lisboa: Edições 70, 2006.

OSTROWER, Fayga. *Criatividade e processos de criação*. 24. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Audiovisual

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA FILHO, André. *Mídias digitais: convergência tecnológica e inclusão social*. São Paulo: Paulinas, 2005.

CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

COELHO, Raquel. *A arte da animação*. 3. ed. Rio de Janeiro: Formato, 2012.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

ESPERON, T. M. Educação para mídia. *Pedagogia da Comunicação: Caminhos e desafios*. In: PENTEADO, Heloísa D. (Org.). *Pedagogia da Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001.

FERRÉS, Joan. *Televisão e educação*. Porto Alegre: Artmed, 1996.

GALLIMARD, Jeunesse. *A imagem*. São Paulo: Melhoramentos, 2001.

GIACOMANTONIO, Marcello. *O ensino através dos audiovisuais*. São Paulo: Summus, 1981.

GRAÇA, Marina E. *Entre o olhar e o gesto: elementos para uma poética da imagem animada*. São Paulo: Senac, 2009.

HAMANN, Fernanda P.; SOUZA, Solange J.; PIRES, Cecília C. *Juro que vi... Lendas brasileiras: adultos e crianças na criação de desenhos animados*. Rio de Janeiro: Multirio/Núcleo de Publicações, 2004.

KUNSCH, Margarida (Org.). *Comunicação e educação: caminhos cruzados*. Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

LUCENA JÚNIOR, Alberto. *Arte da animação: técnica e estética através da história*. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

SILVA, Salete. T. A. Desenho animado e educação. In: CITELLI, Adilson. *Outras linguagens na escola: publicidade, cinema e TV, rádio, jogos, informática*. São Paulo: Cortez, 2008.

Música

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

BEYER, Esther. *Ideias em educação musical*. Porto Alegre: Mediação, 1999.

_____; KEBACH, Patrícia (Org.). *Pedagogia da Música: experiências de apreciação musical*. Porto Alegre: Mediação, 2015.

CAGE, John. *De segunda a um ano*. São Paulo: Cobogó, 2013.

FONTEERRADA, Marisa. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Ed. da Unesp, 2005.

KEBACH, Patrícia Fernanda Carmem (Org.). *Expressão Musical na Educação Infantil*. Porto Alegre: Mediação, 2013.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

MOURA, Ieda C.; BOSCARDIN, Maria T.; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. São Paulo: InterSaberes, 2013.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore*. Marseille: Wildproject, 2010.

_____. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Dança

BARRETO, Débora. *Dança... ensino, sentidos e possibilidades na escola*. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERREIRA, Táis; FALKEMBACH, Maria T. *Teatro e Dança nos anos iniciais*. Porto Alegre: Mediação, 2012.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

LABAN, Rudolf. *Dança educativa moderna*. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. *Domínio do movimento*. 5. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

_____. *Interações: crianças, dança e escola*. São Paulo: Blucher, 2012.

OSSONA, Paulina. *A educação pela dança*. 6. ed. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

VIANNA, Klaus. *A dança*. São Paulo: Summus, 2005.

Teatro

CABRAL, Beatriz. *Drama como método de ensino*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

_____. *Ensino do teatro: experiências interculturais*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998.

CHACRA, Sandra. *Natureza e sentido da improvisação teatral*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

COURTNEY, Richard. *Jogo, teatro e pensamento*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

DESGRANGES, Flávio. *Pedagogia do Teatro: provocação e diálogo*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.

JAPIASSU, Ricardo. *Metodologia do ensino do teatro*. 9. ed. Campinas: Papirus, 2001.

KOUDELA, Ingrid. *Brecht na pós-modernidade*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

_____. *Brecht: um jogo de aprendizagem*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

_____. *Jogos teatrais*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

_____. *Texto e jogo*. São Paulo: Perspectiva, 2010.

NOVELLY, Maria C. *Jogos teatrais: exercícios para grupos e sala de aula*. Campinas: Papirus, 1994.

SANTANA, Arão P. de. *Teatro e formação de professores*. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Vera Lúcia Bertoni dos. *Brincadeira e conhecimento: do faz de conta à representação teatral*. Porto Alegre: Mediação, 2004.

SILVA, Isabel de Oliveira e; SILVA, Ana Paula Soares da; MARTINS, Aracy Alves (Org.). *Infâncias do Campo*. São Paulo: Autêntica, 2013.

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.



Ensino Fundamental – Anos Iniciais
Componente curricular: Arte

Eliana Pougy

Bacharel em Comunicação Social pela
Fundação Armando Álvares Penteado (Faap)
Especialista em Linguagens da Arte pelo
Centro Universitário Maria Antônia da Universidade de São Paulo (Ceuma-USP)
Mestra em Educação pela Universidade de São Paulo (USP)
Doutora em Teoria Política com foco em Educação na
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP)
Autora de livros didáticos e paradidáticos sobre Arte

André Vilela

Licenciado em Educação Artística pela
Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp-SP)
Coordenador pedagógico do programa Fábricas de Cultura de São Paulo
Professor de cursos de capacitação e de formação de professores em Arte
Professor de História da Arte
Autor de livros didáticos sobre Arte

2ª edição

São Paulo, 2017

Atualizado de acordo com a BNCC.

ea
editora ática



editora ática

Direção geral: Guilherme Luz
Direção editorial: Luiz Tonolli e Renata Mascarenhas
Gestão de projeto editorial: Tatiany Renó
Gestão e coordenação de área: Alice Silvestre e Camila De Pieri Fernandes
Edição: Fabiana Marsaro e Renato Malkov (editores), André Saretto (assist.)
Gerência de produção editorial: Ricardo de Gan Braga
Planejamento e controle de produção: Paula Godo, Roseli Said e Marcos Toledo
Revisão: Hélia de Jesus Gonsaga (ger.), Kátia Scaff Marques (coord.), Rosângela Muricy (coord.), Ana Paula C. Malfa, Brenda Morais, Célia Carvalho, Celina I. Fuyama, Daniela Lima, Flavia S. Vênezio, Gabriela M. de Andrade, Maura Loria e Raquel A. Taveira
Arte: Daniela Amaral (ger.), Claudio Faustino (coord.), Yong Lee Kim (edição de arte), Jacqueline Ortolan e Lívia Vitta Ribeiro (edit. arte)
Iconografia: Silvio Klugin (ger.), Denise Durand Kremer (coord.), Thaisi Albarracin Lima (pesquisa iconográfica)
Licenciamento de conteúdos de terceiros: Cristina Akisino (coord.), Liliâne Rodrigues (licenciamento de textos), Erika Ramires e Claudia Rodrigues (analistas adm.)
Tratamento de imagem: Cesar Wolf e Fernanda Crevin
Ilustrações: Andrea Ebert, Galvão e Joana Resek
Design: Gláucia Correa Koller (ger. e proj. gráfico) e Talita Guedes da Silva (proj. gráfico e capa)
Ilustração de capa: ArtefatoZ

Todos os direitos reservados por Editora Ática S.A.
Avenida das Nações Unidas, 7221, 3º andar, Setor A
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902
Tel.: 4003-3061
www.atica.com.br / editora@atica.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Pougy, Eliana
Ápis arte, 3º ano : ensino fundamental, anos iniciais / Eliana Pougy, André Vilela. -- 2. ed. -- São Paulo : Ática, 2017.

Suplementado pelo manual do professor.
Bibliografia.
ISBN 978-85-08-18813-0 (aluno)
ISBN 978-85-08-18814-7 (professor)

I. Arte (Ensino fundamental) I. Vilela, André.
II. Título.

17-11325

CDD-372.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Arte : Ensino fundamental 372.5

2017

Código da obra CL 713535
CAE 624376 (AL) / 624377 (PR)
2ª edição
1ª impressão

Atualizado de acordo com a BNCC.

Impressão e acabamento





APRESENTAÇÃO

Brincar é importante? A arte faz pensar? Brinquedo pode ser arte? A arte pode ser feita de tudo? A arte pode unir as pessoas? Arte é patrimônio?

Essas e muitas outras perguntas fazem parte dos nossos pensamentos desde que nós tínhamos a sua idade!

Para responder a essas questões, estudamos arte na escola e também fora dela.

Assim, fomos aprendendo e organizando ideias, elaborando outras perguntas e ordenando pensamentos.

Afinal, nós só aprendemos quando fazemos perguntas e vamos atrás de respostas, não é mesmo?

Por esse motivo, procuramos trazer neste livro de Arte diversos questionamentos...

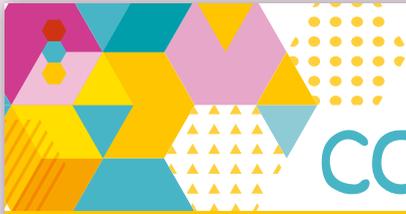
E é por isso que propomos a você que, ao longo dos estudos, busquemos, juntos, respostas para eles!

Vamos refletir sobre o fazer artístico, experimentar linguagens, apreciar as mais diversas obras, conhecer a vida e o trabalho de diferentes artistas e produzir muita arte.

Dessa maneira, esperamos que você chegue a algumas conclusões, faça várias descobertas e proponha muitas novas perguntas sobre arte!

Bom aprendizado!

Os autores

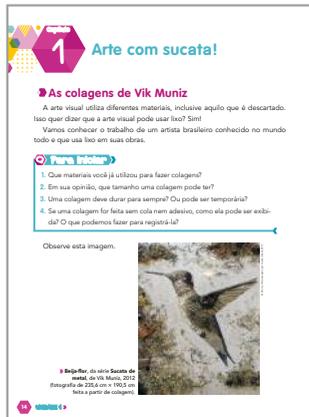


CONHEÇA SEU LIVRO

Ao folhear este livro, você vai ver que ele contém ilustrações, fotografias, imagens de obras de arte, textos e atividades. Vamos entender como ele está organizado?

Unidade

O livro tem duas unidades, com uma introdução, dois capítulos e um encerramento cada uma delas. A introdução apresenta uma imagem de página dupla e uma pergunta que vai conduzir o estudo de toda a unidade. Em seguida, há uma sensibilização e uma experimentação para você começar a explorar o tema.



Capítulo

Cada capítulo aborda uma linguagem artística. Além de aprender mais sobre as artes visuais, o teatro, a dança e a música, você realizará atividades e experimentações que vão auxiliá-lo a responder à pergunta da unidade.



Conhecendo obras e artistas

Cada capítulo começa com a apresentação do trabalho de um artista ou grupo, com exemplos de obras e informações sobre ele e as técnicas que utiliza. Em seguida, você vai conhecer mais sobre as linguagens artísticas, por meio de textos e atividades práticas.



Ampliando o repertório cultural

Você vai conhecer outras obras e artistas de diferentes linguagens artísticas que se relacionam com a obra do artista ou do grupo apresentado no início do capítulo.

Experimentação

Você vai realizar atividades de vivência e de experimentação artística, testando técnicas e explorando os elementos das linguagens da arte.

EXPERIMENTAÇÃO

Vamos fazer como Estêvão Marques e transformar colheres em tamborim?

Material necessário

- duas colheres

1 O primeiro passo é aprender a segurar as colheres!

a. Segure uma das colheres com o lado no qual se coloca a comida para cima, entre o dedo polegar e o dedo indicador.

b. Coloque a outra colher com o lado onde se coloca a comida para baixo, entre o dedo indicador e o dedo médio.

c. Em seguida, leve a ponta do dedo médio para a palma da mão e envolva os cabos das colheres com os dedos.

2 Registrando

Com um gravador de voz ou uma câmera de vídeo (pode ser do celular), registre o resultado da experimentação com o colherim. Depois, com a ajuda do professor de Informática Educativa, crie um CD ou um DVD e guarde no portfólio.

O QUE ESTUDAMOS

- Os artistas têm liberdade para expressar o que sentem e percebem do mundo à sua volta e, assim, produzir a sua interpretação sobre ela.
- Os materiais usados em uma obra de arte influenciam a interpretação que os observadores fazem dela.
- Os artistas visuais utilizam materiais diversos de forma intencional para transmitir sentimentos, causar sensações e provocar a reflexão de quem observa a arte.
- A arte produz nos alunos diversas sensações; ela pode nos dar muito prazer, mas também pode provocar certo estanhamento.
- Desestanhamento pode ser gerado pelo emprego de materiais inusitados, diferentes dos usuais.

Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem museus de arte visual, centros culturais ou galerias de arte? Já houve, não disse de visitar na companhia do professor e dos colegas? Aproveite a ocasião para conhecer outros tipos de arte. Você também poderia fazer visitas online a vários museus do Brasil e do mundo! Converse com o seu professor e descubra alguns.

É hora de retomar o portfólio

Como você aprendeu neste capítulo? Em uma folha de papel sulfite, escreva um texto curto que mostre o que você mais gostou de estudar.

O que estudamos

Finalizando o capítulo, há uma síntese dos assuntos abordados, dicas de visitas culturais e uma retomada do seu portfólio.

Fazendo arte

Para concluir a unidade retomamos a pergunta proposta inicialmente e trabalhada ao longo dos capítulos. Você vai realizar uma atividade de fazer artístico, inspirada nas obras dos artistas ou grupos estudados, que o ajudará a responder à pergunta inicial.

FAZENDO ARTE

Com os colegas, vamos criar instrumentos musicais que também podem ser uma escultura? Para isso, sugerimos alguns instrumentos feitos com sucata. Com criatividade, use outros materiais para decorá-los.

Clava

Material necessário

- 20 centímetros de cano de PVC de espessura média
- tampo de PVC que encaixe na boca do cano
- fita adesiva

1 Com a ajuda do professor, encaixe o cano de PVC no tampo, até que façam forma.

2 Depois de encaixar as duas partes, enrole-as com a fita adesiva para que elas não se soltem.

3 Para tocar, basta bater a ponta tampado do cano em piso duro de cerâmica, de concreto ou de pedra.

Chocalho

Material necessário

- uma lata de refrigerante ou de não-veneno
- pedrinhas ou cascalho
- fita adesiva

1 Para construir seu chocalho, primeiro leve a lata e espere secar.

2 Coloque as pedrinhas dentro da lata até preencher cerca de um terço do tamanho dela.

3 Em seguida, tampe o furo com fita adesiva.

4 Agora, experimente tocar seu chocalho. Para isso, é só balançar. Já no ritmo de música.

Tambá

1 Estique no pedagogo de plástico na boca de cada uma das latas e, com a ajuda de um colega do grupo, amarre-os com o barbante.

2 Com a ajuda do professor, prenda com a fita adesiva uma lata na outra, lado a lado.

3 Para tocar, bata no plástico com a ponta dos dedos. Como as latas são de tamanhos diferentes, haverá diferença também no som obtido em cada uma delas.

Instrumentos coletivos

1 Com a ajuda do professor, encaixe os anéis de lata de alumínio em pedregos de arame. Depois, dobre o arame na forma de um triângulo e prenda as pontas com fita adesiva. Se você chocalhar esse instrumento, ele faz um som espacial.

2 Você também pode criar flocos sonoros. É só colocar anéis de lata de alumínio em um fofo de náilon, deixando um espaço entre eles. Assim, eles farão mais som e podem se chocar, criando o som.

Material necessário

- dois pedaços de plástico resistente para cobrir a boca das latas
- duas latas de tamanhos diferentes
- dois metros de barbante
- fita adesiva

Material necessário

- anéis de lata de alumínio
- arame
- fio de náilon
- uma placa de madeira, de preferência de descarte
- tampas de panela de vários tamanhos
- canos de plástico de tamanhos e espessuras variados
- pedregos de madeira
- material de apoio, como grampo, fita adesiva, cola quente

Além dessas seções, seu livro também apresenta alguns boxes:

Arte e Geografia

Não é só a Arte que se dedica a pensar sobre os materiais usados nas produções humanas.

A Geografia também estuda as matérias-primas usadas em fábricas e indústrias, o modo como elas são trabalhadas e os problemas que seu uso pode causar na natureza. Os artistas, por outro lado, criam e recriam, com muita originalidade, obras que causam diversas sensações!

Você sabe de que material é feita a sua roupa e de onde ele veio? Que tal investigar?

Saiba mais

A capoeira é um tipo de arte marcial que utiliza o acompanhamento de instrumentos musicais para a sua prática. Ela é muito importante para a história do país, não apenas como arte marcial ou esporte, mas também como uma forma de transformar a vida de pessoas, criando novas oportunidades para elas. Não é incomum encontrar pessoas que tenham viajado pelo mundo, aprendendo a fazer outros estilos e montado suas próprias academias, por causa das oportunidades que a capoeira trouxe para elas.

Capoeira, 1946-1948. Foto de Pierre Verger (1902-1996). Salvador, Bahia.

Sugestão de...

Livro

Para conhecer histórias divertidas e aprender a tocar colheres, leia o livro **Colherim: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres**, de Estêvão Marques (Petrópolis, 2013).

Arte e...

Mostra como a arte se relaciona aos conteúdos e aos procedimentos de outros componentes curriculares.

Saiba mais

Apresenta curiosidades e mais informações sobre assuntos e conteúdos abordados no livro.

Sugestão de...

Apresenta uma seleção de sites, vídeos, livros e filmes para você.

Os ícones distribuídos em algumas páginas mostram como as atividades devem ser realizadas:



Atividade individual



Atividade em dupla



Atividade em grupo



Atividade oral



Atividade escrita



SUMÁRIO

Unidade 1 A arte pode ser feita com tudo? 8

Materiais da arte 10
Experimentação 13

Capítulo 1 Arte com sucata!.....14

As colagens de Vik Muniz..... 14

Para iniciar 14
Que obra é essa? 16
Como a obra foi feita? 18
A materialidade na arte 20
Materiais e texturas 20
Materiais e cores 22
Outros trabalhos de Vik Muniz 26
Ampliando o repertório cultural 28
O berimbô de Ivan Monsanto e Paulo Libonati 28
Arte e matérias-primas naturais 29
Experimentação 30
O que estudamos 31

Capítulo 2 Arte e materiais sonoros!..... 32

A música de Estêvão Marques..... 32

Para iniciar 32
Que obra é essa? 34
Como a obra foi feita? 36
Elementos da linguagem musical 38
Silêncio ou ruído? 38
Impulsão 39
Ritmo 39
Notação musical 40
Materiais sonoros e instrumentos musicais 44
Outros trabalhos de Estêvão Marques 46
Ampliando o repertório cultural 48
Gumboot 48
Copofone 49

Experimentação 50
O que estudamos 51

A arte pode ser feita com tudo!..... 52

A plástica sonora de Walter Smetak..... 52

Como a obra foi feita? 54
Fazendo arte 56
O que estudamos 59



Galvão/Arquivo da editora



Andrew Kemp/Arquivo da Família Smetak

Unidade
2

A arte pode fazer a gente se sentir bem? 60

Arte é vida! 62
Arte é energia! 63
Experimentação 64

Capítulo 3
Um espetáculo de alegria!..... 66

O teatro do grupo Circo Teatro Artetude.. 66

Para iniciar66
 Que obra é essa?.....68
 Como a obra foi feita?70
 Encenação por toda parte72
 Na TV72
 No cinema74
 No teatro74
 Nos festejos76
 Nas ruas76
 Outros trabalhos do Circo Teatro Artetude ..78
 Ampliando o repertório cultural.....80
 Os saltimbancos80
 O circo de Alexander Calder.....81
Experimentação82
O que estudamos.....83



Hulton Archive/Imagem/Getty Images

Capítulo 4

Dançando no ar!..... 84

A dança da Intrépida Trupe 84

Para iniciar84
 Que obra é essa?.....86
 Como a obra foi feita?88
 Movimento a todo momento90
 Corpo e brincadeira90
 Movimentos do corpo.....92
 Corpo e movimento na dança.....94
 Outros trabalhos da Intrépida Trupe96
 Ampliando o repertório cultural.....98
 O tecido acrobático.....98
 O diabolô99
Experimentação 100
O que estudamos..... 101

A arte pode fazer a gente se sentir bem!.....102

A palhaçaria do Doutores da Alegria 102

Que obra é essa?.....103
Fazendo arte106
O que estudamos..... 109

Bibliografia 110



Gabriel/Arquivo da editora

Unidade 1

A arte pode ser feita com tudo?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho prevista para durar um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto na unidade 1 contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte pode ser feita com tudo?
- **Temas contemporâneos:** Educação ambiental e educação para o consumo, com foco na reciclagem de materiais.
- **Capítulo 1:** Elementos constitutivos da linguagem visual, em especial da colagem e da fotografia.
- **Capítulo 2:** Elementos constitutivos da música, com foco em instrumentos musicais inusitados.
- **Produto final:** plástica sonora.

As questões do boxe e a ilustração ajudam a iniciar e apresentar as discussões da unidade 1, que traz um problema em forma de questão que se relaciona ao estudo da plástica sonora. Essa forma de arte caracteriza-se como uma mistura entre artes visuais e música que pode dar origem a obras surpreendentes.

A educação ambiental e a educação para o consumo, com foco na reciclagem, serão exploradas, ao longo do percurso dos capítulos, como exemplos de temas que podem ser pensados pela arte.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Identificar e reconhecer aspectos característicos das linguagens da arte visual e da música.
- Conhecer obras de diversas linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas às artes visuais e experimentações com suas materialidades e elementos de linguagem.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à música e experimentações com suas materialidades e elementos de linguagem.



Você tem ideia dos materiais e instrumentos que os artistas podem utilizar para produzir suas obras?

Será que um objeto de arte é sempre feito com papel e tinta ou pode ser feito com outros materiais? Quais outros materiais você já viu em alguma obra? Será que uma obra pode ser feita com colheres, chaleiras, canos de PVC, portas de carro, entre outros?

Afinal, a arte é feita com o quê?

9

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências desta unidade

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Desenvolver o senso estético para reconhecer, fruir e respeitar as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, inclusive aquelas pertencentes ao patrimônio cultural da humanidade, bem como participar de práticas diversificadas, individuais e coletivas, da produção artístico-cultural, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas.
- Experimentar a ludicidade, a percepção, a expressividade e a imaginação, ressignificando espaços da escola e de fora dela no âmbito da Arte.
- Estabelecer relações entre arte, mídia, mercado e consumo, compreendendo, de forma crítica e problematizadora, modos de produção e de circulação da arte na sociedade.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão a oportunidade de começar a reconhecer, em um projeto temático, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

- Estabelecer relações entre materialidades, sonoridades e expressão em suas produções.
- Estabelecer relações entre questões ambientais e produção artística.
- Apreciar instalações artísticas e descrever o que vê e sente em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.
- Criar uma plástica sonora com materiais inusitados.

❖ Materiais da arte

As questões propostas neste momento são uma extrapolação da discussão iniciada no box de abertura da unidade e têm a função de aproximar os estudantes do tema que será abordado: a materialidade na arte. Espera-se provocar reflexões sobre o fazer artístico e, ao mesmo tempo, desvelar o conhecimento prévio e a experiência dos alunos.

Explore as possibilidades de diálogo com cada material citado nas perguntas. Peça aos estudantes, por exemplo, que procurem se lembrar de uma atividade em que utilizaram canetinha e incentive-os a rememorar como a seguraram, quais eram as cores disponíveis, como a tinta se espalhava no papel e até mesmo qual era o seu cheiro. Faça o mesmo em relação ao giz de cera e a outros materiais de uso frequente na sala de aula, como lápis de cor, tinta guache, etc. Incentive as comparações explorando as semelhanças e as diferenças entre eles – por exemplo, qual é seco, qual é úmido, etc.

No caso de materiais pouco convencionais na aula de Arte, como a madeira, a pedra e o metal, converse com os alunos sobre a presença deles em seu cotidiano, perguntando, por exemplo: “Que objetos de seu dia a dia são feitos de madeira? E quais são feitos de metal?”; “Como vocês acham que a pedra costuma ser utilizada nas obras de arte?”. Estimule a percepção e a reflexão acerca das características desses materiais: “O metal é quente ou frio? Liso ou áspero? Ele quebra? Por quê?”; “E a pedra, pode ser quebrada ou cortada? Com que instrumentos?”; “O que corta a madeira?”; “Qual é o cheiro da madeira?”; “De onde vêm a madeira e o metal?”.

Em relação às cores, incentive os estudantes a identificar e expressar suas sensações e sentimentos.

Ao abordar as características do som, faça perguntas como: “Quais instrumentos musicais vocês conhecem?”; “Já fizeram uso de algum material diferente para extrair sons? Quais?”; “É possível fazer música com colheres, chaleiras, patinhos de borracha? Como?”.

❖ Materiais da arte

Como os artistas escolhem os materiais com que farão suas obras? Por que será que eles utilizam determinados objetos e instrumentos e não outros? Você acha que desenhar com giz de cera é igual a desenhar com canetinha? Será que uma escultura de madeira é feita do mesmo jeito que uma escultura de pedra ou de metal? Será que os artistas usam outros materiais para fazer suas esculturas?

Na sua opinião, por que um músico prefere determinado instrumento musical? Será que tocar a mesma música com instrumentos distintos faz alguma diferença? O som de um piano é diferente do som de um violão? Será que conseguimos fazer sons e criar músicas usando pedras, pedaços de madeira, cascas de coco e materiais recicláveis, entre outros?

E no teatro? Qual é a diferença de se fazer uma peça teatral com bonecos, sombras ou pessoas?

Vamos conhecer um pouco mais os materiais que podem ser usados nas artes visuais e na música. Assim, podemos pensar sobre todas essas escolhas e com o que a arte pode ser feita. Existem muitas possibilidades!

Materiais das artes visuais

Muitos artistas se expressam por meio das artes visuais, ou seja, com desenhos, pinturas, colagens, esculturas... Para produzir suas obras, eles utilizam diferentes materiais. Vamos conhecer alguns deles?



► Argila, tinta a óleo, tecido, sucata, lápis de cor e papel são alguns exemplos dos mais variados tipos de materiais usados para fazer arte. O escultor romeno Constantin Brancusi (1876-1957), por exemplo, tinha em seu ateliê alguns desses materiais, que utilizava para realizar suas obras. Na foto, podemos ver uma reconstituição do ateliê do artista feita no Centre Pompidou, em Paris, França, 2015.

Saiba mais

O Centre Pompidou é um grande complexo multicultural que abriga diversas linguagens artísticas: há espaço para artes visuais, música, literatura, entre outras manifestações artísticas. Além da reprodução do ateliê de Constantin Brancusi, o Centre Pompidou possui um museu, uma biblioteca e um centro de estudos e criação de música.



Centre Pompidou, Paris, França, 2017.

Veja nas imagens a seguir alguns dos materiais que os artistas visuais podem usar em suas obras. Será que você já usou algum deles?

As imagens não estão representadas em proporção.



Materiais naturais.



Tintas industrializadas.



Materiais recicláveis.



Tecido.

Sugestão de...

Site

O tema abordado na unidade pode propiciar várias reflexões sobre as relações entre arte, consumo, uso de materiais recicláveis e sustentabilidade. Para aprofundar o trabalho, sugerimos que você acesse o material **Eco Art**, disponível no site Arte na Escola, que propõe exercícios de leitura de imagem a partir de obras sobre ecologia e preservação da natureza. Disponível em: <<http://artenaescola.org.br/ecoart/material/>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Materiais das artes visuais

A materialidade em arte é mais do que um conceito, já que sem ela a arte não existe – mesmo que seja volátil ou utilizada apenas em projeto. A durabilidade e a capacidade expressiva da matéria são características que sempre motivam artistas de todas as linguagens.

Dê sequência à leitura do texto e peça aos alunos que observem as imagens. Levante algumas questões como: “Que objetos vocês veem nas imagens (da página 11)?”; “Quais materiais vocês conseguem identificar nas imagens?”.

Continue a discussão sobre os materiais das artes visuais propondo mais algumas questões: “Que materiais podem ser utilizados na produção de desenhos e pinturas?”; “Com quais materiais vocês já fizeram colagens?”; “Em algum momento vocês já pensaram em fazer desenhos, pinturas ou colagens usando uma porta de carro ou a folha de uma árvore? Acha isso possível?”.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Processos de criação

BNCC EF15AR06

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer a materialidade como elemento constitutivo das linguagens artísticas, dialogando também sobre as suas criações e as dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Materiais da música

Explore as imagens com os estudantes, incentivando-os a observar cada material e instrumento apresentados. Faça perguntas como: “Como são os instrumentos musicais retratados na foto maior?”; “Já viram alguém tocando instrumentos desse tipo?”; “Como eles são tocados?”; “O som produzido por eles é parecido com o de algum instrumento musical? Qual?”; etc. Por meio dessa conversa você poderá mobilizar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os materiais e instrumentos utilizados para produzir sons.

Informe que a Orquestra de Sons e Latas é um projeto desenvolvido pela organização não governamental (ONG) Moradia e Cidadania, que promove oficinas de sensibilização musical e construção de instrumentos com materiais reciclados na Escola Faustina de Luz, em Tubarão, Santa Catarina. Seus objetivos são a inclusão social e a redução da violência escolar por meio da educação musical.

Depois, peça que observem também as demais fotos e questione: “Quais instrumentos musicais vocês conhecem?”; “Que materiais presentes na imagem não são instrumentos musicais? Por que eles estão aqui?”.

◆ A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas de expressão musical que utilizam instrumentos não convencionais, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música, especialmente como forma de promover a inclusão social. Além disso, eles poderão explorar a voz e o corpo como fontes sonoras, a partir de um jogo, reconhecendo e associando sons aos objetos envolvidos na atividade.

Materiais da música

Há muitos artistas que se expressam por meio da música e dos sons. Para produzir suas obras, eles utilizam diferentes materiais e instrumentos.



► Apresentação musical da Orquestra de Sons e Latas, no X Fórum Mundial da Paz, Florianópolis, Santa Catarina, 2016. Todos os instrumentos utilizados na orquestra são construídos pelos educadores e alunos com materiais reciclados.

Você sabia que podemos produzir sons com os mais diversos elementos? Conheça alguns deles. O que mais será que podemos usar?

As imagens não estão representadas em proporção.



► Materiais naturais.



► Objetos do cotidiano.



► Materiais recicláveis.



► Corpo humano.

12 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

◆ Experimentação

Para realizar esta atividade, se possível, providencie três bolas de cores ou tamanhos diferentes, para que sejam facilmente diferenciadas entre si e a associação com os respectivos sons fique mais clara. Peça aos estudantes que fiquem bem atentos aos sons.

Combine com a turma quem vai começar a primeira rodada. Esse aluno deve atribuir o

som à primeira bola. O som pode ser criado tanto com a voz como com o corpo, batendo os pés no chão, por exemplo. Depois, escolha mais dois alunos para introduzir as outras duas bolas, uma por rodada. Se achar pertinente, repita a atividade algumas vezes mudando os sons utilizados para variar as combinações.

Este é um exercício de coordenação e de representação sonora por meio de símbolos

EXPERIMENTAÇÃO

Agora, vamos fazer uma experimentação!

Ao terminar o trabalho, compartilhe os resultados com os colegas e o professor. Depois, guarde um registro da atividade no **portfólio**.

Saiba mais >>

O portfólio é uma pasta ou caixa onde você deve guardar as suas produções. Ele serve para ajudar a lembrar o que foi estudado nas aulas de Arte!

Que tal jogar bola e combinar sons ao mesmo tempo?

- 1 Vá até a quadra ou o pátio da escola, conforme orientações do professor, para realizar esta brincadeira.
- 2 Forme uma roda com os colegas. A primeira rodada é jogada apenas com uma bola.
- 3 Você deve passar a bola para um colega e fazer um som ao mesmo tempo.
- 4 Depois, a segunda bola entrará na brincadeira e, em seguida, a terceira. Cada bola deve ser jogada com um som diferente.
- 5 Preste atenção nos sons que vão surgir quando todas as bolas estiverem na roda. Como podemos combinar esses sons?

Material necessário

- três bolas

Vimos que a arte utiliza materiais e instrumentos diversos e conhecemos alguns desses materiais que são usados nas artes visuais e na música. Você viu como um material, como as bolas, usadas durante a experimentação, pode fazer com que criemos obras de arte originais e únicas?

Então, será que há artistas que criam obras diferentes por causa dos materiais que escolhem? É possível juntar as linguagens artísticas mesmo com materiais tão diversos? Reciclar pode ser um jeito de criar arte?

Ao conhecer mais sobre artes visuais e música, vamos, juntos, conseguir responder a essas perguntas.

concretos (as bolas), e será importante para que os alunos exercitem a percepção sobre os diferentes sons que podem compor uma música, por exemplo.

Se achar interessante, após realizar a atividade, peça a eles que componham coletivamente uma sequência sonora por meio de desenhos das três bolas. Registre esta sequência na lousa ou em um cartaz e, ao final, execute-a com eles, utilizando uma das com-

binhações de sons que foram atribuídas anteriormente. Faça o papel de maestro e vá apontando as bolas para que eles acompanhem a sequência com mais facilidade.

Ao concluir a abertura da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 1 e 2. Neles, os alunos verão conteúdos importantes sobre duas linguagens artísticas – as artes visuais e a música – e poderão entender como elas se relacionam na composição de plásticas sonoras.

Antes de iniciar o trabalho com o capítulo 1, retome com os alunos a conversa inicial sobre os materiais que podem ser usados para produzir obras de arte. Em seguida, apresente o título do primeiro capítulo, “Arte com sucata!”, e, então, faça algumas perguntas como: “Do que será que fala esse capítulo?”; “É possível construir uma obra de arte visual a partir da reciclagem de materiais?”. A partir dessa conversa, é possível estabelecer a importância de pensar em reciclagem no mundo contemporâneo e também na produção artística.

Depois, junto com a turma, redija uma lista com tópicos relativos às atividades que serão realizadas durante o bimestre. A proposta é que os alunos levantem o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada: A arte pode ser feita com tudo? Abaixo há uma primeira lista de tópicos que pode ser usada como base para o que será trabalhado nos capítulos que seguem. Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola serem entrevistados pelos alunos, criando mais atividades e processos, entre outras possibilidades.

- Conhecer um ou mais artistas que utilizem materiais reciclados em suas obras.
- Descobrir mais sobre as artes visuais e seus elementos.
- Experimentar exercícios de arte visual.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que utilizem materiais inusitados.
- Criar uma obra que mostre o que aprendemos sobre artes visuais.

13

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Unidade 1 – Capítulo 1

Arte com sucata!

Ao iniciar os estudos do capítulo 1, retome com os estudantes a questão norteadora da unidade: “A arte pode ser feita com tudo?”. É sempre bom retomar, também, a lista de tópicos relativos aos conteúdos e atividades trabalhados durante o bimestre, disponível na página anterior.

As colagens de Vik Muniz

Para iniciar

Neste capítulo, os alunos vão conhecer os trabalhos do artista visual Vik Muniz, que em diversos momentos utiliza materiais recicláveis para compor suas obras, explorando propriedades como forma, cor, tamanho e textura. Além de ampliar o repertório artístico e cultural dos estudantes, os conteúdos e as atividades propostos visam discutir a utilização de materiais recicláveis na produção artística.

Faça a leitura das questões do boxe com os alunos e estimule-os a falar sobre as suas experiências com colagem. É possível que os alunos se prendam à ideia de colagem como o ato de grudar algo com cola. Esclareça com a turma que colagem não é necessariamente um trabalho feito com cola/adesivo, mas também pode ser uma disposição de materiais feita com certo objetivo, formando uma composição.

Peça que observem as imagens apresentadas e deixe-os comentar livremente. Feito isso, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e chegar a novas reflexões, fazendo perguntas como: “Que materiais vocês reconhecem nessas imagens?”; “Vocês acham que um trabalho que não utiliza materiais tradicionais, como tintas e pincéis, pode ser considerado obra de arte? Por quê?”; “Qual é a importância do material utilizado em uma obra de arte?”; “Vocês acham que as obras de arte feitas com materiais reutilizáveis têm o mesmo valor das obras de arte tradicionais?”.

Se possível, acesse o site do artista com a turma.



Arte com sucata!

As colagens de Vik Muniz

A arte visual utiliza diferentes materiais, inclusive aquilo que é descartado. Isso quer dizer que a arte visual pode usar lixo? Sim!

Vamos conhecer o trabalho de um artista brasileiro conhecido no mundo todo e que usa lixo em suas obras.

Para iniciar

1. Que materiais você já utilizou para fazer colagens?
2. Em sua opinião, que tamanho uma colagem pode ter?
3. Uma colagem deve durar para sempre? Ou pode ser temporária?
4. Se uma colagem for feita sem cola nem adesivo, como ela pode ser exibida? O que podemos fazer para registrá-la?

Observe esta imagem.



► **Beija-flor**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012 (fotografia de 235,6 cm x 190,5 cm feita a partir de colagem).

14 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem visual, como formas e padrões.
- Conhecer e realizar procedimentos das artes visuais.
- Apreciar obras de arte visual.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua leitura, explicando os sentidos que atribuiu às obras.

Beija-flor é uma obra de arte criada pelo artista brasileiro Vik Muniz (1961-). Ela mostra um beija-flor, ou colibri, um pequeno pássaro que vive nas Américas. Observe com atenção alguns detalhes dessa obra e procure identificar com que materiais ela foi elaborada.

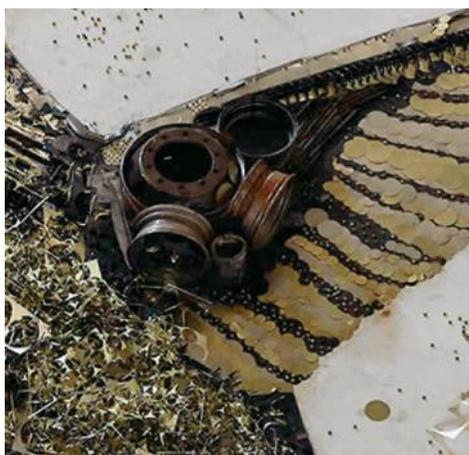


Foto: © Muniz, Vik/Licenciado por Alamy, Brasil, 2017.

▶ Detalhes de **Beija-flor**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012.

Quais materiais podem ser identificados nessa obra?
 Pelos materiais utilizados, você acha que essa obra é grande ou pequena?
 Na sua opinião, por que o artista criou a imagem de um pássaro usando esses materiais?

Sugestão de...

Site
 Visite a página do artista na internet, disponível em: vikmuniz.net/ (acesso em: 15 de outubro de 2017) e conheça mais sobre a obra dele.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

- Valorizar o autor das obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Compreender os valores estéticos do autor das obras apreciadas e procedimentos.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar e produzir uma obra de arte visual inspirada no trabalho de Vik Muniz.

Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Artes visuais.

Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a colagem e a composição visual como formas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, além de reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, materiais, etc.).

Que obra é essa?

Faça a leitura coletiva do texto para que os alunos se familiarizem com a obra de Vik Muniz e oriente a leitura das imagens apresentadas. Para isso, você pode fazer perguntas como: “Que materiais vocês conseguem identificar nessa obra?”; “Que cores são mais presentes?”; “Como vocês descreveriam a textura da obra?”; “O beija-flor de Vik Muniz é parecido com o beija-flor da foto?”; etc. Para que os alunos percebam como são realizadas as composições visuais do artista (com destaque para texturas, cores, formas e volumes), resalte o fato de ele ter usado restos de metal para compor seu trabalho e de, com isso, ter conseguido uma textura metalizada e brilhante que pode provocar muitas sensações.

Converse com os alunos sobre o fato de o artista utilizar sucata de metal em seu trabalho: “O que vocês pensam sobre o uso de sucata em uma obra de arte?”; “O que vocês acham que o artista quis transmitir usando sucata para fazer arte?”.

Incentive-os a compartilhar as impressões causadas pelas obras perguntando: “O que vocês sentem ao ver as imagens?”; “E o que vocês sentem ao descobrir do que elas são feitas?”; “Vocês gostam ou não gostam delas? Por quê?”; “O fato de o artista ter usado sucata nos leva a pensar sobre o meio ambiente? Por quê?”; “Se fossem feitas de algodão, por exemplo, que sensação causariam?”.

Que obra é essa?

A colagem **Beija-flor**, feita com sucata de metal, foi elaborada e fotografada por Vik Muniz. Ela faz parte de uma série de obras chamada **Sucata de metal**, composta de imagens da flora e da fauna.

Nessa série, Vik Muniz faz arte com o que é considerado lixo, transformando sucata em **matéria-prima** de seu trabalho.

O que você acha da ideia de utilizar sucata para fazer arte?

Ao criar uma ave de metal, usando materiais diferentes dos que estamos acostumados a ver na natureza, Vik Muniz pode causar uma sensação nova no observador, certo **estranhamento**...

matéria-prima:

aquilo que é utilizado para fabricar alguma coisa.

estranhamento:

incômodo que algumas obras de arte podem nos causar por serem diferentes daquilo que estamos acostumados a ver, ouvir e sentir.



▶ Beija-flor-bico-reto-de-banda-branca. Monte Alegre do Sul, São Paulo, 2014.



▶ Detalhe de **Beija-flor**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012.

As imagens não estão representadas em proporção.

Afinal, não parece estranho que na série **Sucata de metal** o artista tenha usado esse tipo de material para criar imagens de animais, como o beija-flor?

Essa sensação de estranhamento também pode nos fazer refletir, não é mesmo? Para você, que mensagem o **Beija-flor** de Vik Muniz transmite?

Ao utilizar sucata em suas obras, o artista expressa a inquietação de muitos de nós, cidadãos, em relação aos problemas ambientais resultantes da crescente quantidade de lixo que nossa sociedade vem produzindo nos últimos anos.

16

UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

[Vik Muniz] realiza, desde 1988, séries de trabalhos nas quais investiga, principalmente, temas relativos à memória, à percepção e à representação de imagens do mundo das artes e dos meios de comunicação. Faz uso de técnicas diversas e emprega nas obras, com frequência, materiais inusitados como açúcar, chocolate líquido, doce de leite, *catchup*, gel para cabelo, lixo e poeira. Em 1988, realiza a série de desenhos **The Best of Life**, na qual reproduz, de memória, uma parte das famosas fotografias veiculadas pela revista americana *Life*. Convidado a expor os desenhos, o artista fotografa-os e dá às fotografias um tratamento de impressão em periódico, simulando um caráter de realidade às imagens originárias de sua memória. Com essa operação inaugura sua abordagem das questões envolvidas na circulação e retenção de imagens. Nas séries seguintes, que recebem, em geral, o nome

Observe outras obras criadas pelo artista para essa série.

O que você sente ao ver estas imagens, sabendo o tipo de material que foi utilizado para criá-las?



▶ **Peixe de ouro**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012 (fotografia de 127 cm x 101,6 cm feita a partir de colagem).



▶ **Salamandra**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012 (fotografia de 116,8 cm x 101,6 cm feita a partir de colagem).



▶ **Cavalo-marinho**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012 (fotografia de 137,2 cm x 111,8 cm feita a partir de colagem).



▶ **Samambaia**, da série **Sucata de metal**, de Vik Muniz, 2012 (fotografia de 127 cm x 101,6 cm feita a partir de colagem).

do material utilizado – **Imagens de Arame, Imagens de Terra, Imagens de Chocolate, Crianças de Açúcar**, etc. –, passa a empregar os elementos para recriar figuras referentes tanto ao universo da história da arte como do cotidiano. Seu processo de trabalho consiste em compor as imagens com os materiais, normalmente instáveis e perecíveis, sobre uma superfície e fotografá-las. Nessas séries, as fotografias, em edições limitadas, são o produto final do trabalho. Sua obra também se estende para outras experiências artísticas como a *earthwork* e as questões envolvidas no registro dessas criações.

VIK Muniz. In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileiras. São Paulo: Itaú Cultural, 2017. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa9203/vik-muniz>>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Se possível, faça uma pesquisa de imagens de peixes, salamandras, cavalos-marinhos e samambaias para mostrar à turma, por meio de um projetor conectado a um computador, se este recurso estiver disponível. Estimule-os a fazer comparações entre os seres e as representações de Vik Muniz, pensando nas semelhanças e diferenças: “A obra se parece com o ser real (animal ou planta)? Por quê?”; “Quais são as diferenças? E as semelhanças?”; “Vocês acham que as obras têm algo em comum? O quê?”.

▶ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a colagem e a composição visual como formas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, além de reconhecer elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, materiais, etc.).

Como a obra foi feita?

Promova a leitura compartilhada do texto. Ao conhecer a intenção de uma obra, as crianças podem ampliar suas percepções e sua bagagem cultural, incorporando os procedimentos e os pensamentos do artista ao seu repertório, que poderá ser mobilizado posteriormente.

As obras de Vik Muniz são **figurativas**, ou seja, buscam mostrar as coisas como nossos olhos veem. Entretanto, suas obras surpreendem por serem feitas de materiais inusitados, inesperados. Ao ler as imagens com os alunos, pergunte o que eles sentem ao perceber esse fato e que tipo de relação existe entre o tema da obra e o material utilizado.

Incentive o levantamento de hipóteses acerca das características do trabalho e das motivações do artista e estimule-os a identificar os diferentes elementos utilizados na composição e a relacioná-los com a vida cotidiana com perguntas como: “Para vocês, esses materiais se parecem com o quê?”; “Em que momentos e situações eles são encontrados?”; “Como são usados?”.

Para ampliar a discussão, você pode preparar e conduzir uma atividade de apreciação de imagens de materiais. Para isso, selecione imagens diversas de materiais tradicionais e alternativos: tinta, pincéis, canetas, giz, papel, telas, gravetos, cola, areia, folhas, tecidos, pedra, madeira, corantes, utensílios de cozinha, arame, metal, vidro, etc. Ao mostrar as imagens para os alunos, faça perguntas como: “Para que serve isso?”; “O que podemos fazer com isso?”; “Onde encontramos este material? Podemos fazer arte com ele? De que tipo?”; “Este material serve só para fazer arte ou tem outras utilidades?”. Aproveite para destacar que muitos tipos de materiais podem ser usados na produção artística, e que alguns deles, como a tinta, têm procedimentos específicos de trabalho e outros surgem da criatividade e da pesquisa do artista.

Como a obra foi feita?

Como você viu, as colagens de Vik Muniz são **composições visuais** feitas com materiais **inusitados**, como restos de metal.

Além de usar materiais inusitados para compor suas imagens, Vik Muniz cria obras de grandes dimensões. Algumas chegam a ocupar toda a extensão de um galpão do tamanho de uma quadra de basquete!

Para fazer essas composições, o artista conta com o trabalho de muitos assistentes, que são orientados por ele para que coloquem cada material no local adequado. Depois, ele fotografa o resultado e expõe as reproduções em galerias e museus de arte.

O mais surpreendente é que, uma vez concluída essa sequência de trabalho, o artista desmonta a composição. Ou seja, uma obra não precisa obrigatoriamente ter cola para ser uma colagem!

Veja a seguir o artista trabalhando em uma de suas obras. Que objetos você reconhece nesta composição? Que figura esses objetos estão formando?



► Vik Muniz trabalhando em colagem feita com sucata para representar a Baía de Guanabara e o Pão de Açúcar, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

18 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Para onde vai o lixo?

[...] De acordo com o Ministério do Meio Ambiente, a produção diária de lixo nas cidades brasileiras chega a 150 mil toneladas. Deste total, 59% vão para lixões e apenas 13% são reaproveitados. Como só 7% das prefeituras fazem a coleta seletiva, o lixo seco, que poderia ser reciclado, acaba misturado com o lixo orgânico em grandes lixões a céu aberto, trazendo muitos prejuízos ao meio ambiente e à saúde das pessoas que vivem na redondeza.

[...]

Foi no Jardim Gramacho, maior aterro sanitário do mundo, localizado na cidade de Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, que Vik Muniz teve sua inspiração.

Esse aterro, desativado em 2012, ocupava uma área de 1 milhão de metros quadrados, aproximadamente 120 campos de futebol colocados um ao lado do outro, nas margens da baía de Guanabara e recebia, em média, 10 mil toneladas de resíduos por dia. Milhares de pessoas tiravam seu sustento desse local, recolhendo do lixo materiais para vender para reciclagem. Mesmo sem condições adequadas, o trabalho dos catadores era muito importante, porque eles separavam do lixo o material que poderia ser reciclado, contribuindo para a sustentabilidade e para a preservação do meio ambiente.

Impressionado com a realidade dos aterros sanitários, Vik Muniz constatou que também é possível fazer arte com sucata.

Sugestão de...

Filme

Lixo extraordinário é um documentário que relata o trabalho do artista plástico brasileiro Vik Muniz com catadores de material reciclável em um dos maiores aterros sanitários controlados do mundo na época, localizado no Jardim Gramacho, bairro periférico de Duque de Caxias, Rio de Janeiro. Dirigido por Lucy Walker (2010, 1 h 39 min).



► Vik Muniz em cena do filme **Lixo extraordinário**, de 2010.

Aterro sanitário

O melhor local para colocar o lixo das cidades é o aterro sanitário. Nele o terreno é preparado para impedir que o chorume penetre na terra e contamine o lençol freático. Primeiro é feito o nivelamento da terra e depois ela é coberta com argila e PVC para impermeabilizar o solo. O chorume é coletado através de tubos e encaminhado para um poço de tratamento, e o lixo é coberto diariamente, o que impede o mau cheiro, a poluição visual e o acúmulo de insetos e animais transmissores de doenças.

TURMINHA DO MPF. *EBC*, 22 set. 2015. Disponível em: <www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2015/09/pra-onde-vai-o-lixo>. Acesso em: 31 out. 2017.

Explique o que é um aterro sanitário e fale sobre o trabalho dos catadores nesses locais: “Vocês conhecem algum catador de material reciclável? Quem?”; “Como vocês acham que é o trabalho de um catador?”; etc.

Ao abordar o aterro do Jardim Gramacho, explore com os estudantes as dimensões que ele possuía enquanto estava em funcionamento e a grande quantidade de lixo que ele recebia (se necessário, esclareça para eles o significado de tonelada: mil quilogramas). Sondem os sobre a destinação do lixo de suas casas: “Existe coleta de lixo no bairro de vocês?”; “Vocês imaginam para onde vai o lixo da escola e das nossas casas?”.

Se for possível, exiba o filme **Lixo extraordinário** (2010) para a turma.

► A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a composição visual como forma das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético e reconhecendo elementos constitutivos das artes visuais (ponto, linha, forma, cor, espaço, materiais, etc.).

Sugestão de...

Leitura complementar

AQUINO, Wilson. Fechamento do Aterro de Jardim Gramacho deixou frustração a milhares de pessoas. *O Dia*, 11 set. 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/gD1ipq>>. Acesso em: 30 out. 2017.

A matéria aborda a situação do aterro do Jardim Gramacho e os impactos sociais gerados alguns anos após a desativação.

A materialidade na arte

Agora serão apresentados alguns elementos da linguagem visual: materiais, texturas, cores e suas propriedades.

Materiais e texturas

Há uma infinidade de materiais e texturas, seja as encontradas na natureza, seja as produzidas pelo ser humano. A pesquisa, exploração e produção de materiais e texturas é um importante procedimento para o trabalho dos artistas plásticos e visuais em geral. Os artistas gráficos e designers, por exemplo, utilizam muito diferentes materiais e texturas em seus projetos.

Realize a leitura coletiva do texto e oriente a observação das imagens pelos estudantes para que possam responder à pergunta proposta. Ajude-os a encontrar os colegas que escolheram a mesma imagem e peça que conversem sobre as sensações de cada um. Depois, abra a conversa para que a turma toda se expresse. Pergunte: "Vocês já viram de perto alguma dessas texturas?"; "Quais delas vocês já tocaram? O que sentiram?"; "Já perceberam a pele enrugada quando tomamos banho, por exemplo? Qual a sensação?". Ressalte que as sensações são particulares, portanto não existe certo ou errado nesse caso.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer elementos constitutivos das artes visuais, como textura e cor. Além disso, poderão experimentar a escultura como forma de expressão artística, fazendo uso sustentável de materiais, e experimentar a criação em artes visuais de modo colaborativo, explorando diferentes espaços da escola e da comunidade.

A materialidade na arte

Você conheceu algumas obras de Vik Muniz e viu exemplos de materiais inusitados que podem ser usados nas obras de arte visual. Agora, que tal aprender mais sobre a linguagem visual e seus elementos?

Materiais e texturas

Cada ser e cada coisa que existe no mundo possuem um relevo em sua superfície que chamamos de **textura**. Podemos perceber a textura dos objetos ao tocá-los ou observá-los.

Vamos apreciar mais de perto alguns tipos de textura?

As imagens não estão representadas em proporção.

A superfície do metal tem uma textura lisa.



A pele do jacaré é áspera.



A pele humana molhada pode ficar com uma textura enrugada.



A superfície do cacto é pontiaguda e áspera.



Algumas pedras têm uma textura porosa.



O algodão tem uma textura macia.



As nervuras caracterizam a textura das folhas.



As texturas podem transmitir as mais diversas sensações e provocar muitos sentimentos. Escolha uma das fotos acima e responda: O que você sente ao olhar para ela?

Resposta pessoal.

Procure os colegas que escolheram a mesma imagem que você. Compare sua resposta com a resposta deles. É possível que cada um tenha respondido algo diferente, porque as sensações são particulares. Mas alguns desses sentimentos e sensações em relação a determinadas texturas também podem ser comuns a muitas pessoas. Por exemplo, podemos sentir tranquilidade, suavidade, frio, quando a textura for lisa; ou raiva e calor, se a textura for áspera.

20 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Coleção de texturas

Proponha aos alunos que passem a observar atentamente as texturas presentes na natureza e nos objetos cotidianos, e que façam registros para que cada um crie uma coleção de texturas. Estes registros podem ser fotográficos ou por meio do desenho de observação. Com as texturas registradas (seja na memória de um celular ou em um caderninho, por exemplo), os estudantes terão um catálogo de texturas para consultar e utilizar os registros em suas produções, como desenhos, pinturas, esculturas, etc.

Assim como acontece com os seres e as coisas do mundo, as obras de arte visual também possuem texturas. Por isso, quando os artistas visuais elaboram suas obras, eles escolhem, de forma intencional, materiais com características específicas, pois por meio das texturas eles também expressam suas ideias, seus desejos e seus sentimentos.

Atividade prática

☺ Você sabia que pedras, folhas e outros elementos da natureza também podem se transformar em arte? Vamos explorar materiais diversos para fazer uma escultura.

- 1 Forme uma dupla com um colega. No pátio ou nos arredores da escola, recolha galhos, folhas e pedrinhas que achar interessantes. Procure materiais com texturas variadas.
- 2 Em sala de aula, forre a mesa com jornal.
- 3 Faça com a argila uma base para a escultura. Pode ser uma bola, um cone ou um cubo. A argila não pode estar muito seca, senão os objetos não vão grudar!
- 4 Converse com o colega sobre as texturas dos materiais que vocês recolheram e a sensação que querem transmitir com a escultura. Decida, então, a posição que cada material recolhido vai ocupar na escultura para que ela fique interessante. Encaixe-os na base de argila. Você pode também amarrá-los entre si com fita adesiva ou barbante. No fim, deixe a escultura secar.

Material necessário

- galhos, folhas, pedras, flores e outros materiais da natureza
- jornal para forrar
- argila



Sugestão de...

Site

No site do projeto *on-line* **Google Art Project** é possível ver bem de perto a reprodução de muitas obras de arte. Se possível, seria interessante acessar o endereço com os alunos para observar com eles as texturas de algumas dessas obras. Disponível em: <www.google.com/culturalinstitute/beta/>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Atividade prática

Para realizar esta atividade, proponha aos alunos uma visita exploratória a um jardim ou a uma área arborizada da escola ou de seus arredores e peça que atendem para a diversidade de formas, cores e texturas dos elementos da natureza presentes no ambiente.

Oriente as observações por meio de perguntas como: “Que formas têm as folhas das plantas que vemos aqui?”; “As formas são diferentes se vistas de perto ou de longe?”; “E a cor das folhas, é sempre igual ou varia?”; “Que diferenças vocês podem notar?”; “Quando uma folha fica na sombra, sua cor muda? Por quê?”; “A textura de uma folha seca é diferente de uma folha verde? O que muda?”; “Como é a cor dos troncos das árvores? Quais são as variações?”; “Como é a textura dos troncos?”; “Como é a textura das pedras? E da terra?”; etc.

Para destacar a variedade de texturas, peça aos estudantes que coletem do chão materiais diversos e examinem sua superfície. Incentive-os a identificar e a se manifestar sobre as sensações e os sentimentos relacionados às diferentes texturas. Oriente-os para que recolham alguns materiais que acharem interessantes, como folhas de árvores e arbustos, pequenas pedras, terra, lascas de árvores, etc. Durante a escolha dos materiais, oriente os alunos a serem cuidadosos ao recolher objetos do chão. Peça que deem preferência a folhas e flores secas, lascas soltas, desde que não apresentem riscos no manuseio.

No momento da realização da atividade, oriente-os na manipulação do material. Lembre-os de que para trabalhar com a argila eles precisam manter as mãos molhadas e que a argila precisa estar molhada para que os materiais se fixem nela. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Observe o trabalho das duplas com atenção e verifique se as decisões sobre a forma da base de argila e a disposição dos materiais estão sendo tomadas conjuntamente.

Materiais e cores

Neste momento, introduzimos alguns conceitos relativos à teoria da cor. É importante ressaltar que existem vários estudos acerca do tema e que ele é melhor compreendido quando estabelecemos relações com conceitos da Física e da Química.

Por conta da faixa etária dos alunos, em nossa abordagem privilegiamos o estudo das cores-pigmento opacas, que são as mais facilmente encontradas nos materiais artísticos utilizados por eles, como tinta guache, lápis de cor e giz de cera.

O mais importante agora é que os alunos possam realizar diferentes experimentações com as cores, observando na prática as gradações e os resultados das misturas entre elas.

Lembre-se de que as cores-pigmento primárias são as que se encontram em estado puro, ou seja, que não podem ser obtidas pela mistura de outras cores. Encontramos cor-pigmento em tecidos, objetos, impressões de imagens e pinturas, por exemplo, nos quais vemos a cor refletida pelos materiais.

Em relação às cores-luz, um feixe de luz branca, ao se decompor em um prisma ou em uma simples gota de água, separa-se em várias cores. Essas cores são chamadas de cor-luz. A cor-luz branca é a união de todas as cores-luz, enquanto a cor-luz preta é a ausência de luz e de cor. Para saber mais sobre a teoria das cores, sugerimos a leitura do artigo indicado a seguir.

Propriedades das cores

Apresente as propriedades das cores para os alunos e peça que observem com atenção as tarjas representativas de cada uma.

Sugestão de...

Leitura complementar

ROCHA, João Carlos. Cor-luz, cor-pigmento e os sistemas RGB e CMY. *Revista Belas Artes*, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/f6LyCV>>. Acesso em: 19 dez. 2017.

No artigo, o autor trata dos sistemas de cor e de suas relações.

Materiais e cores

Os artistas visuais também estudam as cores e os efeitos que elas causam umas nas outras quando são misturadas. Para isso, eles experimentam várias combinações.

Algumas misturas de cores despertam sensações, como harmonia, suavidade, delicadeza; outras criam um efeito vibrante, contrastante.

Sugestão de...

Livro

Se você gosta de poesia, sugerimos **Uma cor, duas cores, todas elas**, de Lalau e Laurabeatriz (Companhia das Letrinhas, 1997). Um livro em que as palavras, como tintas, servem para pintar ideias!



Reprodução/Companhia das Letrinhas

Propriedades das cores

As cores têm algumas propriedades, como matiz, saturação e brilho. Vamos conhecê-las?

- **Matiz** é a característica que define a cor.  Amarelo.
- **Saturação** é a característica que indica o grau de pureza de uma cor, ou seja, se ela foi misturada ou não com outra cor.  Amarelo-esverdeado.  Amarelo-avermelhado.
- **Brilho** ou **intensidade** é a característica que indica se uma cor é clara ou escura, ou seja, que indica a quantidade de preto ou de branco que uma cor tem.  Amarelo-escuro.  Amarelo-claro.

Classificação das cores

As cores podem ser classificadas em **cores-luz** e **cores-pigmento**.

As **cores-luz** são as cores que vemos quando um objeto emite luz, como as cores das telas de TV ou de computador, por exemplo.

As **cores-pigmento** são as cores que os objetos refletem quando são iluminados por uma fonte de luz (o Sol ou uma lâmpada, por exemplo).

Essas cores são classificadas conforme o seu tipo de pigmento: **opaco** ou **transparente**. Um exemplo de pigmento opaco é o da tinta guache. Um exemplo de pigmento transparente é o da tinta aquarela.

22 UNIDADE 1 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Cor-luz e cor-pigmento

A cor-luz origina-se diretamente de corpos luminosos. Exemplos: luz do Sol, das estrelas, de lâmpadas, de monitores (de computador)...

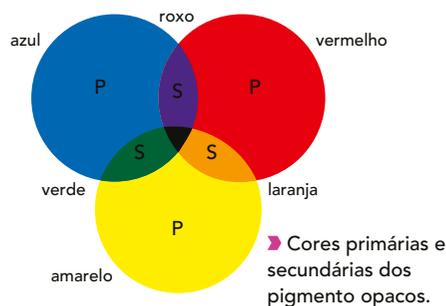
A cor-pigmento é a luz refletida pelo corpo, fazendo com que o olho humano perceba esse estímulo como cor.

Assim, a pintura e as outras artes plásticas baseiam-se na cor-pigmento. Já a fotografia, o cinema, a televisão e a arte eletrônica baseiam-se na cor-luz.

Disponível em: <www.ufpa.br/dicas/html/htm-cor4.htm>. Acesso em: 31 out. 2017.

É sobre as cores dos pigmentos opacos que vamos nos aprofundar neste momento, conhecendo as **cores-pigmento primárias e secundárias**.

- **Cores-pigmento primárias** são aquelas que, quando misturadas, produzem todas as outras cores. As cores primárias dos pigmentos opacos são o vermelho, o amarelo e o azul.
- **Cores-pigmento secundárias** são aquelas conseguidas por meio da mistura de duas cores primárias. Da mistura de amarelo com vermelho, por exemplo, podem resultar os mais variados tons de laranja.



Atividade prática

Vamos experimentar misturas de cores primárias para descobrir outras cores?

- 1 Umedeça a cartolina com algodão embebido em água.



Prado Marçal/Arquivo de autores

Material necessário

- meia folha de cartolina
- algodão
- tinta guache nas cores primárias
- três copinhos plásticos com água
- conta-gotas

- 2 Dilua um pouco de cada tinta nos copinhos com água. Depois, com o conta-gotas, pingue a tinta diluída na cartolina até que as cores se misturem.

- 3 Deixe secar e observe os resultados.

Sugestão de...

Livro

BANKS, Adam; FRASER, Tom. *O guia completo da cor*. São Paulo: Senac, 2010.

O livro reúne teoria da cor, prática e aplicações, compreendendo desde a teoria da cor abstrata até as implicações mais práticas do uso de cores-pigmento (CMYK) e cores-luz (RGB) fundamentais.

Classificação das cores

Apresente as classificações das cores para os estudantes e peça que observem com atenção a figura representativa. Faça uma sondagem com a turma sobre as cores representadas: “Vocês conhecem todas as cores mostradas aqui? Quais não conhecem?”; “Que nomes vocês dão às cores mostradas? Por quê?”. Verifique se eles compreenderam as classificações e as composições de cores a partir de misturas.

Atividade prática

Antes de iniciar a atividade, oriente os alunos para que formem as mesas com jornal, papel kraft ou plástico para evitar sujeira. O uso de avental (ou de um camiseta velho trazido para as aulas de Arte) também é importante para que a criança realize as atividades despreocupadamente.

Deixe que os alunos misturem as cores à vontade. No lugar do conta-gotas, eles poderão usar um canudo, segurando-o como uma pipeta. Levante questões durante o processo: “Que cor é essa?”; “Quais cores você misturou para chegar a esta?“. Se achar interessante, ao final, exponha os trabalhos de todos os estudantes e faça as mesmas perguntas para que a turma converse sobre as cores a que chegaram.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR06

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer a cor como elemento constitutivo das artes visuais por meio da experimentação com técnicas da pintura. Além disso, poderão dialogar sobre a sua criação e a dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Cores complementares

Faça a leitura coletiva do texto e peça que os alunos observem o círculo cromático com atenção. Nele aparecem 12 cores dos pigmentos opacos: as três primárias, as três secundárias e as seis terciárias.

- **Cores primárias:** não são resultado da mistura de nenhuma cor (azul, vermelho e amarelo).
- **Cores secundárias:** resultado da mistura de duas cores primárias (verde: azul + amarelo; laranja: amarelo + vermelho; roxo: azul + vermelho).
- **Cores terciárias:** cada uma é resultado da mistura de uma cor primária com uma cor secundária (roxo-avermelhado, laranja-avermelhado, laranja-amarelado, verde-amarelado, verde-azulado e roxo-azulado).

Enfatize que as cores complementares ocupam lugares opostos no círculo. Extrapole a questão sugerida no livro do aluno e pergunte quais as cores complementares do roxo e do laranja, por exemplo.

Cores e sensações

Leia com os alunos a pergunta proposta e peça que respondam em seus livros. Em seguida, estimule-os a comparar a resposta com a dos colegas. Faça algumas perguntas: "Quais foram as cores mais citadas?"; "Por que vocês acham que essas cores foram as mais citadas?".

Continue a leitura e peça que os alunos observem com atenção as tarjas cromáticas. Novamente, após responderem em seus livros, incentive-os a comparar a resposta entre si. Estimule-os com outras perguntas que possam ajudá-los a expressar suas sensações e emoções: "Vocês acham que essas cores combinam ou não com o frio/calor? Por quê?"; "A que outras sensações e sentimentos essas cores podem ser relacionadas? Por quê?".

Na atividade prática, você testou diferentes combinações de cores primárias. Muitas pessoas já estudaram essas combinações, por isso podemos saber o resultado da combinação que vamos fazer antes que ela aconteça! Para fazer isso, podemos utilizar o **círculo cromático**. Ele é uma representação das cores em forma de disco, no qual podemos ver o resultado da mistura das cores.

Qual é sua cor preferida?

Cores complementares

As cores também podem ser classificadas em **complementares** (ou **contrastantes**). As cores complementares são aquelas que mais oferecem contraste entre si. A cor complementar de uma cor primária resulta da mistura das outras duas cores primárias. Por isso, as cores complementares ocupam lugares opostos no círculo cromático. Assim, por exemplo, a cor complementar do vermelho é o verde, que é o resultado da mistura de azul e amarelo.



► Círculo cromático.

Qual é a cor complementar do amarelo?

Cores e sensações

Assim como as texturas, as cores também podem transmitir sensações. Você já pensou sobre isso? Vamos tentar? Qual cor você usaria para representar o frio?

Resposta pessoal.

Assim como acontece com as texturas, cada pessoa pode ter uma sensação diferente com relação às cores. Algumas sensações são comuns e, por isso, foram criadas classificações para as cores, por exemplo, cores **quentes** e cores **frias**. Observe as imagens abaixo. Qual delas você diria que tem cores quentes? E qual tem cores frias? Escreva sua resposta ao lado de cada uma delas.



Espera-se que os alunos digam que essa imagem apresenta cores quentes.



Espera-se que os alunos digam que essa imagem apresenta cores frias.

24

UNIDADE 1 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Proponha aos alunos uma extrapolação das reflexões, abordando outros sentimentos e sensações. Por exemplo: "Como vocês ficam quando sentem medo?"; "Como vocês representariam o medo?". Deixe-os livres para compor as representações por meio da expressão oral, facial, corporal, utilizando cores ou desenhos, etc.

Repita esta reflexão algumas vezes trocando o sentimento ou sensação. É possível abordar, por exemplo, sono, sede, cansaço, saudade, empolgação, etc.

Há uma gama muito extensa de cores e de tons; portanto, o que importa é a sensação que as cores transmitem para nós. Não há uma regra específica para saber quais são as cores frias e quais são as cores quentes. Mas costuma-se dizer que tons de azul e cores mais azuladas, como violeta ou verde-azulado, são frias, enquanto tons de amarelo e cores como vermelho e laranja são quentes.

As cores frias e as cores quentes também podem ser associadas aos sentimentos, como alegria e tristeza. Geralmente, dizemos que as cores quentes são cores mais alegres, e as cores frias são cores mais tristes. Você concorda com isso?

Atividade prática

1 Vamos colorir um papel utilizando as cores que lhe transmitem calma e tranquilidade. Para você, que cores poderiam expressar essas emoções?

1 Com um pilão, triture os pedaços de giz de cera para conseguir pequenos fragmentos coloridos.



2 Guarde os fragmentos em pequenos recipientes (use um para cada cor).

Material necessário

- pilão
- pedaços de giz de cera
- pequenos recipientes para colocar o giz triturado
- papel *canson*



3 Escolha as cores que transmitam a você a sensação de tranquilidade e jogue-as sobre o papel *canson*.

4 Por fim, esfregue com o dedo os pequenos fragmentos de giz sobre o papel. Mas tome cuidado com a quantidade! Apresente seu trabalho para os colegas e o professor.



Atividade prática

Oriente o trabalho, auxiliando os alunos a obterem os fragmentos de giz de cera e a esfregá-los sobre a superfície do papel. Ajude-os a controlar a quantidade de giz triturado espalhada sobre o papel para conseguir os efeitos coloridos. Quando os trabalhos estiverem prontos, proponha aos estudantes compartilhá-los. A cada apresentação, indague: “As cores utilizadas transmitem calma e tranquilidade? Por quê?”; “Elas também remetem ao frio? Por quê?”; “O que mais vocês sentem ao olhar para essas cores?”.

Ao final das apresentações, pergunte: “Que cores foram menos citadas como capazes de transmitir calma e tranquilidade?”; “A que emoções essas cores pode ser relacionadas? Por quê?”.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR06

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar e reconhecer a cor como elemento constitutivo das artes visuais por meio da experimentação com técnicas do desenho. Além disso, poderão dialogar sobre a sua criação e a dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

Texto complementar

Harmonia das cores

A conquista de uma composição cromática agradável depende principalmente de dois sistemas de regras: o equilíbrio e a harmonia. [...]

Combinar cores, seguindo determinadas regras que as inter-relacionam, de forma agradável, é o que podemos chamar de harmonia cromática. [...]

Como a harmonia depende de uma relação de equilíbrio de

forças, é importante o estudo das relações e interações entre as cores.

A interação de cores pode ocorrer:

- por meio das complementares (uma primária e uma secundária ou duas terciárias);
- pela complementaridade da mescla de duas primárias com a justaposição à terceira primária.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. São Paulo: Annablume, 2000. p. 75-77.

Outros trabalhos de Vik Muniz

Ao realizar a leitura, incentive o levantamento de hipóteses sobre a relação dos materiais utilizados com as figuras retratadas. Pergunte, por exemplo: “Ao fazer um retrato com diamantes, o que o artista quis dizer sobre a pessoa retratada?”. Incentive-os a estabelecer possíveis relações entre aspectos da identidade e as texturas e cores. Pergunte, por exemplo: “A textura lisa poderia representar que tipo de pessoa?”; “Que características físicas e de personalidade teria essa pessoa?”; “E a textura áspera? Que tipo de pessoa representaria?”; “Que aspectos físicos ou de personalidade poderiam ser representados pela cor vermelha? E pela cor amarela?”; e assim por diante.

Para contextualizar o uso de açúcar na obra **Valentina, a mais rápida**, explique que na série **Crianças de açúcar** o artista retratou crianças de famílias que cultivavam cana-de-açúcar no Caribe e que parte do lucro da venda das obras foi revertida para a comunidade dos participantes do projeto.

Se julgar necessário, verifique se ficou claro o papel da fotografia na obra de Vik Muniz. Pergunte aos alunos: “Na opinião de vocês, qual é a importância da fotografia nesses trabalhos do artista?”; “Sem o uso da fotografia, como seria possível apreciar essas obras?”.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR02

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a colagem, a composição visual e a fotografia como formas das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético, além de reconhecer elementos constitutivos das artes visuais, como ponto, linha, forma, cor, espaço, etc.

Outros trabalhos de Vik Muniz

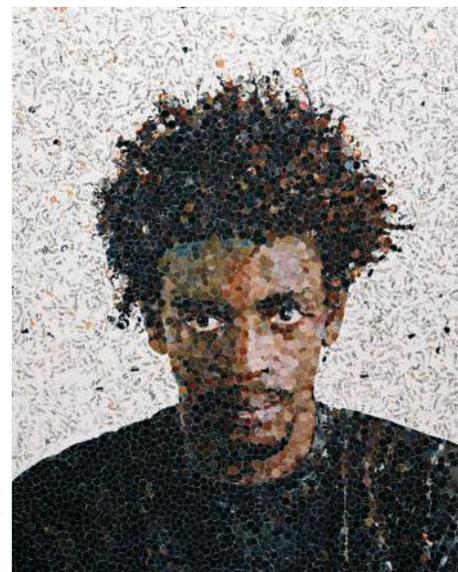
Vik Muniz se interessa em questionar os materiais tradicionalmente usados nas obras de arte. Algumas obras criadas pelo artista são feitas com diamantes, papel de revista, açúcar, algodão, terra... Trabalhar com esses materiais exige habilidades diferentes daquelas necessárias no trabalho com materiais tradicionais.

Depois de concluir suas obras, Vik Muniz as fotografa, e, assim, elas se tornam duradouras e podem ser expostas e apreciadas por muita gente.

Observe alguns desses trabalhos feitos, respectivamente, de açúcar, pequenos pedaços de papel, diamantes e soldadinhos de brinquedo.



► **Valentina, a mais rápida**, da série **Crianças de açúcar**, de Vik Muniz, 1996 (fotografia de 33 cm x 27 cm feita a partir de montagem).



► **Jorge**, da série **Retratos de revistas**, de Vik Muniz, 2009 (fotografia de 132,08 cm x 104,14 cm feita a partir de montagem).

26

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Composição de autorretrato

Material necessário: revistas e jornais velhos; papel *canson*; lápis preto; tesoura com pontas arredondadas; cola.

Proponha aos estudantes a criação de um autorretrato. Oriente-os para que sigam os seguintes passos:

1. Desenhar no papel o contorno do rosto com o lápis.
2. Procurar nas revistas e jornais imagens de cores e texturas que possam representar alguns de seus aspectos físicos e de personalidade e recortá-las.



▶ **Marlene Dietrich**, da série **Retratos de diamantes**, de Vik Muniz, 2004 (fotografia de 100,4 cm x 82,5 cm feita a partir de montagem).



▶ **Soldado de brinquedo**, da série **Monads**, de Vik Muniz, 2003 (fotografia de 243,8 cm x 182,9 cm feita a partir de montagem).

Que sensação você tem ao ver os retratos feitos com esses materiais?

Sobre o artista

Vik Muniz formou-se em publicidade e propaganda aos 22 anos de idade. Aos 23, mudou-se para Nova York, nos Estados Unidos, onde sua carreira de artista começou. Criava esculturas feitas de arame, que depois fotografava.

Aos 35 anos, depois de um período na Europa, começou a fazer desenhos **efêmeros** com algodão, terra...

Depois, criou séries fotográficas de colagens de grandes dimensões feitas com materiais inusitados, como o lixo.

Suas séries de fotografias são conhecidas no mundo todo e já foram expostas em muitos museus reconhecidos internacionalmente. É considerado um dos quinhentos artistas mais importantes do século XX.



▶ Vik Muniz.

• **efêmero:**
aquilo que dura pouco tempo.

Assim também aprendo



O que você achou do trabalho de Vik Muniz? Gostou de conhecê-lo? Com os colegas e com a ajuda do professor, crie um texto coletivo contando por que gostou ou não gostou da obra do artista.

3. Preencher o contorno do rosto com os recortes, de modo a formar uma composição que os represente.

Para ajudá-los a pensar sobre as cores e as texturas, antes de procurarem imagens nas revistas e jornais, faça algumas perguntas: "Que texturas podem expressar quem você é? A enrugada, a lisa, a áspera, a que é cheia de linhas?"; "E as cores? As fortes, as suaves ou uma combinação delas?";

Ao final, peça que os estudantes falem para os colegas sobre os seus autorretratos e contem sobre as escolhas que fizeram.

Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta, sugira aos alunos a criação coletiva de um texto crítico sobre o trabalho de Vik Muniz. É importante que eles revisitem as atividades, leituras e conversas que tiveram até o momento. Se, ao longo dos estudos, você fez registros das falas e discussões da turma e se algumas de suas anotações e produções estiverem disponíveis neste momento, utilize esses recursos para que os alunos rememorem o que foi realizado.

Peça que os alunos comentem aquilo que foi estudado. Pergunte-lhes: "O que vocês conheceram sobre o artista?"; "O que aprendemos sobre fazer arte com materiais recicláveis?"; "Como podemos usar sucata para fazer artes visuais?"; "Por que o artista escolheu usar sucata para produzir suas obras?"; "O que há de mais interessante em utilizar materiais recicláveis para produzir arte?".

Se achar pertinente, proponha que escrevam uma primeira versão do texto em duplas. Para a escrita desse primeiro texto, sugira etapas que os auxiliem na tarefa:

- Identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título adequado ao texto que ajude o leitor a antecipar o tipo de crítica que encontrará.

Em seguida, registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma. Depois, peça aos alunos que copiem o texto coletivo em uma folha à parte para arquivá-lo no portfólio.

Ampliando o repertório cultural

O berimbô de Ivan Monsão e Paulo Libonati

Antes de realizar a leitura com os alunos, faça uma sondagem com a turma: "Alguns de vocês praticam ou conhecem alguém que pratique capoeira?"; "Vocês já viram alguém tocando berimbau? Como é o som?". Se houver alguém que jogue, pergunte se poderia ensinar alguns movimentos básicos aos colegas. Se preferir, você também pode escolher um vídeo de roda de capoeira na internet e mostrá-lo aos alunos para que eles possam observar os movimentos que são realizados. Depois, você pode propor aos estudantes que tentem imitar os movimentos que conheceram.

Ao dar andamento à leitura do texto e das imagens, peça aos estudantes que comparem o berimbau convencional e o berimbô: "O que eles têm de diferente? E de parecido?". Ressalte que o berimbô foi feito com partes recicladas de equipamentos eletrônicos.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

BNCC EF15AR08

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de conhecer manifestações que fazem parte do patrimônio cultural, material e imaterial, da cultura brasileira, especialmente suas matrizes indígenas e africanas. Poderão apreciar a capoeira como forma de manifestação da dança e o artesanato com matérias-primas naturais como forma das artes visuais tradicionais.

Sugestão de...

Vídeo

Se possível, mostre aos alunos o vídeo do berimbô em funcionamento. Disponível em: <<https://goo.gl/BKSREs>>. Acesso em: 31 out. 2017.

Ampliando o repertório cultural

O berimbô de Ivan Monsão e Paulo Libonati

Os engenheiros Ivan Monsão e Paulo Libonati criaram um instrumento musical diferente: uma mistura de robô e berimbau. Você conhece o berimbau?

O berimbau é um instrumento musical de percussão de origem africana, um ícone da cultura popular da Bahia e usado em conexão com uma arte marcial chamada capoeira, criada no Brasil por descendentes de africanos que foram escravizados e trazidos para o Brasil.

Saiba mais

A capoeira é um tipo de arte marcial e uma dança que utiliza o acompanhamento de instrumentos musicais para a sua prática. Ela é muito importante para a história do país, não apenas como arte marcial ou dança, mas também como uma forma de transformar a vida de pessoas, criando novas oportunidades para elas. Não é incomum encontrar pessoas que tenham viajado pelo mundo, aprendido a falar outros idiomas e montado suas próprias academias, por causa das oportunidades que a capoeira trouxe para elas.



► Capoeira, 1946-1948, foto de Pierre Verger (1902-1996). Salvador, Bahia.

O berimbau é composto de um arco de uma madeira chamada **biriba** e possui um fio de aço preso entre suas extremidades. A casca seca de uma fruta chamada **cabaça** é presa próxima a uma das extremidades do arco por meio de um barbante. Os elementos usados para tocar o berimbau são: uma vareta feita da mesma madeira do arco, uma moeda ou pedra e um pequeno chocalho contendo conchas ou sementes em seu interior.

O berimbô é um berimbau robotizado capaz de tocar sem a intervenção humana. Sua versão inicial foi resultado de um trabalho desenvolvido pelos estudantes Érico Santos e Fúlvio Serpentine, em 2004, como um desafio para acelerar o seu aprendizado na área de engenharia. Eles deveriam reciclar partes de computadores, máquinas de escrever e outros equipamentos para fazer um berimbau automático. O berimbô evoluiu e a ver-



► O berimbô.

28

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Uma das responsáveis pelo estilo de criar bonecas de cerâmica no Vale do Jequitinhonha na década de 1970 foi a artesã Isabel Mendes da Cunha (1924-2014). Desde pequena, ela tinha contato com o barro, pois sua mãe já fazia peças de cerâmica.

Sua técnica de cerâmica incluía já desde essa época o engobo, isto é, o revestimento com pigmentação de produtos naturais, principalmente a tabatinga, que é um pigmento mineral branco.

[...] Foi após ficar viúva que começou a produzir em Santana [do Araçuaí (MG)], no final da década de 1970, as representações pelas quais ficaria famosa, as figurações em cerâmica de cenas familiares e as noivas e noivos. Como aquelas primeiras peças tinham o objetivo de serem utili-

são atual foi criada pelos engenheiros Ivan Monsão e Paulo Libonati para ser usado em programas de popularização da ciência e da tecnologia, mostrando como elas podem ter diferentes funções.

O que você pensa sobre um robô substituir um músico? Será que a música vai ser boa?

Arte e matérias-primas naturais

O material usado nas obras de arte pode estar diretamente relacionado ao local onde os artistas vivem.

No Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais, por exemplo, os artistas locais utilizam barro, madeira, palha e outros produtos naturais em suas produções. O resultado são trabalhos conhecidos em todo o Brasil!

O Vale do Jequitinhonha é uma região do norte do estado de Minas Gerais que abrange por volta de oitenta cidades. Lá vivem cerca de 1 milhão de pessoas e a maioria reside na área rural, praticando agricultura e pecuária.

Desde a década de 1970, artistas da região passaram a se organizar em associações, como a Associação Comunitária das Mulheres Criativas, que reúne artesãs da cidade de Almenara e promove ações para ajudar na comercialização de seus trabalhos e na sua profissionalização.



▶ Peças de barro do Vale do Jequitinhonha, 2015. Por meio da arte, várias famílias do Vale do Jequitinhonha podem viver com melhores condições financeiras!

Arte e Geografia

Não é só a Arte que se dedica a pensar sobre os materiais usados nas produções humanas.

A Geografia também estuda as matérias-primas usadas em fábricas e indústrias, o modo como elas são trabalhadas e os problemas que seu uso pode causar na natureza.

Os artistas, por outro lado, criam e recriam, com muita originalidade, obras que causam diversas sensações!

Você sabe de que material é feita a sua roupa e de onde ele vem? Que tal investigar?

▶ CAPÍTULO 1 29

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

zadas como moringa, as cabeças das peças eram móveis e serviam de tampa. Posteriormente as transformou em esculturas e passaram a ser apreciadas e valorizadas do ponto de vista estético.

MUSEU AFRO BRASIL. Disponível em: <www.museuafrobrasil.org.br/pesquisa/indice-biografico/lista-de-biografias/biografia/2017/06/29/isabel-mendes-da-cunha>. Acesso em: 31 out. 2017.

Para Isabel, sua técnica não era um conhecimento que deveria ser mantido em segredo, mas sim compartilhado com quem quisesse aprender.

Arte e matérias-primas naturais

Após realizar a leitura do texto com os alunos, peça que observem a imagem e comentem o que acham dos trabalhos de artesanato representados. Levante algumas questões: “Vocês conhecem alguém que faz artesanato com matérias-primas naturais?”; “O que vocês acharam da ideia dos artistas de montar uma associação para promover a comercialização do que produzem?”.

Muitos artesãos da região do Vale do Jequitinhonha têm a cerâmica como sua forma de sustento, por isso a região ficou conhecida pela produção de bonecas de barro.

Sugestão de...

Livro

DALGLISH, Lalada. *Noivas da seca: cerâmica popular do Vale do Jequitinhonha*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2008.

O livro aborda fatores estéticos e socioculturais relacionados à produção das bonecas de barro no Vale do Jequitinhonha.

Arte e Geografia

Para fazer esta investigação, peça aos alunos que observem em casa as etiquetas de suas roupas e registrem no caderno as informações sobre a composição e a procedência. Depois, em sala, organize uma conversa para compilar esses dados e analisar quais são mais recorrentes.

Interdisciplinaridade: Arte e Geografia na BNCC

Produção, circulação e consumo

BNCC EF04GE08

A investigação proposta dará aos estudantes a oportunidade de descrever e discutir o processo de produção, circulação e consumo de suas roupas. Esta é uma antecipação de conteúdo que consta do 4º ano de Geografia da BNCC. No entanto, trata-se de uma abordagem inicial, que poderá ser devidamente aprofundada no ano seguinte.

Experimentação

Seria interessante organizar uma coleta prévia de materiais, envolvendo familiares e vizinhos, para que a turma disponha de opções variadas para realizar a atividade.

Na escolha do tema para a colagem, recomende aos alunos uma conversa sobre as imagens que podem criar para cada assunto de interesse do grupo. Se for esporte, por exemplo, peça que pensem em que tipo de esporte querem representar, com quais materiais podem fazer isso, etc. Essa conversa permitirá que eles tenham mais ideias sobre o que querem fazer, dando-lhes também a oportunidade de avaliar as dificuldades que podem encontrar.

Ajude-os a solucionar problemas de produção e montagem de colagens e composições e a manter a ordem para que não haja desperdício de materiais.

Ao final, oriente-os para que realizem vários registros fotográficos, para que possam analisá-los e chegar aos melhores resultados.

Expondo

Oriente a montagem da exposição de fotos. Se possível, escolha um lugar de grande circulação na escola, para que outras turmas também possam ver.

Se os alunos se interessarem pela ideia de expor as fotografias em um *blog*, explore com eles as possibilidades da ferramenta. Há vários *sites* que hospedam *blogs* gratuitamente, com passo a passo sobre como construí-los. No Portal do Professor, *site* do Ministério da Educação, na área de "Recursos e materiais", também é possível encontrar tutoriais para a montagem e a utilização de *blogs* (disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br>>. Acesso em: 8 dez. 2017). Se preferir, convide o professor de Informática Educativa para ajudá-lo com esses procedimentos.

Combine com a turma a forma que os trabalhos serão publicados: pode ser individualmente, foto a foto, em pares, com os autores, etc. É importante também deixar espaço para comentários, para que os visitantes e convidados possam enviar recados para os pequenos artistas. Lembre-se de pedir autorização aos responsáveis antes de publicar fotos dos alunos na internet!

EXPERIMENTAÇÃO

Vamos fazer como Vik Muniz e criar uma série de fotografias a partir de colagens com materiais inusitados?

1 Com mais dois colegas, escolha um tema para a colagem. Deixe a imaginação correr solta!

2 Providencie materiais inusitados para fazer a colagem! O grupo pode utilizar uma folha de papel-cartão ou meia folha de papel paraná como suporte e sobre ela trabalhar com os materiais escolhidos.

3 Depois, fotografe o resultado da composição. Para isso, posicione a câmera acima do papel, sem desmanchar o trabalho de vocês. Cuidado com a luz e a sombra! Muitas vezes, quando a fotografia é feita de cima, a sombra do fotógrafo aparece na foto. Por isso, é necessário iluminar bem o objeto a ser fotografado.

4 Com a ajuda do professor, transfira as imagens para o computador e, se possível, faça cópias para montar uma exposição. Você pode também criar um *blog* para expor suas fotografias!

Material necessário

- materiais diversos para colagem (areia, terra, algodão, lixa, plásticos, caixas pequenas, tampas de garrafa, botões, etc.)
- papel-cartão ou papel paraná
- fita adesiva, cola bastão e grampeador para fixar
- câmera fotográfica (ou celular que tenha essa função)
- computador



Expondo

Vamos montar uma exposição com as fotografias? Siga as orientações do professor para organizá-la.

Registrando

Guarde, no portfólio, uma reprodução da obra criada por seu grupo.

30

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04

Processos de criação

BNCC EF15AR05 BNCC EF15AR06

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar a criação em artes visuais de modo coletivo e colaborativo por meio da experimentação da colagem e da

composição como formas da expressão artística, fazendo uso sustentável de materiais, instrumentos, recursos e técnicas convencionais e não convencionais. Além disso, poderão dialogar sobre a sua criação e a dos colegas, para alcançar sentidos plurais.

O QUE ESTUDAMOS

- Os artistas têm liberdade para expressar o que sentem e percebem do mundo a sua volta e, assim, produzir a sua interpretação sobre ele.
- Os materiais usados em uma obra de arte influenciam a interpretação que os observadores fazem dela.
- Os artistas visuais utilizam materiais diversos de forma intencional para transmitir sentimentos, causar sensações e provocar a reflexão em quem aprecia a arte.
- A arte pode nos causar diversas sensações: ela pode nos dar muito prazer, mas também pode provocar certo estranhamento.
- O estranhamento pode ser gerado pelo emprego de materiais inusitados, diferentes dos usuais.
- As texturas são um pequeno relevo que existe em qualquer superfície.
- As cores podem ser cores-luz e cores-pigmento.
- As cores podem ser classificadas como primárias, secundárias, complementares, frias ou quentes.



Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem museus de arte visual, centros culturais ou galerias de arte? Se houver, não deixe de visitá-los na companhia do professor e dos colegas! Aproveite a ocasião para conhecer outras obras de arte. Você também pode fazer visitas *on-line* a vários museus do Brasil e do mundo! Converse com o seu professor e descubra alguns.

É hora de retomar o portfólio



O que você aprendeu neste capítulo? Em uma folha de papel sulfite, escreva um texto curto que mostre o que você mais gostou de estudar.

» O QUE ESTUDAMOS

31

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Leia com os alunos a síntese daquilo que foi estudado no capítulo e esclareça possíveis dúvidas. Depois, converse com eles sobre a questão apresentada no box **É hora de retomar o portfólio**.

Promova uma reflexão sobre a obra de Vik Muniz. Destaque a fragilidade do trabalho do artista, a delicadeza, o fato de não durar para

sempre (por isso a importância dos registros fotográficos das obras) e os variados usos que ele faz também dos materiais recicláveis, sempre aproveitando suas características em suas produções. Neste momento, estimule os alunos a descreverem essas características usando suas aprendizagens acerca dos materiais: cores, texturas, etc.

É hora de retomar o portfólio

Antes de orientar os alunos a elaborar o texto proposto, converse com eles sobre o percurso que fizeram durante o estudo deste capítulo. Para isso, pergunte: “Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento acerca das artes visuais mudou?”; “Você ficou satisfeito com as suas produções artísticas?”; “Quais foram as suas maiores dificuldades no decorrer dos estudos?”.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com a turma, assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos das artes visuais estudados?
- O aluno utiliza elementos constitutivos das artes visuais em suas produções, de maneira consciente?
- O aluno avalia o uso das propriedades da linguagem visual em suas produções, reconhecendo suas estratégias de composição?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com artes visuais, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Além disso, avalie se o aluno:

- precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos das artes visuais.
- apresenta facilidade em trabalhar com os diversos elementos constitutivos das artes visuais e suas propriedades, mas ainda precisa de alguma orientação.
- consegue se apropriar e trabalhar com os elementos das artes visuais explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
- explora e pesquisa os elementos constitutivos das artes visuais e reconhece suas propriedades, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

Arte e materiais sonoros!

Neste capítulo, continuamos o trabalho com a questão norteadora da unidade: “A arte pode ser feita com tudo?”. É importante destacar que a música também pode ser feita com materiais inusitados.

Antes de iniciar o estudo do capítulo, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar. Retome a pergunta norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre o som para respondê-la. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com os alunos:

- Conhecer um ou mais músicos que utilizem instrumentos musicais inusitados.
- Descobrir mais sobre a música e seus elementos.
- Experimentar brincadeiras musicais.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que questionem os materiais usados na arte.
- Tocar uma música usando colheiras.

Neste capítulo, os alunos terão a oportunidade de entrar em contato com os sons, suas propriedades e características, e refletir sobre a diversidade de fontes sonoras, com especial atenção aos materiais recicláveis, alinhando assim a experiência de aprendizagem à reflexão acerca de temas ambientais. O conteúdo apresentado deve contribuir para ampliar o repertório deles acerca da linguagem musical e das propriedades dos sons, de modo que possam acumular referências para fruir e produzir música.

Capítulo 2

Arte e materiais sonoros!

A música de Estêvão Marques

No capítulo anterior, vimos como Vik Muniz usou sucata de metal e outros materiais que muita gente considera lixo para criar suas obras. Mas será que só as artes visuais exploram, reciclam e reaproveitam materiais diferentes e inusitados? Você acha que a música pode fazer o mesmo? Vamos descobrir?

Para iniciar

1. Você gosta de ouvir música?
2. Que instrumentos musicais você conhece?
3. Você acha que diferentes instrumentos musicais podem causar diferentes sensações em quem ouve uma música?
4. Além de instrumentos musicais, o que mais você acha que pode ser usado para fazer música?

Observe a imagem a seguir.



► O artista Estêvão Marques durante gravação do DVD **Colherim**, 2013.

O que você vê? Você consegue reconhecer alguns instrumentos na foto? Quais?

32 UNIDADE 1

A música de Estêvão Marques

Para iniciar

Ao trabalhar as questões do boxe, procure estabelecer relações com a questão central da unidade: “A arte pode ser feita com tudo?”. Para isso, pergunte: “O que aprendemos sobre reciclagem e arte?”; “Vocês acham que podemos trabalhar a música com materiais recicláveis? Como?”.

Peça aos alunos que observem as imagens e deixe-os livres para comentar. Então, questione: “Que materiais presentes na imagem não são instrumentos musicais? Por que eles estão aqui?”. Enfatize o fato de o artista ter usado um material inusitado para fazer música: “O que vocês sentem ao ver a imagem?”; “E o que sentiram ao descobrir que a colher pode ser um instrumento musical?”.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Você pode não ter observado, mas a fotografia da página anterior mostra o músico, **brincante**, pesquisador e professor Estêvão Marques ensinando a fazer música com um instrumento inusitado: colheres!

Observe esta outra foto do artista.

brincante: aquele que participa de folguedo ou festejo popular, como Carnaval, Bumba meu Boi, etc.



► O artista Estêvão Marques tocando colheres de madeira durante gravação do DVD **Colherim**, 2013.

Como Estêvão Marques está segurando as colheres nessa imagem? Que movimentos você acha que ele está fazendo? Você já imaginou usar colheres para fazer música? Que tipo de som você acha que elas podem fazer quando são batidas uma na outra?

► CAPÍTULO 2 33

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências deste capítulo

- Valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.
- Utilizar diferentes linguagens – verbal (oral ou visual-motora, como Libras, e escrita), corporal, visual, sonora e digital –, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao diálogo, à resolução de conflitos e à cooperação.
- Pesquisar e conhecer distintas matrizes estéticas e culturais – especialmente aquelas manifestas na arte e nas culturas que constituem a identidade brasileira –, sua tradição e manifestações contemporâneas, reelaborando-as nas criações em Arte.

Linguagem

Música.

Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de começar a apreciar a música experimental produzida por Estêvão Marques, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem musical, como altura, intensidade, duração, timbre, ritmo e melodia.
- Conhecer e participar de exercícios de escuta, improvisação e composição musical.
- Apreciar exemplos de produção musical.
- Descrever aquilo que ouve, vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Criar uma produção sonora inspirada no trabalho do músico e compositor Estêvão Marques.

Que obra é essa?

Promova a leitura compartilhada do texto e esclareça eventuais dúvidas. Peça que observem as imagens e faça algumas perguntas: “O que vocês acharam do modo como o artista segura as colheres? É como vocês imaginavam?”; “Vocês já viram colheres assim?”; “Como são as colheres que vocês têm em casa? Será que é possível fazer música com elas?”.

Destaque o uso que o músico Estêvão Marques faz de colheres e outros objetos, explorando seus sons de forma semelhante ao modo que o artista Vik Muniz explora as propriedades dos materiais que utiliza na produção de seus trabalhos. É importante que os alunos compreendam que, além das questões ambientais, os objetos e materiais recicláveis proporcionam experimentações artísticas e produzem resultados interessantes.

Sugestão de... Site

Seria muito importante que ao longo do trabalho com este capítulo os alunos pudessem ouvir algumas das criações de Estêvão Marques no projeto **Colherim**. Como indicamos para os estudantes, algumas delas estão disponíveis no *site* oficial do artista. Lá, também pode ser encontrado um vídeo de apresentação do projeto (disponível em: <<http://estevaomarques.com/home/?page-video5345=2#/lightbox&slide=3>>. Acesso em: 20 out. 2017).

Outra forma de ter acesso às músicas e canções de Estêvão Marques é por meio do DVD que acompanha o livro **Colherim** (Peirópolis, 2013).

Caso nenhuma dessas possibilidades seja viável, você pode apresentar aos alunos outros artistas ou grupos musicais que utilizam colheres em suas músicas. Outra alternativa é pesquisar em sua região artistas locais que utilizam instrumentos feitos com materiais inusitados e convidá-los para fazer uma apresentação na escola. Lembremos que a proposta do livro é apenas um ponto de partida e você pode e deve fazer as adaptações necessárias à sua realidade, da escola e dos alunos.

Que obra é essa?

Estêvão Marques é o criador do projeto **Colherim**, que deu origem a um livro, um DVD e um curso *on-line* sobre brincadeiras musicais. Todos esses trabalhos são fruto da pesquisa do artista sobre o uso de colheres como instrumento musical.



Estêvão Marques mostrando como tocar colheres. Observe a forma como o artista segura as colheres para produzir sons. Foto de 2017.

Há algum tempo, Estêvão Marques vem pesquisando músicas, danças e brincadeiras pelo Brasil e pelo mundo. O que mais costuma chamar a atenção dele nessas pesquisas é a simplicidade e a criatividade dessas manifestações.

Sugestão de...

Site

Na página oficial do artista, você pode saber mais sobre o projeto **Colherim**, além de ouvir algumas das músicas e canções criadas com a utilização de colheres. Disponível em: <<http://estevaomarques.com/>>. Acesso em: 2 de dezembro de 2017.

34

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Vídeo

Se possível, apresente para os alunos a música “Cucharas”, do Grupo Triii. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=d1BmyPqSA8>. Acesso em: 20 out. 2017.

Em uma viagem que fez à Espanha, o artista aprendeu a usar colheres para produzir música!

Ao tocá-las, percebeu que poderia executar também ritmos brasileiros, pois o som que as colheres fazem é semelhante ao som do tamborim, um instrumento musical muito utilizado no samba. Nas palavras do próprio músico, “foi amor à primeira colherada!”.

Depois da Espanha, Estêvão Marques visitou outros países e constatou que as colheres estavam presentes em muitas culturas.

Durante essa longa viagem, ele aprendeu várias técnicas para tocar colheres grandes e pequenas, feitas de materiais diferentes, como osso, metal e madeira.



▶ Colheres de várias partes do mundo em fotografia do livro **Colherim**, de Estêvão Marques.

Texto complementar

Estêvão Marques apresenta, em *Colherim*, várias de suas experiências pelo mundo afora com um simples objeto de cozinha: colheres. Colheres? Sim, colheres! Aqueles utensílios, que nos levam à boca deliciosos sorvetes ou sopas quentinhas, são também capazes de fazer música! E das mais divertidas e animadas!

Com um simples par de colheres, podem ser criados muitos ritmos que acompanham danças e produzem sons que fazem todo mundo vibrar de alegria, desde tempos imemoriais até os dias de hoje. Culturas eslavas, ciganas, celtas, indígenas norte-americanas, latino-americanas remontam o uso de colheres como instrumentos musicais de grande virtuosismo, sejam elas de madeira, metal, osso, grandes, pequenas, enfim, não existe limite para a criatividade quando se trata de fazer música com colheres.

Passeando pelo mundo, Estêvão foi colecionando colheres de diferentes culturas e foi observando atentamente as diversas técnicas para se tocar esse divertido objeto sonoro. Esse universo “colherístico” inspirou o músico a transpor essas diversas técnicas para os ritmos da música brasileira [...].

PUCCI, Magda. Prefácio.
In: MARQUES, Estêvão. *Colherim*: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres. São Paulo: Peirópolis, 2013.

▶ A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a percussão com colheres como forma de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Como a obra foi feita?

Em seu projeto de percussão com colheres, Estêvão Marques explora diversos materiais, como madeira, metal e osso. Faça a leitura do texto com os alunos e peça que observem as imagens das diferentes colheres e respondam oralmente as perguntas propostas no livro. Dessa forma, eles poderão compartilhar as impressões e levantar hipóteses.

Se achar interessante, proponha aos alunos que tentem reproduzir oralmente os sons que eles imaginam que cada tipo de colher produz.

Texto complementar

Como encontrar a colher ideal

[...] A colher ideal para o colherim é aquela mais simples que temos em casa.

Mas, e este é o primeiro mas da história, existe uma ciência para encontrar a colher mais simples e confortável entre todas aquelas que estão na nossa cozinha.

Depois da simplicidade, a primeira dica para encontrar a colher perfeita é buscar uma colher de metal lisa, sem nenhum “rocóco”. Eu chamo de “rocóco” alguns desenhos ou formas onduladas que aparecem no cabo das colheres.

As colheres que têm estes detalhes não são boas, pois quando começamos a tocar acabamos machucando um pouco dos dedinhos. Isso também acontece com as colheres que têm cabo de madeira – o cabo grosso acaba apertando os dedos. [...]

Disponível em: <<http://estevaomarkes.com/blog/colheres-um-brinquedo-musical>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Como a obra foi feita?

Para tocar colheres como um instrumento musical, é preciso uni-las pelos cabos, segurando-os com uma mão. Dessa forma, o som é produzido por **impacto**.

Ao bater uma na outra, as partes curvas das colheres produzem um som muito característico, que depende do material do qual elas são feitas.

Como existem colheres de diversos tipos e tamanhos, o som que produzem apresenta **timbres** diferentes.

impacto:

choque, batida.

timbre:

característica que diferencia cada som e que depende dos materiais e da forma utilizada para produzi-lo.

As imagens não estão representadas em proporção.



Colheres de madeira. Como você acha que é o som das colheres de madeira batendo?

E o som das colheres de metal?

Sugestão de...

Leitura complementar

SOUZA, Jusamara. Aprendendo música com objetos do cotidiano: experiências criativas. *Journal for Educators, Teachers and Trainers JETT*, v. 5 (1), 2013. p. 193-203.

No artigo, a autora discute a transformação de objetos do cotidiano em fontes para fazer e aprender música.



A. Dagi/Out/De - Agepini Picture Lib. Album/Fotografia

- Você sabia que também existem colheres feitas de osso? Como você acha que é o som dessas colheres?

Ao criar composições musicais usando colheres e marcar o ritmo de diferentes músicas e canções com esses instrumentos inusitados, Estêvão Marques encanta, diverte e faz verdadeiras **mirabolâncias!**

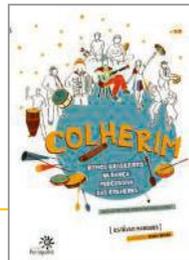
E você? Que tipos de colher costuma utilizar no seu dia a dia? Já tinha imaginado fazer música com elas?

• **mirabolância:** coisa espantosa, surpreendente.

Sugestão de...

Livro

Para conhecer histórias divertidas e aprender a tocar colheres, leia o livro **Colherim: ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres**, de Estêvão Marques (Peirópolis, 2013).



Reprodução/Editora Persepolis

Sugestão de...

Site

Se possível, visite com os alunos o *site* do educador musical Marcos Vieira. Lá é possível encontrar alguns materiais sobre a percussão com objetos inusitados, como livros gratuitos e vídeos com dicas de atividades e entrevistas, inclusive um bate-papo entre Marcos e Estêvão Marques. Disponível em: <www.marcusvieira.com>. Acesso em: 2 nov. 2017.

◆ A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a percussão com colheres como forma de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação.

Texto complementar

Como segurar as colheres percussivas

[...]

1. Primeiro você começa fazendo um sinal de “joia” com o seu dedão.
2. Com este gesto você vai então segurar o cabo da colher. Como se ela fosse um prolongamento do seu “joia”, e você fizesse agora um “joião”.
3. A colher vai ficar apoiada no dedo indicador. Mas, e esta é uma informação importante, a colher deve ficar em um local exato do dedo, mais precisamente na falange do meio. Isso mesmo, os dedos da mão são divididos em três partes, chamadas falanges, e vamos apoiar a colher na do meio. Cuidado para não apoiar no ossinho que fica no meio do dedo, pois pode machucar.
4. Depois que a primeira colher estiver bem acomodada (posição “joião” + apoio na falange do meio), nós vamos chamar a outra colher e ela vem se acomodar entre o dedo indicador e o dedo do meio, também na segunda falange.
5. Lembre-se que as colheres ficam sempre de costas uma para a outra. É importante que entre uma colher e outra exista um espaço não muito grande, mas um espacinho da medida de um dedo mindinho.

Disponível em: <<http://estevaomarques.com/blog/colheres-um-brinquedo-musical>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Elementos da linguagem musical

A linguagem musical tem elementos próprios, como ritmo, melodia e textura. Compreender, reconhecer e identificar como esses aspectos são trabalhados nas composições e execuções musicais é também uma maneira de entender as sensações e reações que a música nos provoca.

As características dos sons nos transmitem diversas sensações, pois é por meio delas que nos sensibilizamos ao ouvir uma determinada música.

Silêncio ou ruído?

Promova a leitura compartilhada do texto com os estudantes. Antes de começar, você pode fazer perguntas disparadoras, para que reflitam e elaborem suas hipóteses acerca dos conteúdos que serão abordados, como: "Vocês acham que nosso corpo faz sons? Quais?"; "Vocês sabem imitar o som da batida do coração?"; "Será que é possível ouvir o sangue circulando?"; etc.

Sensibilize os alunos também para os sons do ambiente: "Que tipos de som ouvimos ao nosso redor?"; "Que sons vêm da rua ou do pátio da escola?"; "Quais desses sons são da natureza?"; "Vocês conseguem se lembrar de outros sons da natureza? Quais?"; "Como é o som da água corrente dos rios, do vento nas folhas, das ondas do mar quebrando na areia?"; "Quais são os sons mais fortes? E os mais fracos?"; etc.

Peça aos alunos que tentem descrever como imaginam as paisagens sonoras das fotos apresentadas. Para isso, eles devem recorrer às suas memórias e vivências pessoais. Amplie a atividade apresentando outras imagens, como a de uma paisagem urbana e de uma paisagem rural. Há vários vídeos e áudios de paisagens sonoras disponíveis na internet. Se possível, selecione alguns para mostrar aos alunos.

A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Elementos da linguagem musical

Silêncio ou ruído?

Você pode estar se perguntando por que vamos falar de silêncio se o assunto aqui é música. Afinal, o que uma coisa tem a ver com a outra?

Para começar a pensar sobre isso, pare por alguns minutos e preste atenção ao seu redor... Mesmo que distante, sempre existe um som sendo produzido, não é? Até dentro do nosso corpo existem sons: o coração batendo, a barriga roncando...

A verdade é que não existe silêncio absoluto! Mesmo que a gente não perceba, tudo o que existe na natureza está em constante movimento. Nada fica parado! Quando se movimentam, as pequenas partes que formam todos os elementos da natureza produzem vibração. O som é o resultado dessas vibrações, por isso é impossível para nós perceber o silêncio absoluto.

O músico e professor canadense Raymond Murray Schafer (1933-) criou o termo **paisagem sonora** para definir os sons que escutamos ao nosso redor, ou seja, para definir o meio ambiente sonoro.

Observe as imagens a seguir. Você consegue imaginar como são as paisagens sonoras desses lugares?



► Pessoas jogando bola na praia de Ipanema, Rio de Janeiro, 2013.



► Crianças durante o intervalo das aulas na Escola Municipal Padre José de Anchieta, Entre Rios, Bahia, 2014.

38 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Materialidades

BNCC EF15AR15

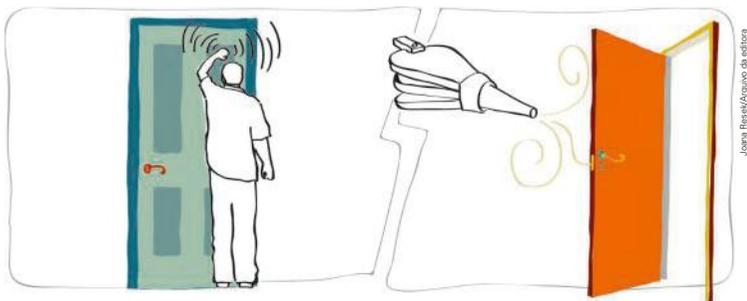
Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar formas e gêneros de expressão musical, como a paisagem sonora e a percussão, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação. Além disso, poderão perceber e explorar os elementos constitutivos da música, como altura, intensi-

dade, timbre, melodia, ritmo, etc., por meio de práticas de composição/criação, execução e apreciação musical, explorando fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (palmas, voz, percussão corporal), na natureza e em objetos cotidianos.

Impulsão

Os sons podem ter suas características transformadas de várias maneiras. Isso pode acontecer por acidente ou de maneira intencional, como resultado das nossas ações.

Imagine, por exemplo, o som que é produzido quando uma pessoa bate com força em uma porta e o som produzido quando uma porta bate por acaso, com o vento. Como você descreveria esses sons?

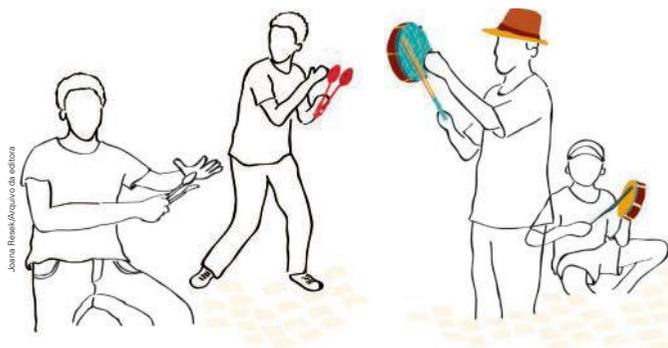


Tanto uma casualidade, como o vento ou o calor, quanto as pessoas podem **impulsionar** objetos ou fazê-los vibrar e, assim, produzir sons diferentes.

Ritmo

Provavelmente, você já deve ter ouvido falar de ritmo várias vezes, em diferentes situações. Na música, o ritmo é dado pela forma como os sons e as pausas acontecem e se repetem durante determinado tempo.

Para tocar o colherim criado por Estêvão Marques, por exemplo, você não pode bater as colheres de qualquer jeito. O mesmo vale para o tamborim, instrumento típico do samba no qual o artista se inspirou: é preciso seguir um padrão de sons e de pausas, que se repete.



▶ CAPÍTULO 2 39

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Proponha aos alunos uma conversa sobre as músicas de que gostam. Convide-os a formar um círculo e incentive-os a falar sobre suas preferências musicais. Deixe que eles se manifestem livremente e que fiquem à vontade para cantar e compartilhar suas canções preferidas e peça que tentem reproduzir os ritmos que estiverem na memória por meio da voz, da percussão corporal ou de objetos da sala de aula.

Se possível, busque na internet e promova a escuta de algumas músicas mencionadas pelos alunos para que tentem perceber o ritmo ou até reproduzi-lo, por meio de vocalizações ou batiques com as mãos, por exemplo.

Impulsão

Ao realizar a leitura com os alunos, continue o trabalho de sensibilização. Explore os recursos disponíveis na sala de aula para fornecer alguns exemplos. Você pode, por exemplo, bater na porta, empurrá-la, abrir uma janela, etc. Se possível, selecione também alguns vídeos ou áudios representativos na internet.

Ritmo

A linguagem musical é estruturada por sons e por momentos em que não se produz som. Se estivermos atentos, é possível perceber as características do som. Os alunos devem ser estimulados a perceber os sons de várias formas.

Podemos descrever o ritmo como um movimento coordenado, que se caracteriza pela repetição de intervalos musicais regulares ou irregulares, fortes ou fracos, longos ou breves. O batimento cardíaco, por exemplo, tem um ritmo constante. O termo "ritmo" vem da palavra grega *rhythmos*, que denomina qualquer movimento constante, repetitivo. Portanto, o ritmo é a maneira como são organizadas, distribuídas e repetidas as notas ou batidas musicais.

O tempo de um ritmo é organizado pelo compasso, que pode ser de vários tipos, como: compasso binário, formado por dois tempos (1, 2); compasso terciário, formado por três tempos (1, 2, 3); compasso quaternário, formado por quatro tempos (1, 2, 3, 4).

Os ritmos de dois tempos, três tempos e quatro tempos podem ser exemplificados, respectivamente, pelo samba, pela valsa e pelo rock. Se possível, procure por um áudio ou vídeo de uma apresentação de bateria de escola de samba e mostre para os alunos, pois as batidas costumam ser bem marcadas e pode ser fácil de perceber o ritmo. Há bastante material do tipo na internet.

Atividade prática

Antes desta atividade, converse com os alunos sobre as brincadeiras de palmas ou de mão. Lembrem-se de que, nessas brincadeiras, os participantes, que podem ser dois ou mais, colocam as mãos para cima, para baixo ou para os lados, tocam nas mãos dos colegas, imitam bichos, viram de costas, pulam, giram, etc., enquanto recitam versos ou cantam. Esclareça que as canções das brincadeiras de mão são tradicionais e apresentam variações dependendo da época e do local.

Para que os alunos possam compartilhar as brincadeiras que conhecem, organize-os em duplas, trios ou grupos maiores e deixe-os brincar à vontade. Depois, peça a voluntários que mostrem aos colegas as brincadeiras que conhecem e observem se mesmo entre eles há variações em alguma delas.

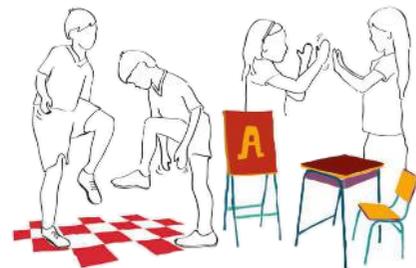
Dê andamento à atividade proposta. Peça que os estudantes fiquem atentos às regras indicadas no Livro do Estudante e esclareça eventuais dúvidas. Ajude-os a perceber a intensidade dos sons nas canções das brincadeiras. A intensidade ajuda a marcar o acento de uma música ou o momento em que os sons ficam mais fortes ou mais fracos em um compasso.

Para finalizar a brincadeira, peça que metade das duplas observe os colegas brincando. Enfatize que eles devem prestar atenção nos ritmos das palmas. Depois, solicite que invertam os papéis: quem observou deve brincar e vice-versa.

Atividade prática

Uma forma divertida de perceber o ritmo é brincando de palmas! Vamos conhecer uma dessas brincadeiras?

- 1 Forme uma dupla com um colega.
- 2 Com o colega, cante as letras do alfabeto, de **A** a **Z**, uma para cada palma.
- 3 Comece com a letra **A**, batendo uma palma com as mãos embaixo da perna direita dobrada.
- 4 Em seguida, na letra **B**, bata uma palma cruzada: sua mão direita na mão direita do colega.
- 5 Depois, bata uma palma individualmente para a letra **C**.
- 6 Para a letra **D**, bata, outra vez, uma palma cruzada. Só que, agora, sua mão esquerda deve bater na mão esquerda do colega.
- 7 Para a letra **E**, bata uma palma com as mãos embaixo da perna esquerda dobrada.
- 8 Repita a sequência de palmas modificando as letras, até chegar ao **Z**.
- 9 Para finalizar a brincadeira, seguindo a orientação do professor, você e o colega vão observar outra dupla brincando. Preste atenção em como as sequências de palmas se repetem, marcando o ritmo!



Notação musical

Há muito tempo, os músicos sentiram a necessidade de registrar as composições musicais que criavam. Dessa forma, eles não precisariam mais depender da memória e outras pessoas poderiam conhecer suas obras, tocá-las e cantá-las também. A ideia funcionou, pois muitos desses registros atravessaram o tempo e existem até hoje!

40 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Notação e registro musical

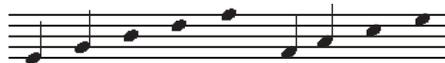
BNCC EF15AR16

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar o ritmo como propriedade sonora e como elemento constitutivo da música, por meio de uma brincadeira, explorando o próprio corpo (palmas, percussão corporal) como fonte sonora. Além disso, poderão explorar diferentes formas de registro musical não convencional, como a representação por meio de símbolos, iniciando também um trabalho de reconhecimento da notação musical convencional.

Assim, surgiu a **notação musical**, uma das formas usadas para registrar as músicas por escrito. Em uma notação musical, as propriedades dos sons são representadas por sinais gráficos, ou seja, por símbolos que podemos escrever ou desenhar.

Com o passar do tempo, os músicos decidiram que era preciso criar uma notação musical que todos eles pudessem compreender, já que havia muitas maneiras de registrar a escrita musical. Foi dessa necessidade que surgiu a **pauta musical**.

A pauta musical é um conjunto de cinco linhas retas, uma embaixo da outra, que formam quatro espaços entre elas. As notas musicais são representadas por símbolos desenhados nessas linhas e nesses espaços.



▶ Pauta musical com notas nas linhas e nos espaços.

A combinação de pautas musicais e diversos símbolos, como os das notas musicais, é chamada de **partitura**. Veja, ao lado, um trecho da partitura da canção “Cai, cai, balão”.

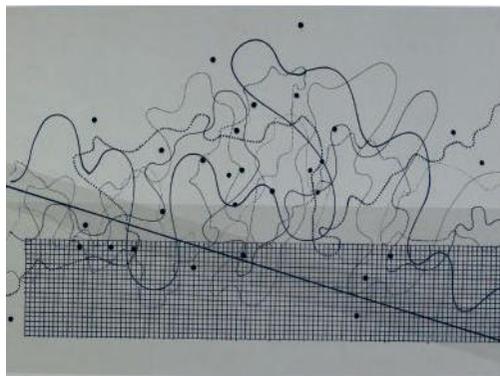
▶ Trecho de uma partitura da canção tradicional brasileira “Cai, cai, balão”.



A invenção da pauta musical não significa que os músicos deixaram de explorar formas diferentes de registro musical. Até hoje, vários artistas registram suas músicas em partituras criativas, que não seguem o modelo da pauta de cinco linhas. Veja, por exemplo, na foto ao lado, uma parte da partitura criada pelo músico norte-americano John Cage (1912-1992) para sua obra **Fontana Mix**.

Que sons você imagina ao olhar para essa partitura?

▶ Fragmento da partitura de **Fontana Mix**, de John Cage, 1958.



Notação musical

O registro dos sons por meio de desenhos ou símbolos facilita a compreensão da linguagem utilizada nas partituras e a escrita musical por parte dos alunos.

Ao longo da história, foram elaboradas técnicas que possibilitaram o registro e a reprodução de melodias e composições musicais. O sistema que se tornou mais usado e é referência mundial para escrever as notas musicais, seus ritmos e dinâmicas é o que chamamos de **notação musical**. Esse método de registro (constituído de sinais que indicam altura, duração e intensidade das notas e que podem ser usados para todos os instrumentos musicais) permite que os compositores organizem suas ideias no papel, de maneira que possam fazer revisões e aprimoramentos em suas obras e que, uma vez acabadas, fiquem registradas e possam ser reproduzidas em qualquer época. Esse sistema ainda tornou possível a divulgação das composições pelo mundo e a publicação e venda de partituras.

Retome o que os alunos viram sobre notas musicais até então e explique a eles que cada um dos símbolos de uma partitura é estudado pelos músicos para que possam reproduzir as músicas e canções com perfeição. Ajude-os na leitura das imagens perguntando-lhes: “Quais são as semelhanças e as diferenças que vocês observaram entre a notação musical de ‘Cai, cai, balão’ e **Fontana Mix**?”; “Alguma delas parece mais complexa? Por quê?”.

Se possível, procure na internet versões da música “Cai, cai, balão” e alguma faixa de **Fontana Mix**, de John Cage, e execute para que os alunos confrontem com as hipóteses levantadas. Pergunte: “O som é como vocês imaginaram?”; “O que vocês acharam das músicas?”; “Gostaram ou não gostaram do que ouviram? Por quê?”.

Atividade prática

A **primeira atividade** servirá para que os alunos possam trabalhar mais a ideia de ritmo. Para reatualizar a brincadeira, esclareça as regras com a turma e treine um pouco com eles antes de iniciar uma rodada para valer. Candidate-se a ser o número um e comece o jogo para marcar o ritmo.

Ao final, proponha o registro da sequência de sons. Ajude-os a abstrair: peça-lhes que criem um símbolo para cada som em vez de desenhar crianças fazendo gestos. Por exemplo: pode ser um quadrado para bater as mãos nas coxas, um círculo para bater palmas e uma estrela para estalar os dedos. Então, a sequência ficaria da seguinte forma:



O registro dos sons por meio de desenhos ou símbolos facilita a compreensão da linguagem utilizada nas partituras e a escrita musical por parte dos alunos.

Se achar pertinente, registre na lousa a sequência de símbolos elaborada pela turma e proponha que executem os sons. Aponte as figuras para que eles acompanhem e exercitem a associação dos símbolos aos seus respectivos movimentos e sons.

Atividade prática

Vamos continuar a brincar com o ritmo?

- 1 Sente-se em roda com os colegas.
- 2 Cada um de vocês escolherá um número, começando pelo número **um**, de acordo com a quantidade de participantes da roda.
- 3 O número um começa a brincadeira dizendo o seguinte comando: "Ação, concentração, o ritmo vai começar!".
- 4 Ao ouvir o comando, todos na roda ficam de pé e começam a marcar o ritmo, batendo duas vezes com as mãos nas coxas. Em seguida, batem uma palma e, por fim, estalam os dedos. Essa sequência de gestos deve ser contínua e todos devem repetir os mesmos gestos da sequência ao mesmo tempo.
- 5 Enquanto todos repetem, sem parar, a sequência de gestos para marcar o ritmo, o número um chama outro número qualquer – por exemplo, o número sete – com o seguinte comando: "Um! Um chama sete". Ele deve começar a falar no momento em que todos batem as mãos nas coxas pela primeira vez.
- 6 Quem corresponder ao número chamado continua a brincadeira: "Sete! Sete chama dois". E assim vai, um chamando o outro, sempre dentro do ritmo. Ou seja, a primeira palavra da frase corresponde à primeira batida na coxa. A segunda palavra, à segunda batida na coxa. A terceira, à palma e a quarta, ao estalo.
- 7 Sai quem errar o ritmo e quem chamar um número que já foi chamado antes. Vence quem ficar por último!
- 8 Para finalizar, que tal registrar a sequência de sons da brincadeira de ritmo? Invente um símbolo para cada som: bater as mãos nas coxas, bater palmas e estalar os dedos. Para isso, utilize uma folha à parte e canetinhas!

Material necessário

- papel sulfite
- canetinha

Adaptado de: Mapa do Brincar, **Folha de S. Paulo**. Disponível em: <<http://mapadobrinca.com.br/brincadeiras/diversas>>. Acesso em: 19 de setembro de 2017.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Notação e registro musical

BNCC EF15AR16

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de perceber e explorar o ritmo como propriedade sonora e como elemento constitutivo da música por meio de uma brincadeira, explorando fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (voz, palmas, percussão corporal). Além disso, poderão explorar uma forma de registro musical não convencional, produzindo uma representação gráfica de sons a partir da imagem de uma paisagem.

👥 Agora, que tal elaborar uma partitura criativa com base em uma imagem?

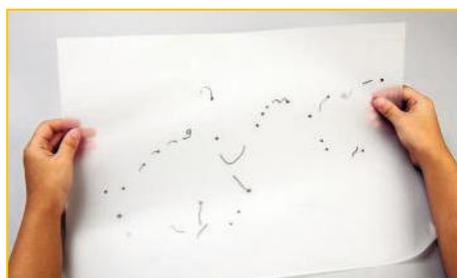
- 1 Forme grupos com até cinco integrantes.
- 2 O professor vai distribuir a foto de uma paisagem natural do Brasil para cada grupo. Observe com bastante atenção!
- 3 Coloque a folha de papel vegetal sobre a imagem e prenda as pontas com fita adesiva para fixá-la, conforme o exemplo ao lado. Nele, a imagem é do Dedo de Deus, pico localizado no Rio de Janeiro.

Material necessário

- papel vegetal
- fita adesiva
- lápis preto



- 4 Escolha linhas ou pontos que achar interessantes na imagem e desenhe-os no papel vegetal. Você pode escolher qualquer elemento da imagem: as rochas, os galhos, as árvores, entre outros. Lembre-se: desenhe apenas linhas e pontos.



- 5 Observe o resultado final de suas marcações. As linhas e os pontos no papel vegetal serão uma partitura. Para isso, escolha um som para ser representado por cada linha ou ponto. Os sons podem ser feitos com a voz, o corpo, instrumentos musicais ou até objetos da sala de aula.
- 6 Depois de definir todos os sons, cada grupo vai ler a sua partitura para a turma, emitindo os sons correspondentes.

Para realizar a **segunda atividade**, faça uma pesquisa de imagens na internet. É importante que você apresente a paisagem escolhida de forma contextualizada, informando seu nome, onde fica, entre outras informações que julgar pertinentes. Se possível, selecione alguma paisagem da região onde vocês vivem (pode ser uma foto, ou mesmo uma reprodução de pintura). Reproduza o número de cópias necessário para a turma e distribua uma para cada grupo.

Os desenhos podem ser usados como partitura musical de diversas maneiras. Deve ficar claro que o objetivo não é copiar a foto, mas explorar os seus contornos por meio de linhas e pontos.

Oriente-os para que definam em conjunto quais linhas e/ou pontos da paisagem serão explorados no desenho e quais sons serão associados a eles. Lembre-os de que podem explorar diversas fontes sonoras, como a voz, a percussão corporal, objetos da sala de aula ou instrumentos musicais.

Peça que ensaiem algumas vezes para que possam se familiarizar com a partitura criada e, ao final, defina com a turma a ordem das apresentações dos grupos e peça que executem os sons registrados em suas partituras. Se possível, faça um registro em vídeo para que eles possam apreciar seu desempenho.

Sugestão de...

Sites

Acesse o site **Brasiliana Iconográfica**. Nele é possível encontrar diversas representações de paisagens brasileiras. Para isso, faça uma busca por "paisagem" e escolha alguma que achar adequada. Disponível em: <www.brasilianaiconografica.art.br>. Acesso em: 2 nov. 2017.

O Instituto Moreira Salles possui um grande acervo de fotos *on-line*, no qual também é possível encontrar registros de paisagens. Disponível em: <<http://fotografia.ims.com.br>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Materiais sonoros e instrumentos musicais

Ao ler o texto do topo das páginas com os estudantes, você pode propor algumas questões para verificar o que eles sabem sobre os instrumentos musicais e sua classificação. Pergunte, por exemplo: "Vocês conhecem algum instrumento de percussão? Qual?"; "De que forma esses instrumentos são tocados?"; "Por que eles são classificados assim?"; "E os instrumentos de corda, vocês conhecem algum? Qual?"; "Por que eles são classificados assim?"; "Vocês conhecem instrumentos de sopro? Quais?"; "Como eles produzem sons?"; "Por que será que eles levam essa classificação?"; "Além dessas classificações, vocês conhecem outras? Quais?"; etc.

Depois, leia com os alunos o texto e as imagens do infográfico, referentes aos instrumentos das distintas classes, apresentando-os um a um. Se for possível, você pode tocar alguns deles ou convidar familiares dos estudantes que saibam tocar ou artistas locais para fazer uma pequena apresentação para a turma. Também é possível procurar vídeos ou áudios na internet para exemplificar os diversos tipos de instrumentos.

Se achar pertinente, comente com os alunos que o som do piano é produzido pela percussão de suas cordas. Ele é, assim, um instrumento híbrido: de cordas percutidas.

Materiais sonoros e instrumentos musicais

Nossa conversa sobre música começou com um instrumento musical inusitado: o colherim! Há muito, muito tempo, além do corpo e da voz, os seres humanos já utilizavam os materiais que tinham à sua disposição, como pedras, ossos e madeira, para produzir sons.

Classificação dos instrumentos



Reco-reco.



Chocalho.



Violão.



Violino.

As imagens não estão representadas em proporção.

De percussão

Nos instrumentos de percussão, o som é produzido por impacto, raspagem ou agitação, com ou sem a ajuda de baquetas.



Tambores.



Bateria.

raspagem:
ação de raspar, arranhar.

De cordas

Nos instrumentos de cordas, o som é produzido pela vibração das cordas quando são movimentadas.



Bandolim.



Cavaquinho.



Harpa.



Piano.

Fotos: Reco-reco: MarkFGDI/Stock/Getty Images; chocalho: Marcel Jancovic/Shutterstock; violão: Sompong Rattanakunchon/Shutterstock; violino: Khakimullin Aleksandr/Shutterstock; tambores: Venus Angel/Shutterstock; piano: Blinka/Shutterstock; bateria: Poly Liss/Shutterstock; bandolim: Nikitin Mikhail/Shutterstock; harpa: Ansis Klucis/Shutterstock; cavaquinho: Keerati/Shutterstock

44

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Pesquisas sonoras

Esta atividade tem como objetivo desenvolver a acuidade auditiva dos estudantes e colocá-los em contato com o sistema de produção de sons, por meio da escuta atenta (inclusive do silêncio) e do estudo dos mecanismos de propagação sonora e acústica dos materiais. Siga as seguintes etapas:

1. Peça para as crianças ouvirem atentamente os sons de diferentes locais dentro da escola (sala, cozinha, pátio) e fora dela

(ruas, praças, parques, etc.). Depois, proponha que reproduzam o que ouviram, por meio de desenhos ou vocalizações, por exemplo. A intenção é mostrar onde há sons estridentes, suaves, repetitivos, etc.

2. Proponha a investigação e diferenciação dos sons. Com uma boa variedade de materiais em mãos (talheres, pedras, conchas, pedaços de madeira, etc.), faça barulhos e peça que os alunos digam o que ouvem e depois classifiquem de acordo

Esses materiais deram origem a muitos instrumentos musicais que existem até hoje. Vamos conhecer alguns deles e sua classificação? Em geral, os instrumentos musicais são classificados de acordo com a forma de produzir os sons.

Que outros instrumentos de percussão, de corda, de sopro e elétricos você conhece?



De sopro

Nos instrumentos de sopro, o som é produzido pela vibração do ar dentro do instrumento.

Elétricos

Nos instrumentos elétricos, o som é produzido pela energia elétrica.



Fotos: Flauta: Bombaert Patrick/Shutterstock; Trompete: Stock Photos/Latinstock; clarinete: Andrey_Popov/Shutterstock; piano digital: Vereshchagin Dmitry/Shutterstock; sampleador: Dutourdumonde Photography/Shutterstock; oboé: Matthias G. Ziegler/Shutterstock; órgão: Fotoluminate LLC/Shutterstock; saxofone: Sbarabu/Shutterstock; sintetizador: PetrMalyshev/Shutterstock; órgão eletrônico: Alexei Novikov/Shutterstock; teremim: Dmitry Nikolaev/Alamy/Latinstock

Sugestão de...

Site

Acesse a página do capítulo “Bingo sonoro”, que integra o conteúdo multimídia do livro **Brincando e aprendendo: um novo olhar para o ensino da música** (São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2011). Lá é possível ouvir ou mesmo fazer o *download* de exemplos de sons de vários instrumentos musicais, além de outros sons diversos, como os de alguns animais, veículos e sons da natureza. Disponível em: <www.unesp.br/prograd/eLivros/lveta/CD/setup/06-Bingo-sonoro.html>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Livro

FERNANDES, Iveta M. B. A. F. (Coord.). *Brincando e aprendendo: um novo olhar para o ensino da música*. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2011. Disponível em: <www.culturaacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=159>. Acesso em: 28 nov. 2017.

Se possível, faça também o *download* do livro, disponível gratuitamente no *site* da editora. Ele reúne uma diversidade de jogos, materiais didáticos, composições musicais, visando desenvolver conhecimentos em música e ensino de música.

▶ A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer as características de instrumentos musicais variados.

com a altura, a intensidade e a duração. Pergunte, por exemplo: “Que som faz um talher contra o outro?”; “E se alguém bater mais forte?”; “O que acontece se isso for feito dentro de uma caixa de papelão?”. Você também pode tocar instrumentos musicais ou reproduzir sons de instrumentos diferentes. Na internet é possível encontrar facilmente materiais desse tipo.

3. É o momento de entender o funcionamento dos instrumentos na prática. Para a produção de sons, sugira a montagem de

chocalhos com latas de metal, grãos, botões ou pedras. Você pode ir além e propor a construção de instrumentos simples. Peça que tragam de casa materiais de sucata. As garrafas de vidro, por exemplo, produzem diferentes sonoridades conforme a quantidade de água colocada em seu interior. Bambus ou tubos podem virar instrumentos de sopro, garrafões de água podem ser tambores, etc. Peça que toquem os instrumentos e digam o que pensam sobre os sons produzidos.

Outros trabalhos de Estêvão Marques

Ao apreciar as imagens desta página, incentive os alunos a explorar a postura e a expressão do artista Estêvão Marques e das demais pessoas presentes nas cenas. Você pode perguntar, por exemplo: “O que as pessoas retratadas parecem estar fazendo?”; “Como elas parecem se sentir? Por que vocês acham isso?”; “O que elas vestem e que objetos utilizam?”; “São trajes e objetos normalmente usados no dia a dia?”.

Comente com os alunos o processo criativo de Estêvão Marques, que se baseia na simplicidade. Leia mais sobre isso no texto a seguir.

Texto complementar

A simplicidade e a criatividade!

Quando descobri a importância destas duas palavrinhas, passei a observar melhor as coisas simples ao meu redor e perceber o poder criativo que elas podem ter: uma folha de papel, uma garrafa de plástico, os gestos e os sons da palma mão...

Entrei, por exemplo, na cozinha da minha casa, e desconfeitei de que ali poderia ser a terra natal de muitos instrumentos musicais...

[...]

Esta experiência investigativa, natural no olhar curioso das crianças, precisa ser sempre estimulada por nós, pais e professores. E para estimular os pequenos, precisamos antes reciclar o nosso próprio olhar!

MARQUES, Estêvão. *Blog Estêvão Marques*. Disponível em: <http://estevaomarques.com/blog/educacao_musical>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Outros trabalhos de Estêvão Marques

Além de desenvolver projetos como **Colherim**, Estêvão Marques também ministra oficinas no Brasil e no mundo e já participou de grupos musicais como o Grupo Triii e o Palavra Cantada.

Em todos esses trabalhos, o artista utiliza instrumentos musicais convencionais, objetos do cotidiano e os sons do corpo para fazer música.

Palestra interativa, na Casa Núcleo, São Paulo, 2013. Em suas palestras, Estêvão ensina às crianças os diferentes ritmos brasileiros.



Estêvão Marques/Diugigallo



Estêvão Marques/Diugigallo

Mirabolâncias pelo mundo, em Barcelona, na Espanha, 2016. Nessa oficina, Estêvão ensina aos adultos brincadeiras musicais para realizar com crianças.

Estêvão Marques apresentando o espetáculo **Balancê** com o Grupo Triii, em São Paulo, 2014.



Ruiz/Balancê/Grupo Triii

Sobre o artista

Por meio de brincadeiras musicais, Estêvão Marques ensina como aprendizado e brincadeira podem andar lado a lado.

O artista se formou em música e sempre gostou de crianças. Contador de histórias e professor de dança e de percussão, atuou no grupo de música infantil Palavra Cantada.

Ao lado dos amigos Marina Pittier e Fê Sztok, que compartilham da paixão pela música e pelo universo infantil, em 2008, criou o Grupo Triii. A proposta do grupo era aliar a contação de histórias da cultura tradicional brasileira a músicas e brincadeiras em espetáculos interativos para as crianças e seus familiares.

Além de criar esses espetáculos, o grupo publicou livros que compõem a coleção **Histórias que cantam**, em que música e narração de histórias se juntam com ilustração para encantar crianças e adultos.

Unindo sempre música e educação, Estêvão Marques já se apresentou em várias cidades do Brasil e do mundo, muitas vezes em parceria com escolas, centros culturais e bibliotecas.



➤ Grupo Triii conversa com o público durante o show **Balancê**, São Paulo, 2014.

Assim também aprendo

🗉 Você gostou do trabalho de Estêvão Marques? Com os colegas e com a ajuda do professor, crie um texto coletivo contando se você gostou da obra e por quê.

➤ CAPÍTULO 2 47

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse o *blog* do artista, hospedado em seu *site* oficial, para que os alunos conheçam mais detalhes sobre seus trabalhos e assistam a alguns vídeos. Disponível em: <<http://estevaomarques.com/blog/>>. Acesso em: 2 nov. 2017.

Assim também aprendo

Para realizar a reflexão proposta e ajudar os alunos na avaliação da obra do artista apresentado, retome com eles o que viram, leram, ouviram e conversaram a esse respeito. Para isso, você pode lançar questões como: “Que tipo de música Estêvão Marques faz?”; “Que instrumentos ele toca?”; “Como são suas apresentações?”; “O que mais chamou a atenção de vocês no trabalho dele?”.

Estimule os alunos a expressar seus conhecimentos e impressões livremente para compor o texto coletivo. Retome com eles o que viram, ouviram e leram acerca do autor e de sua obra musical e ressalte as etapas que podem seguir para construir esse tipo de texto:

- Identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra e escrever sobre isso.
- Argumentar em defesa de seu ponto de vista, explicando as razões pelas quais gostaram ou não da obra.
- Criar um título adequado ao texto.

Conforme forem emitindo suas ideias, construa o texto na lousa. Depois de pronto, sugira-lhes que o copiem em uma folha à parte para ser arquivada no portfólio.

A BNCC nestas páginas

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar diversos tipos de percussão como forma de expressão musical, reconhecendo e analisando os usos e as funções da música em diversos contextos de circulação. Além disso, poderão ampliar o repertório de exploração de fontes sonoras diversas, como as existentes no próprio corpo (percussão corporal), em objetos cotidianos e instrumentos musicais convencionais.

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ampliando o repertório cultural

Gumboot

Faça a leitura coletiva do texto e peça aos alunos que observem a imagem e compartilhem suas impressões sobre o Gumboot. Faça perguntas como: “Alguém já conhecia esta dança?”; “O que vocês acharam das expressões dos dançarinos?”; “Parece ser uma dança difícil de executar? Por quê?”; etc.

É fundamental estudar as manifestações musicais do continente africano, que são intimamente ligadas à música brasileira, misturando influências de toda a África subsaariana, mas principalmente das regiões do Congo, de Angola e de Benin, produzindo uma grande variedade de estilos.

Texto complementar

Mercedes Baptista (1921-2014) e a dança afro-brasileira

A dança afro-brasileira tal como se conhece hoje foi criada e sistematizada na década de 1950 pela bailarina carioca Mercedes Baptista, a primeira negra a compor o corpo de baile e se apresentar no palco do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Ela concebeu a dança afro-brasileira como uma dança cênica, resultante da fusão da dança moderna norte-americana com danças de matriz africana presentes no Brasil.

Mercedes Baptista morou um ano e meio em Nova York. De volta ao Brasil, com uma enorme bagagem cultural e artística, convocou a ajuda de antropólogos, dançarinos e autoridades religiosas para pesquisar a dança dos rituais afro-brasileiros e fez a fusão desta com a dança moderna norte-americana.

[...]

São inúmeras as danças brasileiras com raízes africanas: diversos tipos de samba (samba de roda, samba de caboclo, samba de bumbo), maracatu, moçambique, jongo, a dança-luta do maculelê, o batuque de umbigada, o tambor de crioula etc.

Disponível em: <<http://musedadanca.com.br/blog/danca-afro-brasileira>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

Ampliando o repertório cultural

Gumboot

Já vimos que existe música feita com colheres. Mas será que a dança também utiliza materiais inusitados, como botas de borracha? Sim! O Gumboot é uma dança sul-africana em que os dançarinos utilizam uma bota de borracha específica, que tem o cano longo. Veja a seguir a imagem de uma apresentação.



➤ Cena do espetáculo *Yebo* com o grupo Gumboot Dance Brasil, no Sesc Campo Limpo, São Paulo, São Paulo, 2016.

Nessa dança, os artistas cantam, dançam e marcam o ritmo, tudo ao mesmo tempo! Ela tem esse nome porque o ritmo das músicas e canções é marcado pela batida nas botas de borracha usadas pelos artistas.

O Gumboot surgiu na África do Sul, em uma época em que foram descobertas várias minas de ouro e de diamante nesse país. Muitos sul-africanos foram forçados a trabalhar nessas minas, em condições muito ruins. Eles não podiam nem mesmo falar uns com os outros!

Foi aí que os trabalhadores das minas resolveram inventar um jeito de se comunicar por meio do batuque nas botas e de pequenos cantos e gritos. A situação sofrida dos mineiros sul-africanos deu origem a uma dança que hoje é praticada em vários lugares do mundo, inclusive no Brasil.

48

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Livro

MELGAÇO, Paulo. *Mercedes Baptista: a criação da identidade negra na dança*. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2007.

Este livro traz um estudo sobre a vida e a obra de Mercedes Baptista, bailarina cujo trabalho foi fundamental para o desenvolvimento das danças afro-brasileiras.

Vídeo

Se possível, mostre para os alunos o vídeo de uma apresentação do grupo Gumboot Dance Brasil. Disponível em: <<https://globoplay.globo.com/v/4626106>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

Copofone

Não é de hoje que os artistas usam objetos inusitados para fazer música. Existe um instrumento criado há muito tempo que é formado por copos! Sim, isso mesmo!

O copofone é composto por uma série de taças de vidro que são preenchidas com água. O som é obtido quando se passa levemente os dedos nas bordas das taças.

Foi com base na ideia do copofone que o norte-americano Benjamin Franklin (1706-1790) inventou a harpa ou harmônica de vidro. Ela é formada por um conjunto de peças de vidro que se parecem com taças, levemente encaixadas umas nas outras, por ordem de tamanho. Para tocar, o músico deve passar os dedos molhados sobre essas peças.



► Música tocando harmônica de vidro, Moscou, Rússia, 2017.



► Músico tocando copofone, Praga, República Tcheca, 2013.

Sugestão de...

Livro

Em **O Grande Livro de Música**, de Joe Fullman (Ciranda Cultural, 2015), você pode conhecer vários compositores, aprender sobre os principais instrumentos de uma orquestra e descobrir como a música mudou ao longo do tempo.



Arte e Ciências

Não é só a Arte que se dedica a pensar sobre o som.

Os cientistas também estudam a produção de som e seus efeitos na natureza e na vida humana.

Já os músicos criam obras que podem nos levar a experimentar diversas sensações.

Com sons, silêncios e ruídos, organizados de forma original e única, os músicos podem nos encantar e até nos fazer dançar!

Sugestão de...

Site

Para mais informações sobre as propriedades do som, como duração, intensidade, altura e timbre, acesse a página "Compreendendo a Música", no portal **Dia a Dia Educação**, da Secretaria da Educação do Paraná. Disponível em: <www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=136>. Acesso em: 8 dez. 2017.

Copofone

Faça a leitura coletiva do texto e das imagens. Pergunte: "O que vocês acham da ideia de fazer música com copos?"; "Vocês já escutaram o som de um copofone? Como é?". Se possível, mostre aos alunos vídeos de músicas tocadas com copofones; eles podem ser facilmente encontrados na internet.

Arte e Ciências

Muito do que se desenvolveu e produziu em experimentação e composição musical e na construção de instrumentos se deve a estudos e descobertas das Ciências, por meio dos estudos das propriedades do som. Retome com os alunos quais são as propriedades do som e como os conhecimentos sobre elas ajudam a criação musical.

Interdisciplinaridade: Arte e Ciências na BNCC

Produção de som

BNCC EF03CI01

A abordagem das propriedades dos sons é importante para que os alunos pensem na produção de diferentes sons a partir da vibração de variados objetos e identifiquem variáveis que influenciam nesse fenômeno.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar o Gumboot como uma forma de manifestação da dança. Além disso, poderão identificar e apreciar o uso do copofone como forma de expressão musical, bem como perceber e explorar alguns dos elementos constitutivos da música.

Experimentação

Peça aos alunos que tragam, cada um, duas colheres para a aula no dia combinado. Demonstre como usá-las para produzir sons, a partir da observação das imagens, e deixe que os alunos experimentem também, estimulando a percepção dos sons e timbres que elas podem produzir.

Eles também podem experimentar outras formas de obter sons com as colheres, deixe que façam diversas experimentações e que compartilhem com os colegas as suas descobertas. Quando todos estiverem acostumados a esse novo instrumento, passe para a outra etapa da atividade.

Agora é a vez de demonstrar como tocar tamborim com colheres. Para que elas fiquem com som de tamborim, é preciso tocar rápido e sem parar, seguindo as instruções indicadas no livro. Para isso, ajude-os a marcar a pulsação (1, 2).

Em cada etapa ou repetição da sequência, faça perguntas como: "O que vocês acharam do som das batidas?"; "Como é segurar as colheres? É fácil ou difícil?"; "E as batidas foram difíceis ou fáceis de executar? É preciso corrigir alguma coisa?"; etc.

Após a realização da experimentação, retome a questão norteadora da unidade: "A arte pode ser feita com tudo?". Comente que nesta atividade, por exemplo, usamos um objeto do dia a dia para criar sons e fazer música.

Registrando

Defina com os alunos como as gravações serão feitas e por quem. Se julgar conveniente, assumo você mesmo essa tarefa, registrando as atividades com um celular ou com um gravador de voz. Peça à turma que fique em silêncio enquanto um colega ou um grupo estiver se apresentando. Se necessário, solicite a ajuda do professor de Informática Educativa para transferir os registros para um computador e, assim, gravar cópias em CD ou DVD para que todos guardem em seus portfólios.

EXPERIMENTAÇÃO

Vamos fazer como Estêvão Masques e transformar colheres em tamborim?

Material necessário

- duas colheres



Fotos: Eduardo Samalheira/Arquivo da editora

1 O primeiro passo é aprender a segurar as colheres!

- Segure uma das colheres com o lado no qual se coloca a comida para cima, entre o dedo polegar e o dedo indicador.
- Coloque a outra colher com o lado onde se coloca a comida para baixo, entre o dedo indicador e o dedo médio.
- Em seguida, leve a ponta do dedo médio para a palma da mão e envolva os cabos das colheres com os dedos.

2 Agora, faça um movimento de cima para baixo, para que as colheres batam na palma da mão, que deve estar virada para cima: TÁ!



3 Depois, faça um movimento de baixo para cima, para que as colheres batam na palma da mão, que deve estar virada para baixo: TI!



4 Execute a seguinte sequência com as colheres:

TÁ TÁ TI TÁ	TÁ TÁ TI TÁ
1	2

5 Para tocar seu colherim como o tamborim das escolas de samba, repita a sequência várias vezes, cada vez mais rápido.

Registrando

Com um gravador de voz ou uma câmera de vídeo (pode ser do celular), registre o resultado da experimentação com o colherim. Depois, com a ajuda do professor de Informática Educativa, crie um CD ou um DVD e guarde-o no portfólio.

50

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR14

Materialidades

BNCC EF15AR15

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de explorar colheres como fonte sonora, por meio da sua percussão, percebendo e explorando os elementos constitutivos da música (altura, intensidade, timbre, melodia, ritmo, etc).

O QUE ESTUDAMOS

- O silêncio absoluto não existe, pois há ruído em toda parte.
- Podemos mudar as características de um som agindo sobre um material sonoro ou um instrumento musical.
- Os artistas têm liberdade para escolher materiais sonoros que sirvam para expressar o que pensam e sentem.
- As músicas e as canções podem ser escritas na linguagem musical. O nome desse registro é notação musical.
- A notação musical permite que uma música seja cantada ou reproduzida em instrumentos por quem souber ler esse registro.
- Os artistas podem buscar nas culturas tradicionais inspiração para suas criações.



Dica de visitação

Se na cidade em que você vive existir alguma casa de espetáculos, centro cultural ou local público em que haja apresentações musicais, não deixe de frequentá-lo com os colegas!

É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos neste capítulo, seu conhecimento a respeito da música mudou?
2. Você ficou satisfeito com sua produção artística? Por quê?
3. Você considera que sua produção artística expressa suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê?

» O QUE ESTUDAMOS

51

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção promovendo a leitura coletiva da síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos de Estêvão Marques apresentados no livro e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não das obras.

Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido e peça que os alunos copiem e registrem em seus portfólios.

É hora de retomar o portfólio

Após a conversa, em que os alunos vão expor suas opiniões e relembrar o que foi abordado no capítulo, oriente-os a responderem oralmente às perguntas propostas. Depois, peça que registrem as respostas por escrito e guardem em seus portfólios.

Retome a lista que foi feita no início do bimestre, junto com a turma, assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos da música estudados nas apreciações?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da música em suas produções de maneira consciente, mobilizando seu repertório sonoro?
- O aluno avalia o uso das propriedades da música em suas produções, reconhecendo suas estratégias de construção?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com formas distintas de manifestação da música, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?
Além disso, avalie se o aluno:
 - precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da música.
 - apresenta facilidade em trabalhar com as propriedades sonoras e os diversos elementos constitutivos da música, mas ainda precisa de alguma orientação.
 - consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos da música explorados, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.
 - explora e pesquisa os elementos constitutivos da música e reconhece as propriedades do som, a partir da apropriação que ele tem dos procedimentos desenvolvidos na atividade.

A arte pode ser feita com tudo!

A plástica sonora de Walter Smetak

A última parte da unidade tem como propósito fechar o projeto proposto em seu início, a partir da pergunta “A arte pode ser feita com tudo?”. Para começar, retome as listas feitas ao final da introdução e antes de iniciar o capítulo 2. Pergunte se os itens que propuseram se concretizaram e se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações.

Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista, para a qual sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um ou mais artistas que criam plásticas sonoras.
- Descobrir mais sobre plásticas sonoras.
- Experimentar produzir obras de plástica sonora.
- Criar instrumentos musicais que também podem ser esculturas.

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e, então, apresente as imagens dos trabalhos de Walter Smetak. A obra da esquerda se chama **Amém** (1969) e é feita de madeira, metal, cabaça e cordão. A da direita se chama **Mulher faladora, movida pelo vento...** (1974), uma plástica sonora feita com madeira, metal, isopor, cabaça, coco e náilon. Essas criações têm relação com uma tendência musical do século XX chamada **música experimental**.

O termo “música experimental” não descreve exatamente um gênero ou um movimento artístico organizado: é uma designação sobre a qual podemos relacionar uma série de diferentes tendências, grupos ou mesmo artistas que, individualmente, pesquisam e trabalham a composição e a produção musical que extrapola os parâmetros estabelecidos pela tradição ocidental até o início do século XX, como tonalidade e harmonia, por exemplo.

A arte pode ser feita com tudo!

A plástica sonora de Walter Smetak

Até aqui, trabalhamos com arte visual e música tentando responder à pergunta: A arte pode ser feita com tudo?

Vimos que, nas artes visuais, é possível criar obras de arte com materiais inusitados e originais, como materiais reciclados e objetos do dia a dia.

Também vimos como os músicos podem utilizar diversos materiais sonoros e instrumentos musicais, considerando a tradição e usando a criatividade!

Fizemos uma obra usando materiais diversos e também produzimos música usando colheres.

Com isso, aprendemos que a arte pode ser feita com os mais diversos materiais e objetos. A investigação de materiais pode, inclusive, abrir espaço para novas manifestações artísticas! Vamos conhecer uma delas. Veja as imagens a seguir.

As imagens não estão representadas em proporção.

Objetos criados por Walter Smetak.



Que objetos são esses? Esculturas? Instrumentos musicais? Ou as duas coisas? Com que materiais eles foram feitos?

52 UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Em geral, as bandas experimentais possuem instrumentos pouco conhecidos, modificados ou utilizados de maneiras inovadoras para causar efeitos não convencionais no som obtido, além de objetos diversos, muitas vezes misturando gêneros musicais, mesclando música eletrônica e música clássica, por exemplo.

Sugestão de...

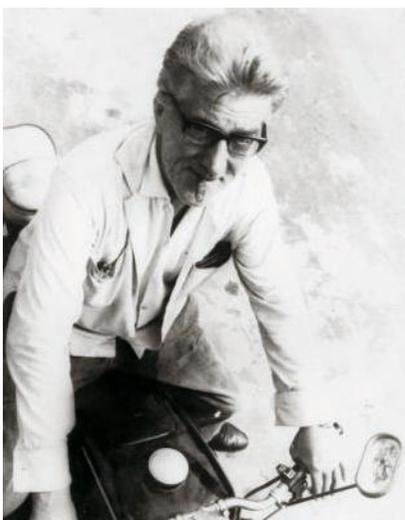
Áudio

Se possível, acesse com os alunos a *playlist* do Festival Internacional de Música Experimental e proponha um momento de escuta e apreciação das músicas disponíveis. Disponível em: <<https://soundcloud.com/fime-festivalinternacionaldemusicaexperimental>>. Acesso em: 9 dez. 2017.

Esses objetos foram criados pelo artista suíço Anton Walter Smetak (1913-1984), que viveu parte da sua vida no Brasil.

Depois de estudar música na Suíça, onde nasceu, Smetak veio para o Brasil fugindo da Segunda Guerra Mundial. No país, o artista passou a trabalhar como músico em orquestras de rádios, cassinos e bailes, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

► O músico e compositor suíço que viveu no Brasil, Walter Smetak, São Paulo, 1974.



Arquivo da Família Smetak/Colégio particular

Em 1957, Smetak conheceu Salvador, na Bahia, e mudou-se para lá. Na Bahia, ele, que também foi escultor, começou a construir instrumentos musicais com materiais inusitados, tornando-se um **luthier**. Com a construção desses instrumentos, que são uma mistura entre a escultura e o instrumento musical, o artista elaborou o conceito de **plástica sonora**, com o qual trabalhou por muitos anos.

A plástica sonora é a grande criação de Smetak. Ela resume o pensamento e a criatividade do artista.

luthier: profissional que trabalha com a construção e a manutenção de instrumentos musicais.



Arquivo da Família Smetak/Colégio particular

► O artista montando uma de suas plásticas sonoras, São Paulo, década de 1970.

Sugestão de...

Site

Conheça mais sobre o trabalho do artista em seu *site*. Disponível em: <www.waltersmetak.com.br>. Acesso em: 7 de abril de 2017.

Sugestão de... Site

Após realizar a leitura do texto e das imagens com os alunos, se possível, organize-os para navegar no *site* do artista e apreciar outras de suas produções. Peça que observem e descubram que tipos de trabalhos ele produz, que materiais ele utiliza.

Se possível, procure na internet áudios e vídeos dos trabalhos de Smetak e mostre aos alunos, propondo perguntas sobre as características de suas obras: "Que tipo de música é essa?"; "Como é seu ritmo?"; "Que sons vocês conseguem ouvir nas músicas?"; "Há somente instrumentos musicais ou podemos ouvir outros sons nas obras?"; "Vocês reconhecem estes sons?".

◆ A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de reconhecer, em um projeto temático, as relações processuais entre a música e as artes visuais a partir das plásticas sonoras de Walter Smetak.

Como a obra foi feita?

Ao ler o texto e apreciar as imagens desta seção com os alunos, estimule-os a observar com atenção os trabalhos e as criações do artista e a levantar hipóteses acerca dos sons que suas obras podem criar. Faça algumas perguntas a partir do que já viram sobre materiais sonoros e suas propriedades sonoras, por exemplo: “Como vocês reagiriam ao se deparar com este trabalho?”; “Estas são imagens de instrumentos musicais tradicionais?”; “Quais os materiais usados nestes trabalhos?”; “Como vocês acham que estes instrumentos podem ser tocados para produzir sons?”; “Quais sons vocês acham que são produzidos por estes materiais?”; “Quais deles vocês acham que produzem sons graves e quais produzem sons agudos? Por quê?”; “Quais deles vocês acham que produzem sons longos e quais produzem sons curtos? Por quê?”; “Quais vocês imaginam que têm os sons mais fortes e quais têm os sons mais fracos? Por quê?”.

Ao discutir estas questões com os alunos, deixe que formulem suas hipóteses, refletindo acerca de quais características observaram nas imagens para elaborar suas respostas.

Ao abordar a obra **Pindorama**, se achar pertinente, conte para a turma os materiais utilizados na sua confecção: cabaças, tubos de plástico, bambu, cano de PVC, madeira e metal. Pergunte a eles o que acham de um mesmo instrumento ser tocado por 22 pessoas. Comente que esse instrumento foi pensado para ser tocado por onze mulheres e onze homens.

Como a obra foi feita?

As plásticas sonoras ultrapassam uma única classificação. Elas são instrumentos musicais feitos com diversos materiais, como cabaças, cordas, tubos de PVC, latas, entre outros, mas a organização desses materiais é estruturada pensando além do próprio som que produzem, formando verdadeiras esculturas.

Smetak acreditava que a música e o som têm o poder de transformar. Essa crença é um dos elementos que influenciaram a poética do artista.

A cabaça, um dos frutos mais comuns no Nordeste brasileiro, foi muito usada nas plásticas sonoras de Smetak. Na Caatinga nordestina, a cabaça é usada, depois de secar ao Sol, para armazenar comida ou água.

Você consegue identificar as cabaças na plástica sonora a seguir?



► Cabaça.



► **Pindorama**, instrumento coletivo de sopro para ser tocado por 22 pessoas. Criado em 1973.

As imagens não estão representadas em proporção.

54

UNIDADE 1

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

Contexto e práticas

BNCC EF15AR13

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de identificar e apreciar a escultura como forma das artes visuais, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Além disso, poderão identificar e apreciar as plásticas sonoras como forma de expressão musical, reconhecendo as relações processuais entre as artes visuais e a música.

As plásticas sonoras apresentam outra característica marcante: elas são feitas para serem tocadas por mais de uma pessoa ao mesmo tempo. É preciso unir forças para tocá-las! Para o artista, a criação tem de ser coletiva. Smetak também queria que cada pessoa tivesse a possibilidade de reproduzir seus instrumentos, por isso utilizava materiais de baixo custo. Ou seja, ele reciclava materiais diversos para fazer suas obras.



► **Tímpanos grandes**, plástica sonora de Walter Smetak, c. 1970, composta de tambores com cores diferentes para cada som, exposta na Biblioteca Central, Ondina, Bahia, 2005.

Um dos objetivos de Smetak era unir as pessoas, para que juntos produzissem arte! O que você acha disso?

Texto complementar

Plásticas Sonoras smetakianas

[...] as Plásticas Sonoras smetakianas de uma maneira geral atuam como dispositivos [...].

Walter Smetak decompôs a palavra instrumento em duas partes, para delas fazer surgir o “instru” e “mentes”. E assim, formula com neologismo próprio a sua apropriação do português, um sentido para a sua arte como sendo uma instrutora de mentes.

E o que faz o instrumento musical se não isso? Capturar, orientar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos de quem os toca? De um lado, o conceito de música produz o dispositivo que a “toca” e, de outro, o dispositivo instrumento musical tece a rede simbólica e ideológica que conceitua e produz a própria música, implicando também num processo de subjetivação [...].

SCARASSATTI, Marco. Metástase, uma Plástica Sonora Silenciosa, ou o Regime de escuta pleno. *Revista Poiésis*, n. 25, p. 65-79, jul. 2015.

Disponível em: <www.poesis.uff.br/p25/p25-dossie-4-marco-scarassatti.pdf>. Acesso em: 3 nov. 2017.

Fazendo arte

Para realizar esta atividade, é interessante que os alunos tenham mesas grandes a sua disposição, ou mesmo que juntem mesas menores. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Ajude os alunos na construção dos instrumentos propostos. Forneça materiais de apoio, como fitas adesivas, tesouras com pontas arredondadas, etc.

Clave

Para construir a clave, ajude os alunos a fixar o tampão de PVC no cano.

Quando forem testar os instrumentos, oriente-os para que não batam no chão com muita força, pois isso pode danificá-los.

Chocalho

No momento de construção do **chocalho**, enfatize que devem encher apenas um terço da lata com as pedrinhas para chegar ao resultado desejado. Uma lata muito cheia, por exemplo, pode dificultar a produção de sons.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04 BNCC EF15AR15

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar formas de expressão artística como a instalação e a escultura, fazendo uso sustentável de materiais. Além disso, poderão explorar fontes sonoras diversas como as existentes em objetos cotidianos, reconhecendo, em um projeto temático, as relações processuais entre as artes visuais e a música.

FAZENDO ARTE

Com os colegas, vamos criar instrumentos musicais que também podem ser uma escultura? Para isso, sugerimos alguns instrumentos feitos com sucata. Com criatividade, use outros materiais para decorá-los.

Clave

Material necessário

- 40 centímetros de cano de PVC de espessura média
- tampão de PVC que encaixe na boca do cano
- fita adesiva

- 1 Com a ajuda do professor, encaixe o cano de PVC no tampão, até que fiquem firmes.
- 2 Depois de encaixar as duas partes, envolva-as com a fita adesiva para que elas não se soltem.



- 3 Para tocar, basta bater a ponta tampada do cano em piso duro, de cerâmica, de cimento ou de pedra.

Chocalho

Material necessário

- uma lata de refrigerante ou de suco vazia
- pedrinhas ou cascalho
- fita adesiva

- 1 Para construir seu chocalho, primeiro lave a lata e espere secar.
- 2 Coloque as pedrinhas dentro da lata até preencher cerca de um terço do tamanho dela.



- 3 Em seguida, tampe o furo com fita adesiva.
- 4 Agora, experimente tocar seu chocalho. Para isso, é só balançá-lo no ritmo da música.

Fotos: Fernando Favoretto/Arquivo do fotógrafo

Tantã

- 1 Estique os pedaços de plástico na boca de cada uma das latas e, com a ajuda de um colega do grupo, amarre-os com o barbante.



- 2 Com a ajuda do professor, prenda com a fita adesiva uma lata na outra, lado a lado.
- 3 Para tocar, bata no plástico com a ponta dos dedos. Como as latas são de tamanhos diferentes, haverá diferença também no som obtido em cada uma delas.

Material necessário

- dois pedaços de plástico resistente para cobrir a boca das latas
- duas latas de tamanhos diferentes
- dois metros de barbante
- fita adesiva



Foto: Fernando Favretti/Arquivo do fotógrafo

Instrumentos coletivos

- 1 Com a ajuda do professor, encaixe os anéis de lata de alumínio em pedaços de arame. Depois, dobre o arame na forma de um triângulo e prenda as pontas com fita adesiva. Se você chacoalhar esse instrumento, ele faz um som especial!
- 2 Você também pode criar fios sonoros. É só colocar anéis de lata de alumínio em um fio de náilon, deixando um espaço entre eles. Assim, eles ficam mais soltos e podem se chocar, criando o som.

Material necessário

- anéis de lata de alumínio
- arame
- fios de náilon
- uma placa de madeira, de preferência de descarte
- tampas de panela de vários tamanhos
- canos de plástico de tamanhos e espessuras variados
- pedaços de madeira
- material de apoio, como grampeador, fita adesiva, cola quente

57

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Tantã

Para a construção do **tantã**, ajude os alunos a colar uma lata na outra. É possível fazer isso com fita adesiva, com uma faixa que envolva as duas latas de modo que fiquem bem presas. Dê quantas voltas de fita forem necessárias.

Instrumentos coletivos

Ao realizar a proposta de construção de **instrumentos coletivos**, verifique se os alunos estão trabalhando de forma colaborativa.

Ressalte que devem manipular os materiais com cuidado, principalmente o arame. Ajude-os quando for necessário fixar materiais com cola quente, para evitar acidentes.

Expondo e interagindo

Quando a placa sonora estiver pronta, decida em conjunto com os estudantes onde ela será instalada. Seria interessante que fosse um local de grande circulação dentro da escola, como o pátio, por exemplo, assim as outras turmas também poderão experimentar os sons que os diversos materiais sonoros produzem.

Para organizar a mostra de arte, combine com a turma uma data e proponha a realização de oficinas para os visitantes. Se achar pertinente, extrapole as sugestões apresentadas no Livro do Estudante. Você pode, por exemplo, convidar familiares dos estudantes para que ensinem a confeccionar outros objetos sonoros e todos possam experimentar juntos.

A BNCC nestas páginas

Materialidades

BNCC EF15AR04 **BNCC** EF15AR15

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes terão oportunidade de experimentar formas de expressão artística como a instalação e a escultura, fazendo uso sustentável de materiais. Além disso, poderão explorar fontes sonoras diversas como as existentes em objetos cotidianos, reconhecendo, em um projeto temático sobre a plástica sonora, as relações processuais entre as artes visuais e a música.

- 3 Para montar uma placa sonora, coloque a placa de madeira no chão e distribua sobre ela os materiais sonoros. Com a ajuda do professor, prenda os materiais na placa e amarre os pedaços de madeira que serão usados na percussão.
- 4 Depois que os materiais estiverem fixos, com a ajuda do professor prenda ou apoie a placa de madeira em uma parede.
- 5 Agora, convide os colegas para experimentar os sons, assooprando, batendo ou chacoalhando os materiais sonoros!

Expondo e interagindo

A mostra de arte pode ser composta de várias atividades, como exposição, apresentações musicais e oficinas de experimentação.

Convide alunos de outras turmas, professores e outros profissionais da escola, pessoas da comunidade, incluindo, é claro, os familiares!

Veja algumas sugestões de oficinas a seguir. Não se esqueça de fotografar esse trabalho coletivo!

Cantinho da sucata

- 1 Determine um espaço, de preferência com algumas mesas ou bancadas, para deixar disponível todo o material que sobrou da elaboração das esculturas/instrumentos.
- 2 Nesse espaço, com os colegas, o professor e seus familiares e amigos, você poderá dar asas à imaginação e construir esculturas e outros objetos incríveis para aumentar o acervo da exposição!

Cantinho das experimentações sonoras

Proponha aos convidados que se reúnam em grupos formados por adultos e crianças e participe com eles das brincadeiras musicais! Resgate as atividades práticas e experimentações realizadas ao longo da unidade e ensine-as aos seus colegas e familiares.

Registrando

-  Guarde no portfólio fotografias do processo de seu trabalho e também do dia da mostra.

O QUE ESTUDAMOS

- Os artistas podem misturar linguagens artísticas para criar suas obras.
- As plásticas sonoras são uma mistura de arte visual e música.
- As plásticas sonoras foram feitas para serem tocadas por muitas pessoas ao mesmo tempo.
- O artista Walter Smetak criou plásticas sonoras com materiais inusitados.
- Walter Smetak acreditava que a música e o som podem transformar as pessoas.
- A arte pode ser feita com tudo!



Dica de visitação

Na cidade em que você vive existem artistas que são *luthiers*?
Aproveite a ocasião para conhecer o ateliê deles!

É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu nesta unidade. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos nesta unidade, como você responderia à pergunta "A arte pode ser feita com tudo?"?
2. Você ficou satisfeito com sua produção artística? Por quê?
3. Você considera que sua produção artística expressa suas opiniões, seus sentimentos e suas emoções? Por quê?
4. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

Vimos que é possível criar obras de arte inusitadas com materiais diversos e também misturando a arte visual e a música! Mas será que existem outras possibilidades para fazer uma obra de arte? Você pode criar! Afinal, a arte pode ser feita das mais diversas maneiras. Tudo depende da intenção do artista!

É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa, prejudicando a execução das atividades?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e participação dele?

O que estudamos

Para encerrar a unidade, retome a questão inicial com os alunos: "A arte pode ser feita com tudo?". Peça que todos voltem aos seus portfólios e observem tudo o que foi realizado para responder a essa questão e que resultou na produção final: uma mostra interativa de instrumentos de sucata. É importante que os estudantes percebam as frentes nas quais trabalharam para chegar a esse resul-

tado. Ao longo dos capítulos, eles investigaram várias possibilidades, elementos e recursos das linguagens visual e musical, aprofundando, também, sua compreensão sobre o uso da sucata para produzir arte. Além disso, conheceram um exemplo de artista que produz plásticas sonoras. Nesse percurso, entraram em contato com diversos conteúdos e mobilizaram habilidades e competências importantes para sua formação.

Unidade 2

A arte pode fazer a gente se sentir bem?

Cada unidade dos livros da coleção traz uma proposta de Projeto de Trabalho que dura um semestre e busca criar um diálogo entre os interesses dos estudantes e o desenvolvimento das competências e habilidades presentes na BNCC, com vistas ao desenvolvimento de seus conhecimentos artísticos e estéticos e ao aprendizado da arte.

O projeto proposto para a unidade 2 deste volume contempla os seguintes aspectos:

- **Questão norteadora:** A arte pode fazer a gente se sentir bem?
- **Tema contemporâneo:** Saúde.
- **Capítulo 3:** Elementos constitutivos das artes cênicas, com foco na palhaçaria.
- **Capítulo 4:** Elementos constitutivos da dança, com foco na sua relação com as artes circenses.
- **Produto final:** Festival de clowns.

A unidade inicia com a apresentação da pergunta que norteará o projeto, além da ilustração e dos questionamentos do boxe, que podem ser explorados em uma discussão sobre os vários aspectos relacionados ao contato com a arte e seus efeitos em nossa vida.

Proponha algumas perguntas, como: “O que está acontecendo nesta imagem?”; “Como as pessoas da imagem estão: felizes ou tristes?”; “O que elas estão fazendo?”; “As atividades que fazemos podem influenciar o modo como nos sentimos?”.



Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem desta unidade

- Refletir acerca das relações entre arte, experiência artística, saúde e bem-estar.
- Identificar e reconhecer aspectos característicos das linguagens do teatro e da dança, por meio de estudos da arte circense.
- Conhecer características e elementos de diferentes linguagens artísticas e identificar as possibilidades de integração entre elas.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas ao teatro e às experimentações com seus elementos de linguagem.
- Conhecer produções e manifestações artísticas e culturais relacionadas às artes circenses e identificar características desta linguagem.
- Conhecer e experimentar atividades relacionadas à dança e às experimentações com seus elementos de linguagem e processos de criação.



Você já mudou de humor enquanto ouvia uma música? Sentiu-se bem ao assistir a um filme ou a uma peça de teatro? Já se sentiu mais alegre e cheio de energia depois de dançar ou de cantar? Nesta unidade, nosso desafio será descobrir se a arte pode fazer a gente se sentir melhor. Vamos começar?

61

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

◆ Competências desta unidade

- Valorizar e utilizar os conhecimentos historicamente construídos sobre o mundo físico, social, cultural e digital para entender e explicar a realidade, continuar aprendendo e colaborar para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Compreender as linguagens como construção humana, histórica, social e cultural, de natureza dinâmica, reconhecendo-as e valorizando-as como formas de significação da realidade e expressão de subjetividades e identidades sociais e culturais.
- Explorar, conhecer, fruir e analisar criticamente práticas e produções artísticas e culturais do seu entorno social, dos povos indígenas, das comunidades tradicionais brasileiras e de diversas sociedades, em distintos tempos e espaços, para reconhecer a arte como um fenômeno cultural, histórico, social e sensível a diferentes contextos e dialogar com as diversidades.

◆ A BNCC nestas páginas

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao começar a investigação a respeito das relações possíveis entre arte e bem-estar, os estudantes são incentivados a valorizar o patrimônio cultural de culturas diversas, de diferentes épocas, favorecendo a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

- Estabelecer relações entre o corpo, os movimentos e a expressividade em suas produções.
- Estabelecer relações entre questões relacionadas ao bem-estar e à produção artística.
- Apreciar manifestações e produções das artes circenses e performáticas e descrever o que vê e sente em relação a elas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e alguns de seus trabalhos.
- Criar e realizar uma apresentação performática, incorporando elementos do circo, da dança e do teatro.

Arte é vida!

Antes de iniciar o trabalho com o conteúdo da página, você pode propor uma questão para toda a turma com o objetivo de promover um debate e mobilizar repertórios: “Para que serve a arte?”.

Converse sobre a diversidade de contextos em que a produção artística acontece e os diferentes papéis que ela pode assumir. Deixe que os alunos discutam livremente sobre o tema e observe se algum deles menciona que a arte pode fazer bem, já que esse será o tema abordado ao longo da unidade.

Durante a leitura do texto, ao conversar sobre a criação artística, pergunte aos alunos se já sentiram dificuldade de criar durante as aulas de Arte, ou de criar um trabalho para outras disciplinas. Explore com eles o que sentiram e como conseguiram resolver o problema.

Pergunte, então, como conhecer a arte de diferentes tempos e lugares pode contribuir para a criação de uma obra e se esse conhecimento pode ajudar nos momentos em que criar é difícil. Questione-os também sobre a liberdade em relação aos sentimentos e o que isso significa.

Pergunte aos alunos sobre como se sentem enquanto criam durante as aulas de Arte e como podem fazer para que todos se sintam confortáveis durante esses momentos. Se achar pertinente, retome com a turma regras de convivência estabelecidas coletivamente, especialmente sobre organização e respeito aos colegas e aos artistas, bem como a suas criações e apresentações. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Arte é vida!

Entrar em contato com a arte, seja apreciando, seja criando ou produzindo obras artísticas, é um jeito de nos sentirmos mais vivos!

As obras de arte são frutos da imaginação e da habilidade humana, por isso têm o poder de nos estimular e reanimar, lembrando-nos de nossa capacidade de criação.

Mas é muito difícil tirar algo do nada, não é? Para a criação acontecer, é preciso liberdade em relação aos nossos sentimentos e muito, mas muito contato com a arte de diversos tempos e lugares.

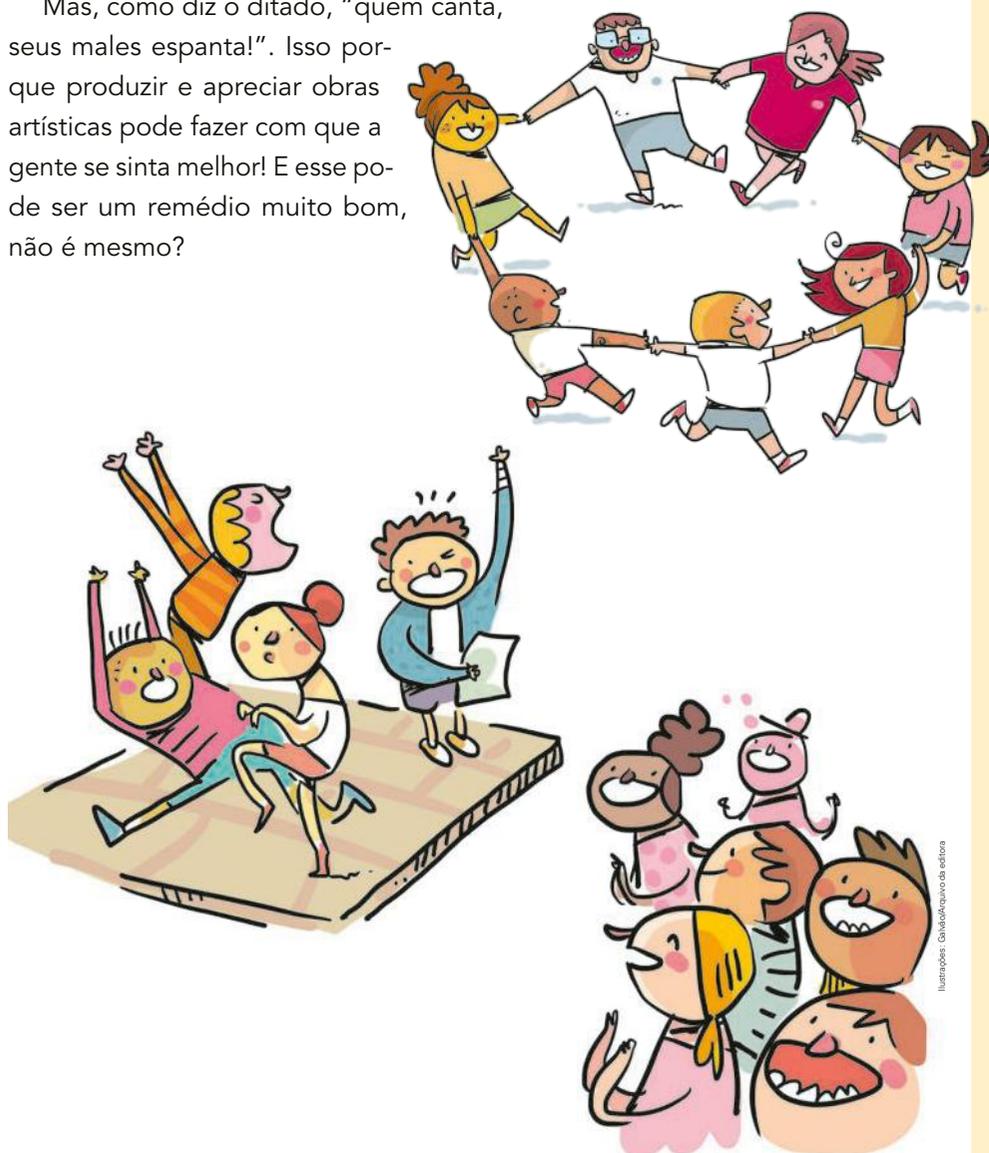
O contato constante com a arte pode nos inspirar e nos tornar cada vez mais criativos e cheios de vida!



Arte é energia!

Quando estamos doentes ou nos sentindo mal, costumamos ficar desanimados e tristonhos. A energia vai embora e só queremos deitar e dormir...

Mas, como diz o ditado, "quem canta, seus males espanta!". Isso porque produzir e apreciar obras artísticas pode fazer com que a gente se sinta melhor! E esse pode ser um remédio muito bom, não é mesmo?



Arte é energia!

Pergunte aos alunos se conhecem o ditado mencionado e o que acham dele. Questione se alguma vez já se sentiram melhor depois de cantar uma canção e se existe alguma canção específica que faz com que eles se sintam bem.

Peça aos alunos que observem as ilustrações da página e que digam o que está acontecendo nelas. Pergunte aos alunos se participaram de alguma das atividades que aparecem nas ilustrações e como se sentiram durante a sua realização e também após o término.

Faça uma síntese do que foi dito pela turma durante a conversa. Registre essa síntese em seu diário de bordo, que o ajudará a avaliar continuamente o seu planejamento e a aprendizagem dos estudantes.

A BNCC nestas páginas

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes poderão reconhecer e valorizar o patrimônio cultural, material e imaterial, de culturas diversas, abordando a importância da arte para o ser humano e a importância de conhecer produções de diferentes épocas, o que favorece a construção de vocabulário e repertório relativos às diferentes linguagens artísticas.

Sugestão de...

Leitura complementar

FRANZIN, Adriana. Como estimular a criatividade das crianças?. *EBC*, 27 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/infantil/para-pais/2012/08/o-que-fazer-como-estimular-a-criatividade-das-criancas>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Nesta matéria, são apresentadas algumas ideias para estimular a criatividade das crianças, tratando

especialmente da importância do brincar.

REDAÇÃO M de Mulher. O impacto da arte na saúde. *Saúde*, 28 out. 2016. Disponível em: <<https://saude.abril.com.br/bem-estar/o-impacto-da-arte-na-saude>>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Nesta matéria, é possível conhecer um pouco mais sobre os benefícios que a arte pode trazer para a saúde.

Experimentação

Antes de iniciar a atividade, converse com os alunos sobre suas experiências com gangorras: "Vocês já brincaram em uma gangorra? Como foi?"; "Vocês brincaram sozinhos ou com um colega?"; "É difícil se equilibrar numa gangorra? Por quê?"; "Que tipos de movimentos vocês precisam fazer para que a gangorra se movimente?".

Se possível, prepare uma maquete de gangorra para que os alunos possam visualizar a situação proposta. Você pode usar uma bolinha de tênis ou de tênis de mesa e apoiar um pedaço de madeira sobre ela. Mostre como a tábua se inclina quando há peso sobre ela e como é possível equilibrá-la colocando peso no lado oposto.

Durante a atividade, faça perguntas para que os estudantes atentem aos pesos: "O que acontece quando há muito peso de um lado e pouco do outro?"; "Para que lado o chão tomba?"; "Como é possível reequilibrar o tablado?".

Também é possível realizar a atividade no pátio ou em outro espaço aberto da escola. Para incrementar a atividade ou adicionar complexidade, você pode sugerir situações que alterem o contexto; por exemplo, dizer que há uma pedra muito grande em um dos lados, ou que a gangorra está coberta de óleo e escorregadia. Essas situações exigem dos alunos concentração, trabalho em equipe e criatividade para realizar os movimentos.

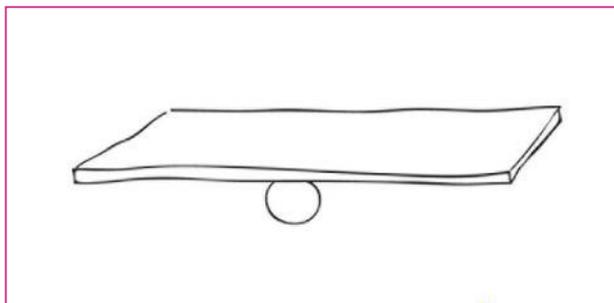
Ao terminar a experimentação, discuta com os alunos como foi trabalhar os movimentos em grupo e o que acharam mais difícil na experimentação. Pergunte como foi lidar com as alterações na gangorra e o que é necessário para encontrar equilíbrio. Se achar pertinente, converse também a respeito de como podemos encontrar equilíbrio não só do corpo, mas em outros aspectos de nossa vida, como tarefas, rotina e diversão.

EXPERIMENTAÇÃO

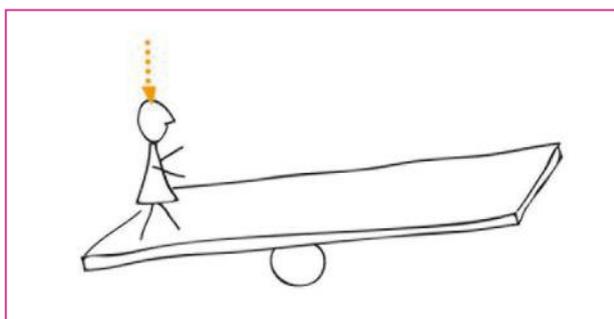
Para finalizar a abertura desta unidade, você vai participar de um jogo teatral que nos faz pensar sobre equilíbrio, algo muito importante para o nosso bem-estar.

Ao terminar a atividade, faça um registro de como foi participar dela e compartilhe com os colegas. Depois, guarde-o no **portfólio**.

- 1 Seguindo as orientações do professor, você e os colegas devem abrir um espaço no centro da sala de aula. Depois, distribuam-se uniformemente em torno dele.
- 2 Agora, imaginem que o chão da sala se transformou em uma gangorra, como na ilustração.

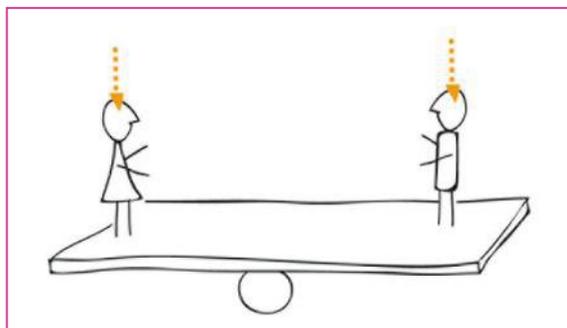


- 3 O professor vai escolher um estudante para ir até o centro da sala, posicionando-se em um dos lados da gangorra imaginária.

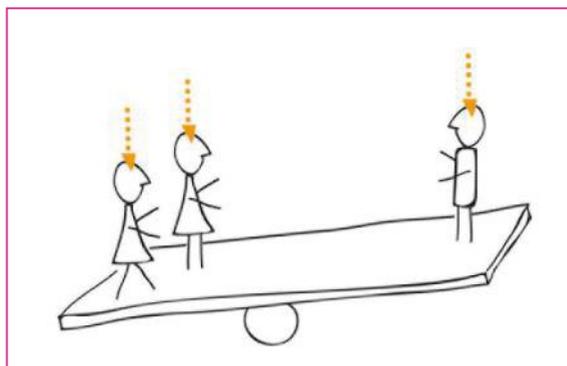


Ilustrações: Joana Bressi/Aquino da Editora

- 4 O peso desse estudante fará a gangorra imaginária se inclinar, então, seguindo o comando do professor, um segundo estudante deve se posicionar até reequilibrá-la.



- 5 O professor vai continuar chamando um aluno por vez, até que todos tenham ido para o centro da sala. Preste atenção aos movimentos das colegas e faça o que for necessário para reequilibrar a gangorra!



Ilustrações: Janna Hense/Arquivo da editora

Como nesse jogo teatral, nosso bem-estar tem tudo a ver com equilíbrio: em alguns momentos estamos bem, em outros, nem tanto. Mas será que a arte pode ajudar nesse processo cheio de altos e baixos que é a vida? A arte pode fazer a gente se sentir bem? Vamos continuar a pensar sobre isso nos próximos capítulos!

65

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Ao concluir a introdução da unidade, é importante conversar com os alunos sobre os caminhos e as relações que devem ser estabelecidos no estudo dos capítulos 3 e 4. Neles, os alunos verão como duas linguagens artísticas – o teatro e a dança – podem fazer com que nos sintamos bem. Essas referências construirão um repertório, alinhavado pelo tema da saúde e da arte circense, que será retomado no fechamento da unidade. Neste percurso, serão trabalhados conteúdos importantes sobre essas linguagens artísticas.

Neste momento, com os alunos, redija uma lista com tópicos relativos às atividades que serão realizadas durante o bimestre. A proposta é que a turma levante o que será necessário fazer para responder à pergunta colocada.

Acate as sugestões deles, caso surjam, e extrapole a nossa sugestão de tópicos relacionados a seguir, promovendo mais atividades, como visitas culturais e técnicas, convidando profissionais para irem à escola e serem entrevistados pelos alunos, entre outras possibilidades.

- Descobrir mais sobre o teatro e seus elementos.
- Experimentar participar de jogos teatrais.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas ligadas ao mundo do circo.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre teatro e artes circenses.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Processos de criação

BNCC EF15AR21

Neste momento, os alunos vão explorar as teatralidades na vida cotidiana, identificando elementos teatrais, e exercitar a imitação e o faz de conta, resignificando objetos e fatos, ao compor e encenar acontecimentos cênicos, de forma intencional e reflexiva.

Unidade 2 – Capítulo 3

Um espetáculo de alegria!

Ao iniciar os estudos do capítulo 3, estabeleça as relações com a questão central da unidade: “A arte pode fazer a gente se sentir bem?”. É possível começar a exploração do conteúdo a partir do próprio título do capítulo, perguntando aos alunos, por exemplo, o que significa “alegria”. Deixe que eles falem sobre o termo livremente para então questionar como um espetáculo pode ser de alegria. Para responder a esse questionamento, você pode trazer outras perguntas que os ajudem a refletir; por exemplo: “O que faz com que você se sinta alegre?”; “Você já sentiu alegria ao assistir a um espetáculo artístico? Conte aos colegas sobre esse espetáculo.”; “Você conhece artistas que buscam fazer a plateia sorrir?”.

Este capítulo apresenta aos alunos o teatro de rua, valorizando os artistas autodidatas, a proximidade com o público e a espontaneidade na criação artística. Trata, ainda, das artes dramáticas em seus diferentes meios de produção, apresentação e transmissão.

O teatro do grupo Circo Teatro Artetude

Para iniciar

Converse com os alunos sobre as questões propostas no box, para que reconheçam as características de um espetáculo teatral que dialoga com a linguagem circense.

Essas questões são uma forma de desvelar o que os alunos pensam sobre as motivações do grupo Circo Teatro Artetude. Neste momento, é importante relacionar suas manifestações à questão central da unidade e seus desdobramentos. Por exemplo, ao falar sobre as risadas, incentive os alunos a pensar a respeito de como dar risada faz as pessoas se sentirem. Pergunte: “Será que dar risadas nos ajuda a nos sentirmos melhor? Isso faria bem à saúde?”.

Ao levantar hipóteses sobre como o espetáculo pode causar reações e sensações a quem o assiste, pergunte: “Como você acha que se sentiria se chegasse triste ou



Um espetáculo de alegria!

O teatro do grupo Circo Teatro Artetude

Você já ouviu a expressão “rir é o melhor remédio”? Um artista ou uma obra de arte já fizeram você cair na risada? A arte pode provocar o riso de muitas formas. Vamos ver um exemplo disso conhecendo o trabalho de um grupo de artistas que faz uma divertida mistura entre circo e teatro!

Para iniciar

1. Você gosta de teatro? E de circo?
2. O que acha que o circo e o teatro têm em comum?
3. Como você acha que um artista pode fazer o público de um espetáculo rir?

Observe a imagem desta página. O que você sente ao olhar para ela?



► Cena do espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, Brasília, Distrito Federal, 2009.

mal-humorado a este espetáculo? E se você chegasse feliz?”. É importante relacionar a ideia de sentir-se bem, ponto central da unidade, ao tema da saúde.

Caso algum dos alunos já tenha assistido a um espetáculo circense, peça que conte aos colegas como foi, quais foram os números apresentados, do que mais gostou e se consegue identificar nas imagens do espetáculo apresentado alguma semelhança com o que viu.

Agora, veja esta outra imagem. Onde os artistas estão? Que figurino eles usam?



► Cena do espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, Brasília, Distrito Federal, 2012.

As imagens destas páginas são cenas do espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, de Brasília. Os artistas da trupe gostam tanto de circo que transformaram o palco em um **picadeiro**!

Como você acha que é esse espetáculo? Na sua opinião, como se sente o público que assiste a esse espetáculo?

• **picadeiro:** área circular no centro de um circo, onde os artistas se apresentam.

► CAPÍTULO 3 67

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.

Linguagem

Teatro.

Dimensões do conhecimento

Fruição; reflexão.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, os alunos poderão reconhecer e apreciar uma forma de manifestação do teatro presente no contexto da arte de rua.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer alguns elementos da linguagem teatral, como o espaço cênico e os jogos cênicos.
- Conhecer e apreciar espetáculos de teatro relacionados aos temas: circo e brincadeira.
- Participar de jogos teatrais.
- Descrever o que vê e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua opinião, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar os artistas que realizaram as obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e suas principais obras.
- Compreender os valores estéticos dos artistas que realizaram as obras apreciadas.
- Ler e escrever sobre a temática investigada.
- Criar e produzir um teatro inspirado no trabalho do grupo Circo Teatro Artetude, de Brasília, apropriando-se desses saberes em suas produções.

Que obra é essa?

Sugerimos que a leitura da composição de imagens apresentada seja feita coletivamente. Em um primeiro momento, incentive os estudantes a comentar livremente o que observam. Depois, conduza a discussão a fim de problematizar o que estão vendo e levá-los a novas reflexões. Para isso, você pode se apoiar nas questões sugeridas no Livro do Estudante.

Ao fazer a leitura de imagens, que registram os trabalhos do grupo, é importante direcionar o olhar dos alunos para aspectos fundamentais dessas realizações, como as ações que se desenvolvem no espaço cênico, as expressões faciais e a gestualidade dos atores e personagens, bem como seus figurinos e a maquiagem. Estimule-os a manifestar suas impressões e a levantar hipóteses acerca das ações retratadas.

Incentive os estudantes a levantar hipóteses também acerca das motivações do grupo ao realizar a montagem do espetáculo **Brincadeiras de circo**.

Ao identificar as bases de inspiração e pesquisa do Circo Teatro Artetude, os estudantes poderão perceber a complexidade dos diferentes recursos da linguagem cênica e como funciona a expressão corporal, acrescentando ao seu repertório as ideias e os procedimentos com os quais entraram em contato.

Que obra é essa?

Em **Brincadeiras de circo**, os irmãos Ankomárcio e Ruiberdan Saúde dão vida aos palhaços Raquaquá e Chaubraubrau. Eles tocam, cantam e divertem o público ao lado dos palhaços Mandioca Frita, Tapioca e Espiga de Milho.



André Ribeiro/Arquivo do fotógrafo

► Cena do espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, Brasília, Distrito Federal, 2014.



Circo Teatro Artetude/Divulgação

► Cena do espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, Taguatinga, Distrito Federal, 2016.

68

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

Breve história do circo

O circo da forma que conhecemos hoje surgiu durante o Império Romano. O primeiro circo famoso foi o Circus Maximus, que teria sido inaugurado no século VI a.C., com uma capacidade média para 150 mil pessoas. Na época a atração principal era a corrida de carruagens, mas com o passar do tempo foram surgindo outras atrações, como as lutas de gladiadores, as apresentações de animais selvagens e de pessoas com habilidades incomuns, como engolidores de fogo.

Com o fim do império dos Césares e o início da era medieval os

artistas populares passaram a fazer apresentações em praças públicas, feiras e entradas de igrejas. Em 1768, em Londres, foi inaugurado o Anfiteatro Real das Artes, onde as apresentações comuns foram alteradas para chamar a atenção do público. Os números deixaram de ter apenas apresentações equestres e passaram a ter números com palhaços, acrobatas e malabaristas.

O circo chegou ao Brasil por volta de 1830, e aqui se adaptou às condições locais, tornando-se uma das mais importantes manifestações das artes cênicas, por meio das famílias vindas da Europa. Essas famí-

Além da **palhaçaria**, o espetáculo traz para o palco do teatro outros elementos típicos do circo, como o **malabarismo**, a **acrobacia** e o **contorcionismo**, tudo acompanhado de muita música e animação!



► Os irmãos Saúde fazendo malabarismo, Brasília, Distrito Federal, 2014.

- **palhaçaria:** arte de fazer rir realizada pelos palhaços.
- **malabarismo:** arte de equilibrar objetos no ar usando partes do corpo.
- **acrobacia:** arte de fazer movimentos corporais extremamente difíceis no chão ou no ar (como saltos, giros e piruetas); pode utilizar aparelhos como balanços, cordas e trapézios.
- **contorcionismo:** arte de se contorcer, de dobrar o corpo em posições muito difíceis.

Observe a figura ao lado. Onde os artistas parecem estar se apresentando? Esse palco é diferente, não é? Os artistas estão se apresentando na rua para um público que não está dentro de um espaço fechado. Por que você acha que eles escolheram fazer sua encenação assim?



► Os irmãos Saúde fazendo acrobacias, Brasília, Distrito Federal, 2013.

► CAPÍTULO 3 69

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Durante a leitura, esclareça os conceitos apresentados no texto. Para isso, apoie-se nos glossários e, se necessário, pesquise imagens e vídeos de apresentações de palhaçaria, malabarismo, acrobacia e contorcionismo, para que os alunos observem e comentem. Esse tipo de material pode ser encontrado com facilidade na internet.

Destaque o fato de o grupo levar o espetáculo **Brincadeiras de circo** para espaços públicos abertos, como ruas e praças, dando livre acesso ao público espectador.

Sugestão de...

Livro

BOLOGNESI, Mario Fernando. *Circos e palhaços brasileiros*. São Paulo: Cultura Acadêmica/Unesp, 2007. Disponível em: <www.culturacademica.com.br/catalogo-detalle.asp?ctl_id=26>. Acesso em: 11 dez. 2017.

O livro, cuja versão digital pode ser obtida gratuitamente no site de sua editora, apresenta, em forma de catálogo, documentação iconográfica e escrita de alguns circos brasileiros e seus palhaços.

► A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Neste momento, ao se aprofundar no conhecimento da obra, os alunos continuam a reconhecer e a apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional.

lias se manifestavam em apresentações teatrais. Os ciganos vindos também da Europa, apresentavam-se ao público de cidade em cidade, nos espaços que lhes eram cedidos.

Depois de atingir seu auge na primeira metade do século XX, o circo sofreu as consequências da remodelação das formas tradicionais e perdeu público devido à popularização do cinema e da televisão. Nos anos 80, surgiram iniciativas de revitalização de sua riqueza, obtida graças à apropriação de elementos de diferentes culturas, linguagens artísticas e regionais.

As manifestações artísticas eram de acordo com a aceitação do público, o que não agradava, não era mais mostrado naquela determinada região. Algumas atrações foram adaptadas ao estilo brasileiro. O palhaço europeu, por exemplo, era menos falante, usava a mímica como base, já no Brasil, o palhaço fala muito, utiliza uma comédia mais simples, com coisas do cotidiano, linguagem coloquial e também instrumentos musicais, como o violão.

TURMINHA do MPF. 27 de março: Dia do Circo. *EBC*, 23 mar. 2016. Disponível em: <www.ebc.com.br/infantil/voce-sabia/2016/03/27-de-marco-dia-do-circo>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Como a obra foi feita?

Peça aos alunos que observem atentamente o ônibus do grupo. Pergunte a eles sobre as cores e o que mais conseguem perceber de diferente em relação a um ônibus comum. Explore com eles o que acham sobre o grupo ter esse ônibus e levar o espetáculo para diversos lugares por meio dele.

Chame a atenção para a motivação dos artistas de promover ações culturais descentralizadas por meio de suas apresentações, levando-as a lugares mais afastados, ou mesmo às áreas periféricas de grandes centros urbanos e pergunte se conhecem iniciativas semelhantes de outros artistas ou grupos, ainda que não sejam ligados à arte.

Abra espaço para que os alunos digam do que sentem falta em sua cidade e se uma iniciativa como a dos irmãos Saúde poderia fazer diferença no dia a dia deles. Pergunte, também, se os trabalhos desenvolvidos nas aulas de Arte – como as apresentações elaboradas ao longo do ano, seja para os colegas ou para a comunidade escolar – podem fazer diferença, levando arte e, às vezes, sorrisos e bem-estar para quem assiste.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse a página de programas e ações do Ministério da Cultura e consulte se há alguma ação que possa contemplar os estudantes sendo desenvolvida na região onde vocês vivem. Disponível em: <www.cultura.gov.br/programas-e-acoes>. Acesso em: 11 dez. 2017.

Como a obra foi feita?

Os artistas do Circo Teatro Artetude viajam pelo Brasil em um ônibus colorido, equipado com aparelhos de luz, som e imagem, que é ao mesmo tempo **camarim** e picadeiro.

camarim:

local em que os artistas se preparam para uma apresentação e onde podem se maquiar, trocar de roupa, descansar, etc.



► O ônibus da trupe Circo Teatro Artetude, Brasília, Distrito Federal, 2010.



► Público assistindo ao espetáculo **Brincadeiras de circo**, Recife, 2014.

Você já viu um ônibus como este? O que achou dele? Será que ele chama a atenção do público?

70

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O circo

Produzida depois de *Parade* e *Cancan*, **O circo** foi o terceiro painel de uma série sobre atrações populares da cidade moderna e seu entretenimento noturno, de Seurat.

O circo foi um tema comumente abordado na década de 1880, principalmente por Renoir, Degas e Toulouse-Lautrec. Mas **O circo** é visto como uma das aplicações mais impressionantes do Divisionismo. Nesta obra, Seurat interpreta as teorias de Charles Henry sobre os

efeitos psicológicos das linhas e das cores, assim como as teorias de mistura ótica das cores, formuladas por Chevreul e Rood.

Quando o quadro foi exibido no Salão dos Independentes [Salón des Indépendants] em 1891, um crítico constatou que “tudo em **O circo** alcança harmonia por meio da analogia, da conciliação dos opostos, conspirando para uma sensação de alegria: linhas ascendentes, sucessivos contrastes de tons, predominância do laranja, demarcada por uma moldura que cria uma oposição de tom e cor com o todo...”.

Os irmãos Saúde, criadores do grupo Circo Teatro Artetude, cresceram em um lugar onde não havia teatro. Quando resolveram trabalhar com essa forma de arte, decidiram levá-la para locais onde não existem teatros, cinemas, museus ou galerias de arte.

Com mais de 15 anos de existência, o grupo já se apresentou em cidades de todos os estados do Brasil.

Em **Brincadeiras de Circo**, além de números e técnicas circenses, os artistas exploram temas do cotidiano, como a educação e o consumo. Eles também procuram provocar reflexões sobre temas como preconceito e fé.

Saiba mais

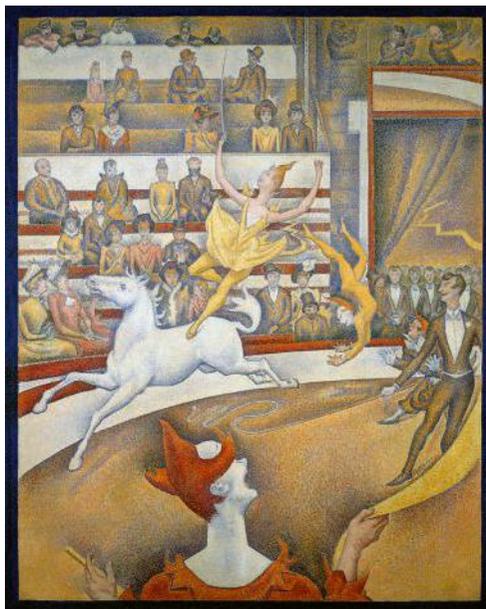
O ex-militar inglês Philip Astley (1742-1814) é considerado um dos criadores do circo como o conhecemos hoje. Em 1768, ele inaugurou o Anfiteatro Real das Artes, onde aconteciam apresentações de cavalos.

Foi ele quem teve a ideia de usar um picadeiro em forma de círculo, para que os animais corresse mais rápido.

Também foi ele quem decidiu misturar vários tipos de atração em um mesmo espetáculo, alternando as exibições dos cavalos com números de palhaços, acrobatas e malabaristas.

Apesar de essa ter sido a origem do circo, hoje em dia, muitas cidades e estados proíbem a apresentação de animais em espetáculos circenses e os picadeiros divertem com as acrobacias, palhaçarias, malabarismos e contorcionismos feitos por artistas.

Observe a pintura ao lado, feita por Georges Seurat, um pintor francês. Quais cores são mais quentes e quais são mais frias? Qual é o caminho que seu olhar percorre ao ver a imagem? Que sensação esse caminho do olhar lhe causa?



► **O circo**, de Georges Seurat, 1890-1891 (óleo sobre tela, 186 cm x 52 cm).

Dois espaços estão justapostos: o espaço do palco e dos artistas, todas as curvas, arabescos e espirais estilizadas, repleto de tensão dinâmica, ou mesmo um desequilíbrio; e o espaço para os assentos e o público, rígido, ortogonal, sem movimento, estritamente geométrico. O esquema de cores também obedece a regras precisas: a cor primordial, de pura luz, branca, domina a tela. A paleta, então, harmoniza as três cores primárias: vermelho, amarelo e azul, moduladas em pinceladas metódicas ecoando o ritmo das linhas. Finalmente, Seurat isola sua pintura com uma borda mais escura pintada diretamente na tela e

com uma moldura lisa com o mesmo tom de azul, tornando-a parte integral da obra.

Com essa tela inacabada – o pintor morreu de difteria poucos dias depois de o Salão abrir – Seurat buscava criar simbiose entre a criação artística e a análise científica, assunto de grande interesse popular no século XIX.

Disponível em: <www.musee-orsay.fr/en/collections/works-in-focus/search/commentaire/commentaire_id/le-cirque-7090.html?no_cache=1> (tradução dos autores). Acesso em: 27 nov. 2017.

Saiba mais

Ao realizar a leitura do box, peça aos alunos que observem atentamente a obra e pergunte, por exemplo: “Qual cor mais aparece neste quadro?”; “O lugar onde os artistas estão se apresentando tem mais linhas retas ou curvas? E o lugar da plateia?”; “Como o artista usou pontos para criar essa pintura?”.

Sugestão de...

Leitura complementar

BOLOGNESI, Mario Fernando. Philip Astley e o circo moderno: romantismo, guerras e nacionalismo. *O percevejo*, v. 1, n. 1, 2009. Disponível em: <www.seer.unirio.br/index.php/opercevejoonline/article/view/496/422>. Acesso em: 27 nov. 2017.

Neste artigo, é possível conhecer mais sobre Philip Astley e seu papel na história do circo moderno.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

BNCC EF15AR18

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes vão poder identificar e apreciar uma pintura, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório imagético. Além disso, continuam a apreciar a manifestação teatral e a valorizar essa manifestação artística.

Encenação por toda parte

Se possível, antes da leitura, procure na internet trechos de espetáculos teatrais – em sites de compartilhamento de vídeos ou nos sites de companhias de teatro – para exibir aos alunos. Proponha uma conversa sobre o que acharam da interpretação e da maneira como os atores se colocam.

Fale um pouco mais para os alunos sobre os profissionais que trabalham com teatro. Conte que a pessoa que escreve peças de teatro é chamada de dramaturgo. Pergunte se eles conhecem ou já ouviram falar de autores e dramaturgos importantes para a história do teatro brasileiro, como Augusto Boal (1931-2009), Chiquinha Gonzaga (1847-1935), Maria Clara Machado (1921-2001) e Nelson Rodrigues (1912-1980), e também para a história do teatro mundial, como Aphra Behn (1640-1689), Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), Gil Vicente (1465-1536) William Shakespeare (1564-1616), entre outros.

Na TV

É importante conversar com os estudantes a respeito das encenações produzidas e/ou transmitidas pelas emissoras de televisão. Para muitos, pode ser o único tipo de encenação com o qual já tiveram contato. Pergunte à turma sobre os hábitos de suas famílias ao assistir à TV em casa, para que eles prestem atenção ao contexto e à situação de fruição das obras: “Alguém em sua casa assiste às novelas?”; “O que vocês acham dessas histórias?”; “Vocês costumam assistir a filmes pela TV?”; “Em sua casa, vocês precisam negociar o que vão ver na TV? Como isso acontece?”; “Vocês fazem outras coisas enquanto assistem à TV?”. Você também pode começar a fazer perguntas sobre as diferenças entre a encenação gravada ou transmitida e a encenação presencial: “Vocês acham que o trabalho dos atores é diferente no palco do teatro e nas gravações das novelas ou seriados de TV?”; “O que vocês acham que muda?”.

Encenação por toda parte

Quando falamos em encenação, muita gente pensa apenas em espetáculos apresentados em teatros, mas o ato de encenar não acontece só nesse tipo de lugar e situação. Como vimos, o espetáculo **Brincadeiras de circo**, por exemplo, também foi encenado ao ar livre! Vamos ver alguns exemplos de situações em que assistimos a encenações?

Na TV

Com a invenção do cinema e da televisão e, mais recentemente, da internet, uma mesma encenação pode ser assistida ao mesmo tempo por milhares de pessoas no mundo todo. As novelas, os seriados e os filmes transmitidos pelas emissoras de TV são encenações muito populares no Brasil.



► Cena da novela **Carinha de anjo**, que estreou em 2016.

Diversos programas infantis de TV têm quadros com atores e bonecos em cena.



► Cena da série infantil televisiva **Detetives do Prédio Azul**, que estreou em 2012.

72

UNIDADE 2 >

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse o site da companhia de teatro Pia Frauss e assista com os alunos a alguns vídeos de espetáculos encenados pelo grupo. Disponível em: <<http://piafraus.com.br/site/videos>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

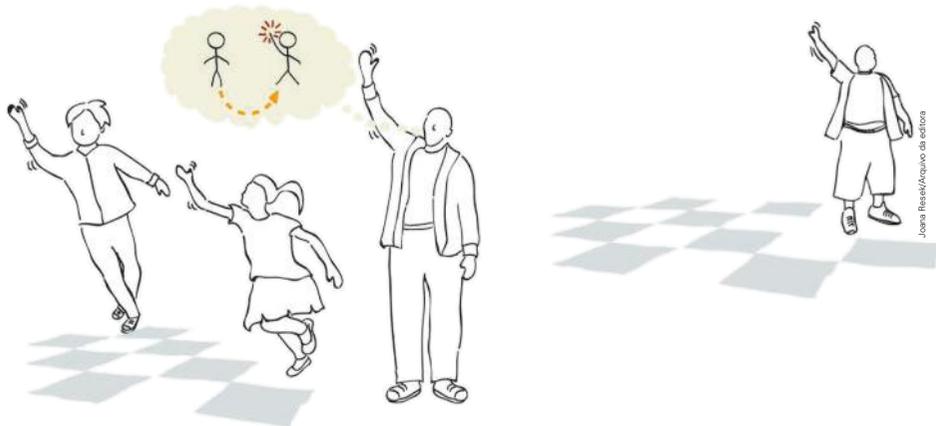
Em que momentos você assiste à TV em sua casa? Você gosta de programas em que há atuação?

Atividade prática

Falando em encenação, nas atividades práticas deste capítulo vamos participar de alguns jogos teatrais! Ao terminar cada trabalho, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas antes de guardá-los no portfólio.

Vamos começar explorando o espaço da sala de aula.

- 1 Ande pela sala na velocidade estabelecida pelo professor. As velocidades seguirão uma escala de zero a seis, sendo zero a imobilidade e seis a corrida. Procure, com os colegas, ocupar todo o espaço possível na sala, sem que seja necessário parar de andar.
- 2 Quando o professor disser "Pare!", fique na posição em que estiver e confira se existe algum espaço vazio na sala.
- 3 Volte a andar quando o professor indicar, seguindo a velocidade estabelecida.
- 4 Preste atenção nas novas indicações do professor: agora, ele vai acrescentar outros elementos além da velocidade. Se, por exemplo, ele disser "grupos de três pessoas", vocês deverão formar o máximo possível de conjuntos de três pessoas. Se, em seguida, ele disser "mãos levantadas", você e os colegas de grupo deverão levantar as mãos.



Atividade prática

Para as experimentações e vivências com o teatro, é importante que os estudantes estejam aquecidos e se sintam à vontade. Comece as atividades propondo alongamentos e alguns aquecimentos, como pular no mesmo lugar, fazer onomatopeias com a boca, imitar sons e até gritar, desde que sem forçar a voz ou atrapalhar turmas que possam estar em outras atividades em salas vizinhas.

As atividades práticas do capítulo trabalham principalmente com três dimensões: exploração do espaço, reconhecimento e mimetização de situações e improvisação coletiva como estratégia criativa. De modo geral, elas exigem trabalho coletivo e busca de soluções conjuntas.

Como muitas atividades de teatro são basicamente corporais e solicitam o toque e a empatia, verifique se há estudantes que não se sentem à vontade nessas situações. Identifique e reconheça os limites de cada estudante e trabalhe com eles para que não se sintam pressionados.

Antes de começar a atividade, estude e prepare com os estudantes os níveis de velocidade. Eles devem conceber, atingir e controlar seis velocidades diferentes para realizá-la. Portanto, é preciso que se defina muito bem qual é a mais lenta e qual é a mais rápida que todos podem alcançar com conforto e segurança. Se possível, procure um espaço externo, mas delimitado, para essa experimentação, como o pátio ou a quadra. Uma boa forma de conduzi-la é começar pela velocidade mais rápida e pedir que diminuam gradativamente até alcançar a velocidade zero.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Processos de criação

BNCC EF15AR20

Neste momento, ao conhecer mais sobre a encenação e como ela está presente no dia

a dia, os estudantes podem reconhecer manifestações do teatro em diferentes contextos. A atividade sugerida também propõe um espaço de descoberta e identificação de elementos teatrais, além de um trabalho coletivo, explorando a teatralidade das ações do cotidiano.

No cinema

Você pode começar a conversa perguntando à turma quem já foi ao cinema, pois é possível que algumas crianças dessa idade não tenham tido essa experiência. Caso haja estudantes que tenham frequentado o cinema e outros que não, peça aos primeiros que relatem a experiência: “Como é uma sala de cinema?”; “Qual é a diferença entre assistir a um filme em casa, pela televisão, e em um cinema?”; “Você pode fazer as mesmas coisas que faz quando assiste a um filme em casa ou existem outras regras?”. Essas perguntas podem ajudar o estudante a diferenciar as situações e os contextos de contato com obras cênicas.

Caso eles não tenham ido a salas de cinema, você pode aproximá-los do tema explicando que muitos filmes exibidos na TV ou no computador (seja em transmissão, seja em arquivos de mídia) são produzidos para o cinema. Então, explique as diferenças entre as situações: os horários, o formato, as condições técnicas de exibição e a companhia de outras pessoas no recinto. Você pode aproveitar para realizar mais aquecimentos com o grupo para os exercícios e jogos teatrais. Pergunte: “Quais são seus filmes preferidos?”; “Quem se lembra de uma fala ou passagem de um filme para interpretar?”.

No teatro

Peça aos estudantes que já tiveram a experiência de ir ao teatro que contem como foi: eles podem relatar onde se comprava ou retirava o ingresso, como era o palco, como eram os elementos em cena e a iluminação, como começava o espetáculo, como as pessoas se comportavam na plateia, entre outras informações das quais se recordem. O importante é que se possa construir uma imagem mais completa possível da experiência de ir a um teatro assistir a uma peça.

Busque mostrar como a situação teatral tem diferenças em relação aos meios audiovisuais no que diz respeito à atuação, na medida em que a obra se recria a cada sessão. Pergunte: “Os atores conversavam com o público?”; “Eles convidavam a participar?”; “Eles improvisavam em cima de acontecimentos ou

No cinema

As encenações também podem ser vistas no cinema. Você já foi ou costuma ir ao cinema? Com quem você geralmente vai?

A maior parte dos filmes exibidos no cinema são obras de ficção, que podem ser de vários tipos: ação, comédia, romance, ficção científica, suspense.



► Público durante sessão de cinema, Recife, Pernambuco, 2016.

Que tipo de filme você gosta de ver quando vai ao cinema?

No teatro

Como já dissemos, as encenações também podem ser vistas nos teatros. Com os atores diante de nós, dando vida ao espetáculo na hora, as sensações são bem diferentes!



► Encenação da peça infantil **O patinho feio**, Praia Grande, São Paulo, 2012.

74

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

ou pessoas que estavam ali?”. Se ninguém na sala tiver passado pela experiência de ir ao teatro, você pode mostrar aos estudantes imagens e, preferencialmente, vídeos de teatros e espetáculos teatrais que tiver pesquisado previamente. É possível encontrar vídeos na internet por meio de plataformas de busca ou, principalmente, no site oficial das companhias teatrais.

Sugestão de...

Site

Se possível, acesse, por exemplo, o site oficial da Cia. Truks e assista com a turma a alguns vídeos de apresentações do grupo. Disponível em: <www.truks.com.br/videos>. Acesso em: 12 dez. 2017.

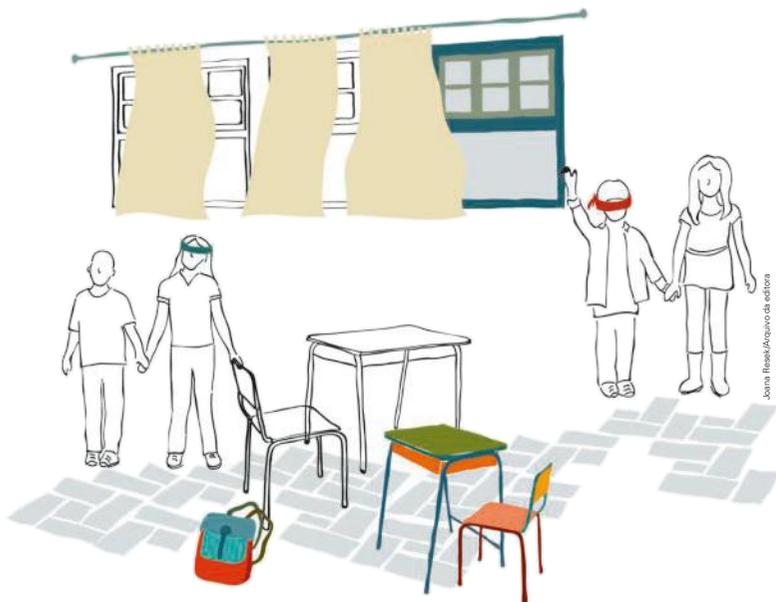
Em geral, as peças de teatro são apresentadas em um palco. Por que você acha que isso acontece? Você sabe o que existe por trás do palco?

Em alguns teatros, a peça acontece em meio aos espectadores. Também há espetáculos em que o público é convidado a participar. Você gostaria de ser chamado de repente para participar de uma peça?

Atividade prática

 Neste jogo, você vai tentar reconhecer um espaço sem usar a visão.

- 1 Forme uma dupla com um colega. Um dos dois deverá começar o jogo vendado, enquanto o outro será o guia.
- 2 Cuidadosamente, o guia deverá levar o colega vendado por um trajeto conhecido na sala de aula ou em outro espaço da escola.
- 3 O aluno vendado deve tocar objetos e elementos durante o percurso, procurando perceber detalhes desse ambiente conhecido usando apenas o tato.
- 4 Na rodada seguinte, troque de papel com sua dupla!



Sugestão de...

Livro

COELHO, Raquel. *Teatro*. 2. ed. Belo Horizonte: Formato, 2006.

O livro traz um texto informativo sobre o teatro e apresenta imagens de cenários, personagens e fatos relacionados a essa manifestação artística e suas diferentes formas de representação, como o teatro de bonecos, o teatro de rua, a *commedia dell'arte*, etc.

Atividade prática

Neste jogo, o aluno de olhos vendados deve usar o tato para formar uma perspectiva diferente de um espaço já percebido pelo olhar.

Esse jogo trabalha com a confiança no colega, sensação fundamental nas atividades cênicas, pois favorece a parceria e o trabalho conjunto. Sugira aos estudantes que comecem fazendo pequenos trajetos, como cruzar a sala de aula ou circular pela quadra da escola, para que se acostumem à situação e consigam atentar à velocidade mais adequada para andar, à melhor forma de fazer curvas, ao problema de fazer movimentos repentinos, etc. Caso alguém na sala tenha deficiência visual, você pode organizar uma conversa inicial entre a turma e essa criança, para que ela compartilhe como é sua experiência cotidiana.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Neste momento, os estudantes continuam a reconhecer manifestações do teatro em diferentes contextos. A atividade sugerida também propõe um espaço de descoberta da teatralidade na vida cotidiana, identificando elementos teatrais ao explorar o espaço por meio do tato.

Nos festejos

Ao comentar sobre as encenações em festejos tradicionais, não deixe de enfatizar que, embora, atualmente, alguns autos, por exemplo, com grande projeção midiática recorram a atores, figurinistas e cenógrafos profissionais, os festejos, de modo geral, são produzidos por membros da comunidade que não exercem aquelas profissões.

Outra característica distintiva dos festejos é sua regularidade: por serem manifestações tradicionais, costumam acontecer com determinada periodicidade no calendário anual. Há também a dimensão espacial: os festejos costumam ocorrer em espaços abertos ou que, por algum motivo, estejam intimamente associados à razão da celebração (por exemplo, templos religiosos, locais de culto, pontos históricos, etc.). Para introduzir esse debate, você pode fazer perguntas como: “Quais são as diferenças entre as peças teatrais ou os filmes e as encenações dos festejos?”; “Que tipos de história costumam ser representados nessas diferentes situações?”.

Procure partir de referências locais dos estudantes para ampliar o estudo deste tema, levantando referências de festejos tradicionais que envolvam autos ou representações cênicas. Você pode levar imagens ou vídeos de manifestações de diferentes regiões do país ou mesmo de outras nações para exibir em sala de aula e mostrar a diversidade das formas de celebrar e dos fatos celebrados.

Nas ruas

Caso algum aluno já tenha visto alguma apresentação artística na rua, peça que conte aos colegas como foi a sua experiência.

Retome com eles as outras formas de encenação mencionadas, como na TV, no cinema e no teatro. Pergunte a eles semelhanças e diferenças que conseguem imaginar entre todas essas situações e os desafios de cada uma delas. Pergunte quais formas de encenação permitem maior interação com o público e o que eles pensam sobre participar de uma encenação em algum desses contextos.

Nos festejos

Também podemos ver encenações em festejos. Lendas, mitos, acontecimentos históricos e passagens de narrativas religiosas são recriados por atores ou por amadores, pessoas comuns que ajudam a manter viva a tradição dessas comemorações.



► Mascarados na Cavalhada de Pirenópolis, Goiás, 2012.

Você já participou de um festejo? Já assistiu a uma encenação em algum deles?

Nas ruas

Como vimos no espetáculo **Brincadeiras de circo**, existem atores que se apresentam em ruas, parques e praças. Seja divertindo, seja fazendo refletir, eles quebram a rotina das pessoas que passam por esses lugares.



► Espetáculo do grupo Usina do Trabalho do Ator, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2016.

Você já assistiu a uma apresentação de teatro de rua? O que achou?

76 UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestões de atividades complementares

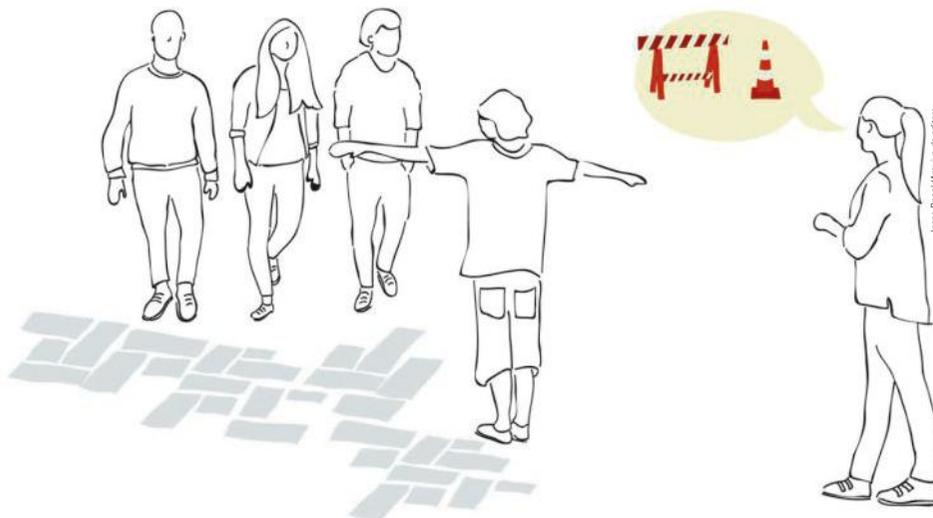
Atividade 1

Divida os alunos em grupos de quatro integrantes. Em seguida, distribua pedaços de papel dobrado com o nome do lugar que cada grupo deve representar. Oriente os alunos a realizar a mímica e a explorar a expressão corporal como uma representação cênica do lugar determinado, para que os demais colegas tentem descobrir. Eles devem pensar quais são as ações e situações que acontecem nesses lugares, quem são as pessoas que os frequentam, como se comportam, como interagem entre si, quanto tempo permanecem neste lugar, etc. É importante que façam gestos e movimentos bem marcantes.

Atividade prática

Esta atividade deve ser realizada no pátio ou outro espaço amplo da escola. Três estudantes deverão atravessar um lugar perigoso. Para isso, eles terão a ajuda de alguns alunos, mas o restante da turma fará de tudo para dificultar a travessia.

- 1 Escolha, com os colegas, três alunos para serem os atravessadores. Esse trio vai criar o lugar a ser atravessado. Os demais estudantes serão divididos em dois grupos.
- 2 Um dos grupos deve ajudar os atravessadores a cumprir a missão e o outro deve criar obstáculos. Esses grupos entrarão em ação apenas quando o professor disser "Ajuda!" e "Obstáculo!", respectivamente.
- 3 Para intervir, os participantes dos dois grupos devem se transformar em objetos, atrapalhando ou ajudando o caminho dos atravessadores. Com cuidado, claro! Se os atravessadores escolherem atravessar uma estrada, alguém do grupo dos obstáculos poderá ser um muro, enquanto alguém do grupo da ajuda pode ser uma escada.
- 4 Lembre-se de que os grupos não devem usar o diálogo para intervir, apenas a interpretação!



Atividade 2

Divida os estudantes em grupos de quatro integrantes. Cada grupo deverá escolher um lugar ou uma coisa ao qual estão presos. Eles podem estar presos em um elevador, uma caverna, uma sala trancada, etc. Na sequência, os alunos deverão construir a trajetória de fuga desse lugar imaginado, e os outros estudantes terão de descobrir a qual lugar ou coisa eles estão presos.

Atividade prática

Fique atento, pois ocasionalmente atividades organizadas em grupos podem estimular em alguns estudantes a tendência a provocar situações de disputa ou conflito. Você pode repetir esta atividade algumas vezes, mudando a configuração e a formação dos grupos, de maneira que as adversidades não se estendam. Se houver desentendimentos entre dois alunos de grupos opostos em uma rodada, coloque-os no mesmo grupo na rodada seguinte. O importante aqui é que os estudantes consigam separar aquilo que é esperado deles na atividade daquilo que é o comportamento fora do momento da brincadeira. Atores precisam fazer isso o tempo todo, pois nas histórias encenadas existem tanto personagens antagonistas como afins.

Ressalte que a atividade não é uma competição, mas que cada grupo tem seu papel para que a cena seja construída em seu todo: ou seja, tanto o grupo dos obstáculos quanto o grupo dos atravessadores contribui para que a cena aconteça, considerando que a cena é a travessia com as dificuldades e facilidades que aparecem.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Processos de criação

BNCC EF15AR20

BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, os estudantes continuam a reconhecer manifestações do teatro em diferentes contextos, além de poder conhecer e valorizar o patrimônio cultural brasileiro, especialmente os festejos e as encenações que fazem parte dessas manifestações. A atividade sugerida propicia um trabalho com as habilidades de processos de criação: experimentar trabalho colaborativo em improvisações teatrais, exercitar o faz de conta, ressignificando objetos e fatos ao encenar acontecimentos cênicos e experimentar possibilidades criativas do corpo.

Outros trabalhos do Circo Teatro Artetude

Promova a leitura do texto e das imagens e peça aos alunos que comparem as apresentações retratadas neste momento com o espetáculo **Brincadeiras de circo**, para que levantem diferenças e semelhanças.

Para ajudar os estudantes a formar e expressar opiniões acerca de obras de arte, reveja com eles as imagens dos espetáculos do Circo Teatro Artetude apresentadas no livro e incentive-os a identificar aspectos que mais os marcaram em relação e essas produções. Ao reverem e comentarem as imagens, procure retomar com eles o que foi discutido acerca de cada uma delas, quais as hipóteses que levantaram, se todos se lembram das opiniões e manifestações dos colegas, se aprenderam juntos, enfim, qual o resultado dessas conversas coletivas para o aprendizado de cada um. Estimule-os também a dar exemplos que justifiquem seus pontos de vista.

Outros trabalhos do Circo Teatro Artetude

Além do espetáculo **Brincadeiras de circo**, o Circo Teatro Artetude tem outras peças em seu repertório.



Tempo Livre/FIAC/Elaine/Diálogo

► Cena do espetáculo **Manutenção e pesquisa**, do Circo Teatro Artetude, Salvador, 2011.

No espetáculo **Manutenção e pesquisa**, o grupo interage com o público e o traz para dentro de suas *performances*, que envolvem malabares, acrobacias e muito humor, com doses de improviso.



Diego Pires/Diálogo

► Cena do espetáculo **O grande circo dos irmãos Saúde**, do Circo Teatro Artetude, no teatro Eva Herz, Brasília, Distrito Federal, 2011.

Já o espetáculo **O grande circo dos irmãos Saúde** conta a história de dois amigos, irmãos e palhaços, que se amam e se odeiam ao mesmo tempo. Os atores fazem o público rir usando recursos da palhaçaria.

78

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O Circo Teatro Artetude

Na adolescência, Ankomácio Saúde aprontou um bocado. “Tinha um furacão dentro de mim”, ele costuma dizer. Para amansar os ânimos, acabou esbarrando com a Escola de Meninos e Meninas do Parque, instituição que atende jovens em situação de vulnerabilidade e os transforma por meio de lições de arte e cidadania. “Lá, conheci o palhaço Serenata. Era a pessoa menos instruída ali, mas de muita contundência. Os meninos paravam de cheirar tiner para

prestar atenção no Serenata. Foi ele quem me fez palhaço”, recorda Ankomácio, que atende pelo nome de Chaubraubrau quando ocupa o picadeiro.

E ele se lembra da primeira vez que encarou o respeitável público: “O Serenata iria se apresentar e me chamou para acompanhá-lo. Deu-me o figurino e disse: ‘Se prepara’. Eu logo retruquei: ‘Mas ainda não sei nada’. E ele não hesitou: ‘Pois vai aprender exatamente como meu pai me ensinou: fazendo’”. E foi o que ele fez. A lembrança, tantos anos depois, ainda o emociona: “Quando vi as pessoas

Sobre o grupo

O Circo Teatro Artetude foi criado em 2001 pelos irmãos Ankomárcio e Ruiberdan Saúde. Os artistas do grupo estudam e desenvolvem tecnologia para espetáculos de rua e usam elementos do circo e da palhaçaria em seus espetáculos. A bordo de seu ônibus e acompanhada por uma equipe técnica, a trupe viaja por todo o Brasil se apresentando e participando de festivais.

Saiba mais

Os personagens criados para fazer rir são chamados de personagens cômicos. Eles estão presentes em toda a história do teatro.

Há muito tempo, na Itália, surgiu um tipo de teatro chamado *commedia dell'arte*. Um dos personagens dessa arte teatral era Briguela, um criado que se fazia de bobo, mas pregava peças nos outros personagens e arranjava muitas confusões. Outro era Polichinelo, personagem que tinha uma voz irritante e sempre usava roupas coloridas.

Briguela e Polichinelo deram origem a dois tipos de palhaço: o Branco e o Augusto. O palhaço Branco é o mais esperto e sempre tenta enganar o palhaço Augusto, que é bobo e sensível. Na maioria das vezes, eles se apresentam juntos, formando uma dupla.

► **Briguela**, de Maurice Sand, 1860 (gravura colorida em papel, 24 cm x 18 cm).



Hulton-Archive/Imago/Getty Images



Bonnart/The Bridgman Art Library/Glow Images/Museo Carnesati, Paris, França

► **Polichinelo**, de Nicolas Bonnart, 1680-1690 (gravura colorida em papel, 26,35 cm x 18,73 cm).

Assim também aprendo



O que você achou do trabalho do Circo Teatro Artetude? Converse com os colegas e o professor e registre a opinião de vocês sobre a obra do grupo em um texto coletivo.

Saiba mais

Promova a leitura do texto do boxe, esclarecendo eventuais dúvidas. Peça aos alunos que observem as imagens e levante algumas questões: “O que vocês acharam dos personagens circenses representados?”; “Esses personagens são diferentes dos apresentados pelo Circo Teatro Artetude? Ou são parecidos? Por quê?”.

Assim também aprendo

Para que a turma construa o texto coletivo, se julgar interessante, proponha aos alunos que primeiramente conversem em pequenos grupos e, depois, compartilhem suas discussões com os demais colegas. Também é fundamental retomar a questão central do projeto – “A arte pode fazer a gente se sentir bem?” –, discutindo de que maneira os espetáculos teatrais ou circenses podem fazer bem às pessoas.

Registre as opiniões e hipóteses levantadas e ajude-os a organizar as ideias, elaborando com eles o texto coletivo na lousa. Depois, peça que copiem e guardem em seus portfólios.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Patrimônio cultural

BNCC EF15AR25

Neste momento, ao conhecer mais obras do Circo Teatro Artetude, os estudantes podem se aprofundar em sua poética, reconhecendo e apreciando as distintas manifestações do teatro presentes no trabalho do grupo. Além disso, o trabalho com o boxe **Saiba mais** favorece a valorização do patrimônio histórico e a construção de vocabulário e repertório.

rindo para mim, quando me dei conta de que eu estava provocando aqueles risos, descobri que faria aquilo para sempre. Descobri a melhor forma de transformar o mundo. Naquele dia, coloquei o nariz vermelho e nunca mais tirei”.

Influenciado pelo irmão mais velho, Ruiberdan trilhou a mesma jornada. Nasciam os Irmãos Saúde, ou melhor, os palhaços Raquaquá e Chabraubrau. E lá se vão 15 anos levando adiante a arte da palhaçaria e do circo. “Somos ali do Núcleo Bandeirante, onde não há teatro. E a falta de um teatro afasta a possibilidade de as pessoas se

relacionarem com a arte. Por isso, desde o início, resolvemos que levaríamos nossa alegria justamente para locais como o nosso de origem, sem teatro, sem circo, sem arte. Iríamos às pessoas”, conta Ankomárcio.

CIRCO Teatro Artetude celebra 15 anos de trabalho pelo país. *Correio Brasileiro*, 18 jul. 2016. Disponível em: <www.correiobrasileiro.com.br/app/noticia/diversao-e-arte/2016/07/18/interna_diversao_arte,540606/circo-teatro-artetude-celebra-15-anos-de-trabalho-pelo-pais.shtml>.

Acesso em: 12 dez. 2017.

Ampliando o repertório cultural

Os saltimbancos

Ao abordar o espetáculo **Os saltimbancos** com os alunos você pode propor que façam uma pesquisa com familiares ou vizinhos, para descobrirem se eles conhecem essa obra. Oriente que investiguem os personagens, as passagens da história e as canções dos quais os entrevistados se lembram. Para estabelecer conexões com a questão central da unidade, peça que também perguntem sobre como as pessoas se sentem ao se lembrar dessa obra.

Arte e Língua Portuguesa

Aproveite o boxe para discutir com os alunos sobre a importância do texto para as artes cênicas, em especial as peças teatrais. Deve ficar claro aos estudantes que, para um espetáculo teatral acontecer, há três elementos básicos: o ator, o texto (uma mensagem) e o público. Se um desses elementos faltar, não há apresentação. No entanto, a composição de uma peça de teatro envolve outros elementos, como a cenografia e o figurino, que contribuem para o desenvolvimento da ação e a compreensão das cenas.

Se possível, faça com os estudantes um levantamento de quais textos literários tiveram adaptações para o teatro ou o cinema; por exemplo, obras como **Chapeuzinho Vermelho**, **Alice no País das Maravilhas** e **Branca de Neve e os sete anões** são frequentemente adaptadas para o teatro, embora tenham sido escritas sem esse propósito.

Para aprofundar o trabalho, convide o professor de Língua Portuguesa para discutir elementos básicos do gênero conto, contrastando-o com um texto dramático. Como tarefa, os alunos podem, em contato com os dois gêneros, listar algumas diferenças.

Ampliando o repertório cultural

Os saltimbancos

Existem muitos espetáculos de teatro criados para divertir e encantar crianças como você! Um dos mais famosos é **Os saltimbancos**. Essa peça é um **musical** que conta as aventuras de um jumento, um cachorro, uma gata e uma galinha. Cansados de ser explorados por seus donos, eles resolvem fugir para a cidade para se tornar músicos.

musical: espetáculo teatral com números musicais que ajudam a contar a história.

O texto original, inspirado no conto **Os músicos de Bremen**, dos irmãos Grimm, foi criado pelo italiano Sergio Bardotti e musicado pelo argentino Luis Enríquez Bacalov. Quem traduziu e adaptou a peça para a língua portuguesa e adicionou mais músicas à trilha sonora foi o compositor, cantor e escritor brasileiro Chico Buarque de Hollanda.



Sugestão de...

Livro
Os músicos de Bremen (FTD, 2009). Nesse livro, a clássica história dos irmãos Grimm é recontada por Flavio de Souza e ilustrada por Ellen Pestili.



► Cena de montagem do espetáculo **Os saltimbancos**, Minas Gerais, 2013.

Arte e Língua Portuguesa

A Língua Portuguesa estuda textos literários, como os contos, os poemas e as fábulas, entre vários outros, procurando descobrir de que modo foram produzidos, por quem, para quem, entre outras características que ajudam a entendê-los melhor.

Quando utiliza esses textos como inspiração, a arte dá a eles outra dimensão. Mesmo textos que não foram originalmente pensados para se transformar em músicas, pinturas ou peças de teatro podem encantar o público na forma de sons, imagens e movimento.

Com o professor e os colegas, liste alguns dos textos verbais estudados nas aulas de Língua Portuguesa que inspiraram a criação de obras de arte em outras linguagens.

80

UNIDADE 2 ►

Interdisciplinaridade: Arte e Língua Portuguesa na BNCC

Formação do leitor literário

BNCC EF15LP15

Neste momento, ao estabelecer relações entre os textos literários e as linguagens da arte, os alunos terão oportunidade de valorizar a literatura, em sua diversidade cultural, como patrimônio artístico da humanidade.

O circo de Alexander Calder

O circo foi a inspiração para o artista visual Alexander Calder criar o **Circo Calder**. No início da década de 1920, quando trabalhava para uma revista de Nova York, ele acompanhou, por duas semanas, uma companhia de circo, o que o estimulou a produzir a obra, entre os anos de 1926 e 1931.



► **Circo Calder**, de Alexander Calder, 1926-1931 (dimensões variadas), exposta no Museu Whitney, Nova York, Estados Unidos.

Utilizando materiais como arame, madeira, couro e tecido, Calder produziu miniesculturinhas de artistas de circo, animais e objetos circenses que podem ser manipulados e movimentados pelo público, em uma obra que mistura a escultura, o teatro e a *performance*.

Calder fez várias apresentações manipulando as esculturas. Uma delas foi registrada em vídeo e é facilmente encontrada na internet. Se possível, assista para conhecer a *performance* do artista.

► **Circo Calder**, de Alexander Calder, 1926-1931 (dimensões variadas), exposta no Museu Whitney, Nova York, Estados Unidos.



O circo de Alexander Calder

Faça uma apreciação do Circo Calder, conduzindo as conversas para que os estudantes identifiquem os procedimentos de corte e dobra de arame usados pelo artista. Se possível, apresente outras obras do artista, para que os alunos conheçam novas possibilidades de trabalho com o material.

Atividade complementar

Você pode propor aos alunos uma atividade prática para explorar o arame, esculpi-lo e criar formas, a partir da apreciação da obra de Calder.

Escultura de arame

Material necessário: um alicate de corte (que apenas você vai manipular); rolo de arame.

Para treinar o trabalho com o arame, proponha que peguem um lápis e um pedaço de papel e façam um desenho sem tirar o lápis do papel, ou seja, usando uma linha só. Quando terminarem, faça a apreciação dos trabalhos e explique que ao manipular o arame devem trabalhar dessa forma, como se estivessem desenhando com uma linha só.

Peça, então, que criem um desenho que se transformará em sua escultura de arame. Você deve lembrá-los de fazer esse desenho sem tirar o lápis do papel, com uma linha só.

Com os desenhos prontos, corte um pedaço de arame para cada aluno e peça que comecem a fazer os trabalhos. Oriente-os a experimentar várias maneiras de usar o arame: torcendo, dobrando, enrolando, prendendo pedaços.

Assim que as obras estiverem prontas, faça uma roda para que os estudantes possam mostrar e falar sobre a sua produção.

◆ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR01

BNCC EF15AR18

Neste momento, os alunos poderão apreciar manifestações do teatro e das artes visuais que também estabelecem relação com as artes circenses.

Experimentação

Ajude seus alunos na escolha das piadas, na melhor forma de contá-las e na organização do festival. Você pode ampliar esse festival para a escola inteira! Procure instituições próximas à escola que poderiam ser receptivas ao trabalho desenvolvido por seu grupo de alunos.

Registrando

Lembre-se de que o principal instrumento de avaliação utilizado em Arte é o portfólio, que nada mais é do que um registro regular e organizado das experiências vividas durante as aulas. Por isso, é fundamental que, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental, os estudantes se preocupem em organizar seus registros, que podem ser textos coletivos ou individuais, desenhos, fotografias e, quando possível, áudios ou vídeos. Para mais orientações sobre o uso desse instrumento, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR19

Processos de criação

BNCC EF15AR21

Neste momento, os estudantes poderão identificar elementos teatrais e exercitar a imitação e o faz de conta, ressignificando objetos e fatos e experimentando-se no lugar do outro, ao compor e encenar acontecimentos cênicos.

EXPERIMENTAÇÃO

Para encerrar este capítulo, vamos nos divertir com os colegas participando de um festival de piadas?

- 1 Decida se você vai se apresentar sozinho ou com um colega.
- 2 Com a orientação do professor, escolha uma ou mais piadas para apresentar.
- 3 Leia a piada várias vezes, até memorizá-la. Depois, decida como vai contá-la, pensando em algumas questões:
 - a. Que gestos e expressões você vai utilizar?
 - b. Em que momentos é importante fazer pausas?
 - c. Você vai fazer alguma voz diferente?
 - d. Será necessário utilizar algum objeto, adereço ou fantasia?



Apresentando

- 1 Com os colegas e sob a orientação do professor, escolha uma data para o festival de piadas e planeje o evento.
- 2 Convide os colegas da escola, os professores, os familiares e a comunidade escolar.
- 3 Sugerimos que vocês escolham um vencedor para o festival por meio do voto da plateia. Ganha quem conseguir provocar mais gargalhadas na turma!

Registrando

- 1 Utilize uma câmera fotográfica ou o telefone celular para registrar o festival de piadas. Depois, imprima algumas fotos para guardar no portfólio. Se possível, faça também um registro em vídeo.

82

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

O jogo teatral

[...]

No jogo teatral, pelo processo de construção da forma estética, a criança estabelece com seus pares uma relação de trabalho em que a fonte da imaginação criadora – o jogo simbólico – é combinada com a prática e a consciência da regra de jogo, a qual interfere no exercício artístico coletivo. O jogo teatral passa necessariamente pelo estabelecimento de acordo de grupo, por meio de regras

livremente consentidas entre os parceiros.

O jogo teatral é um jogo de construção com a linguagem artística. Na prática com o jogo teatral, o jogo de regras é princípio organizador do grupo de jogadores para a atividade teatral. O trabalho com a linguagem desempenha a função de construção de conteúdos, por intermédio da forma estética.

KOUDELA, Ingrid. O jogo teatral. *Revista FENATIB*. 7ª Festival Nacional de Teatro Infantil de Blumenau, 2003. Disponível em: <<http://cbitij.org.br/o-jogo-teatral-2/>>. Acesso em: 18 abr. 2017.

O QUE ESTUDAMOS

- A arte pode provocar o riso de muitas formas.
- Os artistas podem se inspirar em várias manifestações artísticas. O circo é um exemplo.
- O espetáculo **Brincadeiras de circo**, do grupo Circo Teatro Artetude, mistura circo e teatro.
- A palhaçaria, o malabarismo, a acrobacia e o contorcionismo são formas de arte típicas do circo.
- Podemos assistir a encenações em muitos lugares e situações, não apenas no teatro.
- Os personagens cômicos estão presentes em toda a história do teatro. Um exemplo são os palhaços, que surgiram há muito tempo.
- Peças de teatro, músicas e pinturas podem ser inspiradas em textos literários, como os contos.
- O circo também pode ser inspiração para artistas visuais.



Dica de visitação

Na cidade onde você vive existem grupos de teatro que se inspiram no circo? Procure descobrir quando eles se apresentarão e conheça o trabalho de um deles!



É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito do teatro?
2. Você ficou satisfeito com a sua produção artística neste capítulo? Você considera que ela expressa suas opiniões, sentimentos e emoções? Por quê?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo deste capítulo, tanto na escola quanto em casa?

» O QUE ESTUDAMOS

83

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de...

Filme

JONAS e o circo sem lona. Direção de Paula Gomes. Brasil: Plano 3 Filmes, 2015.

O documentário conta a história de um menino, filho e neto de artistas de circo, que na adolescência apresenta espetáculos em seu próprio circo improvisado.

O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção lendo com os alunos o boxe com a síntese dos conceitos estudados. Retome com eles os trabalhos do grupo Circo Teatro Artetude e incentive-os a identificar aspectos que os fizeram gostar ou não da obra. Essa conversa pode ser feita coletivamente ou em pequenos grupos. Se julgar interessante, encerre a atividade registrando na lousa uma síntese coletiva do que foi discutido.

É hora de retomar o portfólio

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com a turma. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado dos alunos analisando seus portfólios e a participação em sala a partir dos seguintes critérios observáveis:

- O aluno reconhece e distingue os elementos fundamentais da linguagem teatral?
- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem teatral em suas produções de maneira consciente?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com a linguagem teatral, na busca de soluções para expressar suas ideias e sentimentos?

Unidade 2 – Capítulo 4

Dançando no ar!

No capítulo 4, continuamos o trabalho relacionado ao projeto “A arte pode fazer a gente se sentir bem?”.

Antes de iniciar o trabalho, retome com os alunos a lista feita ao final da introdução da unidade e atualize-a. Pergunte a eles se o que foi listado se concretizou e se há outros elementos para adicionar à lista. Retome a questão norteadora do projeto e pergunte o que os alunos imaginam que precisam saber sobre a dança para responder a ela. Pergunte também o que imaginam que vão estudar partindo do título do capítulo. Sugira, então, alguns itens para compor a lista com os alunos:

- Conhecer um ou mais artistas que se expressam por meio da linguagem da dança.
- Descobrir mais sobre a dança e seus elementos.
- Experimentar exercícios de consciência corporal.
- Conhecer outras formas de arte e outras culturas que relacionam arte, saúde e circo.
- Criar uma obra coletiva que mostre o que aprendemos sobre dança.

A dança da Intrépida Trupe

Para iniciar

Oriente os alunos a observar a imagem. Procure destacar e chamar a atenção para o tipo de dança que se apresenta na foto. Você pode fazer perguntas como: “Como as pessoas estão dançando?”; “Vocês reconhecem esse tipo de dança? Com o que se parece?”.

Ao apresentar as imagens do espetáculo, peça aos alunos que prestem atenção às legendas. Pergunte quem está dançando para que eles notem que são alunos de um curso chamado A Cobra na Bacia. Com base nas imagens, pergunte: “O que vocês acham que se aprende neste curso?”; “Vocês gostariam de participar de um curso assim?”.



Dançando no ar!

A dança da Intrépida Trupe

No capítulo 3, vimos como o teatro e o circo podem se unir para criar um espetáculo muito divertido, que nos faz rir e nos deixa de bem com a vida. Você acha que é possível fazer isso com outras linguagens artísticas? O que a dança tem a ver com o circo? Vamos tentar descobrir?

Para iniciar

1. Como você acha que a dança pode estar presente na nossa vida? Em que momentos?
2. Descreva o que você vê na imagem desta página.
3. Que tipo de arte é essa?
4. Que tipo de música você acha que está tocando?



► Cena do espetáculo **Kairós**, apresentado pelos alunos do curso A Cobra na Bacia, da Intrépida Trupe, Rio de Janeiro, 2016.

84

UNIDADE 2

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Expectativas de aprendizagem deste capítulo

- Reconhecer elementos da linguagem corporal.
- Identificar características da linguagem corporal (movimentos, gestualidades, direções e relações no espaço e com o outro).
- Perceber o espaço, o ritmo e a integração com os colegas nas práticas de dança.
- Criar e explorar gestualidades e expressividades com movimentos dançados.

Essa é uma imagem do espetáculo **Kairós**, apresentado pelos alunos do curso A Cobra na Bacia, oferecido pela Intrépida Trupe, grupo do Rio de Janeiro.

A dança aérea é uma modalidade de dança que utiliza tecidos e objetos pendurados no teto. Observe, nestas imagens, como os dançarinos parecem voar!



Michael Bergamaschi/Arquivo do fotógrafo

► Cenas do espetáculo **Kairós**, Rio de Janeiro, 2016.



Michael Bergamaschi/Arquivo do fotógrafo

Você já viu um espetáculo como esse? O que você sente ao ver essas imagens?

- Apreciar obras de dança.
- Descrever o que ouve e sente em relação às obras apreciadas.
- Comunicar aos colegas sua apreciação, explicando o sentido que atribuiu às obras.
- Valorizar o autor das obras apreciadas, conhecendo aspectos de sua poética e seus principais trabalhos.
- Compreender os valores estéticos do autor das obras apreciadas.

◆ Competências deste capítulo

- Conhecer-se, apreciar-se e cuidar de sua saúde física e emocional, compreendendo-se na diversidade humana e reconhecendo suas emoções e as dos outros, com autocrítica e capacidade para lidar com elas.
- Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza.
- Agir pessoal e coletivamente com autonomia, responsabilidade, flexibilidade, resiliência e determinação, tomando decisões com base em princípios éticos, democráticos, inclusivos, sustentáveis e solidários.

Linguagem

Dança.

Dimensão do conhecimento

Estesia; criação; expressão; fruição; reflexão; crítica.

◆ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes vão poder apreciar uma manifestação da dança, cultivando a percepção e o imaginário.

Que obra é essa?

Além de conversar com os alunos sobre o texto da seção, fale também sobre o estudo e a preparação dos profissionais das artes corporais: “Que tipo de preparação artistas de circo, dança e teatro devem fazer para participar dos espetáculos?”; “Quais habilidades eles desenvolvem?”; “O que devem estudar?”.

Destaque os recursos técnicos e estéticos e os elementos da linguagem corporal envolvidos na realização de um espetáculo cênico: os gestos, as expressões faciais, os movimentos e o espaço, o peso, a velocidade e o fluxo entre os movimentos. Pergunte aos alunos se acham que dançarinos e bailarinos também podem realizar atividades circenses. Essa é uma oportunidade de os alunos pensarem e avaliarem as competências relacionadas à arte da dança: “Vocês acham que a dança exige muito treino, força e atividades corporais?”; “Como vocês acham que os bailarinos e dançarinos aprendem e praticam sua arte?”; “Que tipo de preparação vocês acham necessária para realizar as atividades que vemos nas imagens?”.

Essas questões se relacionam também ao que é apresentado no texto, que conta que o espetáculo nasce de um percurso de aprendizagem de crianças e jovens em um curso promovido pela Intrépida Trupe.

Converse sobre este tema com os alunos: “Como vocês acham que as crianças e jovens aprenderam a realizar as acrobacias e demais números circenses?”; “Quanto tempo e esforço vocês acham necessário para aprender e desenvolver essas habilidades?”.

Que obra é essa?

O espetáculo **Kairós** foi criado para apresentar o trabalho das crianças e dos jovens que são alunos do curso A Cobra na Bacia, oferecido pelo grupo Intrépida Trupe. A ideia da apresentação é fazer uma homenagem a crianças como você!

Mas você sabe o que significa “Kairós”? Esse era o nome de um deus da **mitologia** grega. Kairós era filho de Cronos, deus do tempo e das estações. Diferentemente de seu pai, que organizava o tempo em passado, presente e futuro, Kairós se importava apenas com aqueles momentos especiais que, mesmo rápidos ou passageiros, mudam a nossa vida.

mitologia: conjunto de histórias sobre os deuses e os heróis dos povos antigos.



► Relevo da Grécia antiga que mostra o deus Kairós. Cerca de 200 a.C.

Para os artistas da Intrépida Trupe e seus alunos, as crianças vivem no tempo de Kairós, não no de Cronos! Quando elas se interessam por algo, o tempo para à sua volta! O que você acha disso? É assim com você?

Além disso, o significado de “Kairós” também pode ser “o momento **oportuno**”. Assim, o espetáculo também tem esse nome porque foi realizado quando as crianças e os jovens do curso mostraram que estavam preparados para se apresentar para o público!

oportuno: que acontece no momento certo.

86

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Texto complementar

No início, o homem convivia de uma maneira muito particular com o tempo, por não ser rigidamente mensurável, essa grandeza, tão importante para a consecução da morte – uma das principais forças motoras da humanidade –, era tratada abstratamente como uma divindade, como no caso da Grécia. A primeira representação de tempo que os antigos gregos colocaram no seu panteão foi o tempo exato, por eles chamado de Cronos (o tempo cronológico).

Líder dos Titãs – raça mítica que antecedeu os Deuses Olímpicos –, Cronos era retratado como um ser severo, filho mais novo de Urano – o Céu – e Gaia – a Terra –, Cronos tramou junto à mãe a derrocada de seu pai, Urano. Assim iniciou-se a Era dos Titãs, ou Titanomaquia, que liderados por Cronos reinaram sobre a criação.

O regente dos Titãs esposou sua irmã Réia – a Duração – e, com medo de seguir a mesma sina do pai, devorava todos os seus filhos ao nascerem, assim garantia que nenhum deles pudesse vir a insurgir

Veja mais cenas de **Kairós**.



Edson Campolina/Arquivo do fotógrafo



Edson Campolina/Arquivo do fotógrafo

► Cenas do espetáculo **Kairós**, dos alunos do curso A Cobra na Bacia, da Intrépida Trupe, Rio de Janeiro, 2016.



Edson Campolina/Arquivo do fotógrafo

O que você acha que sentiria se estivesse na plateia? E no palco?

► CAPÍTULO 4 87

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

contra ele no futuro. Entretanto, sua esposa, cansada de perder todos os seus filhos, o enganou e salvou Zeus – que significa tesouro que reluz –, seu último filho. [...]

Zeus [...] teve como seu último filho Kairós; assim como seu avô, o jovem deus representava o tempo, mas ao contrário daquele, era a personificação do tempo subjetivo, pessoal e irredutível a cada um dos homens e deuses.

Simbolizava também o momento oportuno, a oportunidade agarrada, já que era representado por um atlético jovem com asas nos pés

e que tinha como principal característica transitar em uma velocidade vertiginosa por todo o mundo de forma aleatória, sendo, desta maneira, impossível se prever um encontro com ele.

SABÓIA, Iratan Bezerra de. *Cronos e Kairós: reflexões sobre temporalidade laboral e solvência social*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2007. Disponível em: <www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2227/1/2007_dis_IBDSaboia.PDF>. Acesso em: 2 dez. 2017.

Como a obra foi feita?

Ao apresentar as imagens das categorias de acrobacias, converse com os alunos sobre a presença de animais em espetáculos circenses. No Brasil, alguns estados já possuem leis que proíbem a exibição de animais em apresentações de circo. A imagem de acrobacia equestre aparece no material devido à importância dessa modalidade na história do circo. No entanto, é importante discutir com os alunos que o bem-estar dos animais é mais importante que o entretenimento do público.

Aproveite para estabelecer uma relação com a questão central da unidade e retomar a pergunta: “A arte pode fazer a gente se sentir bem?”. Neste momento você pode perguntar se o bem-estar de animais de estimação e o convívio com eles também podem nos fazer bem. Reforce com os alunos as responsabilidades de cuidar de um animal.

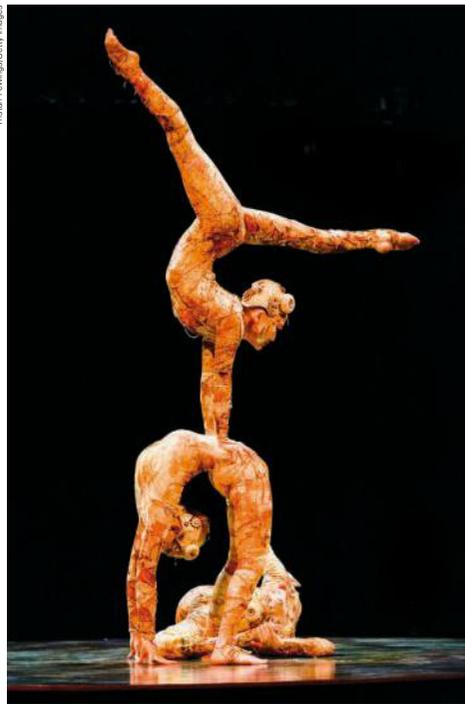
Além disso, retome a ideia da arte e sua relação com a noção de bem-estar. Neste momento, a ideia é mostrar aos alunos que, quando entramos em contato com a arte, nosso horizonte, nossos desejos e nossas experiências podem se expandir.

Como a obra foi feita?

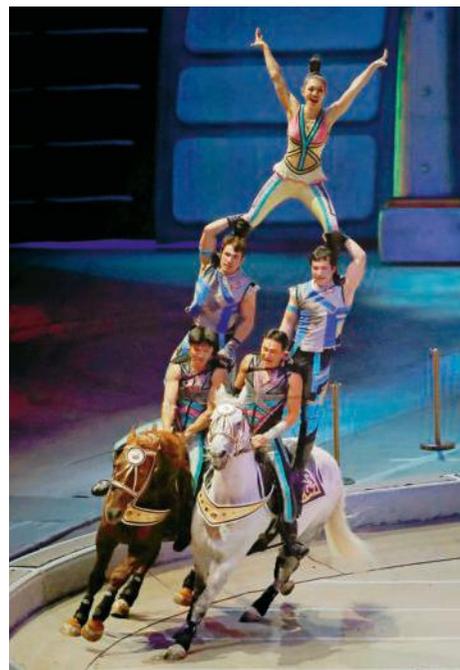
Como vimos, as crianças e os adolescentes que participam do espetáculo **Kairós** são alunos do curso A Cobra na Bacia. Tente falar o nome do curso bem rápido. Você percebeu que ele é uma brincadeira com a palavra “acrobacia”?

A acrobacia é uma das artes circenses mais antigas. Os acrobatas fazem movimentos muito difíceis e precisos, que exigem bastante controle sobre o próprio corpo.

Existem três modalidades principais de acrobacias: de solo, equestre e aérea.



► A **acrobacia de solo** geralmente é realizada pelos acrobatas sobre tapetes ou tatames, pois são mais seguros para a prática desse tipo de acrobacia. Os movimentos básicos são cambalhotas, estrelas, pontes e paradas de mão. Na foto, acrobatas do Cirque du Soleil no espetáculo **Kooza**, Londres, Inglaterra, 2015.



► A **acrobacia equestre** é realizada com cavalos, geralmente em espetáculos circenses mais tradicionais. Atualmente, não é comum encontrar circos que exibem animais em suas apresentações, pois existem leis proibindo essa prática. Na foto, artistas do circo Ringling Bros. se apresentando em Nova York, Estados Unidos, 2017.

Texto complementar

O circo contemporâneo – ou novo circo, como alguns historiadores o chamam – apresenta um modelo que prospera atualmente, conhecido como circo do homem, por envolver somente a figura humana nas *performances*, excluindo a participação de animais. Seu formato, ainda em processo de desenvolvimento, representa uma tentativa de adaptar as artes circenses às exigências do mercado artístico contemporâneo, de fazê-lo acessível a todos os públicos, respeitando os valores sociais, sem deixar de cumprir os objetivos primordiais do

circo: proporcionar alegria, ilusão e fantasia, em favor do entretenimento. Vários circos internacionais, como o Cirque du Soleil, do Canadá, e o Circo Oz, da Austrália, adotam essa nova abordagem artística, que não admite o uso de animais, cedendo espaço para as *performances* humanas.

MARTINS, Renata de Freitas. O respeitável público não quer mais animais em circos! *Revista Brasileira de Direito Animal*, jan.-dez. de 2008, v. 3 (4), p. 117-132.

► A **acrobacia aérea** é realizada com trapézio, balanços ou pedaços de tecido pendurados no teto, bem longe do chão. Assim como as outras modalidades, pode ser realizada por apenas um acrobata ou por vários ao mesmo tempo. Na foto, acrobatas do circo Universo Casuo se apresentando em São Paulo, 2017.



Levi Bianco/Brazil Photo Press/LatinContent/Getty Images

Os artistas da Intrépida Trupe e seus alunos se inspiraram nas acrobacias aéreas para criar o espetáculo **Kairós**. Usando tecidos e trapézios, além de muitos pulos e saltos, eles apresentam uma dança aérea envolvente, que deixa o público encantado!

Saiba mais

As acrobacias já eram praticadas mesmo antes de os circos existirem! É possível ver imagens de pessoas fazendo acrobacias em pinturas da Pré-História, quando os seres humanos viviam nas cavernas.

Antigamente, no entanto, as acrobacias não eram realizadas para divertir o público. Elas faziam parte de rituais sagrados, festas religiosas e funerais. Alguns dos movimentos mais praticados eram as inversões do corpo e as piruetas.



Werner Forman/Universal Images Group/Getty Images

► Baixo-relevo do Egito antigo mostra pessoa fazendo movimento de acrobacia. Cerca de 1475-1468 a.C.

Saiba mais

Ao observar a imagem do baixo-relevo egípcio com seus alunos, você pode propor que a comparem com as imagens de espetáculos circenses apresentadas na seção e conversar sobre as diferenças de tempo e de espaço de cada uma delas. Pergunte: “Vocês já estudaram como era o Egito antigo?”; “Vocês se lembram de imagens como as pirâmides, a esfinge e os faraós?”; “Vocês acham que existia circo lá como existe nos nossos dias?”; “Será que as pessoas montavam lonas, por exemplo?”.

Essa conversa pode ser interessante para que os alunos desenvolvam uma melhor percepção do que o texto diz sobre a acrobacia ser uma prática muito antiga. Eles devem perceber que no Egito não existiam necessariamente circos, mas que as pessoas já praticavam acrobacias em outros contextos. Conte a eles que muitas das artes e habilidades que hoje fazem parte dos espetáculos circenses têm uma longa história antes de fazer parte desse universo.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes podem se aprofundar na apreciação de manifestações da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Movimento a todo momento

Nesta seção, os alunos vão conversar sobre o lugar da dança e sua presença em diferentes contextos, além de refletir e falar sobre momentos e oportunidades nos quais ela se faz presente em nossa cultura, em nossa vida e em nossas interações sociais.

Corpo e brincadeira

Ao ler o conteúdo desse trecho, peça aos alunos que falem sobre outras situações em que são necessários movimentos feitos de forma intencional e se há algum momento em que movimentos não intencionais acontecem. Elabore com eles uma lista na lousa. É possível que os alunos se recordem de diversas situações em que os movimentos são intencionais. Para os movimentos não intencionais, retome com eles o funcionamento do corpo humano, por exemplo. Movimentos internos e não intencionais acontecem o tempo inteiro, sem que nós precisemos pensá-los com antecedência para que aconteçam.

Pergunte, então, de quais movimentos é feita uma coreografia. Com base no questionamento, explore com os alunos a intencionalidade dos movimentos na dança, ou seja, discuta com eles que, para criar uma coreografia, é necessário estar muito atento aos movimentos que se faz. Só assim é possível registrá-los e executá-los em diversas ocasiões. Para concluir, ressalte uma das diferenças da dança em relação a outros movimentos: a intencionalidade.

Movimento a todo momento

Brincar, movimentar o corpo e dançar são ações que fazem parte da nossa vida desde muito cedo. Vivemos encontrando ocasiões para movimentar o corpo e nos divertir com isso! Vamos entender melhor como isso acontece?

Corpo e brincadeira

Como é bom brincar! Correr, saltar, esconder-se, pular corda, soltar pipa, brincar de roda, de carrinho, de videogame, de boneca, de casinha... Durante essas atividades divertidas, o corpo humano está sempre em ação.

Você já reparou que, quando brinca, faz uma série de movimentos? Para pular corda, por exemplo, você precisa tomar impulso e tirar o pé do chão, saltando no mesmo ritmo da corda.

Até para jogar videogame fazemos movimentos! Eles são poucos e bem pequenos, mas ainda assim precisam ser rápidos e realizados no tempo certo para que as jogadas aconteçam.

Isso quer dizer que, para brincar ou fazer qualquer outra atividade, precisamos realizar vários movimentos de propósito, de forma intencional, mesmo que a gente não repare muito nisso!



Texto complementar

Estudando o movimento do corpo humano, Laban afirmou que o nosso corpo realiza oito ações básicas para o desenvolvimento corporal: torcer, pressionar, chicotear, socar, fluir, deslizar, pontuar (apontar) e sacudir.

Em relação à direção, Laban postulou que os movimentos podem ser para o alto ou para baixo, para a esquerda ou para a direita, além das diagonais. Em outras palavras, os movi-

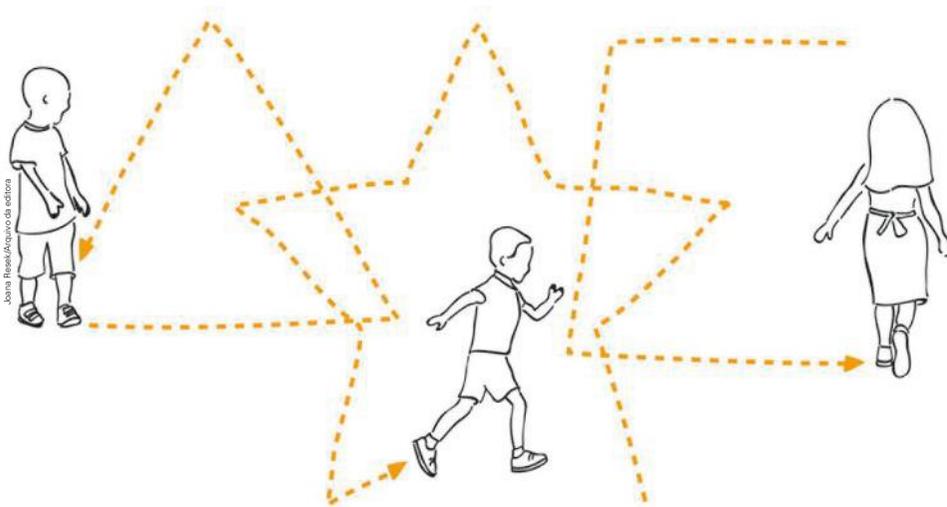
mentos ocupam um espaço. Em relação à força e à velocidade, eles podem, ainda, ser feitos com mais ou menos força, ou peso, e com mais ou menos velocidade, ou tempo. À passagem de um movimento a outro Laban deu o nome de fluxo ou fluência. Assim, um movimento pode ter mais fluxo ou menos fluxo. Em uma coreografia, por exemplo, o fluxo entre um movimento e outro pode ser suave ou brusco. Imagine

Atividade prática

As atividades práticas deste capítulo vão ajudá-lo a pensar um pouco mais nos seus movimentos. Ao terminar cada trabalho, faça registros dos resultados e compartilhe-os com os colegas antes de guardá-los no portfólio.

Vamos traçar linhas imaginárias para construir o espaço?

- 1 Você vai fazer esta atividade sozinho, mas precisa prestar atenção nos colegas! Caminhe pelo espaço imaginando que seus pés estão sujos de tinta e que, por isso, o trajeto que você faz fica marcado no chão. Nessa caminhada, só vale traçar linhas retas.
- 2 Escolha um ponto para chegar e, quando alcançá-lo, defina outro objetivo, e assim por diante. Você pode até “desenhar” formas no chão – um triângulo, um quadrado, até mesmo uma estrela!
- 3 Lembre-se de que os colegas estão fazendo a mesma coisa. Se você der de cara com algum deles, desvie de seu caminho, mas sem abandonar as linhas retas.
- 4 Seguindo a orientação do professor, aumente a velocidade da caminhada aos poucos.



Joana Ripstein/Arquivo da editora

▶ CAPÍTULO 4 91

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

dois movimentos, feitos, por exemplo, em direções e velocidades diferentes. A mudança entre eles pode ser gradual – mudando de lugar e acelerando aos poucos – ou repentinamente.

Todas essas ações ocorrem em três áreas principais: área alta, área média e área baixa. Em geral, cada parte do nosso corpo

ocupa por mais tempo determinada área espacial: a cabeça fica na parte mais alta do espaço; a barriga, na área média; e os pés, na área baixa. Os movimentos da dança exploram essas três áreas, criando com isso efeitos expressivos.

Elaborado pelos autores.

Atividade prática

As atividades práticas propostas no material são oportunidades de exploração e de ampliação da percepção corporal e das competências motoras dos alunos, baseadas nos estudos e teorias de Rudolf Laban (1879-1958). Para a realização dessas atividades, e para que possa realizar intervenções e fazer orientações significativas para a aprendizagem e o desenvolvimento dos alunos, explicamos os princípios implicados nessas propostas.

Em suas pesquisas, Laban percebeu e colocou que, quando nos movimentamos, todas as partes do corpo, por menores que sejam, também se movimentam. Por isso, o movimento de uma parte do nosso corpo deve ser entendido em relação ao corpo todo; afinal, uma parte estará sempre afetando e sendo afetada pelo todo, seja por uma relação harmoniosa ou não.

Como professor, procure perceber e sentir essas afirmações de Laban. Relaxe, inspire, respire, feche os olhos. Realize alguns movimentos com as extremidades de seu corpo: pés, mãos e cabeça. Gire os pulsos, os tornozelos e o pescoço, um de cada vez. Ao fazer esses movimentos, sinta seus músculos e tendões e tente descobrir até onde vai a força, ou o empuxo, quando você faz isso. Essa é uma forma simples de entender como o coreógrafo pensava os movimentos da dança.

Nesta atividade de percepção espacial, os estudantes precisam realmente imaginar as linhas no chão. Trata-se de um exercício de observação, deslocamento e ocupação do espaço. Eles devem atentar ao tamanho das linhas imaginárias traçadas pelos pés e perceber onde elas se tocariam para fechar as formas desenhadas.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

Neste momento, os estudantes vão poder experimentar diferentes formas de orientação no espaço.

Movimentos do corpo

Para aprofundar os estudos a respeito da consciência corporal e sua importância para a dança e o trabalho em sala de aula, sugerimos a leitura do trecho a seguir, extraído de um artigo da *Revista Ensaio Geral*, da Universidade Federal do Pará.

Texto complementar

A dança se propõe a criar na criança uma consciência exigente e ativa em relação ao meio ambiente e à qualidade de vida cotidiana. Nesse âmbito, Viana (1990, p. 60) registra que “a criança é um ser muito sensível, um ser humano em formação, portanto é um ser que necessita de cuidados e esses cuidados devem ser aplicados, principalmente, na sala de aula, aconselhando o professor a incentivar ‘a curiosidade, as perguntas, o interesse pelas aulas, responder as dúvidas, ter cuidado com o tom de voz, explicar, explicar sempre’”.

O autor critica aqueles que entendem que entrar em sala de aula significa deixar os problemas fora da mesma. Concordo fundamentalmente com ele, pois acredito que seja impossível deixar lá fora as angústias, tensões, visto que fazem parte do corpo, dos gestos, para poder aprender, independente de ser criança ou adulto.

Alerta ainda que é preciso desestruturar o corpo, afirmando ser necessário que a pessoa descubra a existência de seu corpo, ou seja, que atualmente a mídia quer que seja de um determinado modelo; deve-se criar o próprio código pessoal, não repetindo para sempre aquele código que lhe foi dado ao nascer.

MARQUES, Mariana Garcia. Consciência corporal: o que é? In: *Revista Ensaio Geral*, Belém, v. 1, n. 1. jan.-jun., 2009. Disponível em: <www.revistaeletronica.ufpa.br/index.php/ensaio_geral/article/viewFile/98/28>. Acesso em: 2 dez. 2017.

Movimentos do corpo

Todos os nossos movimentos, além de mostrar aquilo que estamos fazendo, podem expressar o que sentimos e pensamos. Isso porque o corpo humano é nosso grande instrumento de comunicação!

Você já se deu conta de que qualquer parte do corpo pode mostrar emoção? A cabeça, o rosto, o quadril, os braços, as mãos, as pernas, os pés... até mesmo um dedo!

É fácil perceber isso quando pensamos nos gestos. Mesmo um movimento pequeno como levantar o dedão da mão tem um significado e pode expressar, sem a ajuda de nenhuma palavra, como estamos nos sentindo.

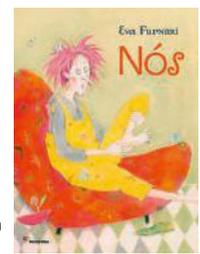
Muitas vezes, não nos damos conta de como o corpo humano é expressivo, mas podemos fazer exercícios que nos ajudem a nos concentrar em nossos movimentos, aumentando nossa **consciência corporal**. Quanto maior for a consciência em relação ao nosso próprio corpo e ao modo como gesticulamos e nos movemos, melhor poderemos nos expressar.



Sugestão de...

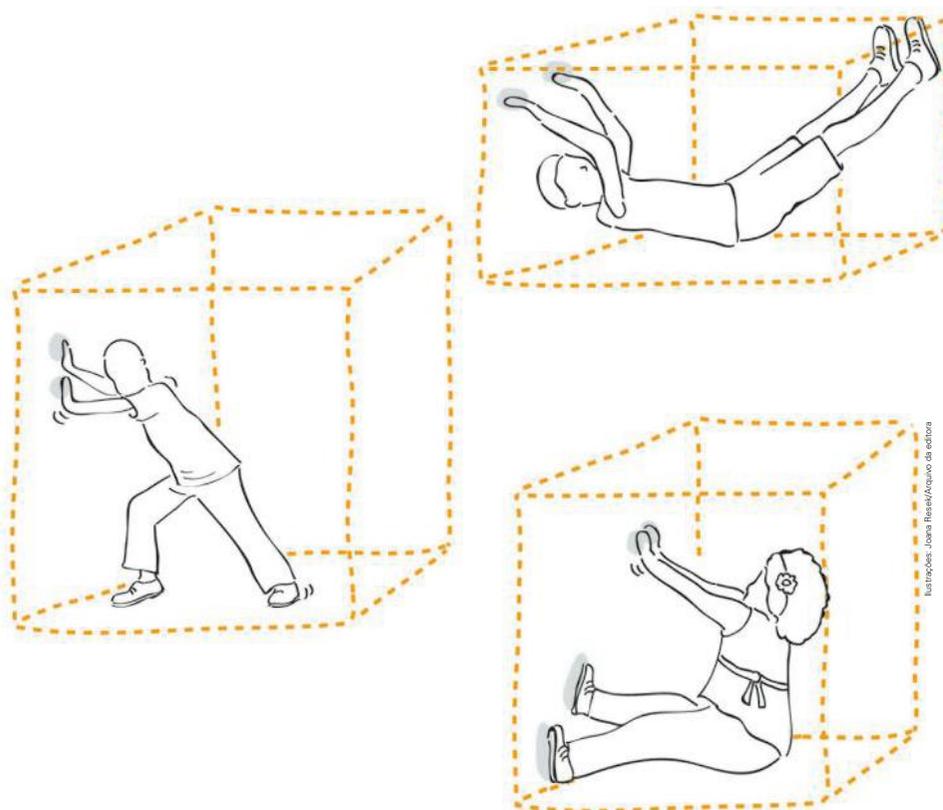
Livro

Em *Nós*, de Eva Furnari (Moderna, 2015), Mel é uma menina que vive rodeada por borboletas e, por isso, é considerada estranha pelos moradores de sua cidade. Embora sofra por ser rejeitada por todos, ela procura disfarçar as emoções o quanto pode, até que seu corpo encontra uma maneira de expressar o que há dentro dela.



Atividade prática

- 1 A proposta agora é imaginar que você está dentro de uma caixa bem apertada, com paredes pesadas. Como alargar o espaço dela?
- 1 Comece imaginando que você está fechado em uma caixa apertada, feita de um material resistente.
- 2 Planeje um jeito de sair da caixa ou de pelo menos alargar o espaço dela. Você pode utilizar as mãos e os braços para empurrar as paredes imaginárias e tentar fazê-las deslizar.
- 3 Agora, experimente empurrar as paredes da caixa imaginária com outras partes do corpo, como pés, joelhos, costas e cabeça.



A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09 BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os estudantes vão poder experimentar diferentes formas de orientação no espaço. Vão também estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal.

Atividade prática

Nesta seção, continua-se o trabalho com as atividades que utilizam os movimentos básicos propostos pelo coreógrafo e professor eslovaco Rudolf Laban para o exercício e a criatividade de dançarinos e coreógrafos. Ele explora propriedades como peso e fluência, além das interações entre tempo e espaço durante a dança, que definem ritmo e movimento.

Para Laban, é explorando os movimentos básicos e as propriedades com as quais eles podem ser relacionados que o dançarino se forma e forma seu corpo.

Os exercícios propostos no livro desenvolvem e ampliam a consciência corporal e é desejável que sejam realizados com os estudantes sempre que possível.

Desenvolver a consciência corporal nos garante mais possibilidades de nos movimentar de maneira saudável e criativa, respeitando nosso corpo e nossos limites e integrando o que fazemos ao que pensamos, percebemos e sentimos. Essa conscientização também contribui para o alívio de dores, melhora a coordenação motora, previne problemas musculares, aumenta a capacidade de concentração, facilita a respiração e a recuperação nos processos de esgotamento físico e mental, melhora a flexibilidade muscular e a amplitude articular, favorece o relaxamento de tensões excessivas e a ativação de músculos pouco utilizados, auxilia na transformação de hábitos posturais inadequados e no desenvolvimento da capacidade de expressão.

É importante verificar se os estudantes estão buscando visualizar os limites da caixa imaginária na qual vão tentar se esticar. Se houver um ambiente adequado e limpo no qual eles possam se sentar ou deitar, esse exercício poderá ser ainda mais interessante. Eles devem ser estimulados a usar todas as partes do corpo – mãos, cotovelos, pés, joelhos, pescoço, costas, etc. Se achar conveniente, você pode colocar uma música para ambientar a atividade.

Corpo e movimento na dança

Promova a leitura coletiva do texto e das imagens. Para aproximar o tema das experiências dos alunos, explore com eles as questões apresentadas no livro, incentivando-os a compartilhar ideias e opiniões.

Converse com os estudantes sobre como a interpretação e a expressão corporal são importantes no trabalho de atores de cinema e televisão e também para os dançarinos e artistas teatrais.

Reforce que a dança faz parte de nossa vida desde que nascemos. Quando bebês podemos sentir os ritmos sonoros e de alguma maneira já dançamos. A dança pode estar presente nas festas familiares, nos festejos populares e nos espetáculos de dança clássica, moderna ou contemporânea. Atualmente, ganhou espaço também nos programas de TV que fazem parte do cotidiano das crianças. Algumas dessas coreografias são elaboradas por profissionais comprometidos com a arte. Entretanto, há também uma expressiva veiculação de danças que trazem concepções negativas de gênero, etnia, sexualidade, etc. Desse modo, os alunos já podem ter construído um repertório de dança.

Lembre-se de que, para estimulá-los a assistir a espetáculos de dança ou de festejos e consequentemente para fruí-los, é preciso que as obras escolhidas sejam relacionadas à sua cultura (infantil e regional). Procure levá-los a perceber que a dança é muito mais do que apenas o que se vê na TV e na internet, por exemplo, e que cada um pode criar sua própria dança simplesmente para se expressar, com ou sem intenção de alcançar um resultado que possa ser apresentado. Dança não é a mesma coisa que apresentação de dança, é educação em arte.

Corpo e movimento na dança

A dança é a arte que utiliza o corpo e os movimentos para encantar e emocionar. Para criá-la, os dançarinos elaboram verdadeiras composições corporais, ou seja, escolhem determinados movimentos que levarão a outros movimentos.

Eles podem decidir realizar movimentos fortes ou fracos, diretos ou flexíveis, rápidos ou lentos, relaxados ou firmes. Criam esses movimentos, escolhem-nos, juntam-nos em uma sequência e os distribuem no espaço.

Muitas vezes desafiam os limites de seu corpo para executar movimentos belos, diferentes e ousados, como os da dança aérea do espetáculo **Kairós!**

Existem muitas maneiras de dançar. Há situações em que dançamos sozinhos. Em outras, formamos pares. Ou ainda podemos dançar em grupo, como nas rodas. Às vezes, assistimos à dança. Em outros momentos, todo mundo participa!

Reprodução de www.youtube.com/watch?v=mc-soffia/.
Use autorizada pelos responsáveis por MC Soffia



► Coreografia apresentada em videoclipe da canção "Minha Rapunzel tem dread", de MC Soffia, 2016.

Sergio Pedersen/Pulpar Imagens



► Folhões dançando na rua durante o Carnaval, Salvador, Bahia, 2014.



► Espetáculo **Pó de nuvens**, do Grupo Primeiro Ato, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2012.

Como os dançarinos se posicionam em cada uma das imagens? Como eles estão vestidos? Que tipo de música você acha que eles estão dançando?

94

UNIDADE 2 ►

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

Sugestão de atividade complementar

Para ampliar o conhecimento sobre a presença da dança na sociedade, proponha uma atividade de pesquisa a seus alunos. Organize grupos de quatro ou cinco integrantes e peça que pesquisem danças típicas das diferentes regiões do Brasil. Eles devem primeiro escolher a região ou o estado e em seguida buscar as manifestações de dança popular que lá ocorrem. Peça que cada grupo registre a história, as características e os aspectos culturais aos quais cada dança está relacionada. Na apresentação da pesquisa pelos grupos, peça que, se possível, apresentem vídeos pesquisados na internet que mostrem as danças escolhidas.

Arte e Educação Física

A dança não é estudada apenas nas aulas de Arte, mas também nas de Educação Física. Em Arte, o estudo da dança busca desenvolver a consciência corporal para que nós possamos conhecer melhor nossos movimentos, a fim de expressar corporalmente aquilo que pensamos e sentimos.

Já em Educação Física, estudamos os movimentos para estimular as habilidades motoras, os cuidados com a saúde e com o corpo, aprendendo a exercitá-lo e a torná-lo mais forte e preparado para os esportes, lutas e ginásticas.

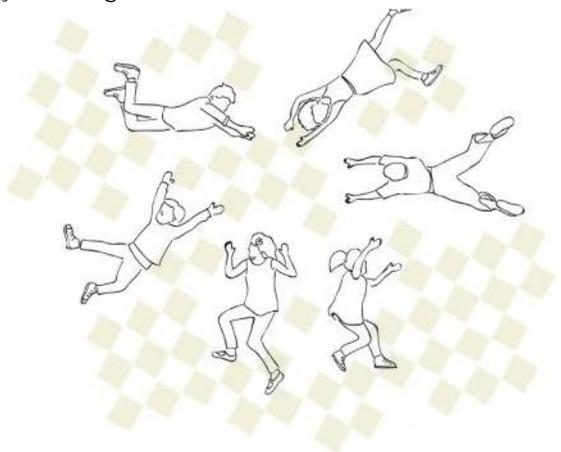
De formas diferentes, essas duas disciplinas ajudam a promover nossa qualidade de vida, cuidando ao mesmo tempo de nosso corpo, de nossos sentimentos e de nossas emoções.

Que danças do Brasil e do mundo você já experimentou nas aulas de Educação Física?

Atividade prática

Vamos inventar uma dança deslizando pelo espaço? Se possível, o professor vai organizar a atividade em um local com piso liso, para facilitar.

- 1 Pense em maneiras de deslizar pelo chão, criando uma coreografia.
- 2 Para se deslocar na posição vertical, deslize os pés.
- 3 Sentado ou deitado, brinque deslizando outras partes do corpo pelo chão: pernas, braços, barriga, costas, etc.



A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR09 BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11

Neste momento, os estudantes vão poder experimentar diferentes formas de orientação no espaço. Vão também estabelecer relações entre as partes do corpo e destas com o todo corporal, além de criar e improvisar movimentos dançados considerando os aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento.

Interdisciplinaridade: Arte e Educação Física na BNCC

Aproveite o box para retomar as questões sobre o trabalho do dançarino que já foram conversadas anteriormente. Retome com os alunos a conversa que tiveram sobre todo o treino necessário para a preparação do dançarino e do artista circense. Converse com os alunos sobre como vários conhecimentos da Educação Física e suas práticas estão presentes na prática da dança, do teatro e do circo. Ao longo de todas as atividades deste capítulo que necessitam de procedimentos semelhantes aos da Educação Física, como aquecer, alongar, observar a respiração, além das próprias práticas corporais em si, você pode chamar a atenção para as aproximações entre os dois componentes curriculares. Se possível, convide o professor de Educação Física para que possam desenvolver um trabalho conjunto a respeito da consciência corporal.

Atividade prática

Para realizar essa atividade prática, é preciso um espaço limpo e adequado para que os estudantes possam trabalhar no chão. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**.

Você pode retomar elementos da primeira atividade prática proposta e sugerir que imaginem estar desenhando formas no chão com os pés e as mãos. Lembre-se sempre de verificar se os alunos estão atentos à percepção do espaço como um todo, respeitando a movimentação uns dos outros.

Outros trabalhos da Intrépida Trupe

Neste momento os estudantes vão conhecer outros trabalhos do repertório da Intrépida Trupe. Ao apreciar as imagens, procure estimular os alunos para que identifiquem características comuns nas produções da companhia. Para isso, você pode fazer questões que os incentivem a estabelecer relações entre as imagens apresentadas na seção e aquilo que já estudaram e já sabem sobre o trabalho e a poética da Intrépida Trupe.

Faça perguntas como: “O que vimos e aprendemos sobre os artistas da Intrépida Trupe quando estudamos o espetáculo **Kairós**?”; “Que tipo de espetáculo era o **Kairós**?”; “Quais formas de arte ele apresenta?”; “Como são os figurinos e os cenários do espetáculo?”; “Vocês acham que a Intrépida Trupe faz mais espetáculos assim?”; “Como serão os outros espetáculos deles?”; “Vocês acham que eles sempre trabalham com as artes circenses?”; “Será que eles criaram outros espetáculos com participação de crianças e jovens?”.

Deixe os estudantes formularem suas hipóteses sobre como podem ser outros espetáculos da Intrépida Trupe, pois dessa forma sua curiosidade acerca do tema será uma motivação para a leitura. Você também pode anotar todas as suposições e hipóteses dos alunos sobre os outros espetáculos da Intrépida Trupe, para que, ao final da leitura compartilhada do texto, possam verificar quais se concretizaram.

Ao retomar o espetáculo **Kairós**, lembre quem foi responsável por sua execução: alunos do projeto A Cobra na Bacia. Ou seja, os espetáculos que os alunos vão conhecer neste momento são da própria Intrépida Trupe e não dos estudantes que fazem parte desse projeto. Pergunte aos alunos se acham que a Trupe apresenta espetáculos parecidos com os que os alunos de seu projeto apresentaram.

Após a leitura compartilhada do texto e a apreciação das imagens dos espetáculos, é possível retomar as hipóteses dos estudantes sobre o que esperavam dos espetáculos da companhia e conversar sobre as características da trajetória

Outros trabalhos da Intrépida Trupe

O espetáculo **Kairós**, resultado do curso A Cobra na Bacia do ano de 2017, desenvolvido no Espaço de Criação da Intrépida Trupe é apenas um dos trabalhos do grupo.

Em **Cidades flutuantes**, de 2016, inspirado no livro homônimo de Ítalo Calvino, os artistas do grupo parecem flutuar sobre cidades imaginárias, homenageando o universo do circo.



▶ Espetáculo **Cidades flutuantes**, da Intrépida Trupe, Rio de Janeiro, 2016. Os dançarinos andam na corda bamba!



▶ Espetáculo **À deriva**, da Intrépida Trupe, Rio de Janeiro, 2016. Os dançarinos dançam no ar.

96

UNIDADE 2 ▶

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

ria do grupo: “O que aprendemos sobre a Intrépida Trupe nesta seção?”, “Como são os espetáculos que eles criam e produzem?”, “Há muitas semelhanças entre eles? Quais são elas?”, “De que maneira eles utilizam as artes circenses?”.

Em **À deriva**, também de 2016, o grupo faz pensar sobre a exaustão física e as relações humanas a partir dela.

Nos seus espetáculos, a Intrépida Trupe utiliza trapézios, tecidos, elásticos, cordas indianas, acrobacias, alpinismo, efeitos de fogo e perna de pau, entre outras técnicas. As criações são coletivas e várias delas contam com a participação de artistas convidados.

Sobre o grupo

A Intrépida Trupe surgiu em 1980, no Rio de Janeiro, com o objetivo de criar espetáculos que misturam circo, dança, teatro, música e artes visuais. O grupo começou suas atividades no antigo Circo Voador, no Arpoador, também no Rio de Janeiro.

Depois de um período em que os integrantes viajaram para diversos países e estados brasileiros, a companhia se formou oficialmente em uma viagem para Guadalajara, no México, para a apresentação na abertura da Copa do Mundo de 1986.

Ao retornar ao Brasil, o grupo se apresentou em ruas, praças, festas e teatros e realizou seu primeiro espetáculo em 1988. A partir daí, a Intrépida Trupe não parou mais e vem criando, produzindo e apresentando diversos espetáculos e números no Brasil e no exterior.

Além disso, forma artistas e inspira outras trupes, em oficinas e cursos que mostram o processo de criação de seus trabalhos.



► Elenco do espetáculo **À deriva**, do grupo Intrépida Trupe, Rio de Janeiro, 2016.

Renato Mangoni/Arquivo do fotógrafo

Assim também aprendo

Antes de iniciar a escrita do texto coletivo, retome com os estudantes alguns aspectos que devem ser considerados nessa produção:

- Identificar os elementos que mais chamaram atenção no trabalho da Intrépida Trupe e escrever sobre isso.
- Enumerar as características dos espetáculos da companhia; por exemplo, o tipo de trabalho corporal, os tipos de figurinos, os tipos de cenários, os temas que eles abordam em seus espetáculos, etc.
- O que eles aprenderam ao estudar o grupo Intrépida Trupe e suas realizações.

Converse com os estudantes sobre como poderão organizar o texto coletivo. Para que a sistematização seja mais organizada e eles possam analisar um elemento ou questão de cada vez, sugira que escrevam o texto em tópicos. Há várias formas de organizar esses tópicos. Uma delas é criar um tópico baseado em cada seção do capítulo. Dessa forma, os alunos também poderão compreender melhor o trajeto do próprio aprendizado.

Registre na lousa uma síntese do que foi discutido por toda a turma em cada etapa. Depois, peça aos alunos que copiem o texto em uma folha de caderno para arquivá-lo no portfólio.

▶ A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes poderão apreciar formas distintas de manifestações da dança, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório corporal.

Assim também aprendo



O que você achou do trabalho da Intrépida Trupe? Converse com os colegas e o professor e crie um texto coletivo sobre o que gostou e o que não gostou na obra do grupo.

Sugestão de...

Filme

INTRÉPIDA Trupe – Será que o tempo realmente passa?. Direção de Beth Martins e Roberto Berliner. Brasil: TV Zero, 2010.

No documentário, a Intrépida Trupe faz um breve mergulho na sua história. O filme é rico em imagens de arquivo que contam, a partir da trajetória do grupo, um pouco da história do circo no Brasil.

Ampliando o repertório cultural

O tecido acrobático

Nesta seção, os estudantes vão conhecer a técnica do tecido acrobático. O tecido é uma modalidade circense relativamente nova, se comparada às outras modalidades acrobáticas, e ganhou bastante destaque devido também ao resultado estético, os efeitos visuais nas apresentações.

Original da arte circense de acrobacia aérea, as manobras com tecido são executadas em longos tecidos suspensos, quase sempre dobrado pela metade, com as duas pontas penduradas. Nas apresentações dessa modalidade, os artistas executam acrobacias aéreas pendurados no tecido e enrolando diferentes partes do corpo, como pernas, braços e a cintura, para se manter suspensos. No Brasil, o tecido usado nessas *performances* se chama liganete. As técnicas no tecido foram bastante aprimoradas nos últimos anos, sendo também adaptadas como prática esportiva em algumas academias.

Se possível, procure por vídeos de apresentações de artistas em tecido acrobático para exibir a seus alunos quando realizar a leitura compartilhada desta seção. Antes de exibir o vídeo, pergunte aos alunos se já viram acrobacias com tecido e como os que ainda não viram imaginam que elas devem ser.

Depois de assistir aos vídeos, converse sobre o que viram: “Que tipos de manobras eles fazem?”; “Como eles se penduram nos tecidos?”; “Vocês acham que os tecidos deixam a apresentação mais bonita ou interessante de se ver?”.

Ampliando o repertório cultural

O tecido acrobático

As acrobacias aéreas também podem ser realizadas utilizando pedaços de tecido, em uma técnica chamada de **tecido acrobático**. Ela foi desenvolvida na década de 1980, pelo francês Gérard Fasoli.

Depois de pesquisar diferentes materiais, Fasoli propôs a utilização de liganete na realização de acrobacias, um tecido que é bastante resistente e, ao mesmo tempo, muito elástico.

Uma das vantagens da liganete é envolver o corpo do acrobata, dando-lhe mais segurança e confiança para se movimentar. Aos poucos, essa modalidade de acrobacia foi se tornando popular e faz muito sucesso até hoje!



► O artista Trevor Kafka realiza acrobacia usando tecido, Nova York, Estados Unidos, 2015.

Você já viu uma acrobacia feita com tecido? Como acha que o acrobata se sente ao realizá-la?

Saiba mais

Você já ouviu falar do *slackline*? Esse é um tipo de equilíbrio muito popular atualmente e que também é considerado uma modalidade esportiva. O *slackline* consiste em se equilibrar sobre uma fita elástica esticada entre dois pontos fixos. Ao se mover sobre ela, o praticante consegue ganhar impulso, o que possibilita a realização de várias manobras.

► Prática de *slackline* na Praça do Papa, Belo Horizonte, Minas Gerais, 2016.



Geraldo Gomes/Opção Brasil Imagens

O diabolô

A acrobacia não é a única arte circense que existe há muito tempo. Povos antigos como os egípcios, os maori da Nova Zelândia e os chineses praticavam outras modalidades, como os contorcionismos e os malabarismos, muito antes de o circo existir!

Foi na China que surgiu o diabolô, um brinquedo tradicional muito antigo e bastante conhecido, que até hoje é usado pelos malabaristas para fazer várias manobras.

O diabolô é composto de duas partes semelhantes a um funil, que são unidas invertidas e depois giradas, movimentadas e equilibradas por um cordão preso a duas varetas.

Você já tinha visto um diabolô? Tem algum brinquedo que se parece com ele?



► Malabarista usando o diabolô, São Petersburgo, Rússia, 2015.

Shutterstock/Alena/Shutterstock

► CAPÍTULO 4 99

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

O diabolô

Pergunte aos estudantes se conhecem o diabolô, se já viram ou brincaram com esse brinquedo. Se possível, procure na internet por vídeos de apresentações de malabarismo com o diabolô. Nas últimas décadas, o diabolô se tornou bastante popular.

Sugestão de atividade complementar

Proponha que seus alunos confeccionem um diabolô.

Confeção de um diabolô

Material necessário: duas garrafas PET de 2 litros; tesoura com pontas arredondadas; fita adesiva; tinta plástica de diferentes cores; pincéis variados; duas varetas de madeira ou palitos de churrasco; um metro de barbante grosso; fita adesiva.

1. Entregue as garrafas recortadas aos alunos. Instrua-os a encaixar as duas garrafas em suas extremidades e, para fixá-las, rosquear a tampa na boca da garrafa.
2. Em seguida, peça aos alunos que decorem o diabolô como preferirem, usando a tinta plástica e os pincéis.
3. Depois, oriente os alunos a amarrar bem forte as pontas do barbante nas duas varetas e reforçar com fita adesiva.

Quando os diabolôs estiverem prontos, procure um espaço aberto, como a quadra ou o pátio da escola, para que o pratiquem. Na internet, você pode encontrar vídeos tutoriais sobre como jogar o diabolô. Procure assisti-los a fim de identificar as instruções necessárias para passar a seus alunos.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR08

Neste momento, os estudantes podem estabelecer relações entre elementos da dança e algumas artes circenses.

Experimentação

A realização desta atividade envolve uma série de exercícios e de explorações das potencialidades corporais e físicas dos alunos. Além disso, é muito importante que sejam seguidas as diretrizes elaboradas a partir do referencial do professor Laban, para que ela de fato cumpra seu objetivo de desenvolvimento da expressividade corporal dos estudantes. Você pode propor uma parceria com o professor de Educação Física, para compartilharem as orientações para os estudantes. Apresente ao professor os princípios de Laban que orienta essas atividades, mostrados na primeira atividade prática executada no capítulo. Certamente, em seu repertório de educação corporal, o professor de Educação Física poderá propor e integrar mais atividades e orientações em parceria com Arte para que o aprendizado seja ainda mais significativo.

Se possível, organize uma estratégia de registro da apresentação de vários ângulos. Se houver câmeras ou telefones celulares disponíveis, coloque vários estudantes em posições e distâncias diferentes para gravarem as apresentações. Dessa forma, ao assistirem mais tarde, os alunos poderão fazer uma melhor avaliação de sua participação e presença na apresentação.

EXPERIMENTAÇÃO

Depois de conhecer um espetáculo de dança e algumas artes circenses, que tal experimentar dançar usando tecido?

1 Seguindo a orientação do professor, reúna-se com os colegas em um grupo de até seis alunos.

2 Cada grupo deve utilizar um pedaço de tecido elástico e resistente como adereço para sua coreografia.

- 3 Decida com os colegas do grupo:
- A música que será utilizada na dança.
 - Como os integrantes vão segurar o tecido e em que momentos devem fazer isso.
 - A que altura do chão devem segurar o tecido e que movimentos devem fazer para que o pano "dance" com o grupo.

Material necessário

- pedaço de malha tensionada, de preferência na forma quadrada



Apresentando

Depois de criar a coreografia com o tecido, combine com o professor a apresentação para os colegas e a comunidade escolar!

Registrando

Não se esqueça de registrar a apresentação!

- Grave a apresentação em áudio ou em vídeo e, com a ajuda do professor de Informática Educativa, crie um CD ou um DVD.
- Guarde uma cópia no portfólio!

100

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Elementos da linguagem

BNCC EF15AR10

Processos de criação

BNCC EF15AR11 BNCC EF15AR12

Neste momento, os estudantes vão experimentar diferentes formas de orientação no espaço e ritmos de movimento na construção do movimento dançado, além de criar e improvisar de modo coletivo e colaborativo, considerando aspectos estruturais, dinâmicos e expressivos dos elementos constitutivos do movimento. Eles também vão discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciadas na escola.

O QUE ESTUDAMOS

- O espetáculo **Kairós** mistura dança e circo.
- A acrobacia é uma arte circense muito antiga e tem várias modalidades.
- O movimento faz parte do nosso cotidiano. Realizamos vários movimentos para brincar, por exemplo.
- Os movimentos corporais expressam atitudes, pensamentos e emoções.
- A consciência corporal permite que nos conheçamos melhor.
- A dança é uma arte em que o corpo é a forma de expressão.
- Há muitas maneiras de dançar e podemos ter contato com a dança em várias situações.
- A dança também é objeto de estudo da Educação Física.
- Os materiais usados em acrobacias podem mudar com o passar do tempo. Atualmente, elas podem ser realizadas com tecido, por exemplo.
- Povos antigos já praticavam acrobacias, contorcionismos e malabarismos muito antes de o circo existir.



Dica de visitação

Na cidade onde você mora há grupos de dança que se inspiram no circo? Se sim, não deixe de visitá-los com os colegas e o professor.

É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu neste capítulo. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos neste capítulo, o que você aprendeu a respeito de dança?
2. Você ficou satisfeito com a sua produção artística? Considera que ela expressa suas opiniões, sentimentos e emoções? Por quê?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do capítulo, tanto na escola quanto em casa?

» O QUE ESTUDAMOS 101

É hora de retomar o portfólio

Retome a lista que foi feita no início do bimestre junto com os alunos. Assim eles terão mais condições de perceber o que foi aprendido até agora. Verifique, também, o aprendizado da turma analisando seus portfólios e a participação em sala com base nos seguintes critérios observáveis:

- O aluno utiliza elementos constitutivos da linguagem da dança em suas produções de maneira consciente?
- O aluno exerce sua consciência corporal, fazendo escolhas conscientes de movimentos e gestos em suas experimentações coreográficas?
- O aluno compara e avalia os resultados de suas pesquisas e experimentações com os movimentos corporais?
Além disso, avalie se o aluno:
 - precisa de ajuda para identificar e reconhecer os elementos da linguagem da dança.
 - apresenta facilidade em experimentar atividades de consciência corporal, mas ainda precisa de alguma orientação.
 - consegue se apropriar e trabalhar com os procedimentos da linguagem corporal, sem necessidade de supervisão ou acompanhamento direto.

O que estudamos

Inicie o trabalho com esta seção promovendo a leitura coletiva da síntese dos conceitos estudados. Depois, promova uma conversa coletiva sobre as questões apresentadas no boxe **É hora de retomar o portfólio**, para que eles possam falar sobre seu desempenho durante o estudo. Para ajudá-los nessa avaliação, peça que revisitem o portfólio e que analisem os registros de suas produções ar-

tísticas. Depois de compartilhadas as impressões, oriente-os a fazer um resumo dos principais pontos levantados em uma folha de caderno, com nome e data. Esse texto deve ser arquivado no portfólio.

A arte pode fazer a gente se sentir bem!

A palhaçaria do Doutores da Alegria

A última parte da unidade tem como propósito fechar o projeto proposto em seu início, com a pergunta "A arte pode fazer a gente se sentir bem?". Para começar, retome as listas de atividades feitas com os alunos antes de iniciar os capítulos 3 e 4. Pergunte a eles se os itens que propuseram se concretizaram. Pergunte, também, se outros itens que inicialmente não estavam listados foram trabalhados ao longo da unidade, já que a proposta do projeto abre espaço para novas investigações. Então, questione o que acham que farão nesse encerramento e como pensam em resolver a situação-problema proposta, criando uma nova lista. Para essa lista, sugerimos os seguintes tópicos:

- Conhecer um ou mais artistas que criam intervenções de palhaçaria em hospitais.
- Descobrir mais sobre a palhaçaria.
- Aprender técnicas de *clown*.
- Criar uma intervenção de palhaçaria na escola.

Retome os conteúdos da introdução e dos capítulos e a questão central da unidade. Peça aos estudantes que observem as imagens e conversem sobre o que veem. Algumas perguntas que podem nortear a conversa são: "O que você acha da combinação entre palhaço e médico criada pelos Doutores da Alegria?"; "Você acha que são médicos vestidos de palhaços ou palhaços vestidos de médicos?"; "Como você acha que eles atuam nos hospitais?"; "Como você acha que o grupo se relaciona com os profissionais e o ambiente hospitalar?"; "Que tipo de intervenção você acha possível os Doutores da Alegria realizarem na rotina hospitalar e dos pacientes?"; "De que forma você acha que eles incorporam o trabalho de palhaço em suas ações nos hospitais?".

A arte pode fazer a gente se sentir bem!

A palhaçaria do Doutores da Alegria

Ao longo do trabalho com esta unidade, descobrimos que com a arte podemos nos sentir bem e nos divertir de várias formas!

Vimos como o teatro e as artes circenses podem invadir as ruas e as praças, enchendo-as de animação e de vontade de levar a arte para todo mundo.

Também vimos que a dança e a acrobacia, juntas, trazem a magia do circo para os palcos e para a vida, melhorando a saúde do corpo e da alma.

A arte pode nos fazer muito bem, não é mesmo? Mas será que ela também pode nos ajudar quando o corpo adocece?

Observe a imagem a seguir:



► As palhaças Du Circo e Ju Gontijo, do Doutores da Alegria, no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, São Paulo, 2014.

O que você vê? Onde essas pessoas estão? Que roupa elas estão usando? Você já viu palhaços em hospitais? Se sim, conte para os colegas e o professor.

Que obra é essa?

As palhaças que você viu na imagem da página anterior fazem parte da Associação Doutores da Alegria, que utiliza a arte do palhaço para qualificar relações humanas em hospitais com as crianças que estão internadas, seus familiares e as equipes de saúde.

Os palhaços do Doutores da Alegria são atores profissionais treinados para resgatar o lado saudável dos pacientes. Eles sabem que uma boa risada tem o poder de relaxar, afastar o medo e tornar as crianças mais receptivas ao tratamento necessário.

As brincadeiras do grupo se denominam “tratamento besteirológico” e incluem “cápsulas de trapalhadas”, “vaporizações de bolhas de sabão”, “xarope de piadas”, “compressas de músicas amalucadas” e “comprimidos de faz de conta”. Você achou esses nomes divertidos?



As palhaças Du Circo e Ju Gontijo, do Doutores da Alegria, no Instituto da Criança do Hospital das Clínicas, São Paulo, 2014.

Que obra é essa?

Retome com seus alunos suas memórias sobre o universo do circo e dos palhaços, além do que foi discutido ao longo dos capítulos, para discutir o trabalho da Associação Doutores da Alegria. Questione-os sobre a imagem que a sociedade tem do personagem palhaço: “Ele é considerado sinônimo de alegria?”.

Pergunte aos alunos se eles concordam com a afirmação de que boas risadas têm o poder de relaxar e afastar o medo. Peça a eles que exemplifiquem situações em que dar risadas ajudou-os a se sentir bem. Pergunte se, em algum momento em que estiveram doentes, rir fez com que se sentissem melhor.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os alunos terão a oportunidade de concluir o projeto proposto pela unidade, reconhecendo e experimentando relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

Saiba mais

Peça aos alunos que mencionem outros palhaços e comediantes que conhecem e pergunte se eles se assemelham de alguma forma à técnica do *clown*. Pesquise na internet por cenas de Marcel Marceau ou de Rowan Atkinson como Mr. Bean para que eles possam se familiarizar um pouco mais com a técnica do *clown*.

Saiba mais

O tipo de palhaço que os artistas do Doutores da Alegria utilizam é o *clown*. O *clown* não representa, ele é! Isso quer dizer que o *clown* não é exatamente um personagem inventado, mas sim uma interpretação exagerada das características pessoais do ator que dá vida a ele.

Para expressar tristeza, por exemplo, o *clown* deve exagerar esse sentimento ao máximo, mas sem imitar ninguém, apenas ampliando as próprias emoções de um jeito único, surpreendente, fora do comum! Muitos *clowns*, para alcançar esse exagero, fazem apresentações sem palavras, usando apenas gestos e expressão facial.

Dois atores muito famosos na arte do *clown* são o francês Marcel Marceau (1923-2007) e o inglês Rowan Atkinson (1955-).



► O comediante Marcel Marceau foi considerado um dos grandes artistas do *clown*. A foto retrata uma cena de apresentação do artista em Havana, Cuba, 2005.



► Rowan Atkinson apresenta-se como Mr. Bean em *shows*, no cinema e na televisão. Na foto, cena do filme *As férias de Mr. Bean*, 2007.

Texto complementar

A base de um "clown" é sua humanidade e isso atíça, no espectador, esses mesmos aspectos. Bumier expõe: "O *clown* é um elemento humanizante das relações. Por isso o público ri e ama: ele se identifica com o *clown*". Entendemos como humanas aquelas necessidades que só podem ser satisfeitas de um ser para outro: dar cuidados. Colocar o humano à disposição do outro nesse caso, dentro das condições de dor física e moral, na instituição de saúde, seria colocar à disposição do paciente o prazer de rir. Isso é um aspecto humano. Vemos que a arte atua revolvendo, em toda a sua profundidade, riqueza e variedade, os sentimentos

que se agitam na alma humana. Entender o que é humano é compreender a si mesmo. Esse sentido do humano que o *clown* busca na relação com essas crianças é nomeado pelo sentimento de amar o próximo.

[...]

O *clown* é atualmente um elemento que entra como um recurso a mais junto à terapia convencional em hospitais do mundo inteiro, acentuando o estado da arte com características políticas e sociais. [...]

Os *clowns* fazem parte de uma genealogia de formas e desdobramentos do cômico, que possuem algo em comum: a lógica de raciocí-

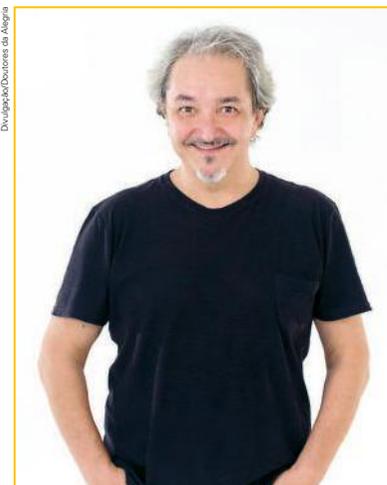
Sobre o grupo

A Associação Doutores da Alegria foi fundada em 1991, pelo ator brasileiro Wellington Nogueira, também conhecido como o palhaço Dr. Zinho.

Nascido em São Paulo, em 1960, Wellington se formou ator na Academia Americana de Teatro Dramático e Musical de Nova York, nos Estados Unidos. Lá conheceu o trabalho do ator e palhaço Michael Christensen (1947-), o primeiro a fazer esse tipo de trabalho com crianças hospitalizadas.

Em 1986, Christensen fez uma apresentação em um hospital interpretando o "médico palhaço" Dr. Stubs e, percebendo que algumas crianças não puderam ir ao auditório, resolveu visitá-las nos quartos. Foi assim que surgiu a *Clown Care Unit*, ou a "Unidade de Cuidados Palhacentos", iniciativa que inspirou muitas ações semelhantes ao redor do mundo.

Atualmente, a Associação Doutores da Alegria conta com mais de quarenta doutores palhaços, que atuam em hospitais de São Paulo e do Recife, além de outros projetos como formação de jovens e formação de plateias em hospitais do Rio de Janeiro.



▶ Wellington Nogueira, fundador da Associação Doutores da Alegria.



▶ Wellington Nogueira como Dr. Zinho.

Sugestão de...

Filme

Assista ao documentário **Doutores da Alegria: o filme**, que mostra a atuação do grupo em dez hospitais. Dirigido por Mara Mourão (2005, 96 min).



Sobre o grupo

Converse com seus alunos sobre as ideias de Wellington Nogueira para criar a Associação Doutores da Alegria e como ele pensou o projeto a partir de sua experiência e do que viu e viveu. Esse é um momento para retomar a questão "A arte pode fazer a gente se sentir bem?". Leve os alunos a refletir sobre a ideia de que a presença da arte nos hospitais não necessariamente cura as crianças, mas as ajuda a ampliar suas perspectivas e a ter sensações boas em momentos ruins. Pergunte o que eles acham da iniciativa de levar o humor a quem está doente.

A BNCC nestas páginas

Contextos e práticas

BNCC EF15AR18

Processos de criação

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes vão poder reconhecer e apreciar formas distintas de manifestações do teatro presentes em diferentes contextos, cultivando a percepção, o imaginário, a capacidade de simbolizar e o repertório ficcional. Além disso, eles vão continuar o trabalho com as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

nio não linear. Essa característica pode despertar o riso em todas as situações, mas, dentro da instituição hospitalar, este "ser", contrastando com a rotina, pode imprimir muitos significados para o paciente; dentre eles existem várias maneiras para sorrir, por exemplo, olhando o mundo com um nariz de clown.

WUO, Ana Elvira. *O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas*. Dissertação (Mestrado em Estudos do Lazer). Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 1999. p. 7; 15-16.

Fazendo arte

A realização de um festival de *clowns* envolve a mobilização de diversos recursos cênicos e interpretativos relacionados à palhaçaria, tema estudado neste encerramento de unidade.

Se houver possibilidade de trabalhar em um laboratório de informática, pesquise vídeos na internet nos quais os estudantes possam ver palhaços, *clowns* e atores cômicos em ação. Você poderá analisar esses vídeos com eles, assim como se faz a apreciação de obras de arte visuais: "Que recursos físicos (movimentos, gestos, expressões faciais) são utilizados pelos palhaços, *clowns* e comediantes?"; "Como estes gestos e movimentos se relacionam com o que estão falando, se estiverem falando algo?"; "Como é a entonação da voz?"; "Como eles se relacionam com a plateia?".

Uma apreciação detalhada do trabalho de atores cômicos pode estimular os alunos a experimentar recursos cênicos e interpretativos no festival.

As atividades propostas compõem uma sequência de exercícios que tem como objetivo levar os alunos a desenvolver seu *clown*. Como já foi dito, o *clown* possui características exageradas do próprio ator. Por isso, durante as atividades, ajude os estudantes a relaxar e a descobrir as expressões faciais, os tiques e o modo de andar e de se movimentar que lhes são próprios e singulares. Como você pode notar, os exercícios são jogos teatrais. Por isso, eles devem ser realizados da mesma forma que as atividades práticas e experimentações com a linguagem teatral, com você como diretor e com a participação da plateia na avaliação do resultado.

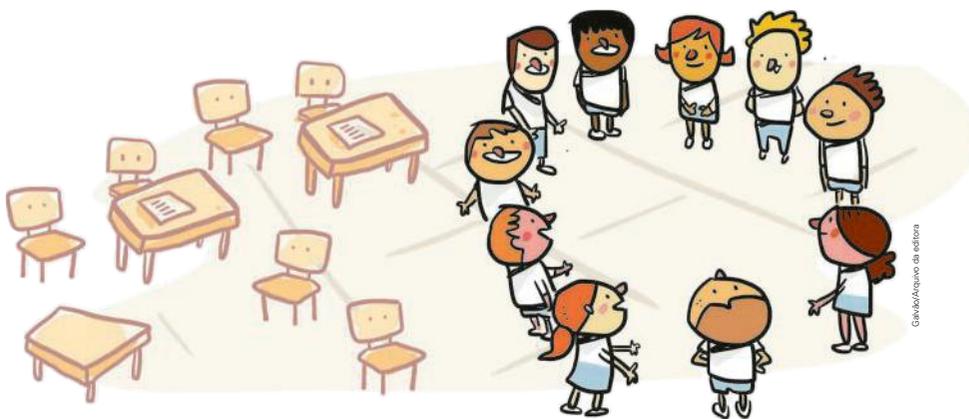
Os jogos podem ser realizados na sala de aula, livre de cadeiras, no teatro ou em uma quadra da escola. Para mais orientações sobre o ambiente de aprendizagem, consulte o **Manual do Professor – Orientações Gerais**. Oriente os alunos durante toda a atividade. Ajude-os em suas decisões e dirija a atuação deles apontando os pontos positivos e aqueles que podem ser melhorados.

FAZENDO ARTE

Agora, que tal realizar um grande festival de *clowns*?

Para começar, vamos descobrir o *clown* que existe em você!

- 1 Procure se lembrar de características suas, como o jeito de falar, de rir e de andar. Quais delas são únicas e fazem você ser quem é?
- 2 Pensando nessas características, escolha quais delas você vai exagerar para criar o seu *clown* e de que forma pode fazer isso.
- 3 Agora, o professor vai fazer o papel de diretor e os colegas da turma serão o público:
 - a. Entre em cena sem dizer nenhuma palavra.
 - b. Em seguida, escolha um dos colegas e encene com ele como se estivessem conversando sobre um assunto qualquer (o clima, o jogo de futebol, a novela, etc.), ainda sem usar palavras.
 - c. Improvise e não se preocupe em ser engraçado. Quando entrar em cena, você não deve predefinir o que vai acontecer entre você e o público. É nesse encontro que o *clown* surge.



Processos de criação

BNCC EF15AR20 | BNCC EF15AR22

BNCC EF15AR23

Neste momento, os estudantes poderão experimentar o trabalho em improvisações teatrais, explorando a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano, as possibilidades criativas do corpo e da voz e as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

- ◆ O próximo passo é realizar mais alguns exercícios interpretando seu *clown*.
- 1 Use as costas para expressar um sentimento ou estado de ânimo:
 - a. Escolha uma ação para realizar e se prepare para apresentá-la ao grupo.
 - b. De costas para a plateia, comunique seus sentimentos apenas com as costas!
 - 2 Agora, represente com um colega algumas relações pessoais.
 - a. Represente a interação proposta pelo diretor ou pelo público (que pode ser entre professor e aluno, médico e paciente, mãe e bebê, etc.), sem usar palavras, apenas a expressão corporal.
 - b. Ao comando do diretor, a relação deve se transformar de acordo com o que ele sugerir: planta e jardineiro, ET e astronauta, gato e cachorro, etc.
 - 3 Para finalizar, com cinco colegas, planeje uma encenação com enfoque nas saídas e nas entradas em cena.
 - a. Decida com seu grupo o que interpretar: pode ser um fato que aconteceu com algum de vocês ou uma história inventada.
 - b. Na encenação deve haver entradas e saídas de atores, que precisam ser enfatizadas com marcações como bater os pés, pular, engatinhar, dançar, sair "voando". Não se esqueça de manter uma expressão facial neutra e de não usar palavras.
 - c. Espere o momento certo para entrar e sair de cena, mas não planeje, use o improviso.



Sugestão de...

Livro

RÉMY, Tristan. *Entradas clownescas: uma dramaturgia do clown*. São Paulo: Edições Sesc, 2016.

Traduzida para o português depois de 50 anos de sua publicação na França, a obra apresenta a origem francesa do *clown* e de seus antecedentes europeus, além de sistematizar os saberes sobre a dramaturgia do *clown*, revelando seu valor estético e histórico e seu potencial de atualização.

A atividade que encerra este bloco é uma proposta de projeto coletivo, na qual os alunos de cada grupo devem desempenhar funções e estabelecer e realizar tarefas de acordo com suas preferências e aptidões. Deixe-os livres durante a criação das histórias e dos personagens. Nesta etapa escolar, é importante estimular a autonomia dos alunos em relação à proposta criativa em Arte. Auxilie-os caso venham a ter alguma dificuldade em buscar materiais para a construção do cenário e a composição dos figurinos. Certifique-se de que os grupos estejam organizados e com seus projetos elaborados antes de realizar suas apresentações. É importante que elaborem listas de materiais e cronograma de atividades e que tenham bastante tempo para realizar os ensaios.

Apresentando

É importante envolver os alunos na escolha do local para o festival de *clowns* e na maneira como ele será divulgado e registrado. Conduza uma conversa a partir das seguintes perguntas e outras que julgar interessantes: "Podemos falar sobre arte e saúde na apresentação?"; "Como podemos apresentar essa ideia?"; "Em que local da escola podemos fazer nossa apresentação?"; "Quem vamos convidar e como vamos convidar?".

Registrando

Se possível, separe três ou mais câmeras ou celulares para que os estudantes se revezem entre se apresentar e registrar as cenas do espetáculo. Escolham juntos os melhores pontos para fazer essas gravações; por exemplo, um aluno grava a visão de frente e outros dois gravam a partir de uma vista lateral. Após a apresentação, será muito interessante assistir aos vídeos com a turma e conversar sobre ela.

✿ Agora, vamos organizar o festival de *clowns*!

- 1 Com um colega, crie uma improvisação em que a dupla entra em cena, se apresenta para a plateia sem usar a voz, usa suas costas para expressar um sentimento e sai de cena de modo surpreendente.
- 2 Depois, decida com seu colega como serão o figurino e a caracterização do seu *clown*. Você pode usar um figurino pronto ou construir o seu. Para isso, utilize materiais diversos, como tecido, algodão, perucas, maquiagem, etc.
- 3 Agora, você e os colegas da turma devem produzir um cenário para a apresentação de todas as cenas. Você pode utilizar objetos prontos, como relógios, telefones, etc., ou produzir os próprios objetos, utilizando materiais reciclados como papelão, caixas, latas, etc.

Material necessário

- materiais diversos para a encenação, como perucas, algodão, maquiagem, papelão, caixas, etc.



Apresentando

- 1 Com os colegas e sob a orientação do professor, escolha uma data para o festival de *clowns* e planeje o evento!
- 2 Convide os colegas da escola, os professores, as famílias e a comunidade escolar para o festival. Vai ser um sucesso!

Registrando

- 1 Utilize uma câmera ou o telefone celular para fazer um registro em vídeo do festival de *clowns*. Se possível, peça ajuda ao professor de Informática Educativa para criar um CD ou um DVD da apresentação e guarde uma cópia no portfólio.

O QUE ESTUDAMOS

- Um espetáculo circense pode acontecer das mais variadas formas, muitas vezes em diálogo com o teatro e a dança.
- As artes corporais estão totalmente ligadas ao mundo do circo, em atividades como a acrobacia, o malabarismo, o contorcionismo, entre outras.
- As artes circenses são tradicionalmente apresentadas em tendas com picadeiro, mas também podem fazer parte de espetáculos de teatro e de dança, além de estar presentes em hospitais e escolas.
- A arte pode fazer a gente se sentir bem!



Dica de visitação

Na cidade onde você mora há artistas circenses, escolas de circo ou circos? Se sim, não deixe de visitá-los com o professor e os colegas para conhecer mais sobre esse universo.

É hora de retomar o portfólio



Guarde no portfólio um registro escrito do que você aprendeu nesta unidade. Para isso, responda às questões a seguir:

1. Depois do que vimos nesta unidade, o que você aprendeu a respeito das artes circenses? Qual é a importância da preservação dessa forma de arte?
2. Você ficou satisfeito com a sua produção artística? Considera que ela expressa suas opiniões, sentimentos e emoções? Por quê?
3. Quais foram suas maiores dificuldades ao longo do projeto, tanto na escola quanto em casa?

Nesta unidade, vimos que as artes circenses podem se misturar a outras formas de arte, como o teatro e a dança, e levar alegria e saúde para todos. Com certeza, existem muitas outras formas de arte fazer bem. Que tal continuar a criar?

» O QUE ESTUDAMOS 109

Reprodução do Livro do Estudante em tamanho reduzido.

A BNCC nestas páginas

Processos de criação

BNCC EF15AR20 BNCC EF15AR21

BNCC EF15AR22 BNCC EF15AR23

Neste momento, os alunos poderão experimentar o trabalho em improvisações teatrais, explorando a teatralidade dos gestos e das ações do cotidiano, as possibilidades criativas do corpo e da voz, a imitação, além

de reconhecer e experimentar, em um projeto temático, as relações processuais entre diversas linguagens artísticas.

O que estudamos

Retome a questão inicial com os alunos: “A arte pode fazer a gente se sentir bem?”. Converse com toda a turma sobre os conteúdos que foram estudados nesta unidade: “O que aprendemos sobre circo?”; “Quais são as artes circenses?”; “Como o teatro e a dança podem fazer parte do circo?”; “O que teatro, dança e circo têm em comum?”; “O que diferencia cada um deles?”.

É hora de retomar o portfólio

Avalie o trabalho do semestre a partir do portfólio dos alunos, do seu diário de bordo e do produto final do projeto. As perguntas a seguir o ajudarão na avaliação:

- De que forma a ampliação do repertório reflete na produção do aluno?
- O aluno tem uma postura investigativa que o leva a ampliar suas possibilidades de produção?
- Ele aceita o que é apresentado nas atividades?
- Ele faz produções em grupo que consideram a diversidade de competências?
- Ele tem interesse em outras linguagens artísticas e busca trazer aspectos destas no trabalho dele?
- Ele elabora um discurso sobre sua produção que revela seu percurso investigativo, suas descobertas e pesquisas?
- O aluno aceita os desafios ou o que é apresentado como atividade? Ele vai até o final?
- Ele estabelece seus próprios objetivos?
- Ele se dispersa, prejudicando a execução das atividades?
- Ele experimenta diferentes respostas ao que lhe é proposto?
- Que papel o aluno exerce no grupo de que participa?
- Como ele manifesta o significado da aula de Arte na vida dele? Ele fala sobre isso?
- De que forma ele participa das atividades propostas?
- De que forma ele se relaciona com os colegas?
- Qual a assiduidade e a participação dele?

BIBLIOGRAFIA

Linguagem visual e audiovisual

ALMEIDA, Cândido José Mendes de. *O que é vídeo*. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Primeiros Passos).

ARNHEIM, Rudolf. *Arte e percepção visual*. 2. ed. São Paulo: Cengage, 2016.

BARBERO, Jesus. M. *Dos meios às mediações*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2009.

BARBOSA, Ana Mae. *Redesenhando o desenho: educadores, política e história*. São Paulo: Cortez, 2015.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Todas as Artes).

CHIPP, Herschel B. *Teorias da arte moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

DERDIK, Edith. *Formas de pensar o desenho*. 5. ed. Porto Alegre: Zouk, 2015.

DONDIS, Donis A. *Sintaxe da linguagem visual*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2015.

GOMBRICH, Ernst. H. *A história da Arte*. 16. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HERNÁNDEZ, Fernando. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

MCLAREN, Peter. *Multiculturalismo crítico*. São Paulo: Cortez, 1997.

MORAES, Dênis de. *Por uma outra comunicação*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

Linguagem musical

ANDRADE, Mário de. *Dicionário musical brasileiro*. São Paulo: IEB/Edusp, 1989.

MARIZ, Vasco. *História da música no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

OHTAKE, Ricardo. *Instrumentos musicais brasileiros*. São Paulo: Rhodia, 1988.

SCHAFER, Murray. *Le paysage sonore. Marseille: Wildproject*, 2010.

_____. *O ouvido pensante*. 3. ed. São Paulo: Ed. da Unesp, 2013.

TINHORÃO, José R. *Pequena história da música popular: da modinha à canção de protesto*. 7. ed. São Paulo: 34, 2013.

WISNIK, José M. *O som e o sentido: uma outra história das músicas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

Linguagem da dança

BOGÉA, Inês. *O livro da dança*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

BREGOLATO, Roseli. *Cultura corporal da dança*. 3. ed. São Paulo: Ícone, 2007.

CORTES, Gustavo. *Dança, Brasil! Festas e danças populares*. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

KATZ, Helena. *Brasil descobre a dança, a dança descobre o Brasil*. São Paulo: DBA, 1994.

MARQUES, Isabel. *A dança no contexto*. São Paulo: Ícone, 1999.

Linguagem teatral

SPOLIN, Viola. *Improvisação para o teatro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2015.

_____. *Jogos teatrais: o fichário de Viola Spolin*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

_____. *O jogo teatral no livro do diretor*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013.

STANISLAVSKI, Constantin. *A criação de um papel*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

Culturas afro e indígena brasileiras

BERGAMASCHI, Maria Aparecida (Org.). *Povos indígenas e educação*. Porto Alegre: Mediação, 2008.

JECUPÉ, Kaka Werá. *A terra dos mil povos: história indígena do Brasil contada por um índio*. São Paulo: Peirópolis, 1998.

MUNDURUKU, Daniel. *Contos indígenas brasileiros*. São Paulo: Global, 2004.

OGOT, Bethwell Allan (Ed.). *História geral da África: África do século XVI ao XVIII*. São Paulo: Cortez, 2011.

SISTO, Celso. *Mãe África: mitos, lendas, fábulas e contos*. São Paulo: Paulus, 2007.

MATERIAIS RECOMENDADOS

Coleções

ARTE AO REDOR DO MUNDO. São Paulo: Callis.
ARTISTAS BRASILEIROS. São Paulo: Callis.
A VIDA E A OBRA DE. São Paulo: Madras.
CRIANÇAS FAMOSAS. São Paulo: Callis.
GRANDES MESTRES. São Paulo: Ática.
MESTRES DA MÚSICA. São Paulo: Moderna.
MESTRES DA MÚSICA NO BRASIL. São Paulo: Moderna.
MESTRES DAS ARTES. São Paulo: Moderna.
MESTRES DAS ARTES NO BRASIL. São Paulo: Moderna.
ÓPERAS PARA CRIANÇAS. São Paulo: Callis.
PEQUENA VIAGEM. São Paulo: Moderna.
POR DENTRO DA ARTE. São Paulo: Ática.
SANTA ROSA, Nereide. *A Arte de Olhar*. São Paulo: Scipione.

Livros paradidáticos

BRANDÃO, Toni. *Maracatu*. São Paulo: Studio Nobel, 2007.
CANTON, Kátia. *Escultura aventura*. São Paulo: DCL, 2009.
_____. *Fantasias*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
_____. *Moda: uma história para crianças*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.
COELHO, Raquel. *A arte da animação*. São Paulo: Formato, 2004.
_____. *Música*. São Paulo: Formato, 2006.
MCCAUGHREAN, Geraldine. *Romeu e Julieta*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
NESTROVSKI, Arthur. *O livro da música*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.
SOUZA, Flávio de. *O livro do ator*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2001.

Sites*

Linguagem visual e audiovisual

Academia Brasileira de Literatura de Cordel: <www.ablc.com.br>

Cinemateca: <www.cinemateca.gov.br/>

Itaú Cultural: <www.itaucultural.org.br/>

Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro (MIS RJ): <www.mis.rj.gov.br/>

Museu de Arte Brasileira da Faculdade Armando Álvares Penteado (MAB Faap): <www.faap.br/museu/>

Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP): <www.mac.usp.br/>

Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp): <<http://masp.art.br/masp2010/>>

Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM SP): <www.mam.org.br/>

Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM Rio): <www.mamrio.org.br/>

Museu do Índio: <www.museudoindio.gov.br/>

Museu Histórico e Artístico do Maranhão: <www.cultura.ma.gov.br/portal/mham/index.php>

Museu Histórico Nacional: <<http://mhn.museus.gov.br/>>

Museu Imperial: <www.museuimperial.gov.br/>

Museu Lasar Segall: <www.museusegall.org.br/>

Museu Nacional de Belas Artes: <<http://mnba.gov.br/portal/>>
Museu Náutico da Bahia: <www.museunauticodabahia.org.br/>
Pinacoteca de São Paulo: <<http://pinacoteca.org.br/>>
Portal Brasil Cultura: <www.brasilcultura.com.br/>
Portal do Instituto Brasileiro de Museus: <www.museus.gov.br/>
Projeto Portinari: <www.portinari.org.br/>
Tarsila do Amaral: <www.tarsiladoamaral.com.br/>

Linguagem musical

Academia Brasileira de Música: <www.abmusica.org.br/>
Biblioteca Nacional – Música: <www.bn.gov.br/tags/musica>
Cultura Artística: <www.culturaartistica.com.br/>
História da Música: <<http://almanaque.folha.uol.com.br/musicaoque.htm>>
Linha do tempo da música brasileira: <<http://timelinemusicabrasileira.org.br/>>
Mozarteum Brasileiro: <<https://mozarteum.org.br/>>
MPB Net: <www.mpbnet.com.br/>
Origem da Música Caipira: <www.violatropeira.com.br/origem>

Linguagem da dança

Bienal Internacional de Dança do Ceará: <www.bienaldedanca.com>
Canal Curta! – Danças brasileiras: <www.canalcurta.tv.br/pt/series/serie.aspx?serield=417>
Festival Conexão Dança: <www.conexodanca.com.br/>
Festival de Dança de Joinville: <www.festivaldedanca.com.br/site/>
Instituto Caleidos: <www.institutocaleidos.org/>
Revista *Dança Brasil*: <www.dancabrasil.com.br/>

Linguagem teatral

Clown: <www.clown.comico.nom.br/>
Denise Stoklos: <www.denisestoklos.com.br/>
Festival Internacional de Londrina: <<https://filo.art.br/>>
Funarte – Portal das Artes – Teatro: <www.funarte.gov.br/teatro/>
Oficina de Teatro: <<http://oficinadeteatro.com/>>

* Todos os acessos dos sites recomendados foram feitos em 6 de novembro de 2017.

